



**Jacqueline Lobo de Mesquita**

**O mosaico social à luz do concreto: revisitando  
estudos de antropologia urbana**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Doutora pelo Programa  
de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do  
Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Valter Sinder  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup> Sonia Maria Giacomini

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2022



**Jacqueline Lobo de Mesquita**

## **O mosaico social à luz do concreto: revisitando estudos de antropologia urbana**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Valter Sinder**

Departamento de Ciências Sociais — PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Sonia Maria Giacomini**

Coorientadora Pesquisadora autônoma

**Prof.<sup>a</sup> Maria Sarah da Silva Telles**

Departamento de Ciências Sociais — PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Maria Alice Rezende de Carvalho**

Departamento de Ciências Sociais — PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Miriam de Oliveira Santos**

UFRRJ

**Prof. Edson Miagusko**

UFRRJ

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Jacqueline Lobo de Mesquita**

Graduada em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2012). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2016). Trabalhou como pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa. Tem interesse na área de Antropologia Social e Urbana, Migrações, Comportamento e Identidade.

#### Ficha Catalográfica

Mesquita, Jacqueline Lobo de

O mosaico social à luz do concreto: revisitando estudos de antropologia urbana / Jacqueline Lobo de Mesquita; orientador: Valter Sinder ; coorientadora: Sonia Maria Giacomini. – 2022.

267 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2022.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Antropologia urbana. 3. Etnografia. 4. Quitinete. 5. Conjugados. 6. Estigma. I. Sinder, Valter. II. Giacomini, Sônia Maria. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

Há alguns meses que sua partida se fez presente e me invadiu com ondas de saudade. Mas olha só, a verdade contada com temporalidade alterada, agora se torna real – Pode dizer aí pelo céu, que sua filha é dô to ra!  
In memoriam, para meu pai.

Dedico essa tese aos meus pais Abdon Rodrigues de Mesquita (que falta que você faz...) e Maria Lúcia Lobo, não cheguei sozinha ao doutorado, chegamos juntos.

## Agradecimentos

Escrever os agradecimentos me remete muito a uma festa de casamento, ou de aniversário. Tomamos o cuidado durante longos anos de preparar o espaço para receber aqueles que fizeram parte de momentos importantes na construção das páginas que moldam a festa, e cuidadosamente pensamos nos convidados deste grande momento. O texto é um reflexo das leituras, das conversas, do apoio, dos altos e baixos que ocorreram durante os anos.

Ps: A tese tem 267 páginas, 240 são agradecimentos, muita gente na lista, família grande sabe como é (brincadeiras à parte, a cada um de vocês, meu muito obrigada.)

### NÃO SERIA EU, SE NÃO FIZESSE DE MANEIRA DIVERTIDA!

AS PALAVRAS DESTA CAÇA PALAVRAS ESTÃO ESCONDIDAS NA HORIZONTAL, VERTICAL E DIAGONAL, COM PALAVRAS AO CONTRÁRIO.

I	I	E	A	T	I	T	N	T	A	N	A	I	R	A	M	H	L	S	N	T	O
M	K	T	D	R	O	G	R	M	A	R	C	O	S	Z	I	U	L	O	U	L	C
O	A	O	I	S	E	R	E	F	A	T	I	M	A	G	A	E	S	E	O	L	A
V	A	R	N	R	O	Y	G	A	B	D	O	N	Y	O	N	L	E	E	A	O	O
T	S	D	A	G	E	N	I	M	R	F	E	L	T	A	E	P	N	U	M	U	R
L	H	R	E	I	O	V	N	G	H	L	S	Y	I	N	L	A	D	O	A	R	D
G	D	R	E	W	S	I	A	H	T	D	O	X	T	A	I	I	A	V	N	D	E
R	I	A	D	I	C	A	L	L	E	D	E	U	I	L	A	L	N	A	D	E	P
O	E	I	L	A	E	S	E	A	T	L	A	S	Y	I	E	E	I	T	A	S	E
E	S	S	D	I	L	W	A	I	A	E	I	H	V	I	A	N	R	S	E	M	T
S	O	S	H	E	A	D	F	C	T	P	R	I	R	A	N	W	A	U	H	A	P
A	M	A	N	U	E	L	A	I	C	U	L	B	M	I	A	C	K	G	E	R	L
E	A	C	I	I	E	I	R	R	D	O	A	D	T	G	N	R	O	N	O	C	T
S	E	N	A	V	O	E	G	T	R	G	H	E	N	A	I	T	A	T	O	E	N
A	I	N	O	S	G	B	M	A	I	R	I	M	I	K	R	U	V	P	G	L	G
Y	O	L	A	N	D	A	E	P	S	R	U	B	E	D	L	F	E	P	N	A	H
A	N	A	F	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	E	M	R	E	H	L	I	U	G
A	L	I	C	E	H	A	R	A	S	S	D	A	V	I	P	U	C	S	U	E	D

ANA; ABDON; ALICE; ALEXIA; AMANDA; BIANCA; CASSIA; CIDA; CLAUDIA; EDSON; FATIMA; GABRIEL; GUILHERME; GEOVANE; GERARD; GUSTAVO; KARINA; LAIS; LIANE; LOURDES; LUANE; LUCIA; LUIZ; MANUELA; MARAISA; MARCELA; MARCOS; MARIA; MARIANA; MIRIAM; NELSON; OLIVIA; PATRICIA; PEDRO; RAFAEL; REGINA; ROGERIO; SARA; SARAH; SONIA; TATIANE; THAIS; TITA; VALTER; YOLANDA



A minha jornada no doutorado, definitivamente, não foi fácil. Escolher seguir pela academia foi antes de tudo um projeto ao qual eu gostaria de dedicar aos meus pais. Sou filha de retirantes nordestinos, que me entregaram muito amor, inspiração e esperança. Aos meus pais, o meu obrigado, é preciso coragem para enfrentar um novo começo, na cidade de pedra, que eu leve comigo a coragem de vocês para além de todas as memórias e ensinamentos que me trouxeram até aqui.

Estudar é um ato de resiliência, principalmente quando se vem de uma realidade periférica, agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e a Capes pelos auxílios concedidos, sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado. Em especial ao departamento e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela oportunidade de estudar, que sempre exista espaço para o debate e para conversas de corredor.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Valter Sinder e minha orientadora Profa. Sônia Giacomini. Essa tese não sairia sem vocês. Foi um desafio pensar um tema que embora fosse tão presente no meu dia a dia, me exigiu novas leituras em áreas que até então desconhecia, obrigada por acreditarem na proposta no trabalho, e principalmente por acreditarem em mim :)

Guilherme Marchy, eu teria que passar as tais 267 páginas agradecendo sua calma, os cafés, o carinho. Você foi a fortaleza que muitas vezes me segurou, me acolheu e que entendeu as dificuldades do processo, te amo muito por isso, mas principalmente pelo respeito que sempre teve comigo.

Liane e Rogério, desculpem pela bagunça dos meus livros e dos textos jogados em cima da mesa da cozinha, queria poder dizer que agora que terminei a tese a bagunça na casa vai acabar (risos). Gustavo, Gabriel e Regina, obrigada por todo o apoio e curiosidade sobre minha área, que não só me estimulava a continuar como me auxiliava a pensar novos caminhos. Tita e Lais, saibam que vocês são uma inspiração para mim! Por um mundo com mais cor, mais amor, e mais diversidade, obrigada por celebrarem comigo cada página escrita. Obrigada, por me aceitarem em sua família.

E por falar em família, meu carinho aos meus primos que são irmãos que outros úteros geraram, mas que Deus assegurou que estivéssemos por perto, para nos proteger e vibrar a cada vitória.

Maraisa Lobo... que minhas conquistas sejam suas, serei eternamente grata pelo carinho, amor e dedicação que teve com o velhinho e com a dona Maria Lúcia, afinal fazer uma tese é muito mais do que preencher páginas em branco do Word, é ser afetado constantemente pelo mundo que nos cerca, saiba que seu apoio, sua força, e suas conquistas foram combustível para minha escrita.

A minha querida tia Fátima e toda sua família que me acolheram durante o mestrado e me apoiaram em todas as mudanças que se sucederam, vocês serão sempre um porto seguro.

Ser família é mais que ter o mesmo sangue, por isso te agradeço aos amigos (já encontraram seus nomes lá no caça-palavras?) Ana Figueiredo, Luane Bento, Gustavo Cravo, Mariana Vieira, Mariana Setani, Marcela Machado, Aparecida Magalhães, Sara Mendes, Karina Lima, Patrícia Serrão, Lourdes Souza, Marcos Serrão, Luiz Miranda, Pedro Serrão, Bianca, Gerard Byrne, Rafael Serrado, André Lobo, Regiane Lobo, Miriam Santos, vocês tornam tudo mais fácil e a tese não teria sido a mesma sem nossas conversas e o apoio de cada um.

Grata aos conselhos de leitura e as conversas de corredores, Mario Jorge, Felipe Bellido, Yans Depati, Jonas Pereira e demais colegas.

Aos professores do departamento, por todas as aulas ministradas e pela dedicação, por proporcionarem um espaço para a construção do conhecimento que não seria o mesmo sem a alteridade que as aulas geram, por todo o tempo que investem em seus alunos e na educação, meu muito obrigada.

A PUC-rio não seria a mesma, tampouco possível, sem todos que atuam desde a limpeza, a direção da universidade, portanto, que meus agradecimentos se estendam a cada um de vocês.

Aos queridos professores da banca, Edson obrigada pelo apoio durante a Pandemia, seus conselhos sobre o edifício São Vito em São Paulo foram preciosos. A professora Miriam que me orientou no mestrado e agora retorna como minha banca, obrigada por ser tão presente e por me mostrar novas leituras, mas principalmente por acompanhar meu crescimento profissional e acadêmico. A professora Maria Alice, seus apontamentos sobre a história do bairro Leblon, foram importantes para que eu buscasse me aprofundar sobre as notícias que poderiam me levar a novas descobertas da tese. A professora Sarah, que sua calma e paixão, siga me contagiando. As professoras Cláudia e Olivia, obrigada por

todos os comentários e momentos em que trocamos onde me apontaram novas referências, a cada um de vocês, professores, muito obrigada.

Ao núcleo de pesquisas urbanas, NAU Cidades, em especial ao professor Magnani, obrigada por abrirem as portas, e estenderem os abraços acolhendo a minha pesquisa, minhas dúvidas, e oferecendo um ambiente de troca importantíssima. A todos os integrantes do grupo de pesquisa, muito obrigada!!!!

Mudar não é uma tarefa simples, saímos de um bairro, de uma casa, de uma cidade, mas o que cada um leva consigo dentro da mala é muito único, não me restam dúvidas que cresci durante o período do doutorado, e posso seguramente afirmar não, não foi fácil. Sou grata a todas as sessões que me auxiliaram a aparar as dores e angústias, que caibam nestas páginas meu agradecimento, a minha psicóloga e um lembrete, a você que lê, se está doendo, busque ajuda!

Que esse seja o fechar de um ciclo, para a abertura de um novo, que deus me garanta muitos novos começos, e que eu possa sempre celebrar com vocês. Agora bora ler essa tese, que deu uma trabalhadeira escrever ☺

## Resumo.

Mesquita, Jacqueline Lobo; Valter Sinder (Orientador) Sônia Giacomini (Coorientadora). **O mosaico social à luz do concreto: revisitando estudos de antropologia urbana**. Rio de Janeiro, 2022. 267p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O estudo investigou a construção da má fama de um prédio de apartamentos conjugados e quitinetes, localizado no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, a fim de entender o estigma que o cerca. Utilizando como estratégias metodológicas a observação participante, entrevistas semiestruturadas e a análise de notícias em jornais, construiu-se um mosaico com as narrativas sobre o dia a dia do edifício, retratando um estilo de moradia que se fez presente na paisagem urbana da cidade desde meados da década de 50 do século XX. Observou-se também que a narrativa sobre o prédio, presente tanto nas falas percebidas através das entrevistas, quanto dos comentários expostos em redes sociais (Facebook) podem ser consideradas resultados da constante produção de conteúdo jornalístico que tendiam a utilizar alcunhas pejorativas sobre o espaço e corroborar para a elaboração de um “mito” sobre o prédio, que é cercado de histórias. A tese está dividida em quatro capítulos para além da introdução, sendo o primeiro uma breve digressão sobre a história do bairro de Botafogo, bem como da construção utópica da zona sul que influenciou, principalmente a partir de telenovelas e jornais dos anos 60, uma “ideia” sobre esta região da cidade, a entendendo como boa de se morar, incidindo diretamente no valor atrelado ao solo e a verticalização que se fez necessária para poder receber o contingente de moradores que passariam a ver neste bairro um projeto de ascensão e conquista. O segundo capítulo é uma etnografia do Edifício, onde buscou-se demonstrar através do caderno de campo e observação participante a construção dos sentidos e do dia a dia deste espaço. O terceiro capítulo reúne as entrevistas realizadas com os moradores, ex-moradores, e principalmente, discorre sobre os caminhos adotados para concluir a pesquisa em meio a um momento conturbado, qual foi o da pandemia de covid. A proposta deste capítulo é demonstrar como os personagens que compõem esse “estilo de morar” de vinte metros quadrados, se relacionam ou se relacionam com o espaço, suas histórias e trajetórias. O quarto capítulo retrata, a partir dos comentários

sobre o edifício localizados em recortes de jornais, encontrados através da Hemeroteca Digital, a construção social da narrativa sobre o que é o prédio. O trabalho está situado no campo da Antropologia Urbana e tem como ponto de partida os trabalhos do antropólogo Gilberto Velho, dialogando também com os textos da escola de Chicago. Por fim, pretendeu-se nesta tese, a partir da construção dos capítulos, fomentar a discussão sobre o cenário da antropologia urbana, a partir de um edifício que faz parte de uma mudança não apenas na paisagem, mas que carrega consigo aspectos presentes da modernidade na metrópole.

**Palavras-chave:** Antropologia Urbana; Etnografia; Quitinete; Conjugados; Estigma.

## Abstract.

Mesquita, Jacqueline Lobo; Valter Sinder (Orientador) Sônia Giacomini (Coorientadora). **The social mosaic under the microscope: re-examining studies of urban anthropology.** Rio de Janeiro, 2022. 267p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

The study investigated the notorious construction of a block of connected apartments and kitchenettes, located in the neighborhood of Botafogo in the south of Rio de Janeiro, to understand the stigma that surrounds said construction. Through a methodological approach was used participant observation, semi-structured interviews and an analysis of newspaper articles to create a mosaic of narratives regarding the day-to-day life of the Building and to depict a style of housing that has been present in the urban landscape of the city since the mid-1950's. It should also be noted that the narrative surrounding the building, present both in extracts from interviews and comments on social networks (such as Facebook) can be considered a result of the constant production of journalistic content that tended to use derogatory terms and names about the building and so corroborated in the elaboration of a "myth" about the place. This thesis is divided into four chapters. The first presents a brief history of the Botafogo neighborhood and the lavish (verticalization) construction of the southern zone that created (mainly due to radio, soap operas telenovelas and newspapers, an idealist image about this part of the city and what good living looked like, by directly linking the value of the ground and upward development and construction that was required to house the large influx of residents that would make this region of the city a project of growth and personal achievement. The second chapter is an ethnography of the building, where the thesis endeavored to demonstrate an image of everyday life through notebooks and participant recollections. The third chapter draws together interviews conducted with current residents and former residents, and largely discusses the paths adopted to complete the research in the midst of a turbulent moment in history of the world – the COVID-19 pandemic. The purpose of this chapter is to demonstrate how the characters that make up this "style of living" in twenty square meters, relate to the space, its stories and trajectories. Based on comments about the building found in newspaper clippings, obtained through the

Hemeroteca Digital (an online collection of newspapers, magazines and periodicals), the fourth chapter depicts the social construction of the narrative about what the building is. The work is centered on the field of urban anthropology and employs as its starting point the works of anthropologist Gilberto Velho, as well as texts from the Chicago School. Lastly, the intention of this thesis from the construction of the chapters was to analyze within the area of urban anthropology, a building that undergoes a path of a symbol of modernity and social ascension as a stronghold for people of disrepute. The thesis presents a glimpse from within via the residents and people who pass through it as well as an impression from outside via newspapers and neighbors, and highlights how the two intersect and are intertwined, constituting a mosaic that can only be understood when all parts are analyzed.

**Keywords:** Urban Anthropology; Ethnography; Kitchenette; Conjugates; Building; Stigma.

## **Sumário**

<b>À Guisa de Introdução.</b> ....	<b>20</b>
1.2 Clássicos são sempre um bom começo: observação participante.....	30
1.3 Uma ciência do que é familiar .....	35
<b>2- O Bairro de Botafogo.</b> .....	<b>45</b>
2.1 O bairro de Botafogo .....	47
2.2 A zona Sul como Utopia.....	68
<b>3 –No vestíbulo.</b> .....	<b>76</b>
3.1 O edifício. ....	77
3.2 Primeiro ano no condomínio - Mudança. ....	90
3.3 Os sentidos - Aprendendo sobre regras e códigos: .....	100
3.4 Seja bem-vinda à vizinhança. ....	108
3.5 O corpo .....	114
3.6 Conhecendo os moradores - Prédio em chamas. ....	121
3.7 Minha saída e meu retorno. ....	136
<b>4 – Moradores: As histórias de dentro do prédio.</b> .....	<b>138</b>
4.1 Os caminhos da entrevista. ....	138
4.2 Os moradores.....	144
4.2.1 Solange, aproximadamente 35 anos - Casa instagramável.....	151
4.2.2 Salete, 60 anos. ....	155
4.2.3 Gabriela, 35 anos, ex-moradora.....	160
4.2.4 Bruna - aproximadamente 60 anos .....	165
4.2.5 Pedro, 36 anos, ex-morador.....	169
4.2.6 Maria- Ex moradora. Aproximadamente 60 anos. ....	173
4.3. Memória- ambiente - Identidade .....	180
4.4. As regras da casa .....	183
<b>5 -O edifício e seus estigmas.</b> .....	<b>188</b>

<b>5.1 O conceito de Estigma a partir das notícias de jornal: Categorias de acusação</b>	
.....	188
<b>5.2 O jornal conduzindo o imaginário.</b>	192
<b>5.3 As notícias sobre o edifício Rajah- Atual Solymar.</b>	196
<b>5.4 Os anos 1950 dentro do Rajah: o reflexo da crise de moradia carioca.</b>	199
<b>5.5 Jornal - um prédio de respeito, muito familiar</b>	214
<b>5.6 Em busca de um nome: uma nova roupa para o edifício.</b>	221
<b>5.7 Comentários retirados do Facebook</b>	230
<b>6. Considerações Finais: Terceiro andar: Saída inevitabilidades do fim. ....</b>	<b>235</b>
<b>7. Bibliografia.....</b>	<b>245</b>
<b>8. Anexo. ....</b>	<b>266</b>

## Lista de Figuras.

Figura 1. Relação entre o IDH-Educação e o IDH nas regiões administrativas do município do Rio de Janeiro- 2000.....	21
Figura 2. Relação entre o IDH-Renda e o IDH nas regiões administrativas do município do Rio de Janeiro- 2000.....	21
Figura 3- A orla de Botafogo.....	45
Figura 4- Modificações na paisagem de Botafogo. ....	49
Figura 5 Edifício - A noite- com 102 metros de altura.....	52
Figura 6. Praia de Botafogo.....	56
Figura 7. Morar na zona sul é o ideal. ....	63
Figura 8 Razões para morar na zona sul.....	67
Figura 9- Mapa do Município do Rio de Janeiro dividido em regiões.....	68
Figura 10. Edifício Solymer .....	77
Figura 11. Perspectiva de localização do edifício. ....	77
Figura 12. O Edifício - Tapumes e obras.....	82
Figura 13. Parede do apartamento: Estufado na parede. ....	83
Figura 14. Espaço da Cozinha. ....	84
Figura 15. Foto do Banheiro.....	85
Figura 16. Foto vista lateral da quitinete. Enseada de Botafogo. ....	87
Figura 17. Foto: Registro da Rachadura na parede. ....	88
Figura 18. Planta do Quitinete.....	90
Figura 19. Vendedores ambulantes na calçada.....	117
Figura 20. Ocupação da calçada durante a copa de 2018.....	118
Figura 21. Foto - Edifício Em chamas.....	121
Figura 22 Preservativo encontrado na escada no dia do incêndio.....	125
Figura 23. O teto do andar em que eu morava após o incêndio. ....	126
Figura 24Última foto tirada dentro do edifício- Dia da minha mudança. ....	136
Figura 25. Planta desenhada sem escala - Casa de Fátima.....	147
Figura 26 Os moradores do edifício segundo o jornal.....	149
Figura 27. Planta desenhada sem escala - Casa de Solange .....	152
Figura 28 Planta sem escala - Casa Salete.....	159
Figura 29. Planta sem escala. Casa de Marlene.....	164
Figura 30: Regras - localizado conforme o conjunto. ....	185

Figura 31. Prédios de má fama .....	197
Figura 32 Dados dos edifícios de má fama.....	198
Figura 33 Notícias vinculadas ao edifício Solymar na Hemeroteca Digital.....	200
Figura 34. Recorte de Jornal: Edifícios fantasma: Frutos do aventurismo e da especulação imobiliária .....	201
Figura 35. Recorte de jornal: Moradores do prédio sentados à mesa sem energia elétrica .....	202
Figura 36. Recorte de jornal: Moradores carregando baldes de água .....	203
Figura 37. Nuvem de palavras formada a partir das notícias dos anos 1960. ....	204
Figura 38. Recorte de jornal: Botafogo, as duas faces do cortiço. ....	208
Figura 39. Recorte de jornal, dona Rita contra a gangue do sexo. ....	214
Figura 40. Nuvem de palavras edifício e pessoas.....	241

## **Lista de Tabelas de Planilhas no Excel.**

Planilha de Excel 1 - Notícias dos anos 1960 até 1969 .....	206
Planilha de Excel 2. Notícias de 1977 a 1986 .....	223
Planilha de Excel 3. Notícias de 1980 a 1986 .....	224

## **Siglas**

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IDH - Índice de desenvolvimento humano.

OLX - Online Exchange

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Covid- 19 – Doença do coronavírus

OMS- Organização Mundial de Saúde.

“A vida humana é como um edifício em construção:  
de cada um depende saber como continuá-lo e que  
aspecto oferecerá uma vez terminado.”

Carlos Bernardo González Pecotche

## À Guisa de Introdução.

Escolheu-se, nesta tese, à luz da antropologia urbana, um prédio de quitinetes e conjugados, localizado na orla da praia de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. Esta escolha se faz pertinente dada a importância da discussão sobre zonas morais, estigma e prestígio vastamente discutido por autores como: Park (1979), Simmel (2006), Wirth (1979) e mais especificamente sobre a realidade brasileira, Gilberto Velho (1973), Magnani (2009), Da Matta (1997), que olharam para a cidade e perceberam um verdadeiro laboratório nesse ambiente. Trazendo em seus “tubos de ensaio” histórias, costumes, hábitos, e tantos outros elementos que percorrem sendo presentes nas ruas, casas e bairros.

A cidade do Rio de Janeiro, apresenta uma realidade pertinente sobre tais processos, em especial o bairro de Botafogo, onde se evidencia as modificações e transformações urbanas ocorridas nos últimos dois séculos.

Esse diálogo constante com Robert Park, Louis Wirth, Simmel e Velho nos conduz a uma compreensão da cidade como um espaço vivo, pulsante, tal qual um organismo biológico. Claro que com suas devidas divisões e individualidades, pois seria esse o resultado da vida na metrópole, um encontro entre a individualidade e o pertencimento mútuo tal qual uma célula em um corpo humano, específica e única, porém necessária para o funcionamento do conjunto, um verdadeiro organismo social (Park. 1979).

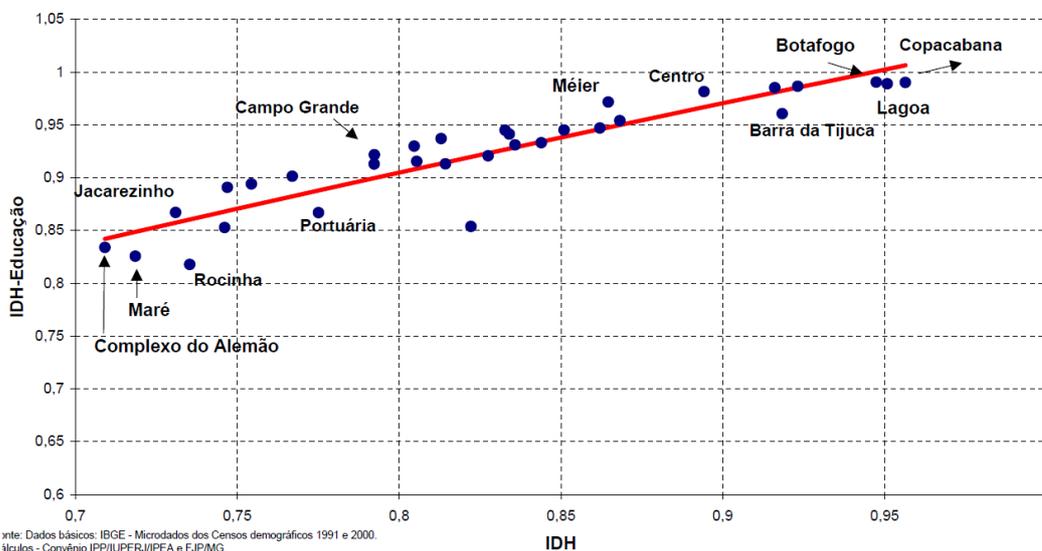
Na cidade do Rio de Janeiro é possível observar que morar em certos bairros significa ter mais acesso a recursos como educação e moradia (que em tese deveriam ser de fácil acesso para todos). O que podemos perceber nos gráficos abaixo é que os bairros da Zona Sul (Leblon, Copacabana, Lagoa, Botafogo) aparecem quase sempre com bom índice (em uma escala de 0,7 a 1 eles são os que mais se aproximam de 1) em detrimento de outros bairros ou regiões da cidade do Rio de Janeiro em que o índice fica mais próximo de 0,7, com isso menos acesso a recursos e benefícios sociais. Podemos dizer que com base na pesquisa de Índice de Desenvolvimento Humano<sup>1</sup> realizado em 2000, que a cidade do Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano tem como objetivo mensurar as condições de vida de uma população a partir de três dimensões ou também denominados IDH temáticos: Educação

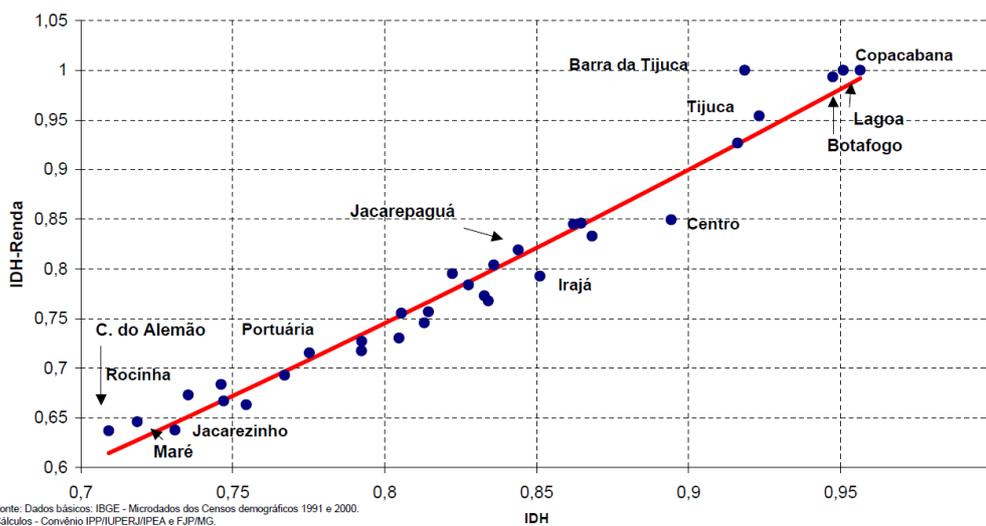
possui regiões em que itens básicos de saúde, cultura e lazer podem ser considerados privilégios, acessados por poucos.

Figura 1. Relação entre o IDH-Educação e o IDH nas regiões administrativas do município do Rio de Janeiro- 2000



Fonte: <https://www.data.rio/datasets/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd> (Dados do IBGE, 2000)

Figura 2. Relação entre o IDH-Renda e o IDH nas regiões administrativas do município do Rio de Janeiro- 2000.



Fonte: <https://www.data.rio/datasets/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd> (dados do

(IDH-Educação), Renda (IDH-Renda) e Saúde (IDH-Longevidade). Disponível em: <<https://www.data.rio/datasets/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd>>. Acesso em 25 jan. 2020.

IBGE, 2000)

Entretanto, é necessário ressaltar que mesmo nos bairros onde o IDH é maior, tal valor não representa a totalidade. Assim como existem diferenças no índice na cidade, o mesmo ocorre nos bairros. Portanto, pode-se dizer que são distintas realidades englobadas, mas que em suas particularidades se mostram heterogêneas. Morar na zona sul não significa, necessariamente, estar mais próximo do índice elevado do IDH, tampouco significa ter ascendido socialmente. Fato este que pode ser facilmente percebido no prédio Solymar e anteriormente notado por Velho sobre um edifício em Copacabana (1973) dizendo o autor que:

Edifícios como o Estrela de há muito causam escândalo e protesto por parte de arquitetos e urbanistas. Qualquer primeiranista de uma faculdade de Arquitetura, imediatamente, percebe os óbvios problemas de circulação, iluminação, higiene, aproveitamento de espaço, etc. Hoje em dia, está proibida a construção de apartamentos conjugados. Mas o fato é que essa medida só foi tomada quando quase já não havia espaço para a construção de prédios em Copacabana. Esses edifícios continuam ali, com seus muitos milhares de habitantes, com novas pessoas sempre chegando. Os habitantes do Estrela são sujeitos a um certo grau de discriminação, à medida que carregam um “estigma”, no sentido que lhe dá Erving Goffman. Ou seja, morar no prédio pode ser considerado uma característica, um atributo desabonador no nível de suas relações com outros habitantes das redondezas e do bairro, de modo geral. (Velho, 1973, pp. 25)

Pelo fato de não ser nativa<sup>2</sup>, via a cidade do Rio de Janeiro com olhos de turista, pensava a cidade a partir de suas praias famosas, como Copacabana, Ipanema, Leme, e de seus marcos como o Bondinho do Pão de Açúcar e o Cristo Redentor.

Fato é que em um anúncio online, no site da OLX<sup>3</sup>, o prédio (objeto desta pesquisa) é descrito da seguinte maneira: “De frente para a praia, com ótima localização, ônibus na porta e metrô a menos de cinco minutos, circuito interno de vigilância, elevadores, condomínio calmo e familiar.” O anúncio não mencionava

---

<sup>2</sup> Nasci na cidade de São Paulo, onde morei até completar a faculdade no ano de 2011. Após esse período mudei para Seropédica para cursar o mestrado e depois para a cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> O site da Olx é um espaço online de venda e compra de uma diversidade de itens em que uma pessoa física pode anunciar o produto (casa, roupa, joias, alimentos, serviços dentre outros) sem precisar de um mediador, portanto este site não é específico de compra ou venda de imóveis. No caso do aluguel, existe uma distinção dentro do site entre anúncios particulares e anúncios profissionais. Nos anúncios particulares é o próprio dono do imóvel, ou o responsável quem anuncia, enquanto no segundo quem o faz geralmente é um corretor e/ou corretora. A busca através deste site por um imóvel na zona sul se deu principalmente pelos valores ofertados bem como pela facilidade burocrática.

o nome ou o número do prédio, por quê?<sup>4</sup> A estratégia utilizada deve ser ressaltada, posto que o prédio é considerado, principalmente pelo seu entorno (delimitado pelo quarteirão que o circunda) e por algumas páginas de Grupos para aluguéis nas redes sociais como Facebook, como de “má fama” e com moradores “diferenciados”, aumentando o estigma e a segregação social dos mesmos.

Intentamos debater portando a construção da narrativa deste estigma, que ronda o prédio, balizados pelo conceito norteador de Goffman (1975). Segundo o autor a sociedade, seja ela qual for, tenderá a categorizar as pessoas, aqueles que se diferem devido a traços corporais, deformidades físicas, culpas de caráter, religião, nação ou etnia, em sua maioria serão vistos como não “normais” entendendo aqui, um desvio, uma quebra no padrão, portanto, acabam sendo estigmatizados em suas palavras “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1975, p.12).

A preocupação de Goffman com o desvio e comportamento desviante, se comunica diretamente com autores que também empreenderam pesquisas sobre como as diferentes sociedades e culturas desenvolvem formas e funções aos padrões de comportamento, no que lhe concerne, revelam as condições sociais experienciadas pelos indivíduos em uma dada sociedade como Margaret Mead (1928) e Marilyn Strathern (2014). Segundo o autor:

Um grupo de indivíduos compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, pode se chamar “destoante” a qualquer membro indivíduo que não adere às normas e denominar “desvio” a sua peculiaridade. (Goffman, 1975, p. 151)

Ao retratar os comportamentos desviantes considera aqueles que em seu tempo eram assim tratados. Em sua análise, Mead se dedicou a compreender os padrões de cultura entre os índios *Pueblos* contrapondo todos os outros grupos étnicos que os circundam. Em síntese, os pontos que a autora abordou ao estudar tais grupos étnicos foi o de demonstrar os contrastes, entendendo que sob sua perspectiva as culturas são projeções ampliadas da psicologia individual. Deste modo, ao estudar os *Pueblos* o que a autora demonstrou é a cultura ser exterior ao indivíduo, ainda que tenham ações individuais estarão sempre precedidos pela

---

<sup>4</sup> Em buscas realizadas online, mesmo em sites especializados de compra- venda e locação de imóveis, quando se tratava deste prédio, diferente dos outros, este não trazia as informações sobre o número exato do edifício.

"cultura". Mead identificou entre os *Pueblos* um *ethos apolíneo*, ou seja, características calmas e ordenadas que consistem na personalidade cultural do grupo, não seguir este *ethos* abre espaço para o desajustado para o desviante. Por essa razão o dionisíaco que nasceu entre os *Pueblos* e age de forma desorganizada, precisará se reeducar ou não terá valor algum, na cultura, sendo sempre considerado "errado".

Como observou Mead, um perfil comportamental desviante era associado a certos tipos de comportamento. Essa análise também foi feita em seus estudos sobre a Adolescência de Samoa. Lá, o elemento considerado problemático na nossa sociedade (ocidental) era normal em Samoa. Isso significa que uma atitude considerada desajustada em um grupo pode ser o padrão em outra sociedade. Se, em Samoa, sentimentos intensos são desaprovados, no Ocidente, a falta desses sentimentos é o que soa de modo estranho.

A autora afirmava que a maturidade sexual é indício de socialização, pois existe a internalização de comportamentos sociais, como, por exemplo, o modo de se vestir, de se comportar, etc. Mead enfatiza que o saber da sociedade é aprendido pelos indivíduos através do contato com outras pessoas, ou seja, através da interação social, além disso, o saber é considerado um atributo social, geralmente oriundo de um grupo social. Corrobora com esse pensamento, a antropóloga Strathern (2014), que ao analisar os povos de Hagen, Papua em Nova Guiné (Oceania) notou que as normas que se estabelecem em cada região são primeiro fruto da relação dos indivíduos daquele espaço, e segundo ainda que se investigassem, por exemplo, em uma mesma cultura o fenômeno do casamento e ocorressem vinte casamentos, o fato de todos serem pertencentes a uma mesma região não os tornam todos os iguais.

Se estendermos isso, a análise do prédio Solymar, perceberemos que muito embora ele faça parte de um "circuito" (Magnani, 2003) de prédios de má fama<sup>5</sup>, ele é antes de tudo um espaço com finalidade de moradia, logo, muitos outros também o são, mas as relações que se estabelecem dentro do Solymar são específicas deste condomínio e mais, a relação que cada morador tem com os seus vinte ou trinta metros quadrados é única. O que queremos chamar a atenção a partir dos estudos acima citados é que, não se pode generalizar uma realidade

---

<sup>5</sup> Trabalharemos no capítulo três sobre os demais prédios que configuram assim como o Solymar prédios de má fama.

social, ou ainda um comportamento e atribuí-lo a todos os que pertencem ao mesmo ambiente, pois ainda que se comunguem alguns aspectos, sua individualidade é uma parte que não se pode perder nesta chave, sendo assim, cada morador tornará sua experiência de morar em algo único, assim como sua relação com o prédio.

Observar a sociedade a partir das ações dos indivíduos e perceber a importância das relações sociais que são construídas neste espaço das interações se faz presente também nas obras de Simmel, ou seja, a dicotomia: Indivíduo e Sociedade. Para o autor, uma sociedade só acontece quando existe interação entre os indivíduos que estimulam a troca, e permite a reciprocidade, característica fundante da teoria Simmeliana, vale lembrar que para Simmel “os indivíduos estão ligados mutuamente pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (Simmel, 2006, p.17).

Tal debate pôde servir de base para que Gilberto Velho (2003) resgatasse e problematizasse a questão do comportamento e desvio a partir de uma análise na cidade, verticalizando o cerne do debate a partir de uma experiência no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. O conceito trabalhado por Gilberto Velho a respeito de comportamento desviante parte de um desmembramento do conceito de anomia social (Durkheim), e mais tarde problematizado por Merton (1970 apud Velho, 2003) que defendia que tanto o social quanto o cultural são fundamentais para o desenvolvimento de um comportamento socialmente desviado. Dirá o autor:

A análise funcional concebe a estrutura social como ativa, como produtora de novas motivações que não podem ser pedidas sobre a base de conhecimento dos impulsos nativos do homem. Se a estrutura social restringe algumas disposições para agir, cria outras. O enfoque funcional, portanto, abandona a posição mantida por várias teorias individualistas, de que as diferentes proporções de comportamento divergente, nos diversos grupos e estratos sociais, resultados acidentais de proporções variáveis de personalidades patológicas encontradas em tais grupos e estratos. Ao invés, tenta determinar como uma estrutura social e cultural gera a pressão favorável ao comportamento socialmente desviado, sobre pessoas localizadas em várias situações naquela estrutura.” (Merton, 1970, pp. 191-2. Apud Velho, 2003, pp. 12)

Gilberto Velho chama atenção que o conceito de anomia estava geralmente associado à sua característica médica, ou seja, patológica, contudo, o que o autor traz em sua análise é, que a anomia não é necessariamente uma doença, ou seja, o comportamento desviante pode não ser um sintoma de doença.

O comportamento desviante não é, somente, algo que ameaça a existência da sociedade, mas pode ser até a sua redenção. Mais uma vez é posto a necessidade de refletir a sociedade, sobre o sistema social e a estrutura, como proposto por Merton "o desviante de hoje pode ser um herói civilizador de amanhã (Merton, 1970, pp. 198- apud Velho, 2003, pp. 32)

É importante refletir e lembrar que nem todos os autores que trabalham com conceito de anomia veem no comportamento desviante um sintoma de doença/ patologia, pois como apontam Mead, Merton e Velho em seus respectivos trabalhos, a questão é muito mais entre a dicotomia posta entre indivíduo versus sociedade e/ou cultura que servirá como determinante sobre os comportamentos, “não se trata de negar a especificidade de fenômenos psicológicos, sociais, biológicos ou culturais, mas sim reafirmar a importância de não perder de vista seu caráter de inter-relacionamento complexo e permanente”. (Velho, 2003, p.19) por fim, por se tratar de indivíduos inseridos em uma matriz cultural, vale lembrar que:

A cultura não é, em nenhum momento, uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham "papéis" específicos, mas que têm experiências existenciais particulares (Velho, 2003, p. 21)

Logo, ao relacionarmos essas divergências e estigmas, não somente ao comportamento, mas também ao espaço físico, identificado aqui pelo edifício Solymar, delimitaremos o que chamaremos de “estigma geográfico”. Ou seja, ele é caracterizado a partir da sua localização, afetado por características de comportamento moral, mas identificados com o local, de forma que a estigmatização atinge não somente aqueles que apresentam comportamentos desviantes, mas todos que habitam ali. Este conceito foi desenvolvido e apresentado no segundo capítulo desta tese, inspirado no conhecido trabalho de Norbert Elias (2000) especialmente no momento da apresentação do edifício e do seu estigma.

Em relação ao recorte geográfico Botafogo- Zona Sul, tivemos como fontes primárias Abreu (1984) Santos (1981) Cardoso (2009) e Mesquita (2010). Tratando sobre lugar, bairro e prestígio, Cardoso (2009) Goffman (1975) Lefebvre (1999) Magnani (1996,200) e Velho (1978,1981,1991,2003, 2011) sendo este último referência constante no embasamento teórico e metodológico deste trabalho, posto seu pioneirismo no tópico que se comunica diretamente com a presente proposta desta tese, ou seja, compreender de que modo as noções de

prestígio e estigma se fazem presentes a partir de um prédio de conjugados.

No quesito a respeito da metodologia, Barto Sloob (2002), nos auxilia com sua tese a respeito do conjunto habitacional Cruzada, a relação direta que se faz ao fato do autor estudar um espaço lido como “outro” na paisagem do bairro do Leblon, sendo muitas apontado como residência de “desviantes e perigosos”. O antropólogo Roberto DaMatta (1978) nos auxilia a projetar os limites físicos e emocionais do pesquisador, utilizamos como referência seu texto antropológico in blues”, neste ao questionar o ofício do etnólogo e a sua participação na pesquisa de campo, questiona o próprio espaço do pesquisador, suas demandas e inquietações, revelando o ofício do antropólogo como algo mais real, para além da produção dos textos, sentado em um escritório, aproximando o pesquisador de algo que é tangível e real, onde ele, pesquisador muitas vezes pode também ser afetado pelo campo. Geertz (1989) nos auxilia a questionar o espaço da escrita etnográfica, mais especificamente do espaço etnográfico- campo- e o espaço acadêmico, para o autor, a produção etnográfica não se faz apenas a partir do que se lê durante a produção da tese, mas também na bagagem cultural<sup>6</sup> adquirida no correr dos anos, aspectos que aqui se fazem presentes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, optou-se pela observação participante, entrevistas semi- estruturadas e, em decorrência da pandemia da covid 19, apontamentos realizados a partir de comentários públicos, expostos em redes sociais (Netnografia). Durante o processo de pesquisa em meios virtuais, me deparei com páginas no *Facebook* sobre aluguel e venda de imóveis. Nestas páginas por diversas vezes foi possível perceber como o prédio era estigmatizado. Muitas histórias e “lendas urbanas” são compartilhadas não apenas a respeito do espaço, mas também sobre os moradores. As histórias, em geral, são criações de um certo cotidiano no prédio, que envolvia violência, aportes policiais, prostituição, mas que acima de tudo compartilham a “má fama” em torno do Solymar, tais comentários corroboram para um imaginário social (Bernardi e Merdi, 2017) sobre esse espaço que embora localizado na Zona Sul da cidade é

---

<sup>6</sup> A bagagem cultural é um termo cunhado pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, segundo este o conhecimento adquirido durante os anos se faz presente na escrita, fala e opiniões de indivíduos. Logo consideramos importante ressaltar que para a produção desta tese autores como Foote Whyte, (1975), Goldman, (2003), Hélio Silva (2009) Mariza Peirano (2014) Strathern, (2014) e finalmente Agier, (2011) Park (1979, 1987) Pereira, (1969) Simmel, (2005) Telles, (2007) Ventura, (1994) foram importantes no percurso.

retratado por muitos como um espaço de pouco prestígio, ou nos termos de Velho (1989) “é como morar em um balanço”. Podemos perceber melhor tais relações nos trechos abaixo recolhidos durante observação participante:

*“Me disseram que tinha uma oficina de motos em um dos apartamentos, e que um cara foi atropelado e morto no corredor. Parece que atualmente mudou. Tanto que mudou de nome: agora é Edifício Solymar, Edifício Rajah é coisa do passado”.* (Conversa informal sobre o edifício com- G,30 anos)

*“Ouvi falar que mataram um cara ali e teve aquele que pulou da janela também, cara (...). Quanto antes você sair dali melhor, certeza que é assombrado e deve ter umas paradas ruins”* (Conversa informal sobre o edifício com E, 48 anos)

*“Sempre aparecia notícia na TV, lá era... é... ponto de drogas (pausa) mas que lugar não é hoje em dia, né?”* (Conversa informal sobre o edifício com M- 34 anos)

Assim sendo, essa pesquisa visa abordar os fragmentos da vida urbana, isto é, das inquietações típicas de uma grande metrópole, do conjunto dos sentidos que a própria vida pode despertar (medo, tabus, solidariedade, dentre outros). Falar destes fragmentos dessa vida cotidiana é proposta aqui como um exercício de bricolagem, um jogo de luzes contrastantes onde o que não está claro e evidenciado faz parte do processo (neste sentido o próprio prédio é um constante acender e apagar de luzes, ou nos termos ‘damatianos’ são os *close-ups*, (1997) que exploram aspectos específicos, porém contrastantes). A luz do debate será deste modo a construção deste quadro permeado pela antropologia urbana, abalizado pelo que é latente e extrapola os portões e limites físicos do prédio. Um outro fator importante que será revelado apenas na conclusão é como eu me sentia dentro deste edifício, a razão se faz para que o leitor não seja afetado por minha percepção, logo deixarei que o campo conduza seus próprios julgamentos.

Nosso recorte temporal, como poderá ser observado no decorrer da tese, se intercruza brevemente com meados dos anos cinquenta (quando o edifício é construído) e com mais profundidade nos anos de 2018 a 2020 (período de pesquisa de campo).

## 1.1 Conceitos norteadores da pesquisa e metodologia.

*“Mas você já avisou aos moradores que você é pesquisadora e os está estudando? – Dilemas de campo”*

Minha ida para o prédio Solymar, não ocorreu após a escolha de um tema para a tese de doutorado, pelo contrário, foi quando já estava ali instalada, como moradora, que o próprio prédio mostrou ser um tema interessante para estudo. Principalmente pela quantidade de vezes que escutava, de colegas de trabalho, amigos próximos e alguns moradores *“dava para escrever um livro sobre as coisas que acontecem aqui”* que decidi escrever sobre aquele ambiente, seguindo a famosa premissa de Gilberto Velho: “O familiar não é necessariamente conhecido” (Velho, 1989, p.131), pois entendia que ali questões afetas do cotidiano poderiam ser abordadas e problematizadas.

O questionamento que aqui serviu de epígrafe saiu de uma breve conversa que tive com outros colegas do curso de pós-graduação em ciências sociais, quando debatíamos nossas pesquisas, o tema exposto levantou uma série de argumentos, e questionamentos que parecia comum a todos, mas de certa forma ainda o incômodo é latente dentro da própria disciplina antropologia. Portanto, demarcar os 'porquês' das minhas escolhas metodológicas se mostram de suma importância, necessárias, pois a composição metodológica em si, traz uma plasticidade que é visível nesta tese. Visto que caminhos diferentes podem ser acionados e ainda precisam ser identificados, estabeleço a pergunta fundamental nesse quesito: ‘Quando me identifico como pesquisadora?’ Será no dia em que aprovada no doutorado, o prédio deveria deixar de ser apenas o local de moradia para mim, ou, talvez na ocasião em que fiquei presa no elevador com outras duas pessoas, com opiniões completamente divergentes sobre política que debatiam a altos brados que corrupção era a resultante de um certo partido, enquanto a outra estufava o peito dizendo o oposto, enquanto eu observava toda a discussão presa, ali no meio? Seria esse o momento de interromper dizendo algo semelhante: *“senhores, tudo o que vocês disserem poderá ser observado e gerará dado para minha tese, pois sou pesquisadora”*? Ou ainda talvez devesse dizer que era pesquisadora durante uma conversa no corredor, onde o assunto da vez era a alta no preço do condomínio e como certa porta estava infestada de baratas? Enfim: qual é o momento de se identificar?

Se antes recorremos a uma breve digressão acerca da cidade com a finalidade de demonstrar a diversidade de temas e pesquisas que poderiam surgir deste espaço. Agora empreendemos uma leitura ampla sobre a observação participante que neste trabalho será um recurso metodológico fundamental.

## 1.2 Clássicos são sempre um bom começo: observação participante.

Os trabalhos de campo, as etnografias e a observação participante, foram um corte na maneira como a antropologia vinha sendo estudada, rompendo os laços com os evolucionistas. Bronislaw Malinowski e Franz Boas podem ser considerados fundadores de uma nova forma metodológica quanto aos estudos antropológicos. Estes propuseram que o mergulho *in loco* das realidades observadas gera discussões e apontamentos outros que não seriam possíveis apenas com repertórios bibliográficos. Malinowski realizou sua pesquisa no início do século vinte nas Ilhas Trobriand e morou lá por três anos de 1915 até 1918, aprendeu a língua nativa, participou dos rituais, descreveu os costumes, leis e principalmente procurou entender como a partir de uma diversidade de detalhes (vide exemplo o Kula) era possível explicar sobre aquela comunidade. Muito embora, o autor seja considerado, na etnografia moderna, precursor do trabalho de campo, tal ciência é em verdade uma consequência de todo um processo que vinha ocorrendo, sobre o qual o próprio Malinowski reconhece ao citar, por exemplo, os trabalhos de Seligman, Taylor e Morgan na introdução do livro “Argonautas do Pacífico Ocidental”. (Malinowski, 1998: p.7).

Stocking (1992) ao escrever sobre a magia dos etnógrafos inicia sua argumentação a respeito do método antropológico acionado na pesquisa de campo. Apesar do autor criar em sua narrativa um percorrer histórico, é em Malinowski que se encontra o “herói” (Giumbelli, 2002), o arquétipo de pesquisador que irá se debruçar para pensar as relações entre antropologia e a própria história da disciplina. Segundo os apontamentos de Stocking, às questões sobre os diários publicados de Malinowski implicam em uma complexidade que devem ser postas, pois, ressaltam controvérsias sobre o texto apresentado ao grande público. Controversas essas que evidenciam um antropólogo que não vê a hora de ir embora do *locus* de seu trabalho, que, além disso, achava as crianças da

ilha barulhentas, que sentia raiva dos nativos, dentre tantas outras questões que até então eram situadas como pessoais, ou seja, uma imersão dentro de dada comunidade implicando em emoções tais como o desgosto, a raiva, importantes hoje na produção (DaMatta, 2000), mas que em 1967 (ano de publicação de seus diários) chocaram parte da academia. Entretanto, tais “verdades” não foram suficientes para modificar o fato de Malinowski continuar a ser um cânone, ou seja, estabelecendo um modelo de pesquisa incontornável para a antropologia.

Dentro desse “modelo malinowskiano” (Stocking,1992) poderiam ser elencados três princípios que serviriam como aporte metodológico da antropologia, que o próprio descreve da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, naturalmente, o estudioso deve possuir objetivos científicos reais e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, ele deve se colocar em boas condições de trabalho, isto é, sobretudo, viver sem outros brancos, bem no meio dos nativos. Finalmente, ele tem de aplicar vários métodos especiais de coletar, manipular e fixar suas evidências. (Castro, 2016, p 120)

Em suma, o que esses três parâmetros metodológicos querem é abrir caminho para que a visão do nativo seja apreciada, sem todos os preconceitos de uma mente não preparada para a observação, tendo em mente que nossas interpretações serão sempre, na verdade “de segunda ou terceira mão” (Geertz, 1998). Ao não se colocar com outros brancos, o que o autor está propondo é justamente, vivenciar o dia a dia do nativo sem as interferências externas. Esses mergulhos dentro da cultura, quando depois sistematizadas, mostram que cada sociedade pode ser lida como diferente de outras, portanto podemos dizer que, com a observação participante, aprofundamos nossa visão sobre o mundo do nativo, que tal qual como nos mergulhos pode sempre trazer à superfície um “tesouro” novo.

Sobre esse mergulho nas diferentes culturas, Geertz (1989) após descrever como a “cultura” vinha sendo abordada pela antropologia, defenderá que esta deve ser interpretada de maneira semiótica. O referido autor tem uma história de pesquisa similar à de Malinowski, se debruçando sobre uma sociedade com língua, hábitos e costumes completamente diferentes dos seus. Em sua percepção a cultura é um contexto e não um poder no qual se atribuem “acontecimentos sociais, comportamentos, instituições ou processos” (Geertz, 1989, p.7)

Em Geertz a observação participante ganha um adendo, o autor defenderá que mesmo em uma dada sociedade podem ocorrer maneiras distintas de explicar certos fenômenos, mas é preciso uma decodificação dos códigos para compreender se estamos de frente a uma piscadela que é um tique nervoso, um flerte ou uma cópia. Além disso, se antes uma sociedade era examinada em comparação a outra, agora é a sua própria diversidade interna que poderá ser a sua própria propiciadora de reflexividade e será com o uso incontornável da etnografia que se encontrarão meios de sistematizar as informações coletadas. Entenda que a observação participante e a etnografia estão quase que andando de mãos dadas, “praticar etnografia”, portanto seria elencar os elementos descritos por Malinowski e intensificados em Geertz através da descrição densa.

Esta, no que lhe concerne, será criticada por Strathern (2014). Segundo a autora, a pesquisa engloba (perpassa) dois momentos que são o próprio devir antropológico, que se faz entre o campo e a escrita, existindo uma relação complexa que pressupõem perdas, que ocorre primeiro porque nem tudo o que eu observo e interpreto fará parte da minha decodificação, segundo porque o “momento etnográfico” está permeado por diversos pontos cegos, afinal “a vida social é complexa” e não se pode observar tudo. Ao escrever sobre sociedades e pessoas, podemos perder de vista que nem tudo é relacional, mas sim pontos de perspectivas diferentes, portanto, segundo a própria autora, a descrição densa proposta por Geertz não daria conta de tamanha complexidade. Vale lembrar que ao pesquisar a cultura em Bali, Geertz e a esposa foram acomodados em uma residência que já tinha sido previamente reservada pelo governo e muito embora estivessem convivendo em uma casa com nativos, eram severamente ignorados pela vila. O antropólogo descreve o momento mágico em que passa a ser notado pela comunidade, e ao fazê-lo perceber qual o código de tal aceitação, entretanto a descoberta não foi planejada e arquitetada, ela aconteceu simplesmente.

As brigas de galo estavam proibidas em Bali, contudo, para a comunidade elas nunca foram "erradas" e muito embora sofressem com represálias policiais estas continuavam a acontecer. Certo dia o antropólogo e sua esposa estavam observando a rinha, quando a polícia chegou, todos os presentes começaram a correr, e ambos os antropólogos, fizeram o mesmo. Em meio a corrida se esconderam com um balinês, provavelmente no pátio de sua casa, mais tarde um grupo de policiais foi questionar o que dois brancos faziam ali, e para o espanto

destes, o balinês (parte do grupo que os ignoravam diariamente) não só disse quem eles eram com mínimos detalhes, como rebateu as interrogativas do policial dizendo que eles eram "professores e estavam fazendo um estudo sobre a cultura de Bali, que o governo os tinha dado tal permissão e logo tinha total direito de estar ali". No dia seguinte, a aldeia era um ambiente diferente, as pessoas ficaram surpresas e achavam graça por que eles que não eram balineses tampouco estavam fazendo apostas e correram como os demais, por fim, esse momento fez com que a vila 'caçoasse' deles, e ser caçoado (em Bali) é ser aceito, e ainda que o antropólogo estivesse tentando observar tudo a todo momento, algo que lhe fugiu da programação descortinou o campo.

Geertz apenas pôde descobrir isso através da casualidade, não existe uma pré-fórmula de como lidar com o campo, por mais que tenhamos as ferramentas para encontrar detalhes, por vezes será o próprio campo quem nos dará a lupa para podermos começar a enxergar, ou neste caso: ser aceito.

Mas e quando o campo não é em uma tribo distante, ou em um grupo totalmente diferente do seu, e quando o campo é dentro de sua própria sociedade? Ainda se utiliza a observação participante? William Foote Whyte (1975), americano, autor e pesquisador da Escola de Chicago, focou sua pesquisa nos grupos de gangues em Cornvenille, Estados Unidos, ou seja, não era exótico, tampouco flertava com o familiar, já que como o próprio autor aponta, aquele grupo selecionado para estudo tinha uma realidade social totalmente diferente da sua e, além disso ali era a região onde "moram mais pessoas por metro quadrado"<sup>7</sup> (Foote Whyte 1975, p 287).

A pesquisa de White abre espaço para outro aporte metodológico, se antes, a busca por uma pluralidade de informantes era o que contribuía para a riqueza no material, o que White demonstra é que às vezes a chave necessária é focar-se em certos indivíduos, o informante privilegiado. Os fazeres do campo, não à toa, se veem neste refazer, o que, a meu ver, é essencial, pois o fazer acadêmico não se difere da permanente recombinação intelectual (Peirano, 2014) mesclada pela imprevisibilidade (Strathern, 2003) isso sem mencionar os dilemas do campo e também pessoais (Foote Whyte, 1975).

---

<sup>7</sup> Poderia utilizar tal apontamento sobre o edifício Solymar? Nunca tive um dado oficial de quantos moradores de fato viviam ali, apenas estimativas, ainda assim, pressupondo estimativas posso dizer que é um dos que tem mais unidades habitacionais em toda a orla.

Enquanto em Bali, Geertz mal conseguia trocar uma palavra com os moradores locais, Whyte, ao contrário, tinha um livre acesso às rodas de conversas, principalmente por ter em Doc (seu principal “informante”), colaborador da pesquisa, e informante privilegiado que abria os acessos do campo. Embora Whyte tivesse todo um elaborado roteiro para informar o que estava fazendo naquela região, notou que as pessoas desenvolviam por si só conclusões sobre o que ele fazia.

Sua relação com Doc era tamanha que este foi gradualmente se tornando um verdadeiro “colaborador” da pesquisa. Embora a academia o tivesse treinado a procurar os porquês, por estruturadas entrevistas, seu campo foi mostrando que nem sempre este é o melhor caminho. A questão, então, não é a de deixar de lado os porquês, de abandoná-los, mas de saber a melhor maneira de obter respostas e em qual momento anotá-las (Goldman, 2003). O que começamos a perceber é que o papel do informante privilegiado e do próprio campo ganham novas dimensões. Goldman (2003) dirá ter vergonha de realizar suas anotações no campo, pois considerava seus informantes primeiro como amigos, e ficava constrangido de sair anotando tudo, no “momento da etnografia” (Strathern,2003) em que (esse) ocorria.

Sendo assim, ao revisar e traçar metodologicamente o papel do observador participante que acede ao campo através de um informante privilegiado e amigo, Whyte abre espaço de reflexão sobre a proximidade do pesquisador com o grupo. Proximidade está sendo mais abordada nos trabalhos de Gilberto Velho, Magnani, DaMatta, Hélio Silva, dentre tantos outros que trataram das pesquisas urbanas no Brasil, onde o “familiar” e “de dentro<sup>8</sup>” começam a ser articulados enquanto conceitos específicos da antropologia. Conceitos estes que serão fundamentalmente trabalhados nesta tese.

---

<sup>8</sup> Morar no prédio me permitia ouvir e observar, quase como uma nativa daquele espaço, pois a infestação de baratas que afetava alguém em dado momento também iria me afetar (Aqui o termo afetar não diz respeito ao devir associado em Goldman. Atribuo aqui esse afetar como algo que era comum, quase que um problema cotidiano).

### 1.3 Uma ciência do que é familiar

Os marcos<sup>9</sup> da antropologia por vezes se tornam difíceis de serem encontrados, estuda-se a sociedade procurando esquematizar conceitos e questões que possam nos dar indícios sobre dada cultura e que nos forneça suficientes habilidades que nos capacite a distinguir uma piscadela de um tique nervoso (Geertz). Tal ciência se encontra na vizinhança com a psicologia, a história, a geografia dentre tantas outras áreas no final do século dezenove, os estudos antropológicos deslocam-se das sociedades simples para as complexas, dos estudos rurais para os urbanos.

A antropologia do final do século vinte se volta para pesquisas na e da cidade, confundindo-se com uma sociologia urbana. A escola de Chicago<sup>10</sup>, conhecida pelo movimento sociológico que teve como uma das principais investigações as pesquisas de campo sobre os problemas mais comuns da metrópole da cidade de Chicago, na década de 1920, liderado pelos estudos de Robert Park, é um exemplo dessa nova abordagem. Nessa nova abordagem, as próprias mudanças na cidade passam a ganhar campo e a cidade torna-se o "laboratório" do pesquisador.

Pouco tempo depois, no Brasil, em 1970, Gilberto Velho publicou no Brasil "A Utopia Urbana", fruto de sua dissertação de mestrado. Em seu trabalho, Velho estudou as relações que surgem a partir de um prédio de conjugados no bairro de Copacabana. Ao se graduar em Ciências Sociais, o autor foi morar em um conjugado que servia de renda para a família, e como aponta não escolheu tal moradia não por ímpeto acadêmico, mas sim por uma casualidade da vida, ser recém formado, morando naquele ambiente, fazendo disciplinas em antropologia, tudo de certo modo conspirou para que o edifício fosse sua tese, de tal maneira que sua etnografia se tornou base para estudos e filmes até os dias atuais. Como

---

<sup>9</sup> Sobre esses marcos, me refiro a difícil arte de precisar o que pertence especificamente à ciência da antropologia, compreendo que tal área do conhecimento é balizada e intercruzada por diversas outras, ponto este inclusive retratado em *Sociedades Complexas de Velho e Castro* (1978) que traçam brevemente a transição do que era considerado sociedades simples para sociedades complexas.

<sup>10</sup> A universidade de Chicago foi fundada em 1895, entretanto os estudos que mais impactam este trabalho são aqueles que ocorreram entre 1915 e 1940 liderados por Robert Park.

dito anteriormente, seu estudo foi uma importante reflexão sobre o bairro de Copacabana portanto, um precursor dos estudos “*At home*”<sup>11</sup>.

É fato, como não poderia deixar de ser, que as ciências se recriam diante das mudanças, portanto cada “tempo” têm sua própria abordagem e técnica metodológica. A antropologia por ser uma ciência que estuda o homem permeada pela subjetividade, presente nos sentidos e principalmente nas emoções (Lebreton, 2019) tomará tais mudanças como um epicentro científico.

É importante ressaltar o momento da pesquisa e criar um mapeamento ainda que breve. Neste sentido cabe dizer que, Velho em seu estudo contou com o auxílio de pesquisadores de campo, pois naquele momento havia financiamento para tal, o próprio salientou como a pesquisa ter sido alicerçada por outros entrevistadores foi de suma importância, pois, dificilmente seus vizinhos lhe revelariam detalhes devido justamente a sua proximidade. É esse fazer antropológico, que não consta nos manuais, com tons de subjetividades que levou Damatta a discorrer sobre o “*Anthropological Blues*” (1978), onde tenta exatamente descortinar essa tradição oficial do fazer antropológico.

Dentro dessas abordagens técnicas e metodológicas é evidente e necessário para nossa construção de conhecimento buscar aqueles que anteriormente estudaram questões semelhantes, até para poder pensar o próprio campo. Neste sentido, o antropólogo Gilberto Velho é essencial nesta tese, pois, sua pesquisa não apenas colabora para a consolidação da antropologia urbana no Brasil, como também é um referencial para aqueles que estudam “o familiar<sup>12</sup>” e principalmente para esta pesquisa que visa analisar as pequenas demonstrações do cotidiano a partir de um prédio de conjugados no Rio de Janeiro. Em suas palavras, o autor ao se debruçar sob sua pesquisa anos mais tarde reflete sobre tal categoria:

Volto a uma reflexão que desenvolvi já a muitos anos, insistindo que a familiaridade não é sinônimo de conhecimento e que estranhar o familiar é um movimento necessário para buscar compreender os mundos sociais por onde circulamos, convivemos e interagimos. (...) Assim, estranhar o familiar corresponde a um esforço intelectual de pensar antropológicamente a sua própria sociedade, desconfiando criticamente do senso comum e das certezas dogmáticas. (Velho, 2008, pp. 13)

---

<sup>11</sup> At home significa estar em casa.

<sup>12</sup> Velho (1981) ressalta a importância para o antropólogo transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico.

Assim como Velho (1986) fui morar em um prédio de conjugados, não por ímpeto intelectual ou curiosidade científica, mas por questões financeiras comuns a estudantes principalmente recém-formados, entretanto alguns pontos diferem meu olhar sobre um condomínio de conjugados, quando comparado ao estudo citado. Eu tinha alugado aquele espaço, portanto era vista como parte de uma população flutuante no prédio.

Outra questão que influencia a diferença no olhar entre a minha perspectiva e a de Velho é o fato de ser mulher, ter nascido e crescido na cidade de São Paulo, logo expressões sobre os espaços da cidade foram em certo tom novidade e fui, conforme caminhava com a pesquisa e com o dia a dia de ser moradora em uma cidade nova, bairro novo, entendendo que os pedaços (Magnani, 2003) criados em Botafogo diziam respeito a maneiras de socialização e identificação<sup>13</sup>.

Muito embora tais questões ocorressem, eu já tinha uma imagem a respeito do bairro de Copacabana, também na Zona Sul, principalmente devido ao réveillon. Botafogo era, para mim, até então apenas um bairro, localizado na região sul da cidade, mais tarde, porém, iria descobrir que certas questões são maiores que qualquer possível estranhamento.

Velho abordou como os moradores do Edifício 200 criaram um estigma através das recorrentes notícias policiais que circulavam entre os moradores. Portanto, não enquanto antropóloga, mas como alguém “de fora” que acompanha os noticiários mais recorrentes na mídia, tinha a impressão de que os espaços estigmatizados na Zona Sul do Rio de Janeiro, estavam mais ligados à favela, lugar comumente marginalizado.

Minha “briga de galos” foi quando, pude notar, por falas, de recortes de jornais, ou mesmo menções em páginas de internet que um Edifício localizado frente a um cartão postal da cidade (Praia de Botafogo e Pão de Açúcar) sofresse do mesmo estigma, contando com uma infinidade de “lendas” que podem ser lidas acessadas através das redes sociais. Neste sentido, uma dessas lendas diz respeito

---

<sup>13</sup> Próximo ao prédio era comum ver moradores com garrafas de cerveja e caixa de som sentados sob uma árvore conversando e comendo, os grupos que tinham este hábito atribuíam a falta de “área comum” no prédio a razão para confraternizar na rua. Para além deste, era comum que colegas da faculdade me convidasse para confraternizar no “baixo Botafogo” pois se diziam estudantes e aquele era seu espaço, ao contrário da “Nelson Mandela” outra região também em Botafogo que significaria certa ascensão devido aos valores praticados pelos restaurantes e bares desta rua.

sobre a existência de uma oficina mecânica em um dos andares, além disso, diz a lenda que ali aconteciam corridas de motos nos corredores, mortes, prostituição e drogas. Lendas ou fatos presentes também na fala de uma assistente social que entrevistei.

Assim, podemos dizer que o “estigma” (Goffman, 1975) é um conceito que cruzará todos os capítulos, às vezes mais evidenciado em outros nem tanto, mas presente nas entrelinhas. Temos por intuito, a partir das reflexões, compreender qual o significado que dão para a zona sul, como lidam com os conflitos diários, com a vida e morte.

Os estudos urbanos, percebem, veem, e analisam sujeitos e grupos, muitas vezes “próximos” à realidade do pesquisador, mas dirá Magnani (1984) que a maneira como as pessoas se relacionam com a cidade não é lida na totalidade, mas com partes dela, daí a categoria “pedaço” de fato. Neste sentido, ao estudar o familiar, estudamos partes dele, e ainda assim tais pedaços são reflexos de interações.

Deste modo, ao se debruçar na pesquisa sobre o prédio Solymar, refiro a uma abordagem que fala especificamente de uma região da cidade, que é demarcada não apenas fisicamente, mas também socialmente, como bem apontou Barto Slob (2002) em sua tese orientada por Gilberto Velho. Seu estudo retrata a transferência de 790 famílias que viviam em uma favela transferidas para um conjunto habitacional construído com o propósito de alocar tais moradores. Sua pesquisa demonstra que um dos critérios para a verticalização e organização da moradia em forma de um conjunto habitacional era de padronizar e de certa forma influenciar nos costumes e valores dos moradores. Entretanto, como o próprio autor cita, a construção e padronização das casas não retirou o estigma em torno dos moradores e aquele ambiente ainda era tido como perigoso, ou seja, voltamos a categorização a respeito sobre as delimitações “morais e sociais” prescritas nas entrelinhas da cidade, que ocorrem inevitavelmente no edifício Solymar.

Retomando o uso do “familiar” em meu campo, eu enquanto moradora do quinto andar poderia dizer conhecer o que ocorria na cobertura? Ou mesmo no térreo? Poderia dizer quais os significados para os porteiros, e grupo de funcionários o significado de ouvir que o síndico chegou?

*Por vezes percebia uma certa correria quando algum funcionário pontuava que naquele dia o síndico estava no prédio. Era, portanto, o dia em que todas as*

*normas (não ficar sentada na frente do elevador nas muretas era uma dessas, bem como não sair da portaria para mostrar um imóvel no prédio, por exemplo). O que estou chamando atenção aqui é que o dia a dia de um porteiro eu desconheço, pois, primeiro não efetuar tal trabalho ali, e muito embora essa função seja de conhecimento quase que geral, decerto existem aspectos sobre poder, amizade, fofoca e lazer que eu desconheço deles. O que fazem com sua hora de almoço, por exemplo, suas relações de trabalho ensejam em relações de amizade? Existe algum grupo de porteiros ali na praia? Enfim, esse ethos eu desconheço.* (Trecho retirado do diário de campo, 2018)

Ressalto ainda, enquanto moradora, locatária de um espaço, poderia dizer conhecer as mesmas regras daqueles que eram donos e podiam participar das reuniões condominiais? Não. O que eu conheço é o que vivi/ senti/ (vi e ouvi), entretanto o que desconheço é o que busco descortinar enquanto pesquisadora. Enquanto pesquisadora, qual é o momento que responde à questão inicial proposta acima: qual o momento de informar aos meus vizinhos interlocutores que estava realizando uma tese?

Entre os diversos conceitos que serão trabalhados, destaca-se o conceito de estigma e de controle social. Exemplo disso pode ser encontrado no relato transcrito a seguir:

*“Eu acho que aquele vizinho é garoto de programa. Sabe por quê? Sempre tem homens diferentes entrando no apartamento dele. Ontem mesmo menina, foram dois, e, olha, eram até bonitos, bem apessoados”. Essa fala de uma moradora nos revela como o controle da vida dos outros resulta em uma falta de privacidade. Sobre isso, é interessante ressaltar que, a informante aqui citada, não é vizinha de porta do suposto garoto de programa, mas como ela mesma diz, “está sempre de olho”. (Conversa informal com G, moradora do prédio)*

Ser observado e observar supostamente o tempo todo e em todas as situações produzem um efeito que vai muito além do “Panóptico” analisado por Foucault (1987). As experiências vivenciadas em um espaço de pouca privacidade e muito controle acabam produzindo comportamentos que refletem o fato de que os sujeitos se adaptam a essa situação. Como bem abordado por Simmel (1979), tal privacidade pode ser compreendida como um reflexo da metrópole que cria condições psicológicas próprias, vide a atitude blasé. Segundo o autor, “essa atitude mental dos metropolitanos, um para com o outro, pode ser chamada a partir de um ponto de vista formal de “reserva”. Como resultado dessa reserva, frequentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos”. (Simmel, 1976, p.17). Com isso podemos nos perguntar: busca-se o anonimato na vida moderna ou é a privacidade quem cria esse espaço? Simmel aponta, ainda, a interação como o objeto de estudo das ciências sociais

que pode adquirir diversas formas, tais como: conflito, cooperação, submissão, competição, etc.

Podemos, com base no estudo de Velho, certamente dizer que etnografar o prédio Solymar é também falar sobre as relações sociais, como bem aponta Mariza Peirano (2014), é através da própria etnografia que a teoria se manifesta, podendo ser ela mesma a própria teoria. Acredita-se assim que a presente tese contribui para os estudos da Antropologia Urbana que enfocam questões referentes à moradia, privacidade, estigma e solidariedade.

As experiências vivenciadas neste espaço da cidade, tornam o antropólogo quase que um *flanneur* no seu ato de etnografar. Tomamos aqui o conceito emprestado de Walter Benjamin (1991), para quem o escrito é como uma cidade, para o qual as palavras são mil portas. Pensar a escrita etnográfica como um caminhar propriamente dito, entre o campo e a escrita, entre o que está escondido e o que olhares desatentos não podem perceber, entre aprender a ver, ouvir, no caso da etnografia: escrever. Se para Benjamin a cidade pode ser um encontro de diversas histórias individuais e nesse sentido trazer consigo – história e memória – ser um *flanneur* no ato da etnografia, seria nessa visão a busca por evidenciar e ressaltar aspectos que passariam despercebidos por olhos não treinados.

O modo de operacionalizar o conhecimento antropológico clássico, como podemos perceber, se conduziu principalmente devido a Malinowski em três mandamentos, mas como o próprio Lévi-Strauss propõe: conforme o exótico desaparece mais nos fundimos as questões do campo (Lévi-Strauss, 2013) e elas se tornam subjetivas também. Nesse aspecto, Hélio Silva (2009) e Magnani (2003) também se valem de três mecanismos de ação na etnografia, muito embora estes decodificados pela própria realidade das pesquisas *at home*. Silva, por exemplo, descreve a especificidade da etnografia enquanto: situar- observar-descrever, e Magnani a descreve como um duplo movimento- também pressuposto por três princípios.

Portanto, ao mencionar o “*flanneur*” como movimento na escrita, tomam-se os movimentos acima descritos, como princípio de subjetividade implicada no campo antropológico. A etnografia quando dividida em três princípios metodológicos – situar- observar-descrever, percorre dois movimentos, enquanto por um lado tem o evidenciar do campo, do outro lado aparece em meio às relações questões afetadas da subjetividade. Ou seja, é na evidência que o ponto

abstrato aparece. O encontro de ponto abstrato e especificidades, quando projetados sobre o concreto real, criam como resultante a própria escrita etnográfica.

Assim, ao evidenciar certos elementos (Zoom damatiano, 1936) encontramos relações que criam em sua intersecção a própria teoria (Peirano,2014) presentes na antropologia urbana.

Busco esclarecer o porquê da minha escolha metodológica da observação participante e principalmente sobre o aporte etnográfico. Precisei me sentir segura, no sentido de não perder minha moradia, item básico de vida, para começar a informar que era pesquisadora e que estava desenvolvendo uma tese sobre o local em que morava. A princípio, tudo o que observava virava detalhes para uma possível análise e bem a maneira que aponta Peirano, 2014:

Tudo o que nos surpreende, que nos intriga, tudo o que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas) e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria, e a teoria repete a vida. (Peirano, 2014, pp. 378)

Sendo assim, diversos foram os aspectos que me levaram a apenas observar, pensar, e descrever, e foi apenas quando, após refletir sobre o campo e elaborar um questionário, que passei a me identificar como pesquisadora. Não que não o fosse antes, afinal a etnografia é temporária, mas é porque os dados de cada participante (ou não) das entrevistas tratariam de uma singularidade, mesmo que sua identidade real não fosse revelada. Justamente por isso é necessário investigar as questões e narrativas que vão para além do cunho metodológico disciplinar da antropologia, que evidenciam a cidade, o bairro, e por fim seus moradores como ponto de reflexão.

Por um lado, esta pesquisa se inscreve nos estudos da antropologia urbana, mas ele é também um trabalho que remonta a própria história do bairro e da cidade, principalmente dos sentidos do morar, espaço que reflete a diversidade e as rupturas entre público e privado, logo, sendo muito mais do espaço físico. É pertinente também o questionamento acerca do conceito ‘Lefreviano’ de “lugar” e sua intersecção com o conceito de “pedaço” de Magnani, dado que, debateremos o direito a morar na construção de uma relação com o pedaço da cidade, e quais sacrifícios se faz para realização deste sonho.

Consideramos este um trabalho inédito na medida em que trabalha com as

pesquisas de antropologia urbana, relacionando-as com os debates do urbanismo e das políticas públicas de habitação. Esse enfoque permite analisar a aspiração de morar na zona sul, a verticalização da cidade e conseqüentemente as metragens menores de residência, que levaram ao surgimento dos “famosos” edifícios “balança, mas não cai”(Velho,1975), contudo tal debate será atualizado com o exame das políticas de zoneamento e equipamento urbano, transporte e sobre o papel da mídia, tanto para a criação do "mito" da Zona Sul carioca, quanto da má fama de determinados lugares e edifícios.

Nesta introdução, em linhas gerais, cabe ainda explicar a sistematização do estudo desta tese, que se encontra organizada em quatro capítulos. É importante ressaltar que nesta, a luz do texto de Roberto DaMatta “A casa e a rua” (que nos convida enquanto leitores a entrar na casa, sentar, e conversar) serão subdivididos os capítulos de forma metafórica em andares. Convidamos o leitor a passear por entre os andares deste edifício, sendo que sua junção compõe concretamente o caminho percorrido nesta pesquisa. Nossa proposta é demonstrar como dentro de um edifício as noções sobre moralidade e estigma podem muitas vezes ser afetadas por “fofocas” e concepções classistas, no sentido de identificar quais corpos podem circular em determinado espaço ou não. É claro que tais "comentários" nem sempre se apresentam de forma pejorativa, mas possuem intencionalidades que atualmente são de conhecimento público, comentários esses, consequência de uma sociedade ainda elitista e classista, que regula comportamentos e aponta no “outro” o desvio e principalmente o perigo.

Morar na zona sul é um projeto ou é uma utopia que se idealizou com o passar dos anos de um lugar de status e investimento, em que novelas globais são gravadas e músicas são compostas? Quem pode morar dentro deste projeto? Como se constituem as pessoas que moram neste espaço do prédio? Como elas se representam dentro deste local? Por que ele é considerado perigoso, ou, é possível identificar o começo da fama da região?

O primeiro capítulo diz respeito do Bairro de Botafogo, suas transformações ao longo do tempo e principalmente o momento em que se inicia o processo de verticalização, deste modo, intentamos sobre a construção do Edifício Solymar, compreendendo como na cidade do Rio de Janeiro, o tipo de moradia que é objeto de análise foi sendo arquitetado e autorizado por decretos e impulsionado pelo mercado. Portanto, a proposta deste capítulo é trazer para a

reflexão a cidade do Rio de Janeiro, aos moldes já estabelecidos pelas análises de Robert Park, na qual a cidade é considerada como uma decorrência dos cidadãos que se recriam e, recriam a metrópole, questionar a “zona sul” enquanto um *lugar* associado ao progresso e sucesso e finalmente esclarecer como me tornar pesquisadora deste espaço o qual habitei por dois anos.

O segundo capítulo, recebe o nome “No vestíbulo” corresponde à entrada e localização do leitor no prédio. Com descrição do espaço, das quitinetes, e dos moradores. Conforme mencionado acima, a estrutura dos capítulos é uma proposta, cujo intuito é trabalhar e debater diversos fragmentos presentes neste condomínio. Portanto, o primeiro andar é o local em que se apresentará também as primeiras leituras possíveis sobre o Edifício Solymar, e sua ressignificação de certos significados entre rua e casa, privado e público. Como pode-se notar no trecho abaixo retirado do diário de campo:

*Certo dia voltando para casa vi uma estrutura montada com uma grande TV, fiações, mesas e uma churrasqueira, todos dispostos na calçada. O tema verde e amarelo tomava conta de quase tudo, e diversos vendedores dispunham de arquinhos, bandeirinhas, bottons e uma infinidade de elementos. Parados alguns de pé, outros sentados em banquetas assistiam aos jogos, e faziam churrasco. Olhei à minha volta, e alguns rostos provavelmente eram apenas de transeuntes, mas em sua grande maioria eram de moradores do prédio. Uma senhora, ao me ver observando tudo aquilo, veio ao meu encontro com um banquinho na mão dizendo “vem, quer assistir um pouco? Senta aqui, fica à vontade, não repara a bagunça” frase comum de ser ouvida quando somos recebidos normalmente na casa de alguém. (Diário de campo, autora, 2018)*

O terceiro capítulo aqui intitulado - Moradores: As histórias de dentro do prédio, reúne as entrevistas realizadas com os moradores, ex-moradores, e principalmente quais caminhos foram sendo adotados para concluir a pesquisa em meio a um momento conturbado, qual foi o da pandemia de covid. A proposta deste capítulo é demonstrar como os personagens que compõem esse “estilo de morar” de vinte metros quadrados, se relacionam ou se relacionam com o espaço, suas histórias e trajetórias.

O quarto capítulo trata a partir dos comentários sobre o edifício localizados em recortes de jornais, encontrados através da Hemeroteca Digital, a construção social da narrativa sobre o que é o prédio, sendo, portanto, o jornal um primeiro espaço onde colocamos o prédio para refletir aspectos que são presentes da sociedade, e se iluminam nos recortes, como questões sobre perigo, sexualidade, classe e outros. Os dados mais atuais foram coletados a partir dos grupos de redes sociais, como o *Facebook*, alicerçado por entrevistas, com intuito de trazer

diferentes olhares para o edifício e seu cotidiano, principalmente sobre os moradores que ali vivem.<sup>14</sup>

Por fim a conclusão, “Saída: inevitabilidades do fim”, tratará sobre o afastamento desta pesquisadora do seu ambiente de pesquisa e moradia, tem-se por objetivo aqui explorar a relação entre a morte de um vizinho e o desfecho da inserção traçada em campo. Tal qual uma despedida, convidamos o leitor a atravessar. É fato que todos os que entraram pela porta do prédio, inevitavelmente em dado momento terão que sair, contudo, há de se perceber que nem todos entram e saem do mesmo modo, alguns podem ser barrados na entrada e questionados pelos porteiros e outros não. Alguns podem ter seus corpos retirados pelo Instituto Médico Legal, após uma morte silenciosa e solitária ter ocorrido e outros não.

Enquanto antropólogos somos levados a mergulhar no universo pesquisado e ali naquele espaço nos damos conta de vários outros universos que poderiam ser contemplados. Em dado momento damos conta da necessidade da “saída” entendendo que como todos os processos da vida, que incluem a morte, existe a inevitabilidade do afastamento, para poder compreender questões que de perto pareciam triviais.

Por fim, pretende-se nesta tese, a partir da construção dos capítulos, fomentar a discussão sobre o cenário da antropologia urbana, seus eixos de análise, conceitos e principais abordagens.

---

<sup>14</sup>As percepções do cotidiano são subtraídas nesta tese a partir de comentários retirados da internet e das entrevistas realizadas.

## 2- O Bairro de Botafogo.

Figura 3- A orla de Botafogo.



**Botafogo Bay (Baía de Botafogo) - Botafogo Bay, Suburbs of Rio de Janeiro- 1852. William Gore Ouseley<sup>15</sup>**

A cidade do Rio de Janeiro é, como muitas cidades brasileiras, uma consequência das políticas de transição do império para a democracia. Caminhar pela cidade é se reconectar a um passado não tão distante onde algumas regiões tinham como principal função o comércio e em outras a moradia. De fato, é sabido que a zona comercial das cidades indica a maneira como se dará sua expansão, não diferente é o que ocorre na cidade do Rio de Janeiro, que teve seu “centro” geograficamente modificado no decorrer dos anos. Aqui se insere a importância na compreensão do bairro de Botafogo, posto seu importante papel durante a urbanização da cidade como área de ligação entre o centro e os novos bairros que iam surgindo na Zona Sul.

A história do bairro de Botafogo, antiga freguesia de São João Batista da

<sup>15</sup> William Gore Ouseley foi um diplomata e pintor inglês que nasceu em 1797 em Londres, Inglaterra e faleceu em 1866. Chegou no Rio de Janeiro com vinte e seis anos onde assumiu entre os anos de 1833-1834 o cargo de Secretário da Legação Britânica e mais tarde (1838-1841) encarregado de negócios. Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/William%20Gore%20Ouseley/>

Lagoa<sup>16</sup>, traz consigo aspectos que falam sobre a própria história da cidade, que inicialmente caracterizava-se como espaço para as primeiras lavouras e engenhos de açúcar. Ainda que não fosse o bairro mais próspero no século dezesseis, na cultura açucareira, teve importante papel no escoamento devido aos rios Berquó e Banana Podre (que ainda correm canalizados pelo bairro) tornou-se em meados do século vinte um importante polo de serviços, momento em que escolas, clínicas médicas, bares, e comércio de modo geral se instala principalmente na diversidade de atividades terciárias (Mesquita, 2010)

A ocupação do bairro foi se transformando bem como ia se transformando a própria futura capital do reinado. Com a abolição escravocrata, a “implementação” de mão de obra estrangeira e as migrações internas, se inicia na cidade um novo modelo de urbanização, a paisagem que antes era tomada por grandes casarões começa gradualmente a dar lugar para cortiços e mais tarde edifícios, muito embora este não tenha se dado de modo planejado, é possível observar que os bairros iam se formando, delimitando e se modificando, principalmente em prol das atividades laborais que inferem diretamente na vida dos moradores.

A geografia da cidade é um marco importante a ser considerado, Copacabana, Botafogo e Leblon experimentaram no final do século dezoito e início do século dezenove uma mudança em seu perfil de moradores, principalmente impulsionado pela indústria e implementação do bonde (meio de transporte comum à época) conforme aponta Sérgio Roberto Lordello Santos em sua tese intitulada “Expansão Urbana e estruturação do Rio de Janeiro- O caso de Botafogo” (1981). Sua pesquisa teve como principal foco analisar a evolução do bairro de Botafogo bem como discutir a partir deste a evolução e urbanização da cidade, para tal o autor inicia seu recorte histórico no século dezessete, momento em que o adensamento da cidade tem início, e caminha em sua tese até meados do século vinte. Entretanto, pode-se dizer que o autor aponta como início de “consolidação” na expansão urbana para a área de Botafogo no século dezoito, conhecido agora como freguesia de São João Batista da Lagoa. Segundo o autor:

Na primeira metade do século XIX, entre 1830 e 1840, o “subúrbio” de Botafogo, assim chamado por Ouseley, integra-se ao espaço urbano como um arrabalde

---

<sup>16</sup> A freguesia de São João Batista compreendia o que atualmente é: bairro da Gávea, Jardim Botânico, Lagoa Botafogo, Ipanema, Leblon e Copacabana (Santos, 1981, pp. 17)

periférico aprazível onde membros da classe abastada possuem residências, como registram cronistas da época. (Santos, 1981, pp. 18)

Deste modo, a região sul da cidade, em especial Leblon, Ipanema, Copacabana, Flamengo e Botafogo, espaços que compunham a freguesia de São João Batista e eram no início do século dezenove as regiões em que se encontravam as famílias mais abastadas, se tornam, em especial, Botafogo, no século vinte, um bairro da classe média, que mantém requintes de prestígio.

Neste capítulo abordaremos brevemente sobre este bairro, com intuito de alicerçar o debate sobre o edifício Solymar. Abordaremos as principais modificações ocorridas em Botafogo, em especial sobre o momento em que a verticalização se torna uma realidade visível e incontornável e neste sentido cria um “modo” de morar bastante particular, com códigos e estratégias bastantes demarcadas – o morador da quitinete/ conjugado, que será debatido no capítulo três, onde analisaremos as histórias de vida de alguns moradores.

Por se tratar de um prédio que embora localizado na “zona sul” é lido como um espaço desviante, de pouca moralidade, quase que invisibilizado dentro deste conceito do morar associado ao prestígio da zona sul, questionamos tal construção, pensando nos termos de construção do lugar (Bourdieu) e dos espaços de Utopia de Lefebvre.

## 2.1 O bairro de Botafogo

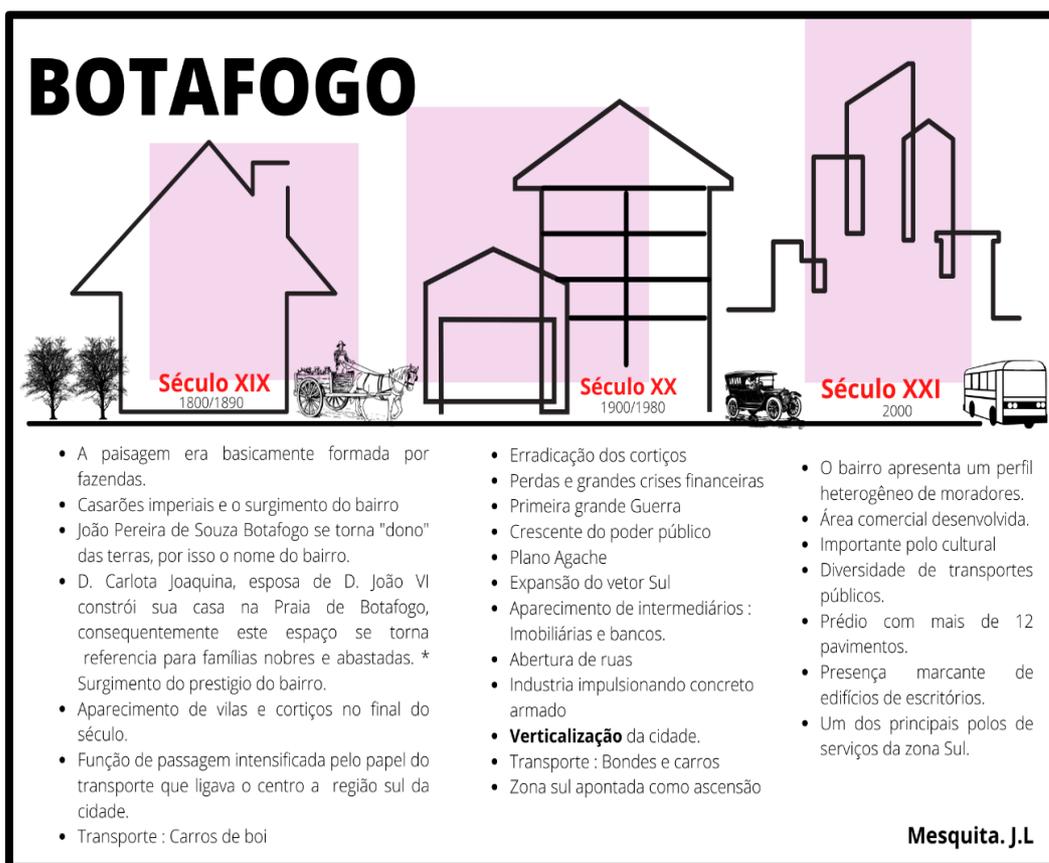
O bairro de Botafogo veio ao longo dos anos sofrendo modificações principalmente nos quesitos de moradia e perfil social. Este que hoje conta com duzentos e dezenove logradouros, população média de 82,890 habitantes (segundo Censo realizado pelo IBGE,2010) dezessete praças, rico em áreas arborizadas, mais de quarenta agências bancárias, dez escolas públicas e aproximadamente 130 colégios e cursos, seis faculdades, 48 supermercados, metrô e uma diversidade de transporte que liga o bairro a quase todas as áreas da cidade, foi até meados do século dezesseis, apenas uma “grande alagadiço” (Santos,1981)

A história deste bairro se confunde com a da própria cidade, batizado em 1560, seu nome é uma homenagem a João Pereira de Souza, conhecido por “Botafogo “este, prestou importantes serviços quando foi chefe da artilharia,

principalmente quando batalhou no famoso galeão português que levava seu nome.” Até início do século dezenove Botafogo que pertencia à freguesia rural de São João Batista da Lagoa (Santos, 1981) era basicamente formado por fazendas e não representava um papel muito expressivo, entretanto já naquele momento era tida como uma região de passagem, expressão esta que acompanha o bairro até dias atuais, bem como residência de famílias nobres e abastadas. Há de se considerar que com a chegada da Coroa Portuguesa, esta região da cidade ganhou um status de destaque, principalmente após D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI, construir sua casa na Praia de Botafogo, como aponta Cardoso “Se a vinda da Corte para o Rio trouxe uma série de transformações para a cidade, a instalação de um de seus membros em Botafogo contribuiu, sem dúvida, para uma nova caracterização da área”. (Cardoso et al, 1983.p 40)

Corroborando Sérgio Santos (1981) em sua tese “Expansão urbana de Bairros do Rio de Janeiro - O caso de Botafogo”. Pode-se dizer que o bairro se transformou em pelo menos três grandes momentos. O primeiro, que ocorre no início na primeira metade do século dezenove, momento em que mudava suas características de uma paisagem rural para uma mais urbana; O segundo, já em meados do século vinte, em que o concreto armado e o peso da indústria, modifica a paisagem urbana e o terceiro apontado pelo autor (que escreve em 1980) no final do século vinte quando questões mais globais se interseccionam e modificam através da economia, política e tantos outros aspectos a cidade e transformam o bairro em um importante polo comercial.

Figura 4- Modificações na paisagem de Botafogo.



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

A ilustração acima nos ajuda a perceber as principais modificações do Bairro de Botafogo, no que tange seu perfil urbanístico, social e econômico. Segundo Cardoso *et al* (1983) a primeira metade do século dezanove, meados de 1850, principalmente impulsionados pelo comércio, começam a surgir neste espaço da cidade a abertura de ruas, fato este que era de interesse para os proprietários das chácaras. Um ponto que intercorre a expansão residencial é o crucial papel do "omnibus", é interessante perceber o papel do transporte coletivo no dado momento histórico e em como ainda hoje, ou seja, século vinte e um, este é um facilitador nas escolhas de moradia.

Cabe também evidenciar o papel “mediador” que iniciativas imobiliárias e bancárias tiveram em meados do século dezanove. Tais iniciativas são um marco na maneira como o solo vinha sendo explorado e principalmente comercializado, algo que antes era feito pelo dono/ proprietário das pequenas glebas agora (1870) começa timidamente a ser comercializado por empreendedores imobiliários.

Santos (1981) demonstra que um dos principais saltos no que toca a diversificação funcional do bairro ocorreu no período de 1871 a 1880, momento em que o comércio se tornou mais comum na região. O bairro que antes era mais frequente enquanto residencial começa a experimentar uma modificação e vai pouco a pouco se tornando um importante via comercial e de serviços, que reflete mais tarde no perfil dos moradores, resultando principalmente devido ao “surto de crescimento populacional” (Santos, 1981. pp. 98)

O que se passa no século XIX no bairro de Botafogo, mais especificamente na segunda metade, é a mudança de uma área de ocupação residencial rarefeita e periférica de elite para uma área ocupada por diversos setores das camadas médias e com uma diversificação funcional crescente, a partir dos principais eixos de penetração do bairro, originados dos caminhos tradicionais de ligação da área com suas cercanias imediatas. (Santos, 1981. pp 99/100)

Muito embora os bairros estivessem sofrendo modificações, e, fosse visível os saltos urbanísticos, a cidade carioca em 1906 “é ainda basicamente horizontal”, porém muda drasticamente em meados de 1930, quando já é possível observar em Copacabana prédios com dois e três pavimentos. Segundo Santos (1981), “as edificações que atingiam até dois pavimentos somavam 98,7% do total dos prédios do Distrito Municipal de Lagoa- Botafogo – em 1906” (Santos, 1981, pp. 142).

Conforme imagem 2, o início do século vinte é marcado pela tentativa ou erradicação dos cortiços que impulsionou significativamente o mercado imobiliário na mercantilização do solo, dado que, nestes espaços onde estavam os cortiços emergiram prédios comerciais e residenciais. O ônibus impulsiona a malha urbana até as residências que agora estão sendo “retiradas” do centro, no entanto, no processo de modernizar a cidade a busca pelo avanço direcionado pelo ímpeto capitalista deixou de lado o fator humano, segundo Vaz (1994), neste processo em meados de 1880 o subúrbio “se torna uma nova opção de moradia popular” e segundo a autora um dos grandes motivadores para que o fenômeno das favelas acontecesse foi o decreto nº 391 de 10 de fevereiro de 1903.

Expulsos do centro e impedidos de se assentar até nos locais mais distantes e mais econômicos, os pobres encontraram outra opção na ocupação de morros vazios nas proximidades do centro. A autoconstrução com materiais precários sobre terrenos de propriedade incerta se difundiu rapidamente e a favela começou a se fazer notar na paisagem da cidade. (Vaz, 1994, pp. 588)

As modificações ocorridas no que diz respeito às habitações populares foi o tema de pesquisa de Lilian Fessler Vaz (1994) a autora investigou as formas de

habitação no século dezenove da cidade do Rio de Janeiro, em especial os cortiços, mostrando como tal designação foi sendo com o decorrer do tempo alterada. Segundo a arquiteta, em resposta a implementação de mão de obra assalariada observam-se grandes fluxos de trabalhadores se dirigindo para o Rio de Janeiro, a cidade que não estava preparada urbanamente falando, já que sua feição até pouco tempo era de uma cidade comercial que agora tem aspectos de uma “moderna metrópole capitalista” (Vaz, Fessler. 1994, pp.582) passa a sofrer com crises habitacionais. A população que chegava na cidade buscando meios de sobrevivência, precisamente de empregos, se concentrava no centro onde segundo Vaz “multiplicaram as moradias possíveis para esta população: as habitações coletivas” (Vaz, Fessler.1994- pp. 582).

Ainda segundo a referida autora, chama atenção para a relação que se estabeleceu entre as habitações coletivas e a insalubridade da cidade. Lembrando que neste período, ou seja, início do século vinte eram comuns epidemias virais e bacterianas como varíola, febre-amarela, cólera e tuberculose, sendo a última principalmente transmitida pela água, em uma cidade que pouco tinha saneamento básico. Com uma política dita sanitária, os cortiços, realidade de moradia acessível na época, torna-se o foco dos rumores sobre espaços sujos, facilitadores e propagadores de doenças, até que após anos sofrendo massivas incutidas do estado. Os cortiços se tornam proibidos, segundo médicos e sanitaristas este tipo de habitação não era higiênica e foi principalmente por tais discursos que o maior cortiço que existia próximo ao porto, onde existiam diversos sobrados com quartos subdivididos, foi demolido no ano de 1927. O local tinha um pórtico com a cabeça de um suíno, e ganhou a alcunha de cabeça de porco. O termo virou uma referência para espaços insalubres, com um “amontoado” de pessoas. Segundo Vaz:

Através deste discurso, o termo cortiço se generalizou e foi definido pelo seu conteúdo negativo. O cabeça de porco, um dos maiores cortiços do Rio antigo arrasado em circunstâncias espetaculares pelo poder público, foi consagrado como símbolo das habitações coletivas insalubres do século XIX (Vaz, 1986- apud Vaz 1994- pp. 584)

O que chama atenção é que o termo cabeça de porco decorre de um dos maiores cortiços consagrados como símbolo das habitações coletivas insalubres do século dezenove (Vaz, 1986- apud Vaz 1994- pp.584) ele se consagra devido a seu conteúdo negativo. Algo que conforme veremos no capítulo quatro ocorre

também no edifício Rajah. Contudo “cabeça de porco”, foi um “bairro” que provavelmente teve seu início por volta de 1880 localizado na região portuária, de aproximadamente quatro mil moradores, segundo relatos ao passo que o edifício Rajah surge quase meio século mais tarde, de todo modo carregando um estigma referente ao espaço de moradia.

A verticalização da cidade deu seus primeiros sinais em 1928, momento em que se viu em um processo acelerado de busca por princípios de modernização. Júlio Ramires (2001) chama atenção para a verticalização com finalidade de uso residencial no Brasil, segundo o geógrafo, “Ao longo do tempo, o processo de verticalização atingiu um ritmo e magnitude que colocaram o Brasil numa posição de destaque no cenário internacional” os grandes arranha-céus que iam sendo erguidos como o Edifício A Noite, localizado na praça Mauá, região portuária do Rio de Janeiro com 22 andares, inaugurado em 1927 e o Edifício Martinelli, localizado na região central da cidade de São Paulo, inaugurado no ano de 1929, superando em altura o edifício do Rio de Janeiro (Ramires,2001).

Figura 5 Edifício - A noite- com 102 metros de altura.



Fonte: Portal G 1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/joseph-gire-o-arquiteto-frances-que-mudou-paisagem-urbana-do-rio.html>>. Acesso em: 20/08/2020

Os edifícios de apartamentos eram destinados a uma nova classe média<sup>17</sup>, “como símbolo de bom gosto, do luxo, da distinção e do moderno” como aponta Vaz, indo em uma contramão do que ocorria fora do Brasil a verticalização não ocorreu em um primeiro momento para solucionar uma questão de habitação, inegável o protagonismo do plano Agache (1928-1930) que muito embora não tenha alcançado êxito, deixou suas marcas no planejamento da cidade. Segundo Vaz 1994:

A busca de melhor aproveitamento do terreno fez aumentar a altura das construções e o número de unidades habitacionais: surgiram sobrados de três ou quatro pavimentos e formas intermediárias entre as vilas e os edifícios apartamentos, as {casas coletivas de apartamentos}, edificadas conforme padrões tradicionais. No entanto, impunha-se ir além, produzir mais moradias, dar maior aproveitamento aos lotes; tornava-se imperativo verticalizar. (Vaz, 1994. pp. 593)

A produção inicial de edifícios de apartamentos não se deveu apenas a conjuntura do mercado imobiliário, mas também porque os primeiros prédios se transformam em símbolos de uma forma superior de morar, criando uma demanda por apartamento que, na verdade, era uma demanda por marcos de ascensão social (Vaz, 1994, p.179)

Os apartamentos que surgiram no início dos anos vinte nas capitais paulista e carioca, ocupam áreas privilegiadas da cidade, e seus residentes eram em linhas gerais composta por uma elite que não apenas buscava a “modernidade” propostas pelo estilo *Le courbesiano* das estruturas, mas também pela prática.

Em “Botafogo” entre 1933 e 1937, ou seja, em um segundo momento do século vinte, os edifícios de apartamentos (Vaz) crescem por toda parte. A década de quarenta por sua vez terá como principal marca o aumento das favelas no Estado do Rio de Janeiro de acordo com Abreu (1984) o censo de 1948 revelou um total de 105 favelas existem com um perfil de jovens e migrantes. Algo significativo quanto a tais moradias é a localização destas, 44% concentrava-se na área suburbana, seguida da zona sul com 24% e da zona central, Tijuca 22 a 30%, ainda referente a localização, 77% dos pesquisados colocaram como importante a proximidade com o local de trabalho. Dirá ainda o autor que o período de 1930 a 1950 se constitui como expansão física da metrópole e expansão em direção ao sul (zona sul). Ainda neste período, surge uma nova iniciativa do estado, desta vez

---

<sup>17</sup> O edifício A Noite a título de exemplo além de ter sido durante muitos anos consulado, ter abrigado repartições do governo teve um famoso inquilino chamado Oscar Niemeyer. (Fonte <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-53867099>)

voltado para a erradicação das favelas. O decreto n. 6000 (1937)<sup>18</sup> que dizia buscar a higienização e modernização da cidade tornando os cortiços, bem como habitações consideradas insalubres ilegais. Foi fruto da gestão de Olímpio de Melo, interventor que assumiu brevemente o poder após a queda de Pedro Ernesto (Pedro Silva, 2020) e pode ser considerado o primeiro documento oficial que reconhece a existência de favelas na cidade do Rio de Janeiro, mas que por influência de noções sanitaristas e eugênicas, previa sua extinção. Como segue abaixo:

Art. 349.º — A formação de favelas, isto é, de conglomerados de dois ou mais casebres regularmente dispostos ou em desordem, construídos com materiais improvisados e em desacordo com as disposições deste Decreto, não será absolutamente permitida.

§ 1.º — Nas favelas existentes é absolutamente proibido levantar e construir novos casebres, executar qualquer obra nos que existem ou fazer qualquer construção.

§ 2.º — A Prefeitura providenciará por intermédio das Delegacias Fiscais, da Diretoria de Engenharia e por todos os meios ao seu alcance para impedir a formação de novas favelas ou para ampliação e a execução de qualquer obra nas existentes, mandando proceder sumariamente demolição dos novos casebres, daqueles em que for realizada qualquer obra e de qualquer construção que seja feita nas favelas (Rio de Janeiro, 1937, p. 3-270).

O decreto ia de encontro aos interesses da construção civil ao permitir o aumento dos gabaritos de edifícios nas áreas mais valorizadas da cidade e ao restringir o uso para fins industriais, como foi o caso do Bairro de Laranjeiras, Jardim Botânico e Gávea, que possuíam até o início dos anos 1930, tradição fabril, sendo este último inclusive um bairro de operários nos anos 1920. Com a implementação deste decreto no bairro de Botafogo o que se observa é a “necessidade do aproveitamento horizontal de lote” em especial nas ruas São Clemente, Voluntários da Pátria, Bambina e Botafogo, sendo neste último registrado em 1935 com um prédio de dez pavimentos.

Botafogo, a partir dos anos quarenta apresenta uma diversidade de serviços ofertados aos moradores, bem como escolas (Colégio da Imaculada Conceição; Colégio Santo Inácio) hospitais, que eram anteriormente localizados no centro e uma concentração de atividades terciárias como é o caso das oficinas de carros,

---

<sup>18</sup> Influenciado diretamente pelo plano Agache, tal decreto, denominado como “Código de Obras do Distrito Federal” durante a gestão de Henrique de Toledo Dodsworth (1937-1945), empresário dono de uma ampla rede de negócios ligados à construção civil (Rezende, 2014). O código de obras proíbe a construção de novas vilas, criando uma forma de morar e também de morador “o morador dos edifícios de apartamentos”.

ainda hoje presentes próximo ao cemitério São João Batista, tem nos anos trinta e quarenta uma modificação em sua paisagem como podemos observar abaixo;

O que se pode então concluir é que nos primeiros trinta anos do século atual, Botafogo tem a configuração mista que igualmente caracteriza outras áreas residenciais dos setores médios da população, como ele, de expansão e consolidação mais antigas (Andaraí, Tijuca, São Cristóvão, etc.). O bairro é eminentemente residencial e predominantemente horizontal até o fim do período tratado, quando começam a surgir as primeiras e incipientes edificações de mais de três pavimentos, registrando-se, ainda, em 1933, apenas uma edificação com mais de seis pavimentos. A intensificação de sua ocupação até aí havia se dado principalmente de forma horizontal, através da proliferação das vilas, permanecendo muitas pensões e casas de cômodos como forma típica de ocupação da população pobre, algumas vezes ocupando velas mansões em obsolescência. (Lordello, 1989. Pp 150)

Segundo um fluxo de crescimento, resultado da década anterior, os anos de 1950 são marcados pelo grande crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro, impulsionado principalmente pelo fluxo migratório, estima-se que a população tenha dobrado de tamanho, neste período de vinte anos. Abreu (1984) aponta a indústria como grande fator que contribuiu para o crescimento demográfico, segundo o geógrafo a partir da década de 1940 a oferta de emprego no ramo industrial passou a atrair bastante mão de obra, corrobora com o autor o cientista político Bielschowsky (2018), segundo este, as décadas 1930, 1940, 1950 e 1960 são o período básico de implementação do sistema industrial brasileiro. Sobre a interferência da urbanização e principalmente nos meios de lazer e serviços, Carlos Eduardo Braga Mesquita (2010) escreve em sua dissertação “A dinâmica dos espaços de cultura e lazer em Botafogo” que o processo de globalização presente na mudança da cidade promoveu importantes transformações que puderam ser percebidos na malha urbana. Conforme o referido autor o aumento exponencial de serviços em especial de atividades terciárias, tornam o bairro mais atraente posto as possibilidades de emprego e devido a tais transformações seria, portanto, possível observar uma contribuição advinda do comércio (entendido aqui como locais de oferta de trabalho) para o surgimento de espaços de cultura e lazer. Corroborando deste modo para a compreensão da centralidade da função de mercado na urbanização de um bairro/cidade.

Centro e especialmente regiões afastadas (subúrbios) crescem expressivamente quanto ao número de residentes. Santos (1981) ressalta que entre 1940 e 1960 a população da cidade do Rio de Janeiro praticamente dobra,

Copacabana a título de exemplo no ano de 1950 cresce em taxas de incremento demográfico de 86%. Frente a um aumento significativo da população, algo que ocorreria ainda de forma tímida ganha respaldo do Estado. Conforme mencionado anteriormente, os primeiros edifícios de apartamentos eram destinados à elite. Entretanto, é válido ressaltar que a partir da década de 1940 grandes conjuntos habitacionais direcionados a classe média começam a surgir, em especial na era Vargas.

É importante observarmos que neste período (1950) a expansão física da cidade trouxe consigo dois importantes pontos que se refletem ainda hoje, sendo eles a falta de provisão de infraestrutura básica e planejamento de expansão, que quando condicionados a evasão da indústria resultam em um processo que tende a afastar cada vez mais o morador do centro comercial. Tem-se como resultado uma cidade que cresce delimitando regiões e tornando-se neste sentido partida (Ventura,1994), com pedaços (Magnani,2003) que delimitam ascensão, lazer, entre outros. Abaixo podemos observar a partir da imagem a modificação urbanística na praia de Botafogo, anteriormente composta por casarões, agora verticalizada, dando espaço para o “sonho da casa própria na zona sul”

Figura 6. Praia de Botafogo.



Fonte. Marta Szpacenkopf, 2015<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Imagem de Marta Szpacenkopf, 2015. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=26476&sid=13#.Y1gUtHbMKUk>>. Acesso em: 15/10/2021

A verticalização da zona sul carioca é uma resposta à crescente ocupação do solo versus disponibilidade de moradia, como observado em São Paulo, onde surge um dos primeiros edifícios exclusivamente de quitinetes. Segundo a arquiteta Joana Silva (2010) existe na década de 1940 na cidade de São Paulo uma iniciativa arquitetônica que se estende durante toda a década de 1950, sob influência dos projetos que já vinham se estabelecendo na Europa e também nos Estados Unidos a tipologia das quitinetes começam a surgir como uma proposta para além da questão do aproveitamento do solo, uma resposta a mudança que a própria sociedade vinha passando. Em suas palavras:

O apartamento quitinete começou a ser elaborado nos Estados Unidos a partir da adaptação dos hotéis à função residencial em um momento que algumas cidades, como Nova York e Chicago, passavam por um intenso processo de metropolização e verticalização, também concentrado nas áreas centrais. Aos arquitetos modernos europeus do início do século XX, a transposição também parecia adequada aos problemas criados pelo crescimento urbano acelerado, e lhes interessava por dois motivos principais. De um lado, pela oferta de serviços complementares à habitação como lavanderias, restaurantes, áreas de convívio e lazer, de outro pela miniaturização dos espaços domésticos, em especial da cozinha que, quando não simplesmente desapareceu, foi reduzida a um equipamento que concentrava fogão, geladeira, pia e armário chamado “kitchenette”, a origem da tipologia (Silva, Joana. 2013. Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep, pp. 143)

O arquiteto Adolf Franz Heep bem como sua produção foi tema da dissertação e mais tarde tese de Marcello Consigo Barbosa (2002)<sup>20</sup>. O arquiteto, segundo Barbosa, teve uma forte presença na produção dos apartamentos quitinetes que começam a surgir na capital paulista, dado que tal proposta de apartamento já havia sido trabalhada por Heep em Paris e Frankfurt. Vale ressaltar que o arquiteto considerava a implementação de espaços que se comunicassem, fossem ventilados, iluminados, e seguissem de certo modo um “*tom*” courbesiano. Em suas palavras:

A atuação de Heep, com sua experiência adquirida na sociedade com Jean Ginsberg, em Paris, onde o método de trabalho, o profissionalismo, o gosto pelo

---

<sup>20</sup> A dissertação de mestrado de Barbosa trata detalhadamente as principais propostas arquitetônicas produzidas por Heep no Brasil, sua tese aprofunda o tema e o relaciona com o desenvolvimento que ocorria na cidade de São Paulo no pós-guerra, que influenciou massivamente nas migrações, dentre elas a do próprio alemão que chega no Brasil em 1945 e segundo Barbosa é figura importante na construção de edifícios, que congregam não apenas a proposta da quitinete mas também ambientes em que se pode encontrar um estilo “Le courbesiano”, ou seja, que integre as necessidades básicas para além de moradia, mas também a circulação dentro dos espaços. Ainda de acordo com Barbosa, a proposta arquitetônica de Heep era extremamente detalhada, desde os canteiros de obra até a disposição interna dos cômodos, que garantiam iluminação e ventilação, porém no momento em que as decisões de projeto mudam da mão do arquiteto para a incorporadora, dirá o autor, Heep deixa de atuar para o mercado.

detalhe e a preocupação com o rigor tecnológico no canteiro de obras formaram a base de sua produção no Brasil, foi fundamental para o sucesso dos empreendimentos das construtoras com que Heep trabalhou. Entre elas a construtora Otto Meinberg, Construtora Dácio A de Moraes, Construtora Auxiliar, CNI e outras, que incorporaram prédios, na área central da cidade, com apartamentos de um único cômodo e quitinetes destinados a pessoas solteiras ou jovens casais. As edificações começaram a ser projetadas em 1953, sendo que somente neste ano Heep desenvolveu cinco projetos de apartamentos quitinetes: os edifícios Marajó, Maracanã, Arapua, Icarai e Normandie. (Barbosa, Marcelo Consiglio. A obra de Adolf Franz Heep no Brasil. 2002, pp. 63)

Joana Silva (2013) chama atenção ainda para uma conjuntura de fatores como a Segunda Guerra Mundial que implicou no Brasil, dentro do setor de mercado imobiliário, uma reestruturação tanto na legislação (Araújo, 2019) quanto nos circuitos financeiros que se faziam presentes. Vale ressaltar que a Lei do Inquilinato, citado acima neste capítulo, foi instaurado em 1942. Adicionado a nova abertura de créditos, tem-se na classe média uma alternativa de moradia. “Daí a preponderância entre os investimentos dos anos 1940 em diante dos apartamentos quitinetes, espaços multifuncionais com áreas que variavam de 25 a 40m<sup>2</sup>” (Joana Silva, 2013. pp.149). A autora dirá ainda em sua obra que esses espaços eram destinados para além dos jovens casais, migrantes recém-chegados em São Paulo, pertencentes a classe média da época, que em sua grande maioria estavam em começo de carreira. Algo que é bastante abordado por Velho (1981) sobre o edifício Estrela e a forte presença do que o autor denomina “colarinhos brancos”, ou seja, de bancários, funcionários do comércio e indústria.

É interessante ressaltar o caráter modernizador da cidade a partir deste estilo de moradia, uma vez que, como reafirma a arquiteta (Joana Silva,2013), os projetos de quitinetes refletem um momento em que a metrópole passa a eliminar espaços antes pensados dentro da casa/ apartamentos tais como salas de visita, salas de jogos e afins, e é a própria cidade ou espaço urbano que passa a oferecer espaços de lazer, serviço e consumo, em outras palavras, a quitinete representa um momento em que as sociabilidades estão ocorrendo no espaço público, fora de casa. (Joana Silva, 2013 pp. 149). Ocorre que como bem salientou Heep, e corroborou Joana Silva, nem todos os prédios de quitinetes, conseguiam agregar as funcionalidades de um espaço que estava sendo entendido como uma miniatura dos apartamentos, e cada vez mais o aproveitamento do solo urbano se mostrava presente na construção de outros edifícios quitinetes, muito deles se tornando

conhecidos não devido a sua fachada ou imponência na arquitetura, mas sim por serem entendidos como prédios de má fama.

O Edifício São Vito, construído em 1950 e demolido em 2011 e popularmente conhecido por treme-treme (Siqueira 2018, Caminha 2013) terá como característica algo muito próprio do prédio analisado nesta pesquisa, o Solymar (antigo Rajah) que tem sua fama atrelada a imoralidade e pouco prestígio, bem como o Edifício Richard popularmente conhecido como 200, o Edifício Estrela, foco de estudo do antropólogo Gilberto Velho e o Edifício Master, retratado no documentário de Eduardo Coutinho. Ambos os edifícios, construídos em meados de 1950, são resultados de uma brecha encontrada na lei para a construção de quitinetes e conjugados, aproveitando desta forma o máximo do solo e criando um estilo próprio de moradia, retratado mais tarde em páginas de jornais, ponto que será abordado no capítulo 4 desta tese.

A construção de má fama destes edifícios, popularmente conhecidos como favelas verticais, estampava recortes de jornais corroborando deste modo para um “ideal” sobre o morador daquele espaço. De modo geral, os prédios datam dos anos cinquenta, e, ocupam áreas de alto interesse mobiliário, seja devido a sua localização próximo ao mar e/ou próximo a áreas comerciais.

O edifício São Vito, construído em 1954, ficava localizado na região central da cidade de São Paulo, baixada do Glicério, com vinte e sete andares e vinte e quatro apartamentos por andar, tinha como principal proposta “solucionar os problemas de moradia popular” a população girava em torno de três mil moradores distribuídos nas 600 quitinetes, porém ocupava um espaço tido como cartão postal da cidade. O conhecido “treme-treme” ganhou a alcunha de “favela vertical” (Miagusko. E 2004) bem como o edifício Estrela, que teve suas obras iniciadas em 1954 e habite-se quatro anos mais tarde, o edifício está localizado entre os postos 4 e 5 de Copacabana, diferente do São Vito, o Estrela tem dezessete andares a menos, com dezesseis apartamentos por andar e uma cobertura. Velho em sua tese descreve os corredores deste prédio como extensos e estreitos. O edifício Estrela assim como o Rajah atual Solymar é administrado por uma companhia de administração predial e difere-se no sentido de que no Solymar a administradora está localizada dentro do próprio prédio.

Quanto à localização geográfica vale ressaltar que o edifício Richard, conhecido pela alcunha de “Barata Ribeiro 200” está localizado em uma das

primeiras regiões urbanizadas de Copacabana, na rua Barata Ribeiro, entre as ruas General Azevedo Pimentel e Praça Cardeal Arcoverde (Velho e Maggie 2013), teve o início de suas obras em 1953, ou seja, um ano a menos que os anteriores, porém só foi habitado em 1957, possui como o Solymar doze andares, e difere-se no número de apartamentos por andar, no Richard são trinta apartamentos com vinte e cinco metros quadrados e quinze com quarenta metros quadrados, totalizando assim, 45 unidades por andar ao passo que no Solymar são doze andares mais a cobertura nos blocos A e B e onze andares no bloco C. Se contarmos todos os blocos, por andar tem-se cinquenta e oito unidades por andar e dez elevadores que dão acesso aos blocos. São quatro elevadores no bloco A, dos quais geralmente dois não estão em funcionamento. Quatro no bloco B e dois no Bloco C, conhecido por ser o mais “calmo”, pois tem poucas unidades por andar e segundo moradores é mais silencioso, pois não recebe todo o barulho do tráfego da rua. Há de se ressaltar também que neste edifício não existe garagem para os moradores, playground ou um hall de entrada em que se possa socializar. Diferente dos demais, o edifício Richard, conforme pesquisa realizada por Velho e Maggie publicado em 2013, “têm um comércio variado no térreo” e no primeiro andar é possível encontrar ao lado de apartamentos residenciais, dentistas, cabeleireiros e outros.

O que aproxima, portanto, os prédios é que estes foram construídos entre os anos cinquenta e sessenta, resultado de uma brecha encontrada na lei para a construção de quitinetes e conjugados e podem ser considerados respostas diretas dos incentivos da modernidade na malha urbana, que por um lado moderniza a cidade com aço e concreto e de outro segue excluindo, dado que as favelas inscrevem resistência na paisagem carioca.

Em linhas gerais pode-se dizer que é a partir do decreto 6000 (1937) que se criam dispositivos específicos para garantir o “adensamento da Zona Sul” (Santos,1981) que ocorreu muito por uma iniciativa da demanda capitalista de imobiliárias e construtoras que viram neste modelo de empreendimento um meio para atrair pessoas que conforme aponta a literatura, inicialmente moravam no subúrbio, ou seja, longe do centro comercial e que começam a se estabelecer nesta região da cidade, associado a isto, é importante ressaltar o papel do marketing imobiliário e das linhas de crédito que acontecem nos anos 1960 “viabilizando deste modo o seu acesso ao circuito de consumo (Ramires, 2001 pp.

49) Ou seja, ocorre uma construção de um “lugar” (Bourdieu, 2013) que representaria Ascensão e Conquista, em suas palavras o sociólogo francês dirá:

A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na ideia de “fronteira natural”). É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (na igreja, na escola, nos lugares públicos e até em casa). (BOURDIEU, Pierre, 2013, pp 160).

É interessante perceber que o proposto por Bourdieu, conforme exposto acima, se aproxima da construção dos espaços apresentados nesta tese. O sociólogo francês, em seu livro “A miséria do mundo”, analisa as hierarquias inscritas no espaço físico e social que se estende para o ambiente público e também privado. Sendo, portanto, um morador de determinado “lugar” lido a partir de uma seleção de características hierarquizantes, em outras palavras, o fenômeno de segregação se torna mais visível e se relaciona com a teoria de Zuenir sobre a cidade partida (1994), ainda que não limitada por fronteiras físicas. A título de exemplo, um morador da “zona sul” poderá ser lido como alguém mais hierarquizado enquanto em relação a um morador da “zona norte”, entretanto a depender do “lugar” onde está pessoa mora, a mesma será observada com outro olhar, vide o morador do Solymar ou do Morro Dona Marta. Trataremos disto mais adiante, mas, é importante ressaltar sobre tais pontos, pois mesmo dentro do edifício Solymar foi possível observar o que Bourdieu chama de “efeitos de lugar”. Entretanto, compreender sobre esse “lugar” que vai sendo gradualmente abordado como “local de ascensão” é perceber também sobre as mudanças que ocorrem nele.

O bairro Botafogo em 1960 ocupa o segundo lugar de maior contingente populacional. Segundo Lordello Santos (1989) a população deste bairro é de 91.882, Copacabana segue em primeiro lugar com 167.383. No ano de 1970, em Botafogo o número sobe para 101.192, ainda segundo o referido autor a composição social é majoritariamente “pelos segmentos médios de menor renda” (Santos, 1981, pp. 172) e concentra a seguinte porcentagem por faixa de metro quadrado de área construída. De zero a trinta metros quadrados 3.420 (13,1%), de

trinta e um a cinquenta metros quadrados 4.118 (15,8%) de cinquenta e um a cem metros quadrados 13.222 domicílios (50,6%). Perceba que a maioria dos prédios construídos na orla da praia de Botafogo estão nesta faixa, sendo que no edifício Rajah os apartamentos têm variações de vinte a trinta metros quadrados. De cem a duzentos metros quadrados, 4.198 domicílios (16,1%), de duzentos a trezentos metros quadrados 776 domicílios (3%), de trezentos e um a quatrocentos metros quadrados, 211 domicílios (0,8%), de quatrocentos e uma quinhentos metros quadrados, 115 domicílios (0,4%), de quinhentos e um a mil metros quadrados 67 domicílios (0,2%), de mil e um metros quadrados a dois mil metros quadrados 10 domicílios (0,0%) e acima de dois mil metros quadrados apenas dois domicílios, totalizando 26.139 mil metros quadrados construídos, ficando atrás apenas de Copacabana que no mesmo senso possuía 73.553 mil metros quadrados de área construída por domicílio. Sobre a verticalização dirá Santos (1981):

O elemento transformador mais recente localizado no bairro, sua renovação para o uso verticalizado, é outro exemplo de como uma tendência é impressa a partir da ação de interesses não direcionados. A última área equipada da Zona Sul, ainda passível de adensamento em larga escala, tem seu solo valorizado como resultante de um processo combinado de valorização/saturação do Centro e Zona Sul, quando anteriormente, retalhada em pequenos lotes de aproveitamento difícil e não compensador para a verticalização, não havia atraído os interesses imobiliários. Dessa forma, atraente a novos empreendimentos, assiste-se ao gradual adensamento de Botafogo, cujos efeitos irão combinar-se futuramente ao impacto provocado pela inauguração da estação terminal do metrô. (Lordello, 1981. pp 215)

A construção desse espaço “zona sul” vai se moldar geograficamente com as novas linhas de ônibus que ligam a região oceânica ao centro da cidade, com o metrô, com os incentivos de planejamento urbanístico e sanitário, bem como por políticas públicas de acesso à educação e lazer sendo inegável o papel da mídia, e das músicas em construir um espaço social que criasse desejo.

Figura 7. Morar na zona sul é o ideal.



Fonte. Jornal O Cruzeiro, 18/05/1968

Gilberto Velho em seu livro “A utopia urbana” abordou o desejo /aspiração de morar no bairro de Copacabana. Publicada em 1973, onde mostra a partir de um prédio de conjugados em Copacabana as diversas percepções sobre o bairro: prestígio, fama, etc. Para este autor, a utopia urbana é um apanhado de diferentes metodologias que se inter cruzam. Se por um lado o autor teve uma preocupação de fazer um levantamento quantitativo dos dados, as entrevistas realizadas com os moradores trazem uma riqueza de material que pode ser utilizada qualitativamente, como bem fez em diversos outros trabalhos vide: *Desvio e divergência*, *Indivíduo e cultura*, *Anjos e nobres* e tantos outros artigos publicados em revistas que demonstram como as questões nunca se encerram no campo, tampouco no ponto final dos trabalhos.

Com a finalidade de realizar um estudo sistemático do Bairro de Copacabana, Velho mostra em seu livro, diversos aspectos da vida cotidiana neste pedaço da grande metrópole em que se inserem os "copacabanenses" de sua época. As diferentes realidades existentes no Rio de Janeiro fatalmente extrapolam os limites do bairro de Copacabana e são visíveis em sua coexistência destoante, afinal os moradores que viviam nos conjugados pelo antropólogo

estudado, tinham certa fama: eram pessoas que, em geral, estavam em busca de um alavanque social ao “morar na zona sul” e assim alcançar certo prestígio associado a tal região da cidade. Segundo Santos:

Botafogo é, então, por sua localização privilegiada e pelo valor do seu solo a área próxima mais propícia a essa expansão. A orla da enseada é particularmente atraente dada as suas condições fundiárias (lotes de maior testada e profundidade) e sua deterioração para o uso residencial da elite (face às experiências de prédios como o “Rajah”) (Santos, 1981, pp. 180)

As experiências dizem respeito a moradores que não representam a elite, mas que de todo modo ocupam um espaço destinado para estes, como é os residentes do edifício Rajah atual Solymar.

Lefebvre escreve em meados dos anos 1960/1970 o livro “Direito à Cidade”, defendendo que um dos aspectos que mais fascinam sobre a cidade não são apenas aqueles que nela habitam, mas também o fato da cidade ser tanto reflexo quanto refletir a sociedade em si, sendo, portanto, um dependente do outro, mas principalmente, sendo um resultado do outro. O autor possui uma vasta crítica sobre as formas do capitalismo que se faz presente nas relações da cidade que se tornou, mediante as transformações sociais e históricas, um espaço massivo de produção. A cidade que resulta, portanto, dessa relação, e aqui o autor que segue uma lógica marxista, ou seja, imputa ao Estado a maneira e projeto que se faz deste espaço, dirá que a depender dos espaços na cidade poderá se perceber uma orientação de classe. O que explicaria, por exemplo, que determinados espaços tenham uma maior concentração de renda, e sejam considerados de e para elite, enquanto outros como periféricos e afastados sejam apontados para a classe trabalhadora. Dentro das cidades modernas, os espaços privados (shoppings, condomínios fechados, dentre outros, por exemplo) serão estudados pelo autor como espaços de Utopia.

Esses espaços são aqueles que estão além do mundo real, em uma realidade ideal. Eles são criados para serem o refúgio perfeito da sociedade, onde as pessoas podem escapar da pressão social e relaxar. Lefebvre argumenta que esses espaços são uma forma de controle social, posto que, as pessoas estão isoladas em seus próprios mundos ideais e não estão envolvidas na vida social real.

Segundo o teórico, o espaço urbano, como sendo o local do encontro das coisas e das pessoas, tem sua teoria a caixa preta ou ponto cego, conceito segundo

o qual a rua se apresenta de forma mais precisa. Pois é nela, na rua, que diferentes mundos e realidades se sobrepõem. Segundo Lefebvre a rua é o local da descontinuidade, da vivacidade, é nela que a “fase crítica”, pode ser facilmente percebida.

A favor da rua: a rua é o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafês, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é a desordem? (LEFEBVRE, 1999, p 27)

Ao definir a fase crítica dirá o autor “Sabe-se o que nela entra; às vezes percebe-se o que dela sai. Não se sabe bem o que nela se passa”. Em outras palavras, o que o autor quer dizer é que, as cidades são elementos físicos visíveis, prédios, casas, ruas e comércio. Sabe-se o que entra para tornar esses elementos físicos factíveis, a título de exemplo uma, para construir uma residência, tijolos, alvenaria, cimento, ferro, conhecesse os procedimentos, normas, técnicas de edificação. Entretanto, bem como a caixa preta dos aviões, a cidade tem em si uma parcela que a areia, o cimento e toda a técnica não conseguem explicar. Se retomarmos o pensamento de Robert Park, perceberemos aqui um elemento mais esclarecedor.

Em seu texto “A cidade”<sup>21</sup> Park (2018) pontua que a cidade e o ambiente urbano representam o homem, entretanto como em um jogo de dualismos, o indivíduo na tarefa de fazer a cidade se refaz, e é justamente neste refazer que as relações sociais, podem tomar diferentes caminhos. Esse espaço que vai crescendo e estabelecendo relações sob as quais não se pode controlar (talvez em certa medida apenas mediar, por contratos sociais) será por Lefebvre denominada por zona crítica. O autor entende o espaço urbano como um produto resultado da crise da acumulação do capital, que se manifestou sob a forma de urbanização em massa, enquanto o urbano é o espaço da acumulação do capital. Assim sendo, o autor aponta para um espaço social que não é apenas histórico, mas também social.

Visto que a zona crítica é incerta, a própria cidade passa a ser um espaço em que a “sociedade urbana” é tida como uma realidade inacabada, ou seja, em outros

---

<sup>21</sup> Valladares, Licia do Prado. A sociologia urbana de Robert E. Park/ organização e introdução. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018, pp. 39- 89. Originalmente publicado em The American Journal of Sociology, Chicago, V.20, n.5, p.577-612, mar. 1915.

termos, o urbano é o espaço do possível e imaginável, em outros termos, de acordo com Park (2018) a cidade é um processo de crescimento que por si só sempre está inacabado, porém pode ser alcançada por pesquisas, e análises sobre o possível e alcançável que pressupõem formação de grupos, vizinhanças, sentimentos de pertença, segregação (Schmidt, 2012), dentre outros.

Ao examinarmos o edifício, podemos exemplificar tal conceito a partir da diversidade de condomínios fechados que possuem toda uma aura de segurança e infraestrutura. Seria então a zona sul do Rio de Janeiro uma espécie de utopia, como proposto por Lefebvre? Utópica, pois como abordaremos adiante, é idealizada como sendo um espaço de maior seguridade em detrimento da baixada, com melhor infraestrutura, moradores com maior poder aquisitivo, e distópica, pois neste mesmo ambiente compõem na paisagem o oposto, a favela imaginada como região de perigo, insalubridade e de moradores de baixa renda.

Morar na zona sul, não é por si só um símbolo de status, basta ver a necessidade implicada por diversos grupos, de localizar detalhadamente seu cep, e número de residência<sup>22</sup> Sendo assim, se para uns o sonho da zona sul é esse modelo de utopia distopia, onde com muitas coisas tudo funciona, não morar em um condomínio x ou y é estar fora desse padrão, fato este sendo bastante recorrente nas práticas de venda de imóveis como podemos observar a partir do exemplo abaixo. A imagem se trata de um folheto de lançamento do parque Barão de Lucena e traz razões para além de escolher a zona sul escolher este edifício em especial na matéria é possível ler “Primeiro porque dificilmente em outro local da zona sul poder-se ia encontrar uma área tão grande, servida de água, esgotos, eletricidade e transportes, cercada de comércio e serviços”

---

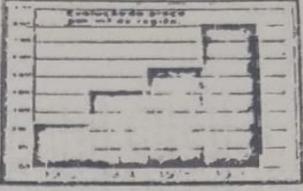
<sup>22</sup> Segundo o site dos correios, o bairro de Botafogo tem 230 ceps registrados (22230-090 até 22290-972) portanto são 230 ruas registradas.

Figura 8 Razões para morar na zona sul

**Um projeto assim só seria possível em Botafogo.**

"Dentro da cidade, em toda zona sul, somente Botafogo oferece condições de um projeto integrado do porte e das características do Parque Barão de Lucena.

Primeiro, porque dificilmente em outro local da zona sul poder-se-ia encontrar uma área tão grande, servida de água, esgotos, eletricidade e transportes, cercada de comércio e serviços de todo tipo, que tenha se mantido intocada até hoje, de modo a permitir um planejamento global homogêneo e permanente. Supondo que tal área existisse nos bairros imediatamente vizinhos, o preço final de um apartamento com a infra-estrutura de lazer que terá o Parque Barão de Lucena, se tornaria certamente proibitivo para grande parte dos cariocas. Em Botafogo, o preço médio de um apartamento de 2 ou 3 quartos é bastante inferior ao de um similar em outros bairros



da zona sul, mesmo tendo havido uma valorização média no bairro de 252% nos últimos três anos (o que assegura excelente rentabilidade aos investimentos imobiliários).

Em consequência, podemos planejar um empreendimento absolutamente inédito: apartamentos de 2 e 3 quartos, com living, sala de jantar, dependências completas, varanda e 1 ou 2 vagas na garagem, com um acabamento de muito boa qualidade, no meio de um autêntico parque privativo, com piscinas, saunas, área de esportes e muita vegetação – por um preço bem inferior ao de um apartamento na orla marítima ou mesmo em outro ponto de Botafogo.

Por isso, podemos afirmar com toda tranquilidade que o Parque Barão de Lucena constitui uma opção nova e extremamente válida dentro da zona sul, tanto para fins residenciais quanto para investimento. Seja pela localização, que é a mais central da zona sul, a dez minutos da cidade e a cinco de Copacabana, seja pelo projeto, que associa uma avançada infra-estrutura de convívio com uma real privacidade dos apartamentos (cada elevador serve apenas a dois apartamentos por andar), seja, finalmente, pelo atrativo do preço."

**"Em lugar algum da zona sul você encontra por um preço acessível esta infra-estrutura de lazer."**



O arquiteto Alex Medina, um dos planejadores do "Parque Barão de Lucena" da zona sul.

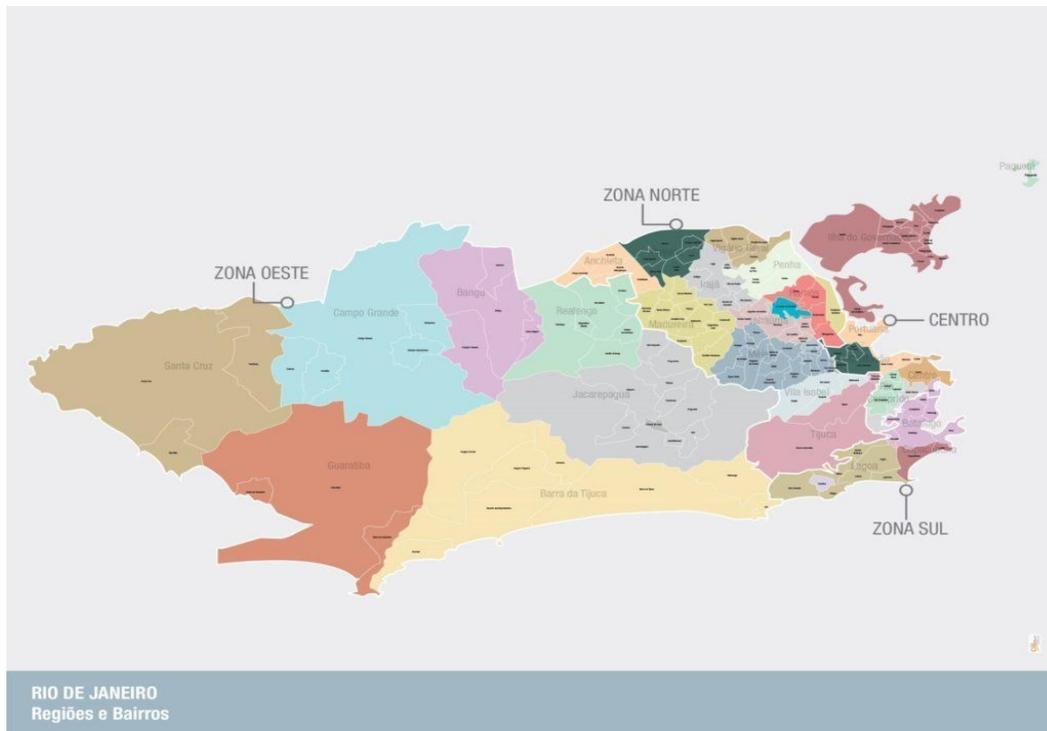
Fonte: Lordello Santos (1989) anexo 2

A breve digressão sobre a cidade foi aqui utilizada com o intuito de demonstrar como este tema pode ser amplo e rico. Entretanto, como posto nos primeiros parágrafos deste trabalho, existe um organismo social (a cidade) repleto de células (indivíduos) veias (ruas e avenidas) órgãos (casas, bairros) e não temos por intuito dissecar tal corpo, busca-se neste compreender um pequeno espaço dentro desse vasto sistema. Portanto, a tarefa não será de estudar a cidade do Rio de Janeiro como um todo, afinal quais aspectos entrariam na análise da abordagem dos tão diversos espaços presentes na cidade carioca? Embora tal análise exija esforços hercúleos, acreditamos que em pequenas medidas ele é sim necessário, afinal vários autores<sup>23</sup> se debruçaram sobre o estudo da cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos, e este é o ambiente em que o prédio está localizado.

<sup>23</sup> Entre esses autores podemos distinguir aqueles que se dedicaram à crônica da cidade: João do Rio, Rubens Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade e os acadêmicos, principalmente geógrafos e urbanistas, que analisaram os aspectos mais técnicos. Na interseção desses dois tipos de relatos estão os historiadores, antropólogos e sociólogos que muitas vezes

## 2.2 A zona Sul como Utopia.

Figura 9- Mapa do Município do Rio de Janeiro dividido em regiões.



Fonte da imagem: <https://escolaeducacao.com.br/mapa-do-rio-de-janeiro/>

Mead (1928) dizia que a antropologia é sobretudo uma disciplina das palavras (Eckert,2013) construímos narrativas baseados no que vemos e escutamos, pretendendo deste modo encontrar um meio de transpor em palavras a cultura de determinado povo. Neste sentido, não posso deixar de pensar que a construção do bairro nada mais é do que a própria humanidade construindo através dos seus caminhos e firmando ali sua presença. Ao delimitar, com palavras, espaços que tenham relativamente notoriedade, a referida autora nos auxilia a questionar o que torna uma rua mais estimada se não um agregado moral e cultural associado aos discursos proferidos sobre determinado espaço. Ou seja, o que faz com que os aluguéis e preços de imóveis sejam maiores ou menores para além das estratégias de marketing imobiliário se não seu viés cultural

---

buscaram informações nos cronistas para analisar a cidades, seu desenvolvimento e seus problemas.

associado a espaços de ascensão.

O termo Zona Sul no Rio de Janeiro, hoje, é mais que uma simples referência geográfica, pois se converteu há algumas décadas num verdadeiro topônimo (CARDOSO, 2009). A zona Sul permanece, para a maioria da população carioca, como a "utopia urbana", como Velho (1989) chamou Copacabana, onde este fenômeno primeiro se localizou. Podemos nos valer das utopias descritas e propostas por Lefebvre (2009) para pensar em como Gilberto Velho analisou tal fenômeno, mas principalmente para refletir sobre a conformação desta utopia na malha urbana.

Em seu trabalho Cardoso (2009) aborda a invenção da zona sul a partir do topônimo, segundo a autora, a ideia de que os espaços e zoneamentos são muito mais associados a "comunidades imaginadas" (Benedict Anderson, 2008) do que a espaços geograficamente inscritos. A geógrafa nota que, de fato, não há na legislação uma inscrição que tenha dividido a cidade em zonas, lembrando que a prática de zoneamento das cidades era comum nos EUA e o mesmo podia ser observado na legislação. A autora faz uma breve revisão da legislação urbanística do Rio de Janeiro, e ao fazê-lo percebe que não havia a menção do topônimo "zona sul". Dos decretos encontrados pela autora chamamos atenção para dois, o de 1918 e o de 1925. No primeiro definiu-se duas zonas: a suburbana e a rural. Fato interessante, pois, atualmente seria quase impossível se referir a "zona sul" como sendo subúrbio. A lei passou ainda por algumas modificações e mais tarde em 1925, um novo decreto definiu quatro zonas: central, urbana, suburbana e rural.

Sua próxima busca pelo topônimo foi feita através de três periódicos (Jornal Correio da Manhã, revista "O Cruzeiro" e jornal revista "Beira-mar") a princípio o que se observa é que cronistas como Lima Barreto, por exemplo, utilizavam no início do século vinte a palavra arrabaldes para diferenciar zona sul e zona norte. Apenas no ano de 1940 é que o termo passa a ser utilizado, ainda que discretamente para se referir a uma área da cidade, mais tarde em 1950 o jornal "O cruzeiro" mencionava sobre os contrastes para com a zona norte, devido às reportagens sobre as praias principalmente.

É significativo perceber, que segundo Cardoso (2009) a primeira matéria encontrada que se referia aos "bairros sul" tratava do problema das favelas na

cidade, e em como a prefeitura deveria melhorar estes espaços, particularmente na Zona Sul.

A primeira matéria encontrada referente aos “bairros sul” tratava do problema das favelas na cidade e, particularmente na Zona Sul, dos problemas de saneamento das habitações nelas localizadas e dos planos da prefeitura de dotá-las deste melhoramento. Criticando as péssimas condições de saneamento das favelas existentes na área, o que fazia com que proliferassem doenças, afirma o texto<sup>13</sup>: “(...) os **bairros sul (Botafogo, Copacabana, Ipanema, Gávea, etc.)** fornecem todos os annos uma alta quota de syndromes dysenteri-formes que o inquérito epidemiológico pode perfeitamente desvendar (...)” (Cardoso, 2009, p.23)

Em 1942, em uma matéria veiculada pelo “Beira Mar” aparece claramente a “zona sul “e esta era por hora entendida como: Leme, Leblon, Ipanema e Copacabana. Por ser geógrafa, a autora achou intrigante que não foi através da Geografia que o termo foi primeiramente encontrado, mas sim em um jornal de bairro. Esta área da cidade a qual se estendia um “maciço litorâneo” foi por décadas, relacionada ao bem viver. É possível afirmar que no imaginário essa região agora chamada de “zona sul” foi sendo produzida e compartilhada e é principalmente através da ascensão da Bossa Nova, enquanto gênero musical e de suas letras que cantavam “o sol, o céu, o mar” que ela se firma.

É de 1959, também, uma música que veio consagrar o termo “Zona Sul” no cotidiano e na toponímia carioca. “Balanço Zona Sul”, de autoria de Roberto Menescal, fruto do movimento da “Bossa Nova”, surgido naquela área da cidade e no seu auge, veio confirmar a utilização do termo por uma parcela ampla dos moradores da cidade, assim como contribuir para difundi-lo ainda mais. (Cardoso, 2009, p.51)

Se valendo desse imaginário que de certo modo foi se tornando real, dado que a região hoje é uma das que possui mais policiamento, é referência para o turismo, que o mercado imobiliário encontrou uma lacuna para vender “um bom estilo de vida” e cobrar caro por isso (Cavalcante, 2010). O topônimo Zona Sul concluiu Cardoso no início das décadas do século vinte uma área de autossegregação das camadas de alta renda e abastadas da cidade, e hoje podemos concluir que para além de imaginada ela é uma área que reflete a segregação de corpos, delimita poder, e finalmente pode ser pensada como uma distopia, através das ideias e conceitos do geógrafo e um dos precursores dos estudos sobre urbanismo, Lefebvre, para demonstrar como a cidade é um organismo vivo, e pode se modificar conforme as formas que a sociedade vai criando sua “urbanidade”.

Ao trabalhar com a discussão sobre a rua, presente nos trabalhos de Lefebvre, DaMatta, e Magnani, descortinamos a noção de pertencimento, ponto este que foi abordado a partir dos trabalhos de Barth, Coutinho, e Anderson, pois compreendemos que é justamente tal sentimento criado a partir de um imaginário compartilhado que desenvolveu a “utopia da zona sul”.

É importante ressaltar ainda, que esta região é um espaço de poder, mas para além é uma criação como bem demonstrou Cardoso, em linhas gerais concordamos com Coutinho ao afirmar que a urbanidade não significa integração total, dado que preconceitos e diferenças sociais sempre irão existir, porém, ressaltamos que “morar na zona sul” não tem em seu signo o mesmo significante para todos os ceps o que explica esse espaço – zona sul- como utópico. No fundo, as pessoas não moram na cidade, mas em alguns quarteirões que são o “seu pedaço<sup>24</sup>” (Magnani, 2016)

As metrópoles estudadas por Simmel dificilmente ultrapassam um milhão de habitantes e como observou o autor, eram um espaço da individualização, local de intensificação dos estímulos nervosos, vide atitude blasé a busca pelo anonimato/ privacidade, dentre outros.

As cidades cresceram exponencialmente, bem como o número de habitantes. A título de exemplo a cidade do Rio de Janeiro hoje tem aproximadamente 6 milhões de habitantes, e é muito mais que um “amontoado de homens individuais e de conveniências sociais” como disse Robert Park em seu célebre texto “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” publicado em 1916. A cidade carioca é uma pequena mostra do que ocorre nas metrópoles brasileiras, ou seja, reflete uma variedade de estilos de vida, classe, gênero, ideologias e, principalmente, revela a heterogeneidade trabalhada por Gilberto Velho (1981, 1989, 2003) segundo o antropólogo: “A heterogeneidade é um fenômeno crucial para a compreensão da sociedade complexa- moderno- contemporânea e por sua natureza traz desafios de uma dimensão inédita” (Velho, 2008, pp, 16)

---

<sup>24</sup> José Guilherme Cantor Magnani, «São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade», *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/3116>>; DOI: <<https://doi.org/10.4000/pontourbe.3116>>. Acesso em 25 out. 2022.

O que se apresentou até aqui de maneira breve, foi como ocorreu a urbanização do bairro de Botafogo, sua verticalização bem como a criação do desejo por morar nesta região da cidade. Entendendo que, no fundo, as pessoas não moram na cidade, mas em alguns quarteirões que são o “seu pedaço” (Magnani). O que as motiva a escolher em um bairro? Em um edifício?

A legislação conforme mostramos apontou os rumos da urbanização e verticalização da cidade produzindo maneiras de morar, mas como bem disse Lefebvre, as cidades são mais do que concreto, elas são a relação entre o que se produz e o que se resulta dali, logo um edifício também, ele recria os moldes da sociedade como um reflexo, sendo, portanto, resultado do meio o qual se está inserido e não apenas um apunhado de ferro, concreto e areia, mas um espaço em que relações moldam outros tipos de estruturas. Afinal: amizade, vizinhança, conflitos, dentre outras relações, são senão aspectos que o arquiteto não pode mediar ao desenhar sua planta.

Durante pesquisa de campo realizada entre 2018 e 2020, que será apresentada e discutida nos próximos capítulos, pôde-se notar que um dos motivadores da escolha por Botafogo era: *‘o fácil acesso às demais regiões da cidade devido à presença do metrô e de diversas linhas de ônibus’*. Conforme trecho abaixo:

*Olha, eu acho Botafogo influência pelo local de passagem. Eu costumava dizer: gente, por que o Rajah faz tanto sucesso? Porque o Rajah não é barato. Ele não é um local barato. Mas é um ponto estratégico né. Costumo falar para as pessoas: gente, o local do Rajah é um local que você tem tudo na porta de sua casa.*

*Se você quiser um ônibus para ir para o inferno, tem, entendeu. Então, o ponto é muito estratégico. Aquele pedaço, aquela quadra da Praia de Botafogo são muito estratégicos. Antigamente era a Sears, agora até tem Shopping. (Trecho de entrevista realizada em 2020 com ex moradora, aproximadamente 40 anos, do edifício Solymer)*

Corroborando a teoria de Santos que demonstrou como o bairro se urbanizou a partir da implementação das linhas que ligavam a região ao centro, portanto ainda hoje esse é um importante fator na escolha. Sposito (1998) identificou que uma das principais razões para a compra de um apartamento no interior paulista era a segurança. Escolher Botafogo dentre todas as possibilidades de bairros na zona sul, para alguns entrevistados teve como principal motivador a segurança que o bairro passa. Conforme trecho abaixo

*Olha o bairro, eu gosto do estilo do Botafogo ainda, porque ele mantém um pouco de tradicionalismos. Eu acho que o Flamengo está mais violento, é um bairro grande tradicional, mas ele já teve muito, eu presenciei muita violência ali. Talvez pelas pistas, depois andaram colocando guarda, porque eu fiz um trabalho, fui professora de Cidadania da Guarda Municipal do Rio Janeiro, e eles colocaram guarda. A partir daí, o Flamengo foi visto com outro olhar. Isso era um ataque constante no Parque, era assim. Ainda hoje, tem pessoas que se dizem de bom porte, mas você não pode confiar, todo lugar existe, mas assim, não me causa muito boa impressão... Acho Botafogo mais acolhedor (Entrevista realizada em 2021 com moradora de aproximadamente 60 anos de idade, do edifício Solymar)*

O lazer e a proximidade com a praia são uma das formas que podemos perceber o papel/ importância da mídia. Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que poucas pessoas iam à praia, entretanto morar próximo ao mar era associado a “qualidade de vida” Conforme pode-se observar no trecho de diário de campo abaixo.

*Sábado, nove horas da manhã, os termômetros cariocas aferem 30° graus, protetor solar na bolsa, canga, um óculo protegendo dos raios solares, o infinito azul a frente, ao fundo, caminhando pela areia, tomada de cores, pessoas, barracas e cadeiras, aparece ele, em tons de laranja, carregando dois galões, em alto e bom som dizendo “OLHA O MATTE”. Passo boa parte do dia na praia, volto para casa de bicicleta como de costume. Ao chegar na frente do prédio, prendi minha bicicleta próximo à banca de jornal e fui comprar uma garrafinha de água. Estou de chinelos, bermuda, blusa e biquine. Entrei no edifício e enquanto aguardo o elevador verifico meu celular. Uma moradora de aproximadamente quarenta anos, com quem converso ocasionalmente me vê e vem me cumprimentar, - Voltando da praia? Respondi que sim, e disse - Hoje o dia pedia uma praia, estava muito quente. Eu não vou à praia, ela disse, perguntei o porquê, ao que ela me respondeu - prefiro passear no ar condicionado, mas morar perto da praia é qualidade de vida né, damos risada, ela segue para outro elevador e eu continuo ali, aguardando o meu elevador (Diário de Campo, Jacqueline Lobo, realizado no ano de 2019)*

*Busquei um na Zona Sul porque eu teria facilidade de fazer uma locação ou qualquer outra coisa depois, por isso que eu queria a Zona Sul. E aqui era perfeito porque era na praia. (trecho de entrevista realizada em 2021, com moradora de aproximadamente 35 anos)*

Existe uma lógica de pertencimento da zona Sul para alguns moradores, enquanto para outros, ali é um espaço que causa estranheza. O bairro de Botafogo é, portanto, acionado a partir de diferentes aspectos pelo campo que dirá que ali pode ser entendido como um espaço de “solidão” como será demonstrado no capítulo três a partir da entrevista realizada com Pedro, que foi morar no edifício com aproximadamente 12 anos com a mãe e não desenvolveu uma relação de “amizade” com o bairro e com o prédio segundo ele:

*Eu não gosto da Zona Sul, eu detesto a Zona Sul. pede A Zona Sul ela é boa para você ir para praia e voltar para casa, mas o custo de vida é extremamente alto, as pessoas são extremamente arrogantes. Então, fazer amizade, por exemplo, eu não ia para boate ou balada na Zona Sul, não ia. Eu ia lá para o Rei do Bacalhau que fica lá em Caxias, mas eu não ia para uma balada assim, enfim, porque eu não gostava do tipo de pessoa, tanto homem quanto mulher. Então, não fiz muita amizade em Botafogo. Meus amigos de verdade até hoje assim sou da Zona Norte, são da Baixada Fluminense, enfim, são essas localizações. (Entrevista com Pedro, 36 anos, 2020)*

Para outros moradores, no entanto, não só o prédio como o bairro de Botafogo são ambientes propícios a relações interpessoais, sendo ambos considerados bons de se morar e principalmente escolhidos para passar até os fins dos dias, logo se para alguns a zona sul não é um projeto, para essa colaboradora, Salete aproximadamente 80 anos, aposentada, é uma conquista quase como um troféu (retomaremos no capítulo três) em que se tem na decoração do apartamento aspectos com sua história de vida

*Mas em Botafogo a gente tem esperança. Pessoal daqui é muito tradicional e o pessoal ainda tem esperança de que se conserve, que coisa não se perca a gente não quer que chegue a esse ponto.*

*Você viu o contexto do Bairro. Hoje eu amo Botafogo porque ainda consigo ver árvores. Eu abro minha janela e vejo árvores. Ah gente, essa Lua quando entra na janela do meu quarto, eu tenho campo aqui em casa. Então, como não vou valorizar isso, vou dizer que é ruim o prédio. Não posso. Vamos fazer alguma coisa para ele ficar mais alegre feliz, vamos. Vamos colaborar para isso. Como eu tenho essa Lua maravilhosa entrando na minha janela, eu não vou apagar as dores minhas e dizer: Lua me ilumina para eu melhorar. O dia de hoje está muito ruim, mas amanhã vai ser melhor. Eu não posso fazer isso. É isso que eu gostaria que Deus perpétua para me despedir olhando as estrelas. (Entrevista com Salete, aproximadamente 60 anos, 2021)*

A ideia deste capítulo, portanto, foi debater em primeiro lugar a construção do Bairro, entendendo que foi a partir desta construção que se iniciou um projeto que mais tarde se apresentaria como uma proposta de “vida” - morar na zona sul- O bairro que foi durante muitos anos um ponto de “passagem” assim popularmente conhecido, gradualmente foi ganhando um aspecto mais nobre e elitista, com a chegada da família real no que hoje é conhecido como bairro do Flamengo. Ocorre que os casarões que ainda existem na Avenida São Clemente, por exemplo, não nos deixam esquecer que se hoje o bairro possui uma característica mais heterogênea, seu início foi reservado a uma classe mais abastada da sociedade. Botafogo é um dos bairros mais antigos e tradicionais da

cidade, com grande diversidade de atrações culturais, reflexo do período em que o comércio passou a ganhar força e se estabeleceu por entre as ruas que cortam o bairro, sendo, portanto, um espaço em que se tem massivamente moradia, comércio e meios de transporte e para nós se torna extremamente importante, pois em um de seus quarteirões, de frente para a praia, configurando a paisagem está o Edifício Solymar.

### 3 –No vestíbulo.

*Tinha uma porta aberta, não sei se agora colocaram alguma porta, mas era totalmente aberto, um corredor bem longo que dava saia nos blocos, entrada de serviço, social dos blocos até lá no final. Quando a gente entrava do lado direito era aberto também tinha sempre gente jogando coisas pela janela, ficava lixo lá embaixo. Não tinha divisão no corredor principal e como fosse um piso direitinho aqui no corredor principal e do lado assim uma parte de cimento que seria, na verdade, não era nada ali, a gente só não andava ali porque todo mundo jogava as coisas, lixos jogados pela janela. E na portaria era toda aberta. Depois, eu sei que botaram uma porta de vidro né que tinha um balcão do lado direito onde ficavam os porteiros (Trecho de entrevista realizada em 2020)*

Neste capítulo apresentaremos o edifício bem como as estratégias que contornam habitar este espaço. O prédio por si só produz ações, dado que está localizado em um ambiente de constante circulação e sua estrutura compõe uma paisagem (Certeau 1994) mais do que visível, imaginada. Serão utilizados trechos do diário de campo, notícias de jornal e entrevista realizada durante a pesquisa. Em linhas gerais, a discussão terá como intuito mostrar a vida neste edifício podendo ser categorizado como uma miniatura da sociedade (Lévi-Strauss,1970) ou mesmo, demonstrar os reflexos da cidade que ali se produzem. As chaves de discussões presentes neste capítulo, serão, portanto, uma proposta de bricolagem compreendendo que a definição dos conceitos não é uma tarefa simples, afinal antes de tudo elas são palavras que carregam significados, que por sua vez é uma extensão da cultura (Whorf, 1997) definir quais as palavras que retratam a cultura deste espaço é o esforço teórico que se pretende realizar neste capítulo e nos que o sucedem.

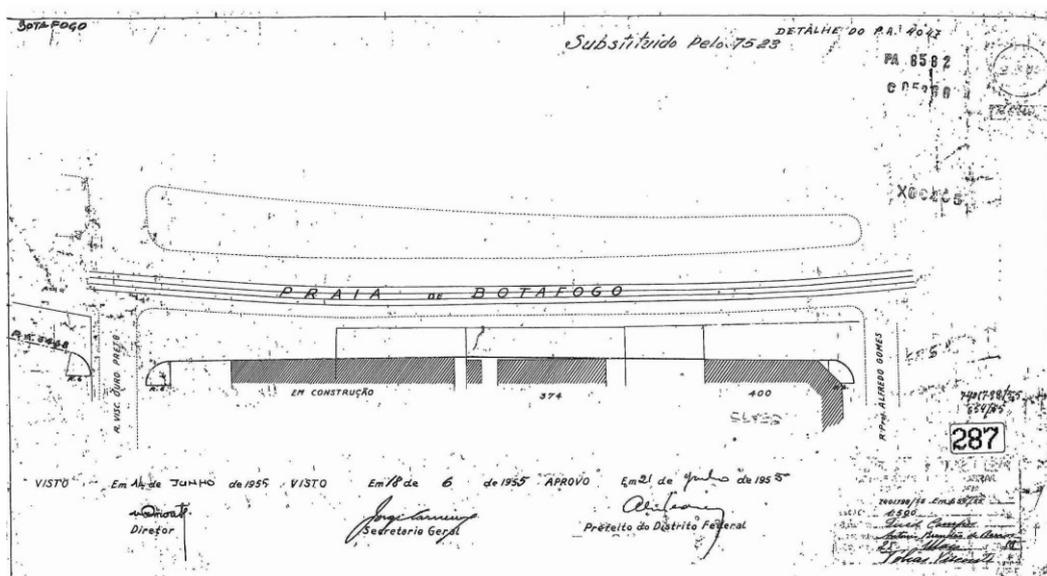
Figura 10. Edifício Solymar



Fonte: [www.quintoandar.com.br](http://www.quintoandar.com.br)

### 3.1 O edifício.

Figura 11. Perspectiva de localização do edifício.



Fonte Acervo digital prefeitura do Rio de Janeiro.

Localizado na zona sul do Rio de Janeiro, o condomínio é um prédio dividido em três blocos, com 707 unidades que variam de 21 a 30 metros

quadrados cada e uma população flutuante de 1000 - 1500 pessoas. De frente para a praia, ao lado de um comércio vasto (Shopping, farmácia, banca de jornal, restaurante, floricultura) ponto de ônibus, e metrô. O prédio foi construído em 1956 e seguiu uma corrente que foi bastante comum na era pós-industrial quando as cidades se viram com muito mais habitantes do que espaços para morar e foi-se construindo cada vez mais apartamentos com espaços menores, ou como arquitetos dizem atualmente “espaços inteligentes” o pouco espaço que contém tudo o que você precisa.

Quando concluí o mestrado, morava ainda em Seropédica (interior do estado do Rio de Janeiro) passei em uma vaga para ser pesquisadora na Casa Rui Barbosa, localizado no bairro de Botafogo. A longa distância<sup>25</sup>, entre o local de trabalho e onde estava morando me levou a procurar opções mais próximas que se adequassem a dois princípios: respiro financeiro e praticidade. Um anúncio chamou minha atenção, o valor era um pouco acima do que havia me planejado, porém estava localizado muito próximo do meu local de trabalho da época. No anúncio havia 8 fotos, duas da cozinha, uma do banheiro a partir da porta e outra do banheiro chamando atenção para o fato de caber ali uma máquina de lavar, a quarta foto era da área (quarto/sala) a quinta foto era da janela e as demais da vista que se tinha a partir desta janela. As últimas fotos mostravam um grande paredão bege com algumas janelas, e um corredor de janelas com a praia de botafogo ao fundo com os dizeres “excelente localização, vista para a praia, transportes e comercio farto”, entretanto o anúncio não trazia referências sobre o número do edifício, tampouco sobre seu nome.

Me interessei em conhecer o espaço, e entrei em contato com a pessoa que o havia anunciado. Combinamos de nos encontrar por volta das dezoito horas na calçada, próximo à banca de jornal de frente para a casa e vídeo. Cheguei um pouco mais cedo e fiquei parada próximo à banca de jornal mais próxima da loja que ela havia me informado, me questionando qual seria o prédio que continha o anúncio, posto que em seu anúncio não existia uma foto da fachada. Enquanto aguardava, observei os três edifícios localizados frente a esta banca, pensando qual destes seria. Um deles parecia estar em obra, e tinha um movimento intenso

---

<sup>25</sup> De Seropédica até o bairro de Botafogo estima-se uma distância de aproximadamente 73 km. De ônibus e metrô essa distância pode ser feita em aproximadamente duas horas e meia sem contar o trânsito. De carro aproximadamente uma hora.

de pessoas entrando e saindo, o outro localizado à esquerda tinha uma pequena portaria e o fluxo ali não era alto, por fim o terceiro do outro lado da rua, tinha uma grande quantidade de janelas próximas umas das outras, fiquei cogitando qual entre as três opções de prédios que eram próximos da descrição era o correto. Enviei uma mensagem avisando que já estava aguardando no local combinado e recebi finalmente a localização precisa do edifício. Era aquele com bastante movimentação, que aparentava estar em reforma. Sua mensagem também me alertara sobre seu atraso “chego em dez minutinhos”. Já estava acostumada com os pequenos atrasos cariocas<sup>26</sup>, e imaginei que os dez se tornariam trinta facilmente. Sendo assim, decidi ir até à portaria verificar um pouco mais sobre o prédio, e principalmente se ali existiam outras unidades alugando.

O portão que separa o espaço público do privado (no edifício) possui barras de ferro e não é eletrônico, mais tarde descobri questionando os porteiros que devido ao alto fluxo de pessoas que circulam no prédio colocar uma trava elétrica não daria certo, pois não suportaria a quantidade de vezes que o portão abre e fecha. O espaço da portaria fica logo após esse portão, não possui cadeiras, e quando entrei no prédio notei a ausência de interfones ou de uma televisão/computador. Três porteiros utilizando uniformes em tons de marrom estavam atrás de um balcão que parecia ser de mármore medindo não mais que um metro de altura, sobre este balcão tinha uma prancheta com um papel fixado nela e uma caneta presa por um fio. Na parede logo atrás desta mureta tinha um papel de A4 com os seguintes dizeres “Visitante favor se registrar na portaria” no tempo em que fiquei lá esperando os “dez minutinhos”, apenas duas pessoas fizeram o registro, percebi que este consistia em informar o nome completo, número do RG e o apartamento para qual estava indo. Essas informações eram anotadas na prancheta pelo porteiro que ao concluir o registro dizia “Pode subir” neste momento tive certeza de que o prédio não possuía interfone.

Eu estava curiosa sobre outras unidades no prédio, e perguntei a um destes porteiros se ele conhecia outros para alugar. Ele estava de pé atrás da mureta que nos separava, em silêncio ele tirou um bloquinho de papel do bolso e me informou sobre 3 apartamentos, sua resposta era em um tom de segredo, enquanto ele

---

<sup>26</sup> Desde meu período no mestrado, percebi como o atraso era lido como algo comum ao morador do Rio de Janeiro, se tornando muitas vezes um descritor de identificação. Se alguém chegava mais cedo em uma festa, por exemplo, ou ainda no exato horário marcado, era comum ouvir que a dita pessoa não devia ser da cidade, pois não estava acostumada aos atrasos já quase programados.

folheava o bloquinho deu a volta na mureta chegando mais próximo de mim, dizendo que poderia me mostrar se eu tivesse interesse, mas o tom de segredo permanecia. Tendo em vista o atraso da proprietária do que eu iria de fato ver, resolvi acompanhá-lo. Ele olhou para um dos homens que estava atrás da mureta e com um arquear de sobrancelhas, disse “vou ali” e recebeu outro arquear de sobrancelhas acompanhado de “show” mais tarde descobri que aquelas pessoas atrás da mureta eram dois porteiros um segurança e o zelador do prédio.

Da portaria é possível ver um espaço longo que se finda em uma sala. Nesse espaço existem muitas colunas largas pavimentadas de tom escuro, entre uma coluna e outra existem diversos elementos cobertos por um tecido de obra, o chão é de piso branco neste espaço, a direita existe uma espécie de garagem (mais tarde descobri que é apenas para carga e descarga) ali o chão é escuro e o muro que separa este edifício do prédio ao lado não estava pintado. À esquerda de onde estava, ficam os elevadores e não muito distante da portaria tem uma pequena rampa, posto que os elevadores estão uns dez centímetros mais altos que esse espaço largo que consigo ver.

No teto é possível observar fios soltos, e principalmente tubulações, algumas com tapume protegendo outras não. Caminhamos até os elevadores, desviando de poças de água e de algumas baratas que estão no chão. Entramos pelo elevador que está mais próximo da portaria, nele existe um grande espelho, os botões para os andares e uma câmera de segurança. Fomos até o sexto andar, para que ele me mostrasse o primeiro apartamento disponível em sua listinha presente na caderneta que agora estava guardada em seu bolso. Durante o percurso ele me questiona se eu já conhecia a região, e respondi que não muito só mesmo meu trabalho, que naquele momento ainda era na Casa Rui Barbosa, ele balança os ombros em resposta, como alguém que não sabe muito bem onde é, mas sorri. Saímos do elevador e caminhamos um pouco.

O corredor é bastante extenso, percebo que algumas portas possuem cadeados do lado de fora, outras parecem bastante desgastadas. São diversas portas e em um primeiro relance não consigo determinar quantas são exatamente. A porta que ele me mostra é de uma madeira clara, ele a abre e fica me aguardando entrar, não preciso dar muitos passos para chegar ao final do apartamento. No teto existia uma divisória, parecendo uma coluna. Questionei se ali era uma coluna, ele me respondeu que não, que fizeram para colocar uma

divisória no conjugado. É a primeira vez que ele utiliza tal palavra “conjugado” chamando atenção para as possibilidades de distribuição dos móveis vai me dizendo “aqui cabe um guarda-roupa de seis portas, uma cama de casal, ali dá para colocar uma mesa e fazer a divisória para a sala, arrumando direitinho cabe bastante coisa”. Saímos e caminhamos até a outra unidade, está fica no décimo andar, e estava localizado à esquerda do corredor, este primeiro o “conjugado” estava à direita do corredor.

Diferente do anterior este ficava ao lado do edifício residencial Maragato, o anterior embora maior possuía apenas uma janela. Este é visivelmente menor, e não possui a divisória no teto, entretanto possui duas janelas: uma em frente ao edifício Maragato e outra na lateral que dá vista para a praia de Botafogo. Outra diferença entre eles era o banheiro, enquanto o anterior não possuía espaço para máquina de lavar este possuía, o anterior tinha um chuveiro elétrico e este era a gás. Este embora menor tinha uma estrutura mais conservada. Mencionei sobre este fato e o porteiro me informou que aquela quitinete tinha sido recentemente reformada. Quanto aos valores, eles tinham o mesmo valor. Embora este fosse menor, segundo o porteiro o dono estava cobrando aquele valor devido às modificações feitas dentro da “quiti” como diz. Terminamos a visita e volto para a portaria, pois já estou próxima do horário remarcado.

Encontro com a dona do anúncio, são aproximadamente seis e trinta da noite ela me cumprimenta e seguimos para dentro do edifício. Subimos para o andar pelo elevador social, durante a subida ela faz questão de frisar como aquele elevador é novo, desconhecendo que anteriormente eu já havia entrado neste e também no outro, que não possui espelho e é considerado de serviço, não aparentando ser tão novo assim, durante o caminho ela me conta sobre os benefícios do prédio, como a excelente localização, de todos os ônibus que passam ali na frente, e da obra de benfeitoria que vai melhorar a infra- estrutura. Na foto abaixo pode-se notar os tapumes do lado esquerdo da foto, devido à obra que o prédio estava passando.

Figura 12. O Edifício - Tapumes e obras.



Fonte: Da autora (2019)

Ela por sua vez, ao abrir a porta diz “essa aqui é a quitinete” diferente do porteiro que me apresentou o primeiro espaço como sendo um conjugado. Entrando em sua quitinete a primeira coisa que podemos ver é o quadro de luz à esquerda, algumas rachaduras na parede e um certo estufado também na parede logo acima da porta, na foto abaixo próximo do encanamento do gás é possível observar o estufado ao qual estou chamando atenção.

Figura 13. Parede do apartamento: Estufado na parede.



Fonte: Fotos da autora, 2018.

Andando um pouco se tem o espaço da cozinha a direita é aproximadamente um metro e vinte de largura e oitenta de profundidade, contém uma pia e um armário suspenso “esse armário a última moradora deixou, se quiser pode usar ele”. Perguntei sobre o fogão, e ela me informou que naquele espaço caberia um fogão quatro bocas pequeno, e sobram uns trinta centímetros para usar a pia. Logo abaixo da pia existe um espaço vazio, que neste momento estava ocupado por latas de tinta branca e marrom. “O apartamento foi pintado recentemente” ela me informa apontando para as latas.

Figura 14. Espaço da Cozinha.



Fonte: Da autora (2019)

Ainda no espaço da cozinha existe um conduíte de luz, fixado sobre a parede. Alguns passos dali três para ser mais exata, está o banheiro. “Tem espaço para uma máquina aqui, e ali, você coloca uma cortina dessas de plástico”. Achei curiosa a localização dos itens deste banheiro, a porta é sanfonada e assim que entramos tem-se esse espaço para a máquina de lavar, logo acima um armário embutido na parede, logo ao lado tem-se a privada aproximadamente uns dez centímetros depois existe uma mureta baixa que divide o espaço do chuveiro desta primeira área onde está a privada e o local onde entraria a máquina de lavar. Nesse espaço do lado esquerdo tem-se o chuveiro elétrico, do lado direito existe um basculante tampado com jornal, e logo abaixo dele na altura da minha cintura

(aproximadamente um metro e meio do chão) fica a pia e um armário com espelho. Achei interessante que a pia está no "box" do chuveiro e que para lavar as mãos precisariam sempre passar por cima desta pequena mureta. O banheiro tem os azulejos pintados de branco, é possível perceber que aquele não é o tom original, pois em alguns trechos é possível ver o tom bege do azulejo. No teto existe um ferro em U que me é informado serve para pendurar roupas. Saindo do banheiro, voltando ao corredor, nos encaminhamos ao espaço que é o quarto/ sala ou o que o inquilino achar mais apropriado.

Figura 15. Foto do Banheiro.



Saindo do banheiro e retornando ao corredor, estamos neste ambiente “Quarto/sala” Reparei que bem próximo do interruptor na parede que divide este espaço do banheiro existe uma grande fissura na parede, o piso desta área difere do corredor, com um tom marrom escuro. Aqui, na sala/quarto o tom é claro, exceto por alguns trechos que mostram manchas bastante acentuadas. Existem duas janelas no espaço, uma de frente ao edifício maragato e a outra de frente para a enseada de botafogo, ambas recém-pintadas de marrom. Já estava anoitecendo e a luz do dia a pouco deixaria o espaço, nesse ambiente não tem luz provida por uma lâmpada, ou lustre, então não consigo ver os detalhes da quitinete. De todo modo começamos a conversar sobre os valores.

Enquanto falava do valor a proprietária olhava para esses mesmos itens que eu ia apontando tais como rachaduras, piso manchado, janela rangendo, falta de lâmpada na sala/quarto, ausência de ligação de gás e de vidros no basculante do banheiro, dizendo ela “está este valor, pois não teve reforma” e emenda, “fazer reforma aqui é muito difícil”, eu ainda iria descobrir o tamanho da dificuldade quando mais tarde através de algumas conversas com diferentes moradores observei os entraves burocráticos para realizar uma mudança na fiação, por exemplo, “você vai ver como o prédio é seguro e a vista daqui é boa, olha a enseada ali na frente” colocando o corpo para fora da janela e apontando a mão para frente me dizia “vem ver como é bonito”.

Figura 16. Foto vista lateral da quitinete. Enseada de Botafogo.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812504/CA

Fonte: Da autora. (2019)

Segurança -interessante, como essa palavra apareceu diversas vezes sob diferentes formatos, o prédio segundo a proprietária é seguro, pois ninguém entra ou sai do portão carregando móveis sem autorização do morador. A segurança para ela estava atrelada a burocracia “obrigatória” para entrar ou sair com mudança. O porteiro me disse durante a visita que ali era bastante seguro, pois a portaria funcionava vinte e quatro horas, com constante vigilância. Mais tarde, quando já morando no edifício, diversas pessoas me diziam para sair dali, pois além de perigoso, não existia segurança entre os corredores.

Ao decidir que iria morar ali, questionei como formalizar. Ela me informou que como estava mostrando para outras pessoas o primeiro(a) que fechasse o valor

do contrato ficaria com o imóvel. É importante dizer que, assim como Velho em utopia urbana, eu também estava me mudando com meu parceiro da época, e durante a visita no momento de fecharmos o valor seu pai, meu sogro, foi o fiador quem garantiu os três meses de cheque caução. Aquela era minha primeira vez alugando e embora fosse morar ali com meu companheiro da época, todo o processo era uma grande novidade. Portanto, eu desconhecia os trâmites burocráticos, contratos e regulamentos.

Quando informamos a alguns conhecidos que estávamos vendo espaços para alugar algumas pessoas nos aconselhou, que ao fecharmos o contrato, fotografar o estado que havia encontrado o ambiente, pois segundo uma destas pessoas que nos aconselhou “brasileiro sempre arranja um jeitinho de se dar bem sobre o outro, melhor ter as fotos para garantir como estava” do contrário mais tarde poderíamos ser cobrados por uma mancha no azulejo já existente, ou ainda pelas rachaduras presentes nas paredes. Com tais conselhos em mente, algumas fotos foram guardadas, e se apresentam aqui, como o caso da foto abaixo das rachaduras presentes em uma das paredes.

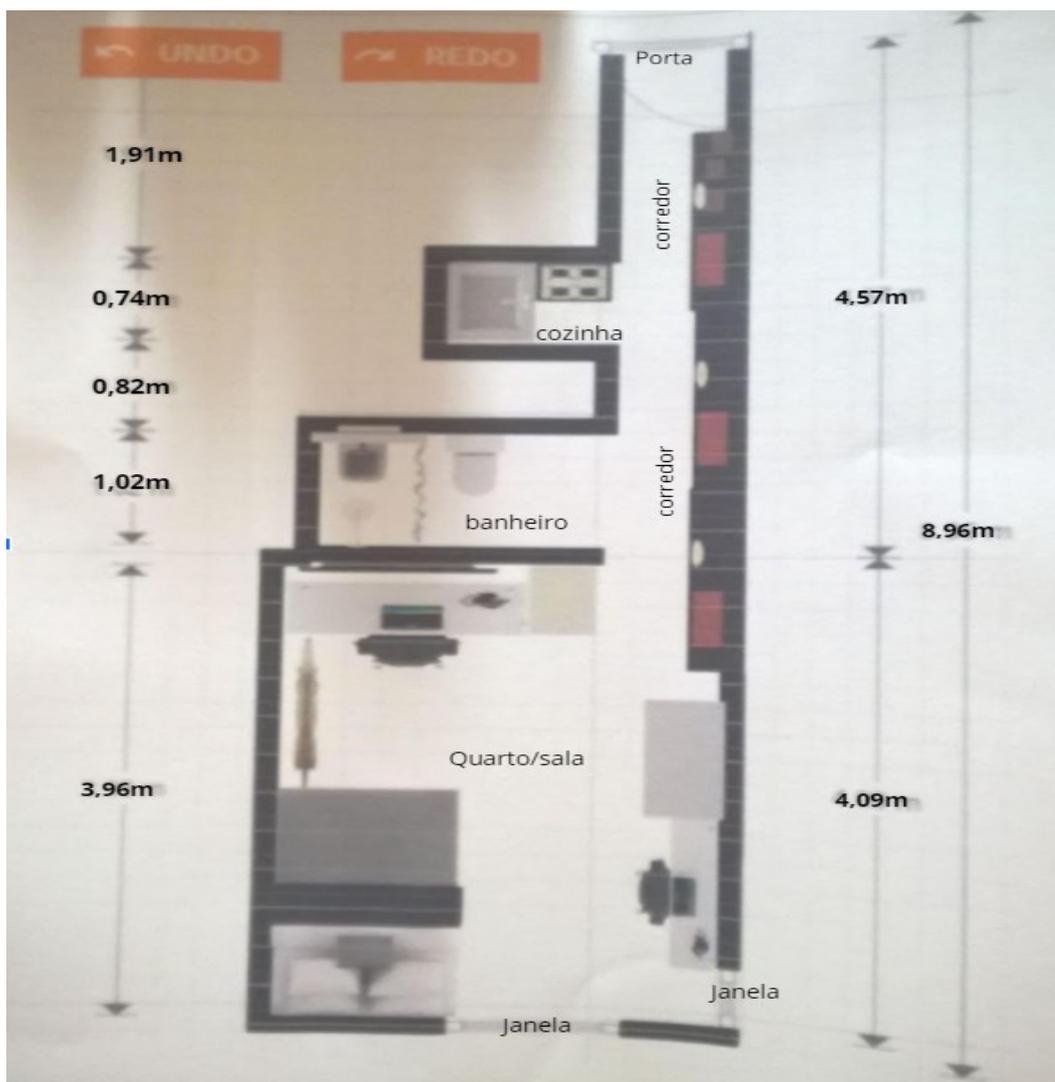
Figura 17. Foto: Registro da Rachadura na parede.



Fonte: Da autora (2019)

Combinamos de assinar o contrato na casa da proprietária, é válido ressaltar que, o proprietário era o pai dela e ela respondia por ele, nunca o conheci. Seu apartamento é em Copacabana, por coincidência, no edifício estudado por Gilberto Velho. De lá seguimos para o cartório, e pelo que entendi, o contrato que ali seria assinado nos permitiria ter acesso imediato às chaves do apartamento. Agora, com contrato assinado e firmado em cartório, eu era uma moradora oficial. Com o contrato em mãos, segui de volta para o edifício onde daria entrada na documentação para poder começar a minha mudança. Com isso, me deparei com a primeira regra presente no prédio, a necessidade de especificar em um documento o que seria levado para dentro da casa já alugada. Posto a dimensão física do espaço, considerei importante pensar bem qual móvel iria transportar, onde o iria colocar, lembrando do porteiro que dizia “se arrumar direitinho cabe bastante coisa” queria de alguma forma, garantir que dentro daquele espaço caberia tudo o que fosse necessário para um casal e um cachorro, que recém tinham terminado o mestrado e estavam se aventurando em um novo bairro, a partir das medições feitas em uma das idas a quitinete desenhei uma planta baixa que me ajudaria a projetar o espaço, bem como os móveis dentro dele. Abaixo imagem da planta baixa da quitinete desenhada por mim.

Figura 18. Planta do Quitinete



Fonte da autora (2020).

### 3.2 Primeiro ano no condomínio - Mudança.

Mudar faz parte da natureza humana, já diriam os cientistas. Mudamos de celular, hábitos, dietas, parceiros, roupas, estamos sempre mudando algo em nós ou ao nosso redor. Quando finalmente informei às pessoas que iria mudar para essa casa, foi interessante que os conselhos ofertados variavam conforme a idade ou da proximidade que o aconselhador tinha de mim ou do meu parceiro à época. De modo geral os conselhos revelam rituais associados à casa nova, bem como com a saída da casa velha. Escutei os seguintes de parentes, conhecidos, e moradores do prédio.

- *Olha você precisa passar uma vassoura na casa em que você está hoje quando sair, assim limpa as energias e tira a negatividade para ela não te acompanhar na casa nova.* (Pessoa n1, sexo feminino aproximadamente 30 anos)

- *Que dia vai ser o chá de panela, posso comprar alguma coisa?* (Pessoa n.2 sexo feminino, aproximadamente 50 anos)

- *Vamos organizar uma OPEN HOUSE, na sua casa nova* (Pessoa n.3 sexo masculino aproximadamente 30 anos)

- *É bom colocar um olho grego, ou espada de são Jorge na casa para evitar mau-olhado.* (Pessoa n.4, sexo feminino aprox. 60 anos)

Eu desconhecia o prédio antes de ir morar nele, mas comecei a perceber expressões como olhares e suspiros quando mencionava para onde estava me mudando. De fato, no momento em que assinei o contrato, informei a alguns amigos que agora era “oficial” e fui questionada de onde exatamente era o local, qual era o nome do prédio, e mesmo quando eu informava “Solymer” algumas pessoas pareciam não entender e me perguntavam o número. Era dizer, que as reações percorriam do “poxa você não merece isso”, ao “nossa que legal, zona sul, tá podendo hein, mas me fala onde exatamente em Botafogo?”

Quando eu especificava geograficamente, onde era o prédio, dizendo “Praia de Botafogo, número tal”, que a expressão mudava para um preocupado conselho de “assim que der você sai de lá, é muito perigoso, tenho alguns imigrantes conhecidos que moraram lá, mas se mudaram, é muito perigoso né”. E de novo, estava o falado “perigo” me rondando. Dentre os avisos que me foram dados, um mostra bem esse recorte de classe e desigualdade: “Não abre a porta para ninguém”, “nada de sair falando pelos cotovelos, aqui é da porta para dentro e do portão para fora, esse prédio costuma ter só gente que não presta” eu ria, pois nem portão tinha, minha risada em tom de brincadeira era interpelado por um levantar de sobrancelhas seguidos de “escute os mais velhos, moro nesse Rio de Janeiro há mais de 30 anos sei bem como a banda toca por aqui” eu claramente para essa pessoa era alguém que tinha determinado valor afetivo e, portanto, deveria medir todos os esforços para não me assemelhar aos demais, afinal eu desconhecia como a banca toca por aqui, sendo apontada como estrangeira, uma paulista, nova em idade que pouco sabia e, portanto, precisava de cuidados que assegura-se meu bem-estar.

O Solymer é administrado por uma empresa e também por um síndico legal que não mora no prédio. Bem como no Estrela, só participam das reuniões, com direito a voto, os proprietários dos apartamentos (Velho, 1973). Sendo assim,

apenas eles podem opinar sobre os valores da taxa condominial, os gastos de manutenção que serão feitos no prédio, a eleição do síndico, etc.

No prédio existe uma administradora entre os blocos B e C, que funciona de segunda a sábado das nove da manhã às dezoito horas, ela é aquela saleta que vi no primeiro dia e que precisei repetidas vezes ir enquanto realizava minha mudança, a sala que está localizada no final do extenso corredor para quem entra pela portaria possui uma porta, que separa o ambiente interno da administração do externo, logo na entrada existe um balcão com um vidro que separa aqueles que trabalham lá dentro, das pessoas que estão do lado de fora, essa estrutura de vidro e alta e ocupa toda a minha visão, próximo ao balcão uma pequena abertura de e uma aproximadamente 30 centímetros é aberta, e é por lá que passamos documentos ou onde coloco a cabeça para poder ouvir a informação, e conseguir entender o que a pessoa está tentando me dizer.

Atrás do balcão existem diversos armários, desses com gavetões de ferro cinzas. “Você é a nova moradora, cadê o contrato de locação, qual o número do apartamento” e lá ia à senhora abrir uma daquelas gavetas longas e extensas, com a vida de tantas pessoas guardadas. Olhando para aquele registro não consegui não imaginar o quão interessante seria para a pesquisa poder acessar tais arquivos. Do lado deles, existe outra porta, soube que o síndico ficava lá algumas vezes na semana. Mas só o encontrei duas vezes, e em ambas para tratar de problemas que enfrentei no período em que fui residente.

“Tem mais moradores? Preciso cadastrar aqui” e tirando de dentro de uma pasta, uma folha de papel, o funcionário da administradora solicitou o nome e o número do RG. Fiquei curiosa sobre essa necessidade de identificar quem morava comigo. “Só entram e saem móveis se tiver a autorização da administração, e os únicos que podem fazer essa solicitação são os moradores”. Por fim, após esclarecido tal detalhamento, fiquei curiosa para saber se em todos os edifícios da zona sul tinha essa prática, imaginando que seria interessante poder retratar a vida em vinte - trinta metros a partir do que cada um elege como importante para colocar na lista de mudança (tal lista descobri mais tarde que não é comum de ser solicitada em outros edifícios quando alguém se muda, e que no Solymar estava associada a novas regras estabelecidas pelo condomínio).

É importante perceber que dentro deste prédio existe o que me pareceu a partir dos relatos informais, um consenso, de que durante um período

(provavelmente do final dos anos 1980 que se estende até meados dos anos 2000), as atividades ilícitas que aconteciam ali fizeram com que muitos moradores desistissem de suas quitinetes e conjugados. Por mais de uma vez, entre conversas que presenciava no elevador escutei sobre os “moradores ilegais” que aproveitaram que o espaço estava vazio, e o ocuparam e que através da usucapião, tais pessoas passaram a se morar e se tornaram “proprietários”. Ou seja, essa pessoa não pagou pelo apartamento, e tal ato gera desconforto entre alguns moradores. Por vezes presenciei moradores dizendo ter que pagar um alto valor de condomínio, pois muitos ali não pagavam, e sequer “eram donos de verdade do imóvel” criando uma clara distinção sobre “nós e eles”, “verdadeiro e falso”.

Portanto, neste prédio ‘poder’ fazer parte de tais reuniões condominiais, é ser “legalmente” reconhecido é mais que pertencer ao espaço, é poder dizer que é um morador “verdadeiro” que paga as suas contas em dia. Alguns moradores diziam “esse aqui é meu, de papel passado e tudo” em conversas que aconteciam nos corredores, principalmente próximo às datas de pagar o condomínio. Um morador em específico chamou bastante minha atenção, cotidianamente ele ao abrir e fechar sua porta, batia três vezes na porta e entre o girar das chaves repetia “isso aqui é meu”.

Logo, possuir uma escritura, ser efetivamente proprietário é percebido de uma maneira diferente de apenas ser locatário, indiretamente é poder se valer da máxima pontuada por Roberto da Matta (1997) em seu ensaio sobre indivíduo e pessoa intitulado “você sabe com quem você está falando” Como podemos ver no trecho retirado do caderno de campo abaixo:

*“Eu não sou como esses outros daqui não, comprei e paguei parcela por parcela. É meu, e eu pago tudo sempre em dia, condomínio, luz, todas as minhas contas eu pago direitinho, o nome é que realmente importa sabe, o meu é limpo na praça, isso aqui é meu de papel passado e tudo”. (Conversa informal com Morador Z, aproximadamente 70 anos, sobre apartamentos que estavam sendo leiloados por falta de pagamento do condomínio)*

No valor do condomínio estão incluídas as despesas com os funcionários da limpeza, segurança, portaria, administração, manutenção dos elevadores, luz nos corredores, bem como o valor da água. Durante o período de pesquisa, a taxa condominial (sem o valor da taxa extra) girava em torno de 450 reais. E o valor do aluguel variava a depender do tamanho do apartamento, se este era de frente para a praia de Botafogo, aquele modelo que o porteiro me apresentou como “conjugado”, se estava com ou sem móveis, entre outros fatores, contudo, pode-se

estimar por conversas informais com outros moradores que o valor transitava entre oitocentos e dois mil reais por mês, sendo que estes apontados como “conjugados” eram quase sempre mais caros.

Outros moradores relataram que neste período (meados dos anos oitenta) o valor dos imóveis caiu muito devido à fama estabelecida por conter atividades que destoava da conduta tida como aceitável para a época, como demonstrado no relato de um antigo morador do edifício:

*“Aqui a muitos anos atrás era muito pior, tinha muita prostituição e não é só de meninas não viu, formava era fila aqui. Tinha de andar com restaurantes, eles arrumavam mesinhas dentro da quitinete e ficava igual um restaurante mesmo, tinha venda de drogas, brigas toda hora, sem contar as festas e os encontros de torcida organizada, olha eram tempos difíceis, não era fácil não. Mas agora está bem diferente, agora virou um prédio de família. Eu mesmo, vi tanto coisa aqui, tanta gente que desistiu e vendeu a preço de banana, fora os que entraram e foram ficando né”* (Conversa informal com Morador Z, aproximadamente 70 anos, sobre como era o prédio anteriormente)

Ainda estava me ambientando a toda uma lógica burocrática dentro de casa, verificar água, eletricidade, trocar o nome da antiga conta de luz para o meu, medir com bastante cuidado a largura das portas e aproveitar para olhar, e flunar pelos andares. Minha primeira observação foi a de um prédio sempre em constante movimento, se a dona do apartamento não tivesse me dito que ali era apenas “familiar”, acreditaria facilmente que também era um espaço comercial, dada a expressiva circulação entre andares e principalmente no portão localizado frente à calçada.

Com papéis em mãos, especificando os móveis que entrariam no prédio, entreguei para os porteiros que em nenhum momento checaram a documentação, reencontrei com o porteiro que me mostrou os outros apartamentos anteriormente: “bem-vindo ao prédio” ele me disse. Como neste prédio não existe garagem para os moradores, é necessário solicitar na portaria que o portão seja aberto para poder colocar o carro (caminhão) da mudança, já submetido ao aviso que deve ser o mais breve possível.

Comecei a mudança às dez horas da manhã, entrando na Quitinete abri as janelas para poder circular o ar, agora de dia era possível ver melhor o espaço bem como a vista para a enseada.

Finalmente o dia da mudança, era sábado e segundo uma das moradoras que disputava o carrinho comigo aquele dia era o mais concorrido para fazer mudanças “Hoje é o dia oficial da mudança né, tá chegando? Estamos saindo, boa sorte” Comecei gradualmente a retirar os itens e agrupar lós sobre o chão no

espaço que chamaremos de “hall” do edifício (o chamaremos assim, pois, conforme mencionado, não existe um espaço próprio para aguardar, ou cadeiras, ou mesmo um local de meio-termo sobre o espaço de dentro e o de fora- como ocorrem nos halls de prédios que seguram naquele espaço de intermeio). Algumas pessoas passavam olhando os itens, outras perguntavam se estávamos entrando ou saindo, outras desviavam o olhar.

Fui informada que deveria realizar a mudança no segundo elevador, também chamado de elevador de serviço. O carrinho da mudança fornecido pelo prédio, cabe de tal modo que no elevador conseguia entrar a pessoa que o empurrava e mais uma pessoa com um espaço com possibilidade de mobilidade.

Como foram diversas vezes que precisei subir e descer com o carrinho, em algumas destas vezes encontrei com pessoas que se apresentavam como moradores, e me informaram que se eu precisasse de algo estavam à disposição, se mostrando bastante solícitos, outras pessoas, no entanto, subiam em silêncio.

Demoramos cerca de duas horas para realizar a mudança em sua totalidade, contava com a ajuda de duas pessoas neste dia. Que entre uma mala e outra seguiam repetindo “aqui você não converse com ninguém, ok”, o medo presente se confundia com a felicidade de me ver ali fazendo a mudança. Sobre este medo trabalharemos no próximo capítulo quando debatermos acerca dos estigmas em torno deste espaço.

A dona do apartamento, havia me informado sobre o local de pendurar roupas no banheiro, e também sobre o costume dos moradores deste lado do edifício, de colocarem varais suspensos fixados na janela para estender roupas. Entretanto, me alertou sobre a possibilidade de cair sujeira nas roupas, como coco de pombo ou cuspe. “Por isso algumas pessoas cobrem as roupas com saco de lixo, mas eu colocaria no banheiro ou então você compra aqueles varais de chão, não aconselho colocar roupa para fora não” Agora de dia, eu conseguia ver a quantidade de varais deste lado do edifício, do lado oposto (que fica frente à rua ouro preto) era expressamente proibido.

Sendo assim, no dia da “disputa” pelo carrinho da mudança eu não conseguia não lembrar de todos os avisos sobre o meu mais novo espaço.

Cabe aqui uma interpretação dessa necessidade de que mesmo morando em um espaço considerado “bom” tal qual a zona sul do Rio de Janeiro, se faz importante ressaltar a exata localização, pois ela, e apenas ela dirá se seu status

corresponde a da dita requintada zona sul, demonstrando claramente um recorte de classe.

Já perto do final da mudança, quando estava retirando o último móvel do carro, furei o pé com um prego, deixado por um dos moradores que estavam fazendo sua mudança no mesmo dia. Ali aprendi algumas coisas sobre mudança: o carrinho da mudança é um item absurdamente necessário, tem poder quem fica com ele por mais tempo; use botas ou tênis na sua mudança ainda que o costume praiano seja chinelo e por fim tenha sua antitetânica em dia caso acidentes aconteçam.

Enquanto colocamos as coisas dentro da quitinete, todos aqueles avisos de cuidado foram delicadamente esquecidos, minhas vizinhas de porta logo se interessaram em saber sobre a pessoa nova que havia se mudado: “Oi vizinha! Tudo bem? Se mudando? Acabou de chegar né? Chama a gente para o chá de cozinha hein”.

Acima mencionamos alguns rituais da casa velha e da casa nova, tais como passar uma vassoura na casa velha para tirar as suas energias, e lavar o chão da casa nova para não se “sujar” da energia deixada ali, importante frisar que em ambos os casos a limpeza é realizada da parte mais interna do imóvel até a porta de entrada, de modo que, ela (a sujeira energética) saia do espaço. O chá de cozinha é uma celebração comum em algumas regiões do Brasil em que se presenteia alguém que se muda para uma casa nova, em especial, os casais, em geral, fazem uma lista e distribuem entre os convidados, que em troca aos itens presenteados recebem comida e bebida. Minha quitinete tem 21 metros quadrados, e a não ser que eu fizesse um chá de cozinha a prestação ou no corredor, essa ideia não seria das melhores, de fato o tamanho do local onde eu morava, era razão de chacota entre algumas pessoas, principalmente familiares e conhecidos mais próximos; “Você faz como? Abre a janela para entrar sol e sai né, porque se não o sol fica sem espaço, "como você cuida de um cachorro desse tamanho, que maldade com o bichinho” o tamanho da quitinete como se mostra, era um motivador de curiosidade ou de chacota. Embora não tenha realizado o chá de cozinha, recebi alguns presentes celebrando a “casa nova” bem como; panelas, panos de prato, copos, e um coador de café em miniatura, que segundo a pessoa que me presenteou, não ocuparia muito espaço dentro da quitinete sendo,

portanto, de tamanho equivalente ao tamanho do espaço- um micro coador para um micro casa.

Me mudei com meu cachorro chamado Todd, que na época ainda morava comigo, e se mostrou extremamente importante para socializar com os moradores daquele edifício. “Olha lá a garota do cachorro gigante” e eu já aproveitada para puxar assunto e escutar mais sobre o prédio.

Itens que normalmente não pensamos em comprar ou levar para a casa nova como vassoura, pá, rodo e afins eu não tinha, e mudar é fazer de certa forma uma sujeira. Bati na porta da vizinha da frente, não obtive resposta, e fui andando até o início do corredor tentando ouvir se alguém estava em casa. Uma das moradoras dos apartamentos que ficam de frente estava se mudando, o valor tinha ficado alto segundo ela e estava indo para outra unidade ali mesmo pelo prédio, aproveitei e pedi emprestado os itens de limpeza, ignorando solenemente os avisos de conversar somente o trivial, ou de não conversar com ninguém. Passamos aproximadamente uns quinze minutos conversando, segundo me contou ela cresceu no Solymar, criou duas filhas e estava um pouco triste em deixar aquela unidade em específico, pois segundo ela, tinha uma vista incrível, de frente para a praia de botafogo. Ela já tinha mudado de moradia no próprio prédio, algumas vezes, em tom de despedida, ia me mostrando o seu “ex” espaço. O apartamento (em alguns trechos da tese é possível perceber que me refiro ao espaço como quitinete em outros como apartamento e por fim como conjugado, a depender de como o interlocutor chama seu espaço) tinha uma sala consideravelmente ampla, com uma janela que dava para a rua Visconde de Ouro Preto. Próximo à porta de entrada existia uma cozinha, com armários planejados, fogão, pia, espaço para geladeira e uma máquina de lavar *front load*. Uma bancada/ mesa americana separava a cozinha da sala. Logo após existia um banheiro com *blindex* e por fim o quarto também separado do restante, neste existia outra janela com vista o pão de açúcar e a baía de Botafogo.

Ela me contou, que o proprietário que era uma pessoa já com certa idade que morava fora do Brasil e alugava aquele apartamento. Pessoalmente mesmo, eles nunca conversaram. Saindo do apartamento ela ia me mostrando como havia deixado tudo muito limpo e organizado, ao final ela me disse “bem-vinda, e se precisar de uma costureira é só me procurar no bloco x apartamento y”.

Os dias foram passando, e fui conhecendo mais moradores, se precisava de algum item que não podia comprar ou achava que não iria precisar mais de uma vez lá ia eu bater nas portas alheias. Foot Whyte em seus estudos nos adverte sobre os cuidados de não emprestar dinheiro, por exemplo, daqueles que são potencialmente seus entrevistados, mas neste caso era eu pedindo, não dinheiro, mas itens de limpeza, fios, e quando finalmente ligaram meu gás um fósforo, entendia estar na condição de vizinhança e não necessariamente de pesquisadora, portanto, seguia solicitando os itens emprestados.

Duas vezes ao dia encontrava com algum funcionário limpando o corredor ou as escadas, bem como colocando o lixo na lixeira. Algo que gerava um certo incômodo aos demais moradores conforme se lê no trecho abaixo:

*Já se passaram cinco meses desde que me mudei para o edifício, ainda estou aprendendo como gerir um espaço e tentando compreender por que gera tamanha comoção dizer onde moro. A dona da quitinete veio me entregar os recibos referentes aos meses pagos, e me perguntou se estou gostando. O que respondi que sim. Ela me perguntou se algo estava me incomodando, neste momento, já se encaminhando para a porta que estava aberta, vemos uma pessoa passando com lixo nas mãos. A acompanho até o elevador, outro morador também o aguarda. Olho para a escada e percebo mais uma vez que alguém deixou o lixo ali, ao invés de jogar pelo espaço destinado a isso. A dona do apartamento me encontra no olhar e diz “povo porco né, isso aqui não vai melhorar nunca se as pessoas não melhorarem” o outro morador que estava ao seu lado, segue na conversa dizendo “isso é ridículo, se a pessoa pode andar até aqui, porque não pode subir dois degraus e jogar o lixo fora, isso aqui é uma favela” (Trecho de diário de campo, 2019)*

Percebo com o passar do tempo, que as tubulações e fios aparentes no “hall” são mais antigas do que me foi dito. Segundo moradores mais antigos, aquele edifício sempre esteve em construção, em uma eterna reforma. De fato, uma interlocutora me diz com certo tom de sarcasmo que essa é a estratégia utilizada pelos donos de apartamentos e por corretores. Dizer que o prédio está se modernizando, passando por uma reforma. Conforme trecho abaixo:

*Hoje recebi um documento endereçado à dona do imóvel, referente ao condomínio. Ela me questiona se eu posso pagar este mês diretamente. Posto que geralmente eu deposito o valor do aluguel mais do condomínio em sua conta. Disse que sim, e abri a conta para poder pagar. Quando me deparei com um valor de taxa extra referente a obra do edifício. Resolvi ir até o nono andar e pedir para Mercedes (nome fictício) imprimir o comprovante do pagamento que tinha sido feito pelo internet banking. E aproveitei que estava ali para perguntar sobre a taxa. Mercedes tem em torno de cinquenta anos, mora no edifício a quatorze, anteriormente morava na Tijuca. Sua casa foi “pensada” como gosta de dizer para atender as necessidades, não para ter luxo. “Jac essa taxa aí é só mais um jeito de empurrarem mais conta pra gente pagar, ou eles colocam cota extra, ou*

*aumentam o condomínio, inclusive pode ir se preparando. Como pode um prédio desses não ter espaço para as crianças brincarem, para vocês jovens guardarem a bicicleta, um verdadeiro absurdo. Olha fiz bolo, quer?" E retornei para a minha quitinete com a cópia do comprovante do pagamento e um pedaço de bolo de abacaxi. (2019)*

Em uma das vezes enquanto eu voltava da rua, entrei no primeiro elevador, considerado “social”, ao visitar outros edifícios na orla, percebi que no elevador social geralmente tinha um grande espelho, dando um certo ar de moderno, ao passo que o social não possuía o espelho e dentro deste espaço de ausência o que existia era uma espécie de tecido para proteger o elevador, no edifício Solymar a grande diferença entre o elevador social e o não social, era principalmente pela estrutura interna, um dava uma impressão de melhor acabamento enquanto o outro parecia um pouco mais debilitado. Neste dia em específico, acompanhei a entrada de duas pessoas, uma delas usava um crachá que dizia “corretor” deduzi que a outra era possivelmente um potencial morador.

*Já faz quase um ano que estou morando aqui, o natal está se aproximando e hoje enquanto saía para passear com o Todd vi umas senhoras arrumando uma árvore-de-natal no espaço próximo à portaria. São duas senhoras, aparentando aproximando sessenta anos, próximo delas um funcionário do prédio está de pé, elas estão conversando enquanto pegam algumas partes da árvore dentro de uma caixa. Logo próximo delas, outra caixa, contém decoração de natal e algumas caixas menores decoradas como presentes. A árvore está sendo montada sobre um pano vermelho. O funcionário próximo das senhoras comentou “vai ficar bonito isso” no que elas responderam “a gente tem que deixar arrumadinho né, deixar o prédio mais bonito”. Deixei o Todd no petshop para dar banho, aparentemente existe um certo limite em tentar dar banho em um cachorro de cinquenta quilos em um banheiro pequeno. A árvore já estava montada, tinha aproximadamente um metro de altura, algumas bolas coloridas a enfeitavam, debaixo dela, três caixas decoradas com papel de presente e uma sacola da marca reserva (Marca de roupas e calçados). Parei um pouco para admirar o esforço empenhado ali, e questionei se sempre fazem a árvore-de-natal e principalmente para quem eram os presentes. “Para os funcionários que se dedicam a deixar esse prédio bonito e familiar”. Enquanto as vejo guardarem os últimos itens nas caixas. Um homem alto de terno, com um crachá escrito corretor entra no prédio, e para ali próximo na região da portaria. Pega o celular e diz “sim, já estou aqui lhe aguardando, na portaria” Poucos minutos depois, apareceu uma jovem, eles se cumprimentam com aperto de mãos. Ele se encaminha para dentro e acompanho este trajeto. “Esse prédio tem uma excelente localização. Aqui é perto de tudo, tem o shopping ali do lado, e é super calmo você vai ver, o apartamento está novinho, todo reformado, e o prédio também está passando por modificações, está se modernizando” ouvi aquilo, e olhei para baixo sorrindo, e pensei: sim, está passando por muitas modificações, agora quanto a ser calmo, não tenho tanta certeza. Me encaminhei até o elevador social, pois era o mais próximo. Enquanto aguarda, ele e a mulher também aguardam o elevador. Entramos e eles apertam o décimo andar, eu aperto o meu andar. Ela pergunta sobre a segurança, e ele avisa que o edifício é “super” seguro, com segurança vinte e quatro horas por dia. (Diário de Campo, 2019)*

O que o trecho do diário de campo nos demonstra é que não apenas os moradores do edifício possuem estratégias, mas ele “o edifício” produz estratégias quase como um organismo vivo. O corretor, neste exemplo, ressalta a localização e a quantidade de transportes próximos ao edifício. Muito embora estivesse em frente ao elevador de serviço, se encaminhou até o elevador social que como dito anteriormente é mais “novo” existe aqui, portanto, uma questão com a estética do moderno, do novo, na contraposição do velho - atrasado. O elevador parece ser mais moderno, a obra que deixará o edifício mais arrojado. Aqui “moderno” é uma estratégia de venda/ locação. Mas podemos perceber como essa estratégia em torno da estética do belo também se fez presente durante o mês de dezembro em que objetos decorativos de natal eram expostos como adornos na entrada do prédio, para “torná-lo mais bonito” e segundo o campo me mostrava, a utilização de tais adornos natalinos dariam um ar “moderno/ bonito”, pois os itens eram segundo o grupo que os fixava “de última geração”. O grupo que montava a árvore-de-natal era composto por cinco mulheres, que aparentavam aproximadamente sessenta anos, entre os itens; estrela de natal, bolas vermelhas, alguns presentes embalados ficavam logo abaixo da árvore. Questionei se os presentes eram decorativos, e fui informada que alguns, sim, mas que muitos ali eram de fato para os porteiros do prédio.

### 3.3 Os sentidos - Aprendendo sobre regras e códigos:

*Segundo um dos porteiros, o Edifício Solymar “é uma mistura de prédio pandeiro e surdo, pois tanto apanha quanto sacoleja” (...) As pessoas transitam pela portaria e corredores como numa cidade. Dificilmente se cumprimentam, pois, em geral, os primeiros contatos foram em incidentes ou na hostilidade da divisão do espaço de um dos elevadores. (Diário de Campo, 09/07/1979, Edição 10789)*

Na introdução comentou-se sobre autores da antropologia clássica que iniciaram seus trabalhos fazendo trabalho de campo onde “o outro” suas práticas e costumes eram o principal foco de estudos. Neste sentido a etnografia passa a ser percebida como uma importante ferramenta de trabalho do antropólogo que utiliza deste recurso para construir nas ciências sociais campos de saberes, conceitos e teorias. Demonstrou-se também que anos mais tarde, rompendo com os autores do final do século XIX, o “outro” passa a ser aquele que já não é totalmente distante,

de outro país. Agora o foco dos estudos vive na mesma cidade, no mesmo bairro que o pesquisador e ainda assim constrói alteridade e estranhamento percebidos através de acordos e regras locais.

Durante toda minha permanência como moradora do edifício, acompanhei a vida sonora de quase todos os vizinhos que estavam no entorno do meu apartamento, muito embora ainda não soubesse ou não conseguisse descrever quem eram os moradores daquele edifício, era impossível não ouvir a vida alheia acontecendo. O campo também apontou que escutar a vida alheia era algo recorrente podendo ser compreendido como falta de privacidade como no trecho abaixo:

*As paredes grudadas, parede com parede. Então, ouvia as discussões, ouvia as brigas, era comum, tão comum. Ouvia tudo mãe chamando atenção de filho, muito pouca privacidade mesmo”* (Entrevistado que morou no edifício por aproximadamente quinze anos, aproximadamente 40 anos)

O trecho acima é de um ex-morador, que dizia não sentir privacidade, pois da mesma maneira que escutava a vida alheia, muito provavelmente os outros também escutavam as suas conversas, precisando muitas vezes sussurrar segredos. Passados alguns meses, já estabelecida e morando no edifício, me ocorreu de solicitar para a dona do meu imóvel os recibos referentes aos meses pagos. Combinamos o horário, e no dia marcado ela chegou, bateu na porta, abri e ela entrou olhando a sua volta dizendo “Ainda se arrumando né, com o tempo tudo ganha o seu espaço. E aí está gostando? Prédio tranquilo né” mencionei sobre todos os ruídos sonoros que acompanhava diariamente, e antes mesmo de concluir a minha frase escutei em um tom forte “Cara, na boa, por esse valor que você paga, não encontra nem na favela” essa questão do valor do aluguel me pareceu neste momento como se fosse um favor e não uma relação comercial, muito embora eu não fosse amiga da dona, tampouco nos tratássemos por apelidos, além disto a dona da quitinete declarava uma fronteira sobre o que entendia ser aquele prédio e principalmente sobre o que não o considerava. Perceba que ela diz que aquele valor eu não encontraria nem na favela, abrindo um parêntese sobre o que esse tipo de comentário poderia significar se não uma classificação acerca dos espaços (sobre essa noção de favela versus o prédio trataremos no próximo capítulo). Ainda sobre os barulhos, era como se houvesse um cronograma audível, às sete horas da manhã tinha um vizinho que ouvia o programa de rádio A Voz do

Brasil, por volta das nove horas, algum dono de cachorro saia para trabalhar, pois, o restante do dia era o cachorro seguia chorando (nunca consegui descobrir de qual andar ele era) e o vizinho do andar de baixo do meu gritando “olha esse cachorro aí”, entre meio-dia e uma da tarde era o momento de escutar vozes femininas dizendo “para de brigar com seu irmão, desliga essa TV e vem comer, eu já avisei” por fim, o restante do dia se dividia entre alguém falando no telefone, vendo filme ou novela.

Eu não conhecia os acordos referentes a barulho em prédios, mas meu vizinho do andar de cima fez questão de me alertar, vindo bater à minha porta ainda com face de sono, que domingo era proibido qualquer tipo de obra. Portanto, descobri que ali, existiam diversas regras, algumas escritas, outras pareciam mais um comum acordo, como essa, referente ao barulho de domingo, por exemplo.

O barulho de “obra” podia acontecer entre nove da manhã e cinco da tarde durante a semana e aos sábados também. Eu precisava realizar pequenas melhorias no espaço, e uma vizinha certa vez tinha me dito que quando precisava fazer algo que não fizesse tanto barulho ela ligava o liquidificador ou colocava algum filme na televisão e pronto, aquele barulho abafava o barulho verdadeiro. Com essa dica, fui martelar o meu móvel ao som de um filme de ação, entre um tiroteio e outro que ocorria na película eu martelava o móvel.

Aprendemos a ouvir os sons que nos rodeiam, o rádio, as buzinas de carro, o telefone que toca, a conversa falada, a televisão sintonizada em algum programa. O corpo sente, o nosso sistema auditivo recebe os estímulos sonoros e passamos a identificá-lo como algo que gera conforto ou mal-estar. A passagem de um som para uma categoria “ruído” (Saliba, T. M, 2011.; Olsen, S. E. 2004; Russolo, Luigi. 1913) ou “barulho” diz muito sobre os acordos sociais propostos em cada sociedade. Em linhas gerais o que a literatura<sup>27</sup> aponta, é que foi na mudança da sociedade feudal para industrial que os sons se tornaram mais intensos devido às máquinas e a frequência que estas funcionavam. Recentemente a Organização Mundial Da Saúde estabeleceu 50 decibéis como limite de conforto, segundo a organização acima disto, o indivíduo fica em estado de alerta. Entre 65 e 70 dB tem-se a chamada poluição sonora, que pode inclusive ter influências na produção

---

<sup>27</sup> Lazarus e Cohen (1977)

hormonal, acima de 70dB o organismo do sujeito fica exposto ao estresse podendo influenciar em sua concentração, aprendizagem, distúrbios do sono dentre outros problemas.

Difícilmente a audição humana saberá mensurar precisamente a quantidade de decibéis que está recebendo, entretanto, sabemos classificar se o som que ouvimos é um barulho, no sentido de mal-estar do ruído. A título de exemplo, dois adultos conversando em um ambiente fechado geram em torno de 50 dB<sup>28</sup> quanto maior o número de pessoas falando, maior será a exposição de ruído. Algumas unidades de apartamentos do edifício tinham mais de quatro pessoas morando, portanto, dentro dessas residências o valor de decibéis produzidos poderá ser superior ao recomendado pela OMS e consequência prejudicial à saúde auditiva. Se um indivíduo resolvesse martelar a parede fora do horário estabelecido, poderia receber uma sanção do condomínio devido ao barulho e perturbação, um martelo batendo em um prego por sua vez gera em torno de 120 dB. Entretanto, se um indivíduo usasse um liquidificador, que gera em torno de 100 dB, não receberia essa sanção, afinal o liquidificador gera um som “aceito” pelo grupo, ao passo que uma furadeira, que configura “obra”, portanto, é entendida como barulho e gera algo em torno de 80 dB pode fazer com que o indivíduo receba uma multa.

Fatores como exposição, tempo e frequência são itens importantes a serem observados no que concerne a saúde auditiva, mas aqui nos interessa questionar a maneira como os sons são absorvidos e compreendidos dentro deste edifício. O horário e dia do som de uma martelada será classificada como “barulho” conforme exposto acima, pois significa obra, entretanto se o mesmo ocorrer antes das nove da manhã e depois das cinco da tarde torna-se aceitável bem como o som da televisão ou do liquidificador, estes últimos independentes do horário. A questão aqui não são os decibéis produzidos e absorvidos, mas sim o acordo comum que regula estes. É seguro, entretanto, dizer que uma das grandes questões de conflito dentro do Solymar era o som alto, as bitucas de cigarro jogadas pela janela, e os elevadores que hora não funcionavam, ou não conseguiam atender a alta demanda de movimentação e assim como no Estrela, de Gilberto Velho, as paredes que dividem os apartamentos são finas, logo o barulho (som) torna-se um

---

<sup>28</sup><https://somaautomotivobr.com.br/tabela-de-decibéis-maiores-e-menores-volumes-sonoros-possiveis-id776/>

elemento nos acordos locais que pode ser lido como um presente e resultados do “conflito vertical”:

Os apartamentos são separados por paredes finas e estreitas, fazendo com que o problema do barulho seja dos mais sérios, principalmente se levarmos em conta que muitas dessas pessoas vêm de habitações e locais onde não se colocava tal ordem de problema, não estando, portanto, “acostumadas”. A relativa heterogeneidade dos habitantes, colocando, lado a lado, estudantes e senhoras sexagenárias viúvas, atrizes de televisão e famílias de funcionários públicos com filhos pequenos, cria um problema de choque de horário.

Assim, a hora em que a atriz de televisão quer dormir é a hora em que no apartamento ao lado as crianças estão brincando; quando o estudante ligou sua vitrola, a viúva poderá estar dormindo, e esta, por sua vez, ligará a televisão para ver sua novela favorita no momento em que o estudante se prepara para a prova do dia seguinte. O grande número e a pequena distância entre os apartamentos fazem com que o morador do apartamento 706 possa ser incomodado não só pelo que se passa nos 705 e 707, mas, praticamente, pelo que possa ocorrer em todos os 16 apartamentos do seu andar, sem contar os dois andares de cima e embaixo. Aí teríamos o que chamávamos de “conflito vertical”. (Velho, 1973, pp. 24)

Se por um lado o som torna-se elemento construtor do conflito ele só o é, pois, conota certa regulação social acerca do “barulho” enquanto algo que o grupo atesta. Outro ponto observável dentro desta lógica dos acordos locais é a distinção que se faz entre os cheiros, limpeza e sujeira, que se mostrou uma interessante chave de análise quando um morador faleceu dentro de casa e o corpo, constatando sua morte<sup>29</sup> só se tornou pública dez dias depois, conforme trecho abaixo do diário de campo:

Voltei hoje ao prédio, quase uma semana desde que meu vizinho faleceu, ainda não consigo acreditar que durante todo o tempo que ele estava falecido eu achava que era a geladeira ou o ralo que estava exalando aquele cheiro forte, de fato não tinha como saber, pois, quando saía e conversava com alguém sobre o cheiro ouvia “deve ser o lixo” ou “provavelmente estão mexendo no esgoto”. Na frente da porta do senhor que faleceu tem duas crianças que chegam até a porta e correm até o final do corredor dizendo uma para a outra “duvido você colocar a mão lá” apontando para a porta, interessante, pois nos primeiros dias após descobrirem que ele havia falecido dentro de casa quando estas crianças chegaram perto para provavelmente ver o que tinha acontecido foram advertidas de que ali não era local de criança brincar. Hoje, embora elas brinquem no corredor, o fazem com a voz mais abafada. Na primeira semana. O cheiro no corredor não estava mais forte como na primeira semana, mas ainda estava presente. Enquanto tento colocar em prática algumas ideias de colegas para amenizá-lo escuto uma voz feminina vindo do corredor advertindo uma segunda voz, essa infantil dizendo “Não pode brincar

<sup>29</sup> No capítulo quatro abordaremos o espaço da morte tendo como ponto de reflexão, a morte deste morador e principalmente sobre a construção da individualidade em um espaço de grande movimentação bem como abordar os sentidos do afetamento (Favret- Saad) enquanto moradora, enquanto vizinha, enquanto pesquisadora por fim ser afetada na própria pesquisa que sofreu modificações no correr da pandemia.

ali na frente” Fui até a porta para observar quem estava conversando e percebi que a mulher duas crianças “Já falei que ali não é para brincar, não tá vendo o fedor que tá aqui, não quero ver vocês brincando aqui” (Trecho diário de campo, 2019)

Mary Douglas (2010) em sua obra *Pureza e Perigo* demonstra como “os rituais de pureza e impureza dão unidade a nossa experiência”. Suas categorias de análise tratam dos medos que circundam diversos grupos sociais a partir da chave da poluição. A partir de diversos exemplos, a autora vai demonstrando como cada cultura tem suas particularidades simbólicas para lidar com o perigo que possa pôr em risco ao se cruzar esse espaço que se divide puro do impuro, limpo de sujo saudável de doente. Chamando atenção no capítulo dois de sua obra - *A impureza secular*, a autora dirá que "as nossas ideias de impureza também são a expressão de sistemas simbólicos e que a diferença entre o comportamento face à poluição numa e noutra parte do mundo é apenas uma questão de pormenor” A título de exemplo, no trecho do diário de campo acima observamos como o espaço em frente a porta do senhor que faleceu se tornou "impuro/sujo" e conseqüentemente as crianças não deveriam brincar ali, pois, acima de tudo se tem uma lógica no contexto apresentado perigo associado a este espaço da morte, logo estamos retratando a realidade de um conduta localizada no século XXI, ocidental e urbana, a ainda o ritual da casa velha e da casa nova, em que se limpa o ambiente a fim de torná-lo puro para receber o corpo e também sua energia, logo uma limpeza que se faz por meio de preces e água. Outrossim, a limpeza material, e o espaço que deveria ser evitado para não sujar as roupas expostas no varal, por fim, existe a limpeza das relações, em que se deve evitar certos contatos “da porta pra fora é só bom dia e nada mais” para não se “misturar”.

Douglas dirá que existem duas diferenças importantes entre as ideias europeias contemporâneas (a de se observar o momento em que a autora está escrevendo) e das chamadas culturas primitivas. Primeiramente se afastando da ideia de religião como fonte de nossa noção de impureza, dirá que nos debruçamos principalmente por uma questão de higiene, principalmente pelo fato de termos tomado conhecimento em meados do século 1919 que as bactérias transmitiam doenças, portanto, nossa noção de impureza estaria muito mais "dominada pelo nosso conhecimento dos organismos patogênicos" (Mary Douglas, 2010, pp. 30)

Alguns dias após o corpo do senhor ter sido descoberto sem vida no apartamento, verifiquei que se intensificou a limpeza do corredor conforme pode-se constatar no trecho do diário abaixo:

Retornei ao apartamento depois de quatro dias desde que descobri que meu vizinho faleceu, não queria ficar dormindo ali, pois durante muitos dias eu o escutava tossindo enquanto ainda estava vivo, o via fechando a porta ou mesmo sentado com uma pasta no shopping, para segundo ele aproveitar o ar condicionado. Mas nunca soube de fato qual o nome dele. Não queria dormir ali, lado a lado pensando que durante vários dias dormi ao lado de um cadáver. O cheiro também parecia não passar, era um cheiro estranho, porém muito forte. Peguei o elevador como de costume e encontrei outro morador do andar, trocamos apenas um breve 'bom dia', mas assim que chegamos no andar e abrimos a porta fomos invadidos por um forte cheiro. E ambos passamos as mãos frente ao rosto para abanar um pouco “Deve ser algum produto né, esse cheiro é muito forte” ele disse enquanto segurava a porta para eu sair do elevador (Trecho diário de campo, 2019)

Questionei ao funcionário que executa a limpeza o que exatamente ele estava utilizando naquele dia, segundo ele era um composto químico de hipoclorito de sódio popularmente conhecido por água sanitária ou Kiboa, o líquido em questão também foi passado no elevador próximo e na porta de sua residência. Em suas palavras o funcionário da limpeza “Precisamos deixar isso aqui limpo, *purificar o ambiente*, tirar esse cheiro forte”. É interessante, pois o cheiro da água sanitária também era forte, ainda assim era necessário que este cheiro não apenas camuflasse o anterior, mas purificasse aquele trecho do corredor que estaria poluído. A questão sobre o cheiro e o corpo associado a uma pessoa sem vida aparece também na fala de um ex morador, com essa memória:

*Era no corredor. Na realidade era dentro de casa, só que quando a gente via movimentação de bombeiro, policial a gente ia atrás, aquele bando de gente curiosa né. E a gente ia atrás e a gente ia descobrir os apartamentos, descobrir onde era. Claro, a gente não conhecia né, mas a gente via muita coisa. Eu vi um corpo. Fui uma vez no bloco A, uma pessoa que morreu não sei que, não sei se foi assassinado, enfim. Um cheiro horrível estava no corredor inteiro. Ai a gente mete a cabeça assim para dentro do apartamento para ver, corpo inchado, já devia dias também. (...) Fica impregnado, uma coisa horrível, um cheiro horrível”. (Ex-morador, aproximadamente 30 anos)*

Neste sentido, justamente por aprendermos por assimilação e por não vivermos isolados é comum construirmos novos “esquemas de classificação” (Douglas,2010) sobre diferentes agrupamentos como, por exemplo, fazemos com barulho, som, cheiro, fedor, limpo e sujo. É importante, todavia ressaltar que “não é impossível que um indivíduo reveja o seu próprio esquema” Tomemos como exemplo um médico legista, mesmo tendo sido inserido em uma cultura que tende

a classificar um corpo em decomposição como sujo, impuro, “*fedorento*” em um determinado momento (ele o médico) revê seu esquema de classificações como demonstram Medeiros (2014). A autora relata a partir de sua experiência no IML como o cheiro/ odor dos corpos tinham diferentes “formatos”. Segundo a autora o “fedor” era tema recorrente, e os cheiros foram conforme seu campo avançava sendo diferentemente classificados pela antropóloga que descreve como o corpo carbonizado se assemelhava a carnes que passam do ponto, os da câmara frigorífica a um odor mais “azedo de carne não tão fresca” enfim, diferentes corpos em diferentes situações de causa mortis e tempo exalavam diferentes tons de cheiros que iam do mais aceitável até o difícil de lidar (Medeiros, 2014).

Para além destes o “faro”, ou seja, o conhecimento dos odores de forma mais intensificada lhe traduzia a rotina do IML, como o café que era servido entre 15h e 16h indicando o retorno do almoço, o cheiro de formol que indicava laboratórios que conservam órgãos e partes humanas ou o cheiro de creolina/ produtos de limpeza indicando que a equipe de limpeza passará por aquele setor. Renoldi (2007) chama atenção para o olfato, mais precisamente do “Faro” policial, entendendo que tal habilidade é construída principalmente em seu campo de pesquisa etnográfica<sup>30</sup>. Se valendo de autores como Polanyi (1958) que “chama atenção para a importância de diferentes aspectos na conformação do conhecimento (*connerusership*)” e Ingold (2000) que reconhece que certas habilidades (*skills*) como sendo a soma de “técnicas corporais incorporadas por meio de processos socioculturais” dependerá de cada indivíduo sua perspectiva de habitar (*Dwelling perspective*) neste sentido podemos retomar o exemplo do médico citado acima, que altera sua percepção principalmente devido ao seu meio e as técnicas associadas. Sobre isso Renoldi dirá:

As experiências de ser e habitar o mundo se conformam não apenas na continuidade entre corpo/percepção e cultura/tipos, mas também em sua diferença. De forma que o olfato não é nem o “treinamento” nem a “intuição” em si, mas a complexa coexistência em movimento das habilidades (Renoldi, 2012, pp. 91)

---

<sup>30</sup>Brígida Renoldi em sua pesquisa acompanha a construção do “faro” policial na cidade de *Misiones*, ambiente de fronteira entre o Brasil, Paraguai e Argentina. Segundo a autora, os policiais que atuam nesta região têm como principal foco a repressão do contrabando, drogas e outros crimes. Aprender a identificar potenciais crimes seria essa habilidade aprendida e construída através da profissão que capacita o policial a sentir, a ter “faro” para estes.

Portanto, é seguro dizer que se constrói uma memória olfativa e a depender das experiências relacionadas a estas como ocorre com o ruído, as classificamos como boas ou ruins, confortáveis ou não, acionando sentimentos que também constroem a forma de habitar o espaço (Ingold,2000).

### 3.4 Seja bem-vinda à vizinhança.

Uma vizinha veio me dar as boas-vindas, escorou-se no batente da minha porta e perguntou se eu queria uma xícara de café. Eu aceitei e começamos a conversar um pouco, ela me mostrou em qual porta morava, e perguntou se eu já estava me acostumando ao meu novo espaço, respondi que estava me habituando a todas as mudanças. Conversávamos especificamente a respeito das faltas: me faltava a cortina, faltava um lustre ou algo parecido para colocar no teto, uma cortina de banheiro, ela de forma alegre me respondeu, que mudanças são assim mesmo e que “leva pelo menos 6 meses para tornar nosso, o espírito do lar” terminamos nosso café ali na porta, e vez ou outra eu a via passar para jogar o lixo fora. Para essa interlocutora a casa aparece aqui como um ambiente que possui “alma” Bachelard (1994) um corpo que vai se adequando aos poucos, vestindo o necessário e aprendendo como uma criança a caminhar portanto, um espaço que se implica na tríade proposta por Jaeger (1992) segundo o autor “é somente como seres habitantes que nós temos acesso ao mundo. A casa, corpo e cidade são lugares onde nós nascemos e renascemos e de onde nós saímos para o mundo afora [...]” (Jager, 1992 apud Higuchi, 2003, p.52)

Enquanto eu ainda estava arrumando algumas coisas em casa tinha o costume de deixar a porta entreaberta para ventilar melhor, e fui notando que em alguns corredores isso era bastante comum principalmente em dias mais quentes, assim como eu, muitos moradores não tinham ar condicionado. O verão carioca, portanto, autorizava que as portas ficassem entreabertas para melhor circulação de ar, pelas frestas entre o público e o privado era possível notar que cada espaço tinha uma organização bastante diferente. Algumas pessoas tinham objetos religiosos pendurados na porta, outros não tinham nada, às vezes um adesivo de time, no chão à frente das portas alguns utilizavam capachos, mas a grande

maioria não, acredito que pelo fato do corredor ser estreito e um capacho quase tocar o outro.

Minhas primeiras semanas, sem gás de cozinha me levaram a conhecer uma rede no prédio que se assemelha muito ao *Ifood*, eu não conhecia muito bem a região então quase tudo que eu precisava eu perguntava aos porteiros, onde conseguir, qual o local mais próximo, eles definitivamente eram o *Google* das informações. Almoçar na rua estava começando a ficar caro acabei questionando se eles sabiam de algum restaurante mais em conta.

Com uma postura quase de quem conta um segredo um dos porteiros me disse “tem a vizinha do número tal que oferece comida, arroz feijão carne é uma quentinha bem servida por 12 reais” na sequência o outro disse “não, melhor mesmo é a do andar tal macarrão, nhoque, massas e frisa quando diz, tudo artesanal” perguntei se estava afixado em algum mural essas informações e pela reação da face deles percebi que as atividades embora regulares no prédio, são irregulares, pois ali se trata como um deles mesmo diz “um prédio familiar” e não comercial. Quase sempre descia ao térreo usando as escadas, cada andar tinha uma “cara” própria, tinha o andar do corredor das crianças brincando, o andar de um senhor que ficava sempre sentado em uma cadeira de praia, chinelos, e perna cruzada, um andar em que todos tinham capacho, parecia haver uma identidade por andar.

Ainda sobre essa rede de serviços oferecidos no edifício, certa vez, voltando para minha quitinete fui abordada por um senhor no elevador, que mais tarde ia se mostrar o verdadeiro ponto das trocas de informação, quando não do desespero, experimentados algumas vezes ao ficar presa dentro dele. Esse senhor me ofereceu os serviços dele de hidráulica, pintura, um faz tudo como ele gosta de se denominar. Finalmente em casa pensei que nem era preciso sair do prédio, bastava andar pelos andares que encontrava tudo o que precisava, um verdadeiro *Ifood* no mais *delivery* possível da palavra.

O tempo foi passando, e fui me tornando “do pedaço” quando me perguntavam o que eu fazia, eu dizia ser estudante de antropologia, e essa resposta não gerava muita resposta, daí dizia estar fazendo faculdade, as pessoas com mais de 60 anos, diziam “que bom minha filha, e quando se formar procura um empreguinho né” não importava muito minha área de atuação, eu era estudante

para uns, a dona do cachorro gigante para outros, a vizinha que tem medo de mortos, mas dificilmente eu era só a “Jacqueline”.

Minha “novela” com o gás abriu uma rede no corredor de solidariedade, e diversas idas à portaria, já estava me tornando conhecida devido à quantidade de problemas que levava semanalmente, quando não diariamente, era a luz que todo dia parava de funcionar, ou era uma infestação de baratas e precisava do telefone do senhor que fazia a dedetização, enfim diversas foram às vezes. Sobre as baratas a fala de uma moradora me chamou atenção, segundo ela, tudo ali no edifício tinha uma identidade muito característica, inclusive as baratas. Como segue relato de uma moradora:

*Cara, a barata foi tenso assim, quando entrei não sabia como lidar com as baratas, nunca tinha vivido isso, não sei nem qual é o plural coletivo de barata, gostaria de saber. Mas, cara aí era um enxame, cardumes, sei lá o que era o coletivo, vou usar de outros bichos não importa, você vai entender. E aí cara era barata na minha cama até sei lá qualquer lugar. Então, eu só trancava casas e saía, não tinha mais solução. Então, teve uma vez que a única solução foi quando uma vizinha minha, me socorreu, me deu exatamente qual era o remédio para esse tipo de barata, eu entendi um pouco de barata porque tem vários tipos, eu não sabia e tem um tipo que é o Solymar Rajá exatamente a barata daqui, é a barata Solymar. Essa vizinha me passou o contato de um dedetizador (...) ele não é um matador de barata de outros prédios, esse cara é oficial daqui porque ele sabe qual o veneno daqui. Foi muito interessante quando ele veio, ele falou isso. Ele falou cara para cada tipo de barata existe um veneno. Baratas daqui aqui você está vendo pequenininha assim sei que, exatamente como a vizinha falou, ele falou, cara tem que ser esse tipo de veneno. Se eu for para outro lugar, outro tipo de veneno. Então, esse cara é o único que eu chamo para matar as baratas daqui, a cada seis meses. Agora não dou mole eu já vou de seis em seis meses faço o rolê de baratas. (Solange, Casa instagramável)*

Enquanto eu estava sem gás encanado sempre tinha alguém disposto a me oferecer um espaço em sua cozinha fosse para cozinhar alguma coisinha, ou só para pegar um prato feito do que tivesse no dia, depois de quase um mês finalmente meu gás estava instalado e funcionando, tudo em casa era meticulosamente dimensionado para caber nos pequenos espaços que tinha disponível e não foi diferente com o fogão, duas bocas e um forno, agora sim poderia preparar minhas próprias refeições, muito embora tenha sido de grande valia ter sido ajudada pela minha vizinhança.

Em um espaço pequeno, e com duas janelas voltadas para a rua, minha relação com os vizinhos do outro prédio era constante, porém distante. Acompanhava a vida de uma família, e já conhecia seus hábitos e horários, e

finalmente tinha conseguido comprar minha cortina. No elevador uma das moradoras me viu carregando o varal onde se coloca a cortina e como morava no mesmo andar que eu, fomos conversando sobre esse espaço da janela, enquanto ela me dava dicas da altura em que pendurar as cortinas, fui pensando sobre o porquê de instalarmos cortinas. Nos dias que seguiram passei a perceber mais sobre esse "ambiente" da janela.

Era uma tarde bastante quente e abafada de novembro, então eu quase sempre que estava dentro de casa ficava próximo à janela, neste dia em particular escuto a conversa se desenrolar e a princípio ela parece bastante comum: um homem necessitando colocar uma cortina em sua casa (o tom das vozes revelava a conversa toda). Achei interessante o conteúdo da mesma, pois, o protagonista, um deficiente visual de aproximadamente 60 anos, já o conhecia e reconhecia sua voz, solicita ajuda de um dos porteiros para colocar uma cortina em sua janela. “Me ajuda a colocar essa cortina aqui”, dizia ele, “não quero que fiquem me vendo”. “Você está colocando alto o suficiente para tapar tudo?”. O desenrolar da conversa, segue sobre os detalhes de onde ela está sendo afixada, e termina com uma boa risada, e nosso protagonista feliz, pois agora poderia decidir o momento em que abre ou fecha a visão alheia, sem sofrer com o calor. Poderíamos pensar e explorar essa realidade a partir da seguinte questão: ele por ser deficiente visual, não vê a vida alheia, entretanto quer impor uma barreira sobre o que o alheio pode ver sobre sua vida.

Em outro dia, enquanto conversava com outras pessoas sobre relacionamentos e intimidades, surge o assunto de sexo, e mais uma vez aparecem as cortinas “Na hora H<sup>31</sup>, a gente fecha as cortinas e faz o que tem de fazer” (homem aproximadamente 35 anos). Esse morador vive com o namorado. Sua fala abre espaço para duas observações: o tabu em relação ao próprio corpo nu e o tabu em relação às atividades sexuais. Mais uma vez o que podemos mencionar a respeito dessa temática é como a cortina aparece como um elemento limítrofe, em relação ao que está dentro, não deixando passar o que não se quer revelar.

E as falas sobre esse espaço foram acontecendo em dias distintos, sob circunstâncias diferentes, não houve um questionário sobre o assunto, não neste momento, mas conforme as conversas iam acontecendo eu as ia registrando em

---

<sup>31</sup> Momento em que se realiza sexo.

cadernos e blocos de anotações, percebi que sobre esse assunto eu tinha alguns dados que se comunicavam:

*“Quando arrumei os móveis, pensei onde colocaria o armário, não quero os outros me vendo andando de calcinha ou me trocando. Se bem que em algum momento vão acabar me vendo né?”* (Mulher de aproximadamente 36 anos).

*“Assim que liberar um deste lado, você devia tentar se mudar, pois, aqui não tem esse povo olhando a gente. Lembro que sempre tinha um vizinho ali do outro prédio que vivia fumando na janela, sempre que estava me trocando, uma coincidência né. Mas se pensar bem, eu passava horas ali, na janela, lembro dos vizinhos do lado de lá (referindo-se ao outro prédio). (...) Tinha um casal que vivia brigando, ou pelo menos parecia, e bem no andar de baixo uma família gigantesca de japoneses, mas o que me incomodava mesmo, era aquele vizinho sempre na janela, olhando pra mim. Você conseguiu descobrir qual é a janela da mãe que bate nos filhos? Dava pra ouvir direitinho parecia até que era dentro da minha casa, mas nunca consegui descobrir, acho que ela devia fechar as janelas pra ninguém ver, sei lá (...)”* (Mulher de aproximadamente 70 anos).

*“Me mudei pra cá e tinha vergonha de tudo, me arrumava no banheiro, sabe como é né, mas hoje menina, eu ando é pelada, se quiserem me ver que vejam, tô nem aí, calorão desses, ando pelada mesmo” - Sua janela está localizada na lateral deste prédio, logo de frente a uma distância de 10 metros outro prédio, com 12 andares permite que sua vida privada seja observada.* (Mulher de aproximadamente 70 anos).

O que os casos acima têm em comum é cada uma em uma realidade (gênero, classe social, idade) apresenta uma razão diferente para não aparecer frente à janela, deixando revelar para o “público” detalhes de suas vidas privadas. O primeiro relato, demonstra que apesar de não enxergar, o morador quer ter o poder sobre o olhar, e colocar as cortinas em seu domicílio lhe permite isso. O segundo caso nos permite pensar qual o limite do cotidiano na vida privada, estando dentro de sua casa, fechado a quatro paredes, a janela é um canal que pode ser alterado, bastando olhar para a janela ao lado e acompanhar uma nova história, um novo personagem. Não deixar que o mundo veja o momento do sexo, diz mais a respeito das regras de condutas; o corpo nu, a demonstração de sentimentos e afetos que eram comuns na idade média e sofrem mudanças com a modernidade, precisando ficar resguardados aos olhos alheios<sup>32</sup>. Tentamos criar espaços delimitados para demonstrar determinados afetos. Por exemplo: uma

<sup>32</sup> Pelo fato da janela de alguns interlocutores estarem em uma região de acesso visual por parte de moradores do outro edifício, esse espaço da janela embora sendo um ambiente privado, que está dentro da residência de um morador é um espaço limítrofe, pois como rege o artigo 233 previsto no Código Penal Brasileiro, “Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto, ou exposto ao público: Pena- Detenção, de três meses a um ano, ou multa”. A janela não é um ambiente “público”, mas ele se torna aberto e pode expor o corpo nu, em atos sexuais.

ereção não é aceita no convívio em sociedade, precisando ser contida, dentro das calças, de casa, do quarto e longe dos olhares alheios. De fato, durante várias noites eu me sentia na alegoria da caverna<sup>33</sup>, observando as sombras dos inquilinos do prédio onde morava, refletidas na parede do prédio do lado, quando escutava uma briga ou algo que se assemelhava a um desentendimento, olhava aquelas sombras sem conseguir definir qual era o andar onde aqui ocorria, ou se era de fato uma briga, ou ao escutar gemidos, como poderia dizer que se tratavam de atos sexuais? Se não de um filme, ou algo similar.

Os exemplos retirados do caderno de campo, acima expostos falam praticamente sobre a mesma coisa, mais uma vez, o que aprendemos através do fato social sobre o que pode ser visto, e o que deveria ficar velado. Certo que isso muda de sociedade para sociedade, aprisiona muito mais os corpos femininos do que os corpos masculinos, mostrando um verdadeiro tabu sobre o corpo e sua nudez. Rodrigues (2006) ao trabalhar com tais tabus atribui a socialização e a educação principalmente os princípios morais que se tornam aceitos em sociedade segundo este:

O treinamento educativo consiste em introduzir nos indivíduos determinados valores e determinadas regras que orientarão os seus comportamentos em suas relações com o mundo e com a sociedade. (Rodrigues, José Carlos. Tabu do Corpo, p. 33, 2006)

O que podemos notar, portanto, é que o comportamento individual é uma resposta aos códigos impostos pela sociedade. Ainda que estes não sejam “escritos” existe uma oralidade passada de pai para filho sobre o que não se deve ser feito em público, e apenas deve se revelar no privado. A vergonha de aparecer na janela, no quinto relato, no entanto, mostra um cruzar de fronteira, um ato quase que desviante. Mas, por outro lado, pode ser percebido como um novo modo de lidar com o próprio corpo. Não é fácil aceitar o corpo como ele é, e somos a todo momento condicionados a entender que existem padrões de beleza a serem conquistados, sendo o olho do outro o juiz muito maior do que nosso

---

<sup>33</sup> No mito da caverna, o filósofo Platão usa a metáfora da caverna para explicar a diferença entre a realidade aparente e a realidade verdadeira. A caverna representa o mundo físico, onde as pessoas estão presas por correntes e só podem ver o que está à sua frente. As sombras nas paredes da caverna representam a realidade aparente, ou seja, aquilo que as pessoas veem e acreditam ser verdadeiro. A luz do sol representa a realidade verdadeira, ou seja, a verdade que está além da realidade aparente.

próprio espelho. Na verdade, o espelho é só um reflexo do que a sociedade diz, e assim, na cultura, apresenta formas e reflexos diferentes e bem diversos.

### 3.5 O corpo

O corpo se mostrou uma ferramenta potencialmente forte durante meus dias morando ali, eu continuava curiosa, se não existia interfone a rotatividade de moradores era sempre grande e os porteiros trabalhavam sob escala, como eles conseguiam identificar quem era ou não morador? Quem estava ou não parado. Com essa pergunta em mente, passei uma tarde observando o vai e vem na portaria. Durante as quatro horas em que fiquei ali de pé próxima da entrada, contei 34 pessoas entrando e 16 saindo, nem todas as que entravam eram paradas, algumas por si só iam até o balcão e informam para qual apartamento estavam indo, o porteiro solicitava uma identidade e fazia o cadastro no papel preso na prancheta. Entretanto, outras pessoas passavam sem fazer o mesmo. Eu já estava morando a mais de um ano nessa altura, e conhecia de rosto algumas pessoas, e não saberia dizer se todos eram moradores. Era claro alguns que chegavam com roupa de motoboy, ou carregando uma maquininha de cartão de crédito e débito, mas como os porteiros sabiam definir quem era dali ou não, afinal poderia se tratar de um morador cujo ofício era entregar, daí sua vestimenta, como então o porteiro conseguia determinar quem deveria ser “barrado”? É importante ter em mente que a entrada deste prédio tem uma rampa que por si só diminui o ritmo da passada, e o portão que dá acesso à rua nunca está trancado. Fiquei me questionando sobre espaços que não possuam alguém que permita ou restrinja seu acesso e não consegui encontrar nenhuma resposta.

Quando vamos ao banco, ao supermercado, aeroporto, existe sempre a presença de uma barreira física dizendo quem pode e quem não pode entrar, e é interessante pensar sobre o poder que isso exerce sobre as pessoas diariamente. O direito é de ir e vir, mas mesmo entre esse “ir e vir” existe algo no meio o “e” está ali presente. Mas e quanto ao edifício? Qual era a maneira dos porteiros identificarem quem era ou não do prédio?

Após passar a tarde tentando descobrir apenas visualmente, não encontrei um “código” que respondesse a meu questionamento e resolvi perguntar a um dos porteiros. O porteiro me revelou que eles sabiam pelo modo de andar, e eu continuei curiosa ‘com o modo de andar?’ e ele respondeu “Sempre fica um segurança aqui embaixo, e a gente da portaria, geralmente quem mora aqui passa direto sabe? Mas quem vem pela primeira vez fica na dúvida de qual elevador pegar, aonde ir, e quase sempre eles fazem uma pausa aqui na rampinha, daí já dá pra saber, que essa pessoa não é daqui”. Sendo assim a brevidade nesta pausa do corpo que antes estava em movimento, alerta os porteiros sobre a potencialidade daquele não ser um morador, existia, portanto, uma leitura das práticas corporais (Mauss, 2003), no ir e vir daquele espaço.

Alguns amigos me visitaram quando morei em um prédio e, todos eles, foram abordados ou se abordaram voluntariamente pelo porteiro para perguntar como chegar ao meu apartamento. Alguns, inclusive, seguiram as instruções do porteiro e, mesmo assim, acabaram se perdendo e indo parar no andar ou no bloco errado. O que podemos perceber aqui é que embora pareça não haver uma “segurança” com interfones, e câmeras, existe uma leitura do corpo nos auxiliam nesse debate, Mauss (2003) e Boas (2005) quando o assunto é a linguagem e as técnicas do corpo como forma de expressão cultural, o que faz alguém ser parado na entrada deste prédio é muito mais um conjunto de ações que simbolizam o pertencimento ou não do que propriamente o próprio ato de pertencer. Sabendo disso, resolvi testar a teoria do copo apresentada pelo porteiro, e quando recebi um colega em casa o informei com detalhes qual exatamente era o elevador, como entrar, e principalmente para não fazer a pausa na entrada. E de fato, ninguém o questionou, testei o mesmo com outras duas pessoas e ocorreu o mesmo, todos passaram sem ser parados. Uma colega ao fazer esse favor quando me visitou disse “parecia que eu estava fazendo coisa errada credo”, ou seja, aquela postura e modo de se portar não era natural, mas sim eram ações planejadas. Portanto, mais uma vez, representamos através dos nossos corpos, aquilo que vemos e principalmente aprendemos socialmente a ponto de considerar quase uma contravenção agir de forma totalmente planejada para “burlar” um sistema preposto, ainda que isso seja apenas pautado no caminhar.

A rede de comércio (i)legal existente dentro do prédio, se estendia a calçada, eu já conseguia identificar quem eram os moradores que trabalhavam como ambulantes pela região, quando não os encontrava pelo elevador empurrando seus carrinhos de comida, ou produtos que variavam conforme a época do ano. Sempre muito atentos ao clima do tempo e das pessoas sabiam o que expor na calçada ou em suas araras. Algumas nuvens e metade deles já tinham capas de chuva, guarda-chuvas, sombrinhas dispostas. Mas, o que mais chamou minha atenção foi, sem dúvidas, a época da Copa do Mundo de Futebol de 2018.

Como já referi, os apartamentos tinham um espaço bastante limitado. Nos anos em que morei ali (outubro de 2016 a novembro de 2019<sup>34</sup>), foram poucas e raras às vezes que presenciei festas de aniversário, por exemplo. (Exceto a minha própria, a qual irei mencionar mais a frente), não existia um Hall ou salão de festas, então não era incomum ver grupos de pessoas sentados em uma praça próxima bebendo cerveja e celebrando. Mas foi durante a copa, que o uso da calçada como complementaridade da casa se mostrou mais presente.

Certo dia voltando para casa vi uma estrutura montada com uma grande televisão, fiações, mesas e uma churrasqueira todos dispostos na calçada. O tema verde e amarelo tomava conta de quase tudo, e diversos vendedores dispunham de arquinhos, bandeirinhas, bottons e uma infinidade de elementos.

---

<sup>34</sup> Assinei o contrato em outubro de 2016, e realizei minha mudança junto com o meu namorado na época para o imóvel, moramos juntos até meados de 2017 quando encerramos nossa relação, continuei morando no edifício até aproximadamente outubro de 2019 quando iniciei minha mudança para um outro prédio também localizado no Rio de Janeiro. Os dados registrados nos cadernos de campo ocorreram principalmente entre 2017 e 2019, em 2020 ano em que iniciei as entrevistas estruturadas por um roteiro, deu início a pandemia de covid, o que afetou criticamente a pesquisa. Retornei no edifício em 2021, exclusivamente como pesquisadora, a convite de colabores do campo. Retomo esse dado, sobre o retorno ao campo no item “ Minha saída e meu retorno” localizado neste capítulo.

Figura 19. Vendedores ambulantes na calçada.



Foto do campo - junho de 2018

Parados alguns de pé, outros sentados em banquetas assistiam aos jogos, e faziam churrasco. Olhei à minha volta, e alguns rostos provavelmente eram apenas de transeuntes, mas em sua grande maioria eram de moradores do prédio. Uma senhora, ao me ver observando tudo aquilo, veio ao meu encontro com um banquinho na mão dizendo “vem, quer assistir um pouco? Senta aqui fica à vontade” frase comum de ser ouvida quando somos recebidos normalmente na casa de alguém. Embora eu conseguisse identificar alguns rostos, não tinha ainda, mesmo no dia em que fiquei na portaria, perceber a população dos três prédios. Na imagem abaixo é possível observar a estrutura montada no espaço público (calçada), porém delimitado por bandeirolas que poderia entrar na parte (privada) próxima à televisão em que passavam os jogos da copa.

Figura 20. Ocupação da calçada durante a copa de 2018



Fonte: autora, 2018.

Outras ocasiões também geravam este sentimento de espaço compartilhado, devido aos problemas constantes nos elevadores costumava andar muito de escada, e não era difícil encontrar casais novos sentados conversando ou se beijando. De fato, algumas vezes escutava de jovens “será que ela vai contar para alguém” aquele espaço configurava, portanto, uma área escondida em uma área “pública”. A gestão dos espaços, privado versus público e em como dentro deste edifício o espaço que se lê como privado ganha uma diferente noção.

O corredor é uma área compartilhada, visto que todos circulam por ali e é ao mesmo tempo, o espaço da rua dentro deste edifício. Cada corredor funciona dentro deste prédio como uma rua, com características próprias. Ainda que as paredes de todos tenham o mesmo tom, as portas e capachos (tapetes colocados no chão) dão o tom e cores. Em alguns é possível encontrar crianças brincando "lá

fora", em outros pequenos grupos de jovens conversando ou jogando cartas conforme trecho do diário de campo abaixo:

Hoje está um dia extremamente quente, deixar as janelas abertas parece que não está sendo suficiente para sanar o calor. Sou convidada por telefone por uma moradora de outro andar a beber uma cerveja “la fora”. Combinamos de nos encontrar em sua casa. Troquei de roupa, e levei uns salgadinhos. Seu apartamento está localizado entre o 8 e 10 andar do bloco B. Para chegar lá, como gosto de andar de escadas, subo até o sexto andar e cruzo a porta que divide um bloco do outro. Já no bloco B subo o restante dos lances de escada faltantes. Em seu corredor a maioria das portas não possui capacho no chão, mas a grande maioria possui uma tira que bloqueia insetos (baratas) de entrarem da casa. Chegando lá perguntei aonde iríamos, ela entra em casa pega uma cadeira e diz “vamos tomar uma cervejinha aqui” e coloca uma cadeira de frente para a outra no corredor dizendo “aqui tá batendo um ventinho super gostosos né”. Sento na cadeira de plástico, e entrego os salgados dizendo “pensei que iríamos na rua” no que ela me responde, “ah já estamos aqui, aqui fora está bom (...)”. Conversamos por um longo período, e entre uma cerveja ou outra passamos por nós alguns moradores. Questionei se não seríamos chamadas a atenção por estarmos sentadas no corredor comendo e bebendo e com uma risada larga ela me respondeu “Só se for pra pedirem mais uma cadeira né” Quanto as pessoas que passavam, davam boa tarde. Percebo que existem olhares que parecem de curiosidade. E pergunto se ela costuma fazer isso regularmente de beber uma cervejinha no corredor, sua resposta é positiva (Diário de campo, 2018)

O que chama atenção no trecho acima é a concepção do espaço do corredor como um ambiente “público” (no sentido de coletividade) versus o da porta para dentro como sendo do privado. Durante vários outros momentos me deparei com um senhor que aparentava ter idade superior a sessenta anos, sentado em uma cadeira de praia no corredor. Era um senhor magro, que usava sandálias de dedo e shorts nos dias mais quentes, era comum o encontrar sem camisa, quase sempre estava com as pernas cruzadas com as mãos sobre os joelhos balançando o pé que estivesse sobre o outro. Seus olhos se encontravam com os meus no momento em que eu lhe cumprimentava, as respostas vinham com um acenar de cabeça e voltava a fitar aquele longo espaço de portas. Posto que ele se sentava de costas para a parede de frente para o corredor. Um dia quando passava por este corredor, havia uma senhora entrando no apartamento, e questionei se hoje ele não se sentaria ali como era de costume, ao que ouvi como resposta “hoje ele não quis ficar aqui fora” de fato, depois deste dia não encontrei mais com ele ou mesmo com a senhora que havia me respondido, mas perceba que o corredor era o espaço “de fora”, e como mencionamos anteriormente um espaço “quase público”.

Durante a pesquisa de campo, foi possível notar que este espaço em outros momentos no prédio era ainda mais notado enquanto um espaço de “rua/ de fora”

segundo um colaborador para poder sair de casa ele precisava ao abrir a porta verificar se vinha ou não uma moto, e que era comum que os moradores guardassem suas motos naquele espaço. Assim como era comum a depender do andar se deparar com longas filas de pessoas que buscavam por mulheres ou travestis. Segundo ele, “se a moça fosse famosa, ou muito boa, a fila dela era bem maior”. Esse espaço se apresentou, portanto, durante muitos períodos no edifício como de fato um espaço da rua, do comércio, do público.

Aqui podemos nos questionar sobre o que afinal define o espaço comum/público do espaço privado, interno. A divisão que se faz sobre o “de fora” para o “de dentro”, principalmente durante o verão que a maioria das portas ficava entre abertas.

Pensar em mobilidade pode aqui ser trabalhado a partir do portão do edifício que nunca se fecha, por exemplo, e com isso conota uma mobilidade física, em que corpos se colocam em movimento, portanto, se torna possível e visível aos olhos. É preciso pensar que embora o corpo não circule entre os edifícios, os comentários a respeito deste, sim, o fazem, logo a linguagem que é pura circulação de signos aqui implicada em estigma (Goffman,1975) impõem na dimensão social da circulação o que se faz, impregnado da dimensão imaginária, entendendo que o imaginário é uma dimensão do sujeito e que, portanto incide no “*modus*” de morar, como bem apontado por Lebreton (2019) a cidade também se faz presente no corpo, dando aos transeuntes, suas próprias cronologias, sendo ele parte viva que reflete a cidade.

Gostaria, portanto, de pensar na mobilidade, para além da mobilidade física, que indiretamente atinge o corpo que circula, tal mobilidade que se faz presente através dos discursos proferidos pelo e para o edifício, e produzem práticas e estratégias específicas para aquele espaço. Levando também em consideração como circulam tais informações e de que maneira são consumidas, a moradia, para além de um item básico e essencial pode ser encarada como mercadoria. Como é possível pensar a cidade, com todas as suas transformações, a partir de um edifício, ou de um bairro? Como é possível pensar a casa e o corpo que habita, a partir da cidade? Como pensar a arquitetura, a partir das práticas corporais, dos discursos que produzem ou do corpo que consome? Como pensar a arquitetura em mobilidade, a partir da mobilidade?

É preciso pensar que embora o corpo não circule entre os edifícios, os comentários a respeito deste, sim, o fazem, logo a linguagem que é pura circulação de signos aqui implicada em estigma<sup>35</sup> (Goffman, 1975) impõem na dimensão social da circulação o que se faz impregnado da dimensão imaginária, entendendo que o imaginário é uma dimensão do sujeito e que, portanto, incide no “*modus*” de morar.

O corpo, portanto, não é somente aquele que circula através dos espaços, mas circula através da linguagem, é aquilo que é dito a respeito de si. Neste sentido, é preciso pensar que a questão do espaço não é somente um problema de espaço físico, mas de espaço simbólico. A linguagem cria espaços que não são somente aquele espaço físico que ocupamos, mas os espaços imaginários que nos impõe.

### 3.6 Conhecendo os moradores - Prédio em chamas.

Figura 21. Foto - Edifício Em chamas.



Fonte: Da autora (2018)

---

<sup>35</sup> Trabalharemos a chave do estigma no próximo capítulo.

Provavelmente deve causar uma certa curiosidade a razão pela qual os moradores apareçam apenas nesta altura do capítulo. Perceba que mesmo no dia em que permaneci na portaria tentando compreender os códigos presentes na circulação do prédio, bem como a leitura do comportamento do corpo, registrado na portaria, questionamento sobre móveis ou mesmo conversas com alguns vizinhos, ainda era difícil responder sobre qual o perfil que ocupa este edifício. Como mencionado na introdução, minha entrada no edifício enquanto pesquisadora não ocorre no mesmo momento de minha entrada como moradora/residente. Portanto, algo que poderia ser feito para averiguar o perfil, bem como um pequeno censo demográfico não me parecia uma opção muito adequada naquele momento. Inclusive porque, como exposto na introdução, minha ida para o edifício não se deu por razões acadêmicas, mas sim por questões de proximidade com o local de trabalho e facilidades de acesso. Deste modo, quando então é possível visualizar os moradores? Deixo o trecho do diário de campo para responder a tal questionamento.

*(...) Em um certo momento da madrugada, perto das duas da manhã começo a escutar uma movimentação no corredor. Imaginei que ou era uma discussão de casais, ou pessoas voltando de alguma festa. Ocorre que a movimentação não diminuía, fui até a porta e olhei pelo olho mágico, quando percebi duas mulheres correndo, e na sequência uma terceira gritando FOGO. Resolvi abrir a porta, e vejo um bombeiro subindo pelas escadas com a mangueira e perguntei, já que morava ao lado da escada o que estava acontecendo. Olho para cima e vejo uma nuvem de fumaça, ele responde “a senhora precisa evacuar o prédio”. Fecho a porta e retorno para dentro de casa, a primeira coisa que fiz ao saber do incêndio e percebendo a fumaça foi acordar minha amiga, não sabia como ela iria reagir a tal notícia, e com medo de lhe causar algum tipo de trauma disse “olha, melhor levantar e trocar de roupa, a gente precisa sair daqui, agora” e enquanto ela ia despertando pensei, mas o que se leva durante um incêndio? Eu tinha diversos livros emprestados, tinha meus documentos pessoais, roupas (...) Voltei a tentar minha amiga, desta vez com um tom mais forte “Levanta, que o prédio está pegando fogo”. Abri duas caixas box e utilizei para colocar os pertences “principais” e fui agrupando os livros e documentos. E minha amiga finalmente acordou, dada a movimentação acelerada, ela foi até a porta abriu, e viu as pessoas correndo. Ela volta para dentro, abre a janela e grita “O PRÉDIO ESTÁ PEGANDO FOGO” e rapidamente arruma a mochila dela, dizendo – Jacqueline o prédio está pegando fogo, e você aí arrumando a mala? Tá louca? A propósito, quem acorda a outra pessoa assim super gentilmente quando o prédio está pegando fogo? Ela pegou o que podia carregar, porém, eu tinha duas caixas box mais uma mochila(...) Cada um carregando provavelmente como eu o “essencial” e vestidas muito provavelmente da maneira como foram acordadas. (diário de campo, 2018)*

Nesse dia em que o edifício pega fogo, devido ao horário, pode-se deduzir que aquele grupo que ocupava o ‘Hall’ e a calçada eram moradores ou pelo menos

naquele momento eram moradores, ali eu passava a “enxergar” quem eram os moradores. Assim como Geertz (1989) não foi possível prever que aquele acontecimento, mas foi a partir dele que se descortinou ao menos visualmente o meu campo, que me mostrou quem eram os moradores do edifício.

*Então foi possível ver muitos núcleos de jovens segurando cachorros de pequeno porte no colo, um casal carregava uma caixa de pizza com um pote de sorvete em cima, uma senhora andava com uma bíblia na mão, e eu com minhas caixas box. Do lado de fora do prédio muitas pessoas estavam agrupadas na calçada, dizendo “que correria né menina”, “você viu se fulano desceu”. Ali foi o dia em que pude perceber melhor quem era a população do prédio. (diário de campo, 2018)*

Almeida (2011<sup>36</sup>) analisa a sociabilidade, cotidiano e vizinhança, dizendo que existe um certo sentimento de pertencimento que une os moradores de um bairro, por exemplo. Naquele momento do edifício pegando fogo, era visível a preocupação de moradores com os vizinhos, ainda que não soubessem o nome, iam descrevendo aos bombeiros como era a pessoa, o andar em que morava, se morava com alguém ou não, entretanto quando o Bombeiro perguntava o nome, tal resposta inexistia. Conforme pode-se perceber no trecho abaixo, existe uma questão de individualismo (Velho, 1981) presente no edifício<sup>37</sup>.

*“Morador: Tem um senhor que mora sozinho no oitavo andar, no apartamento número x do bloco B e não estou vendo-o aqui embaixo, confere se ele já desceu por favor.*

*Bombeiro: A senhora pode me dizer o nome dele?*

*Morador: (olhando para os lados procurando a resposta) Olha, eu não sei, mas sempre vejo ele, só não sei o nome”. (Trecho do diário de campo, conversa entre um morador e bombeiro, 2019)*

Podemos perceber que o grupo que estava aguardando instruções dos bombeiros, era bastante heterogêneo.

*Existe uma grande diversidade quanto à faixa etária, mas foi grande o número de pessoas que deveriam ter em torno de 30 - 40 anos, diria inclusive que a grande maioria girava em torno desta faixa. Quanto a etnia, aparentemente o prédio é bastante diverso, entretanto quando se trata de gênero, o número de mulheres era visivelmente superior ao de homens. É difícil definir a renda de uma pessoa por suas vestimentas principalmente em uma situação como aquela, mas aparentemente todos estavam com roupas limpas, sem furos. Vi desde uma mulher utilizando um avental de cozinha até um homem de terno e gravata.*

<sup>36</sup> Alexandre Paz Almeida, «Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB», *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 dezembro 2011, consultado o 31 outubro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/287>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.287>

<sup>37</sup> Sobre este assunto, abordaremos no capítulo três.

*Mais tarde conversando com o bombeiro que me auxiliou com a caixa, ele diz que aquele prédio já é bem famoso para eles, que quando não é incêndio, é um morador que está preso no elevador, ou com problemas dentro de casa, que aquele prédio era um problema sim. (Trecho de diário de campo, 2018)*

Como dito acima, alguns dados que fui observando foram se agrupando mais tarde em “tópicos” de semelhança. Quando minha amiga se debruçou na janela e gritou que o prédio estava pegando fogo, o fez para tornar público. Esse espaço “ da janela” aparece mais uma vez, enquanto um limiar, entre emoções privadas/ públicas e se comunicava diretamente sobre a discussão que tive mais tarde com ex-moradores do prédio quando falavam sobre como a mudança daquele prédio tinha sido motivada entre outras razões pela maneira como a privacidade era negociada a todo instante, principalmente devido às janelas. O bombeiro nos ia orientando sobre a necessidade de sair do apartamento, de maneira calma, seguindo pelo corredor e utilizando a escada. Solicitei ajuda de um bombeiro para carregar uma caixa que continha alguns itens, ele estava logo atrás de mim e foi durante o caminho inteiro da descida, comentando sobre o fato daquele prédio ser um “prédio problema” e se mostrou extremamente inconformado quando entre um andar e outro, observou no chão um preservativo. Apontando para o chão dizia “olha isso, é um absurdo mesmo” eu ri, e ele seguiu balançando a cabeça, olhando para o teto que estava todo preto, provavelmente devido à fumaça, dizendo repetidas vezes “Só no Rajah mesmo”. Abaixo as fotos da camisinha e do teto.

Figura 22 Preservativo encontrado na escada no dia do incêndio



Fonte; da autora (2018)

Figura 23. O teto do andar em que eu morava após o incêndio.



Fonte: Autora, 2018.

As mudanças no prédio quase sempre eram apontadas pelo campo como uma resposta da nova gestão, que impunha não apenas uma modernização na portaria, mas regras e normas que deveriam ser seguidas. Quando eu questionava alguns moradores, sobre sua relação com o síndico, alguns me relataram existirem algumas histórias sobre ele. Uma das lendas no edifício diz respeito aos conjugados que o síndico possui. Essa informação inclusive é compartilhada entre moradores atuais (que moram há mais de 10 anos no edifício) e aqueles que já saíram.

Uma das moradoras, certo dia, me avisou que estava se mudando, pois, tinha perdido seu conjugado na justiça. Dizendo:

*“Esse síndico, minha filha, não facilitou nada pra mim, eu tinha quase todo o dinheiro para pagar os atrasados, ia ficar faltando só um pouquinho, mas ele não quis o acordo, tenho um mês para me mudar. Mas tudo bem, vou achar outro lugar, a vida é assim né, a gente precisa sempre estar em movimento”* (Relato de uma moradora que estava se mudando do edifício. Diário de Campo, 2018)

Essa senhora morava sozinha, e para ela, o síndico tinha todo um aparato do qual se aproveitava para conseguir “expulsar” os moradores. Lenda ou não, aquilo me deixou bastante intrigada, pois o síndico para algumas pessoas personificava a mudança para algo novo, que implementará segurança no edifício, garantindo um ar mais “familiar” e conseqüentemente bom, para outro a figura do síndico era lida como posto por esta senhora que estava se mudando, ou seja, de alguém linha dura.

Em outro momento durante a pesquisa de campo, chegou ao meu conhecimento que uma determinada moradora, alugava sua quitinete com um proprietário há anos, e sempre ou quase sempre durante o inverno encontrava certa dificuldade em tomar banhos mais quentes sem que a energia desligasse. Posto o problema com a luz, este entrou em contato com o proprietário a fim de resolver a questão. Conforme trecho abaixo do caderno de campo:

*Certo dia entrei em contato com o proprietário, pois mais uma vez a luz tinha caído, e como sempre quando isso ocorria, eu me dirigia até a portaria para que alguém fosse comigo até o quadro de luz e religar o disjuntor central. Somente com alguém que trabalhasse no prédio era possível fazer isso, e por várias vezes fiquei aguardando, como mencionado. Para ter acesso ao quadro de luz era necessário solicitar que algum funcionário do edifício acompanhasse, desta vez não foi diferente, todas as outras vezes em que orcei o valor com diferentes técnicos precisava encontrar com a pessoa no térreo tendo marcado previamente um horário posto que no edifício não existia interfone. Por fim, desta vez não tinha mais fio para puxar, e para religar, seria necessário trocar a fiação ou tomar muito cuidado todas às vezes que fosse tomar banho. O proprietário percebendo a necessidade de fazer talvez uma atualização indicou alguém de sua confiança para ir até o apartamento e executar o serviço, trazendo consigo o material necessário para alterar e atualizar essa fiação, dentro do apartamento (do chuveiro até o disjuntor) e no corredor (do disjuntor até a caixa de luz)”. (Diário de campo, Moradora, aproximadamente, 2018)*

Segundo a moradora informou, a título de exemplo um chuveiro que possui tensão nominal de 127 (110 volts) e 5500W de potência tem melhor funcionalidade quando se adota um disjuntor de 50A e a seção do cabo (grossura do fio) de 10 mm<sup>2</sup>, a seção (fio) no apartamento era de 4 mm<sup>2</sup> e o fio que ia até à

caixa de força tinha 6 mm<sup>2</sup> logo seria necessário adequar as seções para que não ocorresse mais quedas de energia. Resolvido tal questão, ele combinou de comprar os fios novos para realizar a troca, viu quantos metros seriam necessários, e foi embora. No dia marcado ao entrar em contato com o electricista, a moradora descobriu que ele já estava no prédio, no entanto, estava perdido entre os andares. Como mostra relatado no do diário de campo abaixo:

*“Ele me disse que primeiro pegou o terceiro elevador e tentou ir direto lá no quadro de luz, depois desceu um lance de escadas para trocar de prédio, mas não achou aquela porta que dá acesso ao outro prédio. Depois, tentou descer pelo segundo elevador e acabou voltando pro térreo. Acabou que eu o encontrei lá embaixo sobre o técnico electricista que se perdeu ao tentar encontrar o apartamento da moradora”* (Diário de campo, 2018)

O prédio ser apontado como um “labirinto” ocorreu em outras falas também, de fato andar entre os blocos pelos corredores demandava um certo conhecimento, pois os corredores que antes não tinham nenhum tipo de bloqueio passaram a ter um “biombo/parede falsa” desde a gestão da atual, conforme apontou o campo.

Na ligação com o técnico a moradora me informou que havia combinado de encontrá-lo no térreo, afinal todos os elevadores independentes do bloco chegavam até lá. Mas quando chegou até o painel de energia o encontrou fechado, portanto, precisou retornar ao térreo e solicitar que alguém os acompanhasse para poderem acessar o quadro. Segundo seu relato, a dificuldade em conseguir atualizar os fios foi tal qual a de conversar com o síndico.

*“O síndico começou a me questionar sobre o que exatamente iria fazer, e eu expliquei detalhadamente. Inclusive perguntei se isso não era uma obrigação do prédio posto que o fio que sai do quadro e vai até o apartamento faz parte do edifício. Ele me deu um curto e rigoroso não como resposta, acompanhado de mais uma diversidade de questões. Ele no início tava conversando mexendo as mãos, e depois desse não ele começou a franzir a testa, fechou os braços, jogou a cabeça assim meio de lado e falou: ‘A senhora já apresentou toda a documentação necessária para realizar esta obra?’ e eu respondi que a proprietária tinha me autorizado, sim, e ele ‘Não senhora, a senhora não retirou o manual de obra? É necessário que você tenha todos os documentos, assinatura do engenheiro e do arquiteto para fazer qualquer obra estrutural.’ Cara, eu expliquei que não era uma mudança estrutural eu só queria tomar banho quente! Ia apenas trocar um fio que inclusive estava errado e que o prédio é quem deveria ter readequado para um fio correto. Mas não adiantou, o síndico levantou a voz e repetiu várias vezes ‘está com todos os documentos?’ Eu ainda tentei insistir, no porquê da necessidade de tanto documento para uma troca de fios. Ele deu essas respirações fundo, e eu tentando explicar que o técnico indicado pela proprietária estava ali, com a autorização. Mas não adiantou, ele disse ‘a senhora pegue o manual e leia e só depois venha falar comigo’. Eu perguntei que dia poderia falar com ele, o dia, ou*

*melhor horário, e ele me respondeu que só falaria com a dona do imóvel, que não precisava perder tempo comigo”. (Diário de Campo, Moradora X, 2019)*

Durante as entrevistas de campo, foi possível constatar que a atuação do síndico é vista por alguns como excelente, justamente por exigir documentos, como ocorre no caso de uma mudança, ou seja, a depender do momento a burocracia é valorada como, por exemplo, quando os comentários se estendem ao passado do edifício, ter atualmente mais burocracia aparenta na voz dos interlocutores ser uma proposta de afastamento de um espaço desorganizado, bagunçado e sem regras. Por outro lado, a atuação do síndico é percebida como intransigente e difícil, portanto nestes casos a figura do síndico naquele espaço, apenas reforça certas estruturas de poder presentes no Brasil.

*“O síndico aqui nem sequer mora no prédio cara, e parece que ele tem vários apartamentos, enfim, uma galera tem medo dele, sem contar que ele se sente né, esse é o problema quando as pessoas se sentem no poder, se fosse só no prédio ok, mas infelizmente não é só no prédio né, isso na real é uma parcela do que acontece lá fora”. (Moradora Y, aproximadamente 40 anos, comentando sobre as dificuldades que encontrou com o síndico)*

Por fim a moradora que tinha dificuldades com seu chuveiro me revelou que se optou por respeitar a burocracia imposta no prédio e não fazer modificação de fiação naquele momento, modificando apenas o fio do chuveiro dentro da casa para que não ficasse exposto e colocou-se um chuveiro novo com uma voltagem menor, esperando que não ocorresse mais as quedas de luz.

No térreo uma antiga moradora, com quem eu já havia conversado outras vezes me revelou que seu apartamento tinha ido a leilão e ele não facilitou em nada para ela *“mas agora me mudei para um lugar melhor minha filha, onde tenho paz”* algo bem-parecido com a outra moradora que estava se mudando, citado acima. Os leilões eram muito comuns no edifício, e sempre eram anunciados no quadro de avisos próximo ao primeiro elevador, inclusive é a partir de um leilão que uma interlocutora da pesquisa adquiriu seu primeiro imóvel.

Ao levantar dados sobre o edifício notei que desde seu início já era comum a prática do leilão (no próximo capítulo abordaremos melhor essa característica do edifício através dos tempos tendo como referência o que se produzia na mídia (jornal), mas é interessante observar que desde seus primeiros anos o leilão já estava presente).

Durante alguns finais de semana permaneci no térreo observando a movimentação, um em especial me chamou atenção pela rotatividade de mudança.

Era um sábado ensolarado, próximo das nove horas da manhã, quando o primeiro caminhão de mudanças entrou no edifício, próximo da pilastra que dá acesso à rampa da garagem estavam duas mulheres que aparentavam ser mãe e filha. Fiquei sentada próximo ao elevador observando (até ser advertida pelo porteiro que não podia ficar sentada ali, e quando isso ocorreu fiquei em pé, ocasionalmente, mudava um pouco minha posição, mas no geral permaneci ali, observando o que ocorria) enquanto retiravam do caminhão, fogão, cama, móveis de casa e malas. Um dos porteiros se aproximou e mostrou onde estava o carrinho que auxiliava na mudança. Algum tempo mais tarde pude confirmar que se tratavam de mãe e filha, pois assim se chamavam “mãe você já pegou a mala rosa” “sim minha filha, mas está no meu carro”. A filha aparentava ter aproximadamente vinte anos, vestia shorts jeans, regata preta e chinelo havaianas, seu cabelo estava preso alto com um coque, no bolso de trás do jeans carregava um celular que constantemente olhava e usava. A mãe aparentava ter entre cinquenta e sessenta anos, vestia calça jeans e sapato marrom e blusa de malha de gola mais fechada. Seu cabelo já um pouco grisalho, usava óculos de grau e alguns grampos para segurar o cabelo que ocasionalmente caía na testa. A mãe por diversas vezes olhava para cima, onde estava exposto à fiação e retornava o olhar para a filha, franzindo a testa, respirava fundo e balançava a cabeça de um lado para o outro negativamente. A filha por sua vez fazia vários vídeos em seu celular, mostrando o processo da mudança e era constantemente advertida pela mãe que chama sua atenção dizendo “anda logo, para de palhaçada pra gente terminar isso logo”.

Eram aproximadamente dez e meia e começou a descer com alguns móveis um homem que aparentava quarenta anos, ele viu o caminhão estacionado e perguntou se poderiam puxar um pouco, pois o carro de um amigo iria entrar ali para fazer sua mudança. O espaço da garagem é bem pequeno, cabe com uma certa dificuldade, dois carros. Para poder liberar espaço a mãe e a filha tiraram o restante do caminhão e colocaram próximo à pilastra, para que o carro deste senhor pudesse entrar e assim ele pudesse começar a colocar suas coisas. “Vocês vão demorar muito com o carrinho?” mãe e filha fizeram negativa com a cabeça, as coisas dele estavam alocadas na esquerda da pilastra as dela a direita.

Ele vestia uma bermuda azul e blusa do time do flamengo, seu cabelo estava cortado bem baixinho e como a menina também usava chinelos. Chegou um

segundo homem que ele cumprimentou dizendo “*fala irmão, demorou hein, bora subir tem bastante coisa pra descer*” O amigo também estava de chinelo, bermuda e camisa, a diferença é que sua bermuda era colorida e parecia de tecido leve, tipo de ‘surfista’, e sua camisa era branca com uma estampa de ondas. Ambos riam bastante e pareciam felizes, ao passo que a mãe aparentava certa apreensão e a filha animada com a mudança. Fui até a administração pegar um documento para a dona do apartamento, quando retorno ao local que estava anteriormente mais um grupo apareceu de carro para realizar a mudança, é apenas um carrinho disponível. O grupo era constituído por três pessoas, duas pessoas de aproximadamente cinquenta anos, um homem que vestia uma calça que se assemelhava a essas de alfaiataria, tipo terno e camisa de botão, e sapato preto, a mulher estava de vestido longo e sandália e o outro homem de aproximadamente 30 anos, com bermuda e tênis, e com uma camiseta com os dizeres “*Ele vive*”. Mais uma vez o porteiro se aproximou, agora dos grupos ali presentes alertando que a mudança deve ser o mais rápido possível.

Os dois primeiros grupos revezavam o uso do carrinho, com certa animosidade. “Vai demorar muito, colega”, dizia o rapaz com a camisa do flamengo para a menina de shorts jeans que já nem respondia, apenas levantava os ombros. Com a chegada do terceiro grupo ocorreu um pouco de desentendimento, devido ao uso do carrinho e a disposição dos móveis no chão próximo à rampa da garagem. O homem que estava com a calça tipo ‘social’, dizia repetidamente “calma, não vamos perder a calma, tudo no tempo do senhor” e o rapaz que auxiliava o outro com a camiseta do flamengo respondia “pregação a essa hora não é irmão”.

Os itens deste terceiro grupo eram menores em comparação aos dois anteriores, alguns eram similares, geladeira, cama, armário, com algumas diferenças, a geladeira da menina era de inox grande, com duas portas. A do rapaz que estava saindo era uma geladeira branca de uma porta pequena, a do rapaz da camiseta branca era uma geladeira branca, duas portas grandes. Outro item que todos tinham, mas que carregava diferença era a televisão, a menina tinha uma televisão que parecia de 50 polegadas, slim. O rapaz do flamengo tinha uma televisão um pouco menor, aproximadamente 42 polegadas e um pouco mais grossa, e o rapaz da camiseta branca tinha duas televisões de aproximadamente 32 polegadas cada, slim. Todos tinham ventiladores, da marca Arno e naquele

momento nenhum aparentava ter animal de estimação, pelo menos não durante o período de mudança.

A discussão se estendeu ao uso do elevador, agora outros moradores se mostravam incomodados. “*Libera o elevador*” e batiam na porta chamando atenção, “*todo final de semana esse inferno, pessoal se muda e fica segurando o elevador, libera o elevador*” disse um outro morador. Como dito anteriormente, os elevadores são divididos entre social e serviço e apenas neste segundo pode ser feita a mudança ou andar com animal de estimação. Em um outro momento quando um morador levantou o tom de voz para o morador com a camiseta do flamengo sobre a demora no elevador esse saiu dizendo alto “*que inferno de lugar, só um carrinho, só esse elevador, ainda bem que to saindo desta merda*”.

Os itens da menina já tinham acabado, e ela subiu de escada. O terceiro grupo ficou se entreolhando e balançando a cabeça negativamente, enquanto o rapaz com o amigo levava as últimas malas para dentro do veículo repetia “*tão olhando o que, tão olhando o que*”, entraram no carro ele e o amigo, e o homem de calça social retirou o seu veículo que neste momento bloqueava a saída dos demais.

Durante esse processo muitos moradores passavam e davam bom dia, outros passavam sem cumprimentar, durante as quase cinco horas que fiquei ali contabilizei passando pelo corredor 97 pessoas, das quais dez estavam acompanhadas de cachorros (seis mulheres e quatro homens). Vinte e cinco aparentavam idades entre dezessete e vinte e cinco anos, sendo que deste grupo, sete andavam com bicicletas (lembrando que no edifício não possui bicicletário, portanto eles guardam dentro de casa e para sair precisam ou usar a escada de incêndio, ou o elevador de serviço), dezessete eram homens e oito mulheres. Seis crianças com idades abaixo de sete anos e mais de três anos, sendo quatro meninos e duas meninas. Trinta e quatro pessoas aparentavam ter mais de cinquenta anos, das quais, vinte eram mulheres e catorze eram homens. Cinco pessoas aparentavam ter mais de oitenta anos, três homens e duas mulheres. E oito aparentavam ter entre cinquenta e setenta anos, dos quais cinco eram mulheres e três eram homens.

Depois de alguns anos morando no edifício e convivendo com diferentes pessoas, das quais só pude “ver” no dia em que o prédio pegou fogo durante a madrugada, fui informada, pela dona do imóvel que iria ter um aumento no valor

do aluguel. Comentei com outros moradores, sobre o valor que ela iria passar a me cobrar, e mais uma vez, por diversas vezes escutei pessoas que migraram dentro do próprio edifício, outros conseguiam comprar alguma unidade, outros como foi o caso da costureira com quem conversei na primeira semana que morei no prédio, iam mudando conforme o fôlego financeiro. Conversei ao todo sobre o novo valor com aproximadamente oito pessoas, dessas apenas uma estava retornando ao edifício. Como segue relato do diário de campo abaixo, realizado em 2020:

*“Sabe Jac, eu tava casado e aqui estava ficando pequeno, queríamos filhos, e poxa, queria um lugar maiorzinho. Nunca tive problemas com o espaço aqui só pra mim, mas ela principalmente queria mais privacidade. Foi até bom por um período, mas não deu certo, e olha onde estou de novo. Neste momento ele olhou para cima e gesticulando com as mãos, apontou com o indicador para baixo, dizendo aqui. Perguntei quanto ele estava pagando, e ele me informou que fechou por 1800 reais mensais, mais o condomínio. Dizendo “Super arrumadinho, acabou que na separação deixei tudo pra ela, os móveis, e tal, daí peguei um aqui já montado, achei esse preço ok, é isso né, agora é bola pra frente” Nossa conversa não se estende por muito tempo, nos despedimos logo na sequência. (Diário de campo, 2020)”*

Eu já tinha móveis, portanto, seria mais interessante um vazio, mais em conta. Dei uma procurada rápida e encontrei alguns, no mesmo valor, mas estes exigiam Fiador, eu não possuía. Terminei, optando por procurar em outro local um novo espaço para morar. Após informar a proprietária, que não iria mais morar ali, combinamos de que a entrega do apartamento ocorreria dali um mês e que o valor deixado como “cheque caução” cobriria as despesas de pintar o apartamento. Durante nossa conversa, expliquei que infelizmente o novo valor estava fora do meu orçamento, e que apenas por este motivo eu estava saindo. Aos poucos ia retirando os itens da casa, entretanto a cama, geladeira, fogão e máquina de lavar ficarão para um posterior momento, estes iriam voltar para São Paulo, pois o local para onde eu estava mudando, também localizado no Rio de Janeiro já tinha tudo isso.

A mudança conforme mencionada anteriormente sempre motivava os vizinhos a questionarem sobre quem estava entrando e no meu caso, por que estava saindo. No dia que agendei para retirar os móveis maiores, aqueles que iria levar para São Paulo, primeiro fui até uma agência para alugar uma picape e na sequência fui até o prédio, como de costume fui informada que precisava ser o mais breve possível. Estávamos eu e meu novo companheiro, que ia me

auxiliando, até o momento em que precisamos passar a geladeira e ele comentou “*Cara você tem certeza que isso passa pelo corredor, as coisas na sua casa parecem de montar lego, tudo milimetricamente pensado*”. Depois de algumas tentativas conseguimos passar a geladeira, a máquina de lavar e por fim o fogão. No hall próximo ao carro estavam os porteiros de pé conversando. Algumas pessoas passavam por ali, até que uma senhora se aproximou de nós e perguntou se eu estava me mudando, ao que respondi que sim, ela me perguntou se eu, por acaso ia querer me desfazer de algum móvel. Informei que todos os móveis que estavam ali próximos do carro eu iria levar para outro local, porém no apartamento eu tinha alguns itens que iria me desfazer e perguntei se ela queria me acompanhar e verificar se tinha interesse, ela acenou com a cabeça dizendo que sim e subimos de elevador.

Nossa conversa durou pouco mais de cinco minutos, enquanto ela ia olhando a sapateira, liquidificador e outros itens, ia me contando como foi parar ali naquele prédio. Ela aparentava ter mais de 65 anos, andava um pouco curvada, magra e com cabelo preso. Vestia uma saia e uma sapatilha da marca Moleca nos pés, tive certeza, pois ao pegar a sapateira dentro havia uma caixa desta marca, e ela disse “*também adoro essas sapatilhas muito confortáveis né*”. Segundo me informou ela morava anteriormente na Tijuca e após uma separação acabou indo morar ali no edifício, onde atualmente morava sozinha e é aposentada. Os itens que ela tem interesse se tornam pesados para carregar e eu ofereço ajuda para levar até sua casa. Ela mora na outra coluna entre o sétimo e nono andar, vamos de elevador e atravessamos no sexto andar da coluna A para coluna B e pegamos o elevador de novo para chegar até o seu andar. A porta branca da sua casa possuía marcas de caneta, ela olha ri e diz “*crianças*”. Abre a porta, estou carregando alguns itens, ela carrega outros. “*Pode deixar aqui fia*” Sua casa é bastante escura, com pouca ou quase nenhuma iluminação, a disposição de sua casa parece bastante com a minha, um corredor estreito seguido por uma cozinha, depois um banheiro e a sala/ quarto. Sua casa também possui duas janelas, ela entra abre uma janela e consigo ver melhor o interior de sua residência. Não existe luminária, apenas uma lâmpada presa direto no teto, o banheiro não possui portas e na cozinha é possível ver um pequeno fogão de duas bocas. No espaço sala/ quarto existe uma cama de solteiro, com uma colcha creme e travesseiros floridos, uma cômoda verde e agora a sapateira que ganhou. De frente para a cama, uma

pequena geladeira de uma porta, segundo ela, presente de um ex morador também, sua quitinete segundo ela é um amontoado de lembranças, algumas coisas ela trouxe da Tijuca, mas a grande maioria foi doado por pessoas “*Essa TV aqui também foi uma doação, um casal novo que estava se mudando do prédio*” “*esse quadrinho, foi um senhor quem me deu, da terra dele*”. Saímos de seu apartamento e me recordo que tenho alguns lençóis que não vou levar que estão próximos do carro e pergunto se ela tem interesse, ela responde que sim e descemos até o térreo. Ela carrega uma bolsinha embaixo do braço onde guarda a chave da casa, dizendo “*melhor sempre deixar trancado né, minha quitizinha, minha casinha*” fecha a porta e sorri para mim.

Já no térreo entrego os lençóis que estão em uma sacola, ela me agradeceu e me deseja uma boa viagem e um excelente recomeço, onde quer que ele se inicie, agradecei e desejei também a ela um excelente dia, ao que me responde “*Eu já ganhei o dia, minha fia, sai de casa para dar uma volta, e olha o tanto de coisa que ganhei, a vida é assim né, quando a gente menos espera, as coisas acontecem, a vida acontece a todo instante e nos presenteia, olha eu aqui cheia de presentes*” e caminha para o elevador, provavelmente para guardar a sacola em sua casa. No carro, já estava alocado a geladeira o colchão, máquina de lavar, fogão e pequenas coisas em sacolas, dessa vez eu tinha aprendido a regra da mudança e estava de tênis, para evitar qualquer lesão provocada por itens que pudessem estar no chão, como no dia em que me mudei para o prédio e furei o pé em um prego. A viagem do Rio de Janeiro até São Paulo demoraria cerca de sete horas, decidimos que seria mais seguro colocar uma lona sobre todos os eletrodomésticos e amarrar com cintas de viagem. Toda vez que tentávamos passar o saco preto (que descobrimos não ser uma lona) sobre a picape, o saco voava totalmente para o outro lado e isso gerava bastante risada entre os porteiros que em momento algum perguntaram se queríamos ajuda. Finalmente depois de algumas tentativas e muito tempo debaixo do sol conseguimos fechar a mudança, entreguei o papel na portaria que já tinha sido solicitado na administração autorizando a retirada dos móveis, pedi que abrissem o portão, agradecei e me mudei.

### 3.7 Minha saída e meu retorno.

Figura 24 Última foto tirada dentro do edifício- Dia da minha mudança.



Fonte. Da autora, 2020.

Participar de um estudo, ou neste caso de uma etnografia pressupõe reunir os dados, coletados durante um certo período para posteriormente em fichas criar catálogos que nos auxiliem a compreender mais sobre o espaço que estamos observando. Na introdução deste trabalho mencionei sobre a dificuldade em selecionar o exato momento de me apresentar enquanto pesquisadora, posto que isso poderia resultar possivelmente na perda da minha moradia. Eu não estava mais morando no edifício, senti que agora era um excelente momento para aprofundar através de entrevistas minha análise sobre o prédio. Encontrei com uma das minhas interlocutoras na feira, e ela me perguntou se eu estava morando ali pelo bairro, ao que respondi que sim, e comentei sobre minha pesquisa e se ela gostaria de falar um pouco sobre seu tempo morando no prédio, ela se mostrou bastante interessada, e me convidou para ir até sua casa realizar a entrevista.

Ocorre que neste momento em que me dedico a realizar as entrevistas semi-estruturadas teve início no Brasil e no Mundo a pandemia do Coronavírus (Covid-19). Por vezes as pesquisas sofrem alterações devido a uma nova perspectiva, ou mesmo um aprofundamento que nos leva para outra direção. Ninguém estava preparado para a covid-19, dia a dia fomos aprendendo sobre a pandemia bem como, com os novos protocolos de segurança. Infelizmente, não pude realizar a

quantidade de entrevistas que gostaria, mas, como dito acima, o acaso muitas vezes mostra um novo caminho para as pesquisas. No caso desta, através do Facebook fui coletando histórias de pessoas que moraram no edifício, mais algumas entrevistas cedidas via chamada de vídeo no *WhatsApp* garantindo assim a minha e a também a segurança dos meus interlocutores, e foi através destas entrevistas que pude ter acesso a um vasto material de jornal sobre o prédio que conta sua história desde os anos 50 do século XXI e nos ajuda a refletir sobre a moradia neste tipo de edifício, ou seja, constituído por conjugados e quitinetes e acompanhado por fama. Ponto este, que será debatido no capítulo três.

## 4 – Moradores: As histórias de dentro do prédio.

O presente capítulo visa apresentar as entrevistas realizadas com pessoas que moram, ou que já moraram no Edifício Solymar, bem como trazer para discussão observações realizadas durante o período em que morei no prédio. Ele tem início com uma reflexão sobre os caminhos da entrevista e na maneira como a pesquisa precisou ser reajustada. As narrativas se entrecruzam entre si e entre teorias, a partir destas as interações sociais, regras e a formação da memória do local, que assim como seus corredores é fragmentada e nem sempre continua.

### 4.1 Os caminhos da entrevista.

Como mencionado na introdução e no primeiro capítulo, a doença de COVID-19 modificou e impactou a vida de muitas pessoas. A pesquisa de doutorado de modo geral se divide em cumprir os créditos obrigatórios, participar de eventos acadêmicos que possibilitam a troca e por fim dissertar sobre um tema, fugindo da tentação de discorrer sobre muitas coisas, no caso desta pesquisa, que se insere no campo da antropologia. Parte da proposta era ao fim do cumprimento das disciplinas e de uma certa segurança sobre o campo dar início às entrevistas. Não estava previsto no planejamento interromper o calendário proposto, tampouco seguir outras trajetórias, portanto é importante ressaltar que a pesquisa foi adaptada a uma nova realidade e nos permitiu refletir sobre quantidade e conteúdo.

Antes da pandemia iniciar eu havia realizado algumas entrevistas, quando o *lockdown*<sup>38</sup> entrou em vigor precisei encontrar outros meios de realizar meu campo. Passei alguns meses buscando online meus possíveis entrevistados, tendo naquele momento minha principal fonte de pesquisas a rede social *Facebook*, especialmente em grupos de aluguéis na zona sul do Rio De Janeiro. Nestes espaços virtuais me apresentava como pesquisadora na expectativa de que talvez pelo fato de ser uma rede social com um grande número de pessoas encontraria

---

<sup>38</sup> O lockdown foi uma medida restritiva de movimentação de pessoas em vias públicas adotada durante a pandemia do coronavírus.

interlocutores dispostos a colaborar. É preciso considerar que a pesquisa em meio digital por melhor estruturada que seja, assim como na pesquisa presencial, pode acontecer de não ocorrer o esperado. No meu caso, o esperado “visibilidade” e colaboradores se deparou com a realidade, com isso, no meu caso em especial, estar em um ambiente com mais visibilidade não significou ter mais contatos, ou colaboradores.

Acompanhava as discussões que aconteciam nestes grupos de aluguéis, até que uma pessoa aleatória perguntou se alguém conhecia o Edifício Rajah, explicando que não era do Rio de Janeiro e que queria mais detalhes sobre o prédio. Esse questionamento levantou mais de trezentos comentários, que possibilitava um “perfil” imaginário social sobre o que é o prédio (Debateremos sobre isso no próximo capítulo). Foi através destes comentários, que aproveitei a oportunidade e fui contactando as pessoas diretamente uma a uma (em especial as que diziam morar ou ter morado no edifício), enviando mensagens privadas para elas, onde me apresentava e verificava a possibilidade de conseguir uma entrevista. No caso desta pesquisa em específico foi baixa a adesão de pessoas que concordaram em ceder a entrevista, enviei oitenta pedidos de entrevistas a pessoas que diziam morar ou ser ex-moradores do edifício, algumas pessoas não respondiam, outras respondiam, mas diziam não se sentir confortáveis.

A primeira entrevista que consegui realizar por meio “digital” durante a pandemia, levantou uma questão importante de se colocar em debate: após explicar sobre quem eu era, sobre a pesquisa e o entrevistado concordar em me passar seu contato de *WhatsApp*, o mesmo não se sentiu confortável em assinar o termo de consentimento de entrevista e principalmente de fornecer seu número de RG. Segundo ele “*O Rio de Janeiro não é para principiantes, posso te autorizar por aqui e quando você gravar te autorizo também, agora não me leve a mal, mas não te conheço para te dar minha assinatura e meu RG*”. Questionado se poderíamos realizar a entrevista pela plataforma *Zoom*, ele consentiu.

Durante a entrevista por chamada de vídeo (no *Zoom*), expliquei sobre a pesquisa e li o termo de consentimento questionando-o se ele me autorizava e se consentia que eu gravasse a conversa, para ambas as perguntas sua resposta foi “sim”. A desconfiança que Pedro teve em fornecer seus dados foi compartilhada por outras pessoas com quem tentei contato via *Facebook*, que diziam não se sentir confortáveis com a ideia de conversar comigo.

No primeiro capítulo, discorreremos brevemente sobre o momento em que me anunciei enquanto pesquisadora, seguimos sem a intenção de aprofundar o debate sobre ética em pesquisa, no entanto, questiono a apresentação do termo de entrevista “assinado e lido” e sobre como meu campo se mostrou desconfortável com a assinatura de um temo apresentado por alguém “ desconhecido”. Reforço que, todos os nomes foram alterados, assim como não localizamos o andar em que este morou, não expusemos fotos do interior de sua casa tudo para garantir que sua identidade seja preservada.

Para além da segurança do entrevistado é preciso refletir sobre a integridade do pesquisador durante o processo que ocorre atrás das cortinas da pesquisa de campo. A pandemia dentro do universo desta pesquisa se fez muito presente. Alguns interlocutores adoeceram em decorrência do vírus da covid, assim como amigos e familiares meus que infelizmente vieram a óbito. Portanto, a decisão de retornar ao campo foi calmamente pensada e bastante planejada. De modo que pesquisador e pesquisado pudessem ficar mais seguros. Quando uma colaboradora concordou em conversar comigo, quis que o encontro ocorresse de forma presencial “*que dia você quer passar aqui no kinder*” fazendo alusão ao tamanho de sua residência, realizei uma quarentena em casa durante quinze dias verificando se apresentava sintomas, fiz um exame de PCR, aguardei o resultado, me muni de máscara N95, e itens de proteção e fui realizar a entrevista.

Perceba que, este tema foi inserido neste capítulo e não no primeiro onde é mencionado os caminhos metodológicos da pesquisa. A razão para tal é proposital, entendo que os capítulos de uma tese têm em si uma unidade capaz de retomar certos pontos, aprofundar ou descortinar outros. Neste sentido, cabe ao pesquisador ir revelando ao leitor os elementos e instrumentos que colaborem na construção deste caminho. Em uma pesquisa social, tais ferramentas apontam para uma busca bibliográfica, uma amostragem do campo, entrevistas e análises. Quantas entrevistas devemos fazer afinal para revisitar aspectos importantes que evidenciam o que o título apresenta? Qual é o número de entrevistas, a qualidade contida nestas ou seria a apresentação do processo de análise? As observações de campo precisam ser densas e detalhadas, devemos anotar tudo? Deixo que Howard Becker (2007) responda a alguns destes questionamentos. Em seu livro “Segredos e Truques da Pesquisa” (2007) o autor dirá que é impossível anotar ou

analisar tudo, entretanto o esforço se mostrará na descrição das categorias ou daquilo que Foote White fez em “Sociedade da Esquina”:

À medida que juntei os primeiros dados de pesquisa, tive que decidir como organizar as notas escritas. Bem no início da fase exploratória, simplesmente punha todas as notas numa única pasta, em ordem cronológica. Como seguiria estudando vários grupos e problemas, era óbvio que essa não poderia ser a solução. Tive que subdividir as notas. Parecia haver duas possibilidades, basicamente. Organizá-las por tópicos, como pastas para política, organizações mafiosas, igreja e assim por diante (...) com o passar do tempo, até as notas em cada pasta aumentaram além do ponto a partir do qual minha memória já não me permitia localizar rapidamente determinado item. Então inventei um sistema rudimentar de indexação: uma página de três colunas contendo, para cada entrevista ou relato de observação, a data, a pessoa ou as pessoas entrevistadas ou observadas, e um breve resumo da entrevista ou da observação. (Whyte, William Foote. 2005 [1943]. Sociedade de esquina, p. 307-308)

O que o trecho acima demonstra além da metodologia é a maneira como o pesquisador foi se adaptando conforme a necessidade. Nesta pesquisa, o prédio foi o principal foco, no decorrer de dois anos e meio diversas anotações constavam no caderno de campo, algumas sobre conversas de corredor a despeito do valor do condomínio, de novos moradores ou antigos que estavam se mudando, do corpo em si e a maneira como ele circulava naquele espaço, enfim, diversas “pastas” poderiam ser abertas, sobre os mais diversos tópicos - gênero, juventude, envelhecimento, classe dentre outros. Daí a necessidade do recorte, mesmo analisando um prédio e sua construção da “fama” muitos assuntos parecem ficar na superfície e o impulso de querer abordá-los parece tentador. O que percebi após ler as minhas anotações do diário de campo é que existiam algumas questões que gostaria de abordar para compreender e ressaltar a relevância deste objeto, e assim recorri às entrevistas semi- estruturadas.

Como as demais entrevistas, não existiam perguntas fechadas, apenas um breve roteiro de pontos que gostaria de abordar, como: quando foi morar no edifício e em quais circunstâncias. A razão de compreender este momento vai ao encontro com o que abordaremos no próximo capítulo, a construção da fama, pois, nas anotações do caderno de campo existia uma "memória" de um momento em que o prédio era ótimo e tudo funcionava, pensando na construção da má fama deste edifício entendi que era importante tentar rastrear indícios dessa memória através das entrevistas, e justamente estas me levavam a segunda questão “quais memórias tinha do edifício”, se o nome ainda era Rajah ou se já havia mudado para Solymar, qual era o perfil dos moradores.

Levando em consideração questões de sociabilidade, me interessei em colocar neste “roteiro” de perguntas questões sobre amizade, inimizade e festas. Pontos estes também presentes na obra de Gilberto Velho - *Utopia Urbana* (1973); Soraya Silveira Simões - *Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro* (2008) e Bart Slob - *Do barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro* (2002). Diferente do que fora observado por Soraya, não encontrei no material do campo uma festa que unisse o prédio inteiro, como ela descreve ocorrer nas feijoadas da cruzada São Sebastião, de toda forma elas aconteciam nas unidades e eu era convidada para um ou outro. Me parece que existe na Cruzada um sentido de “família” que une os moradores, bem como um “código” que é atribuído para cada bloco, como descreve a autora “O bloco seis da Cruzada é o ‘bloco dos nordestinos’ e de modo geral a cruzada é o lugar onde ‘ninguém fica sem parente’”.

Os moradores mais antigos costumam dizer que “quando chega um do Nordeste, já se sabe que atrás vem gente” (Simões, 2008, pp. 241). A Cruzada é não só um lugar onde “ninguém fica sem parente”. É o lugar onde ficam os parentes. Isto não quer dizer que não haja moradores ‘sem parentes’ na Cruzada. Talvez a partir desse dado Germana tenha podido examinar melhor o desejo e a possibilidade de adaptação do seu amigo da PUC na Cruzada (Simões, p. 249, 2008)

Durante a pesquisa de campo, encontrei famílias que viviam há gerações no Solymar, o mesmo pude perceber nas redes sociais quando alguém comentava algo sobre o prédio dentre as muitas mensagens que citavam problemas de segurança, vizinhança e sujeira existia um ou outro em defesa do espaço, dizendo que haviam vivido ali durante toda a infância, que cresceram criaram seu filhos e não era tudo aquilo o que diziam, diferente da Cruzada que tem muito mais edifícios, no Solymar (que possui apenas dois blocos) não surgiu neste momento<sup>39</sup> da pesquisa o sentido de família tal qual atribuído a este bloco seis na Cruzada São Sebastião.

---

<sup>39</sup> É importante frisar que cada pesquisa apresenta dados que não necessariamente se repetem, portanto, ao dizer que neste momento não encontrei dados que me levassem a encontrar similitudes na noção de família, tal apresentada na Cruzada, isso não significa que em outro momento (ano) através de outra abordagem ou mesmo de outro pesquisador este dado não possa aparecer. Também é importante destacar que para fins de não identificar os interlocutores que optaram em colaborar com esta pesquisa fornecendo entrevistas, optou-se por não detalhar qual o andar em que moram, não solicitar fotos do interior de suas casas tampouco descrever detalhadamente a aparência física deles.

No Solymar, o conceito "família" surge principalmente nos recortes de jornais no sentido de moralizar o espaço em outro período, principalmente nos anos oitenta e noventa, ou seja, dependendo da matéria é possível encontrar frases que relatam sobre um período em que o prédio era calmo, melhor, sem prostituição ou drogas, sendo tais ações apontadas como motivadores para que famílias deixassem o Rajah, em outras palavras como se notará a nos recortes de jornal o prédio possui um momento em que é considerado um prédio de família, seguido por outros momentos em que sua fama passa a ser de um prédio de pouca moralidade, composto por desviantes.

Outros pontos abordados neste roteiro de perguntas questionavam se amigos, familiares conheciam *in loco* o edifício, fosse por uma visita ou em momentos de algum tipo de celebração (festa de aniversário, por exemplo), minha intenção aqui era identificar se haveria na fala dos colaboradores questões sobre estigma, sem que a pergunta fosse especificamente a esse respeito, tal questionamento se dava principalmente a partir das anotações do caderno de campo em que encontrava relatos de moradores dizer que não realizavam festas ali, pois tinham vergonha; questionava também os pontos fortes e baixos que o entrevistado apresentasse sobre o edifício, posto que para cada um a experiência sobre algo “bom” ou “ruim” é antes de tudo um julgamento de valor, consideramos importante deixar que o próprio apontasse positivo ou negativamente, de antemão percebemos que o ruído, guimbas de cigarro jogadas pela janela (sujeira) de modo geral foram apontados como pontos negativos por quase todos os entrevistados e que a localização, por exemplo, era um ponto positivo.

As entrevistas que seguem, foram realizadas com moradores e ex-moradores bem como com profissionais que atuaram de alguma maneira com os moradores deste edifício. Nosso universo de entrevistados reúne aqui diretamente a visão de dez pessoas e indiretamente de mais de 700 (através dos comentários registrados em redes sociais bem como pelos recortes de jornais).

## 4.2 Os moradores.

Retorno ao edifício<sup>40</sup>, depois de um tempo de distanciamento. Hoje olho para o prédio como pesquisadora, preparada com caderno, gravador, roteiro para as conversas e termos de consentimentos para entrevistas. O edifício ainda está em reforma, foi difícil não lembrar do meu primeiro contato com ele. Ali aguardando na calçada pela proprietária, imaginando qual seria o edifício do anúncio, agora aguardo pela minha colaboradora de campo, pensando em como será a entrevista. Sigo observando, enquanto ela não chega. A banca de jornal, frente ao edifício parece a mesma, entretanto quando olho mais de perto, percebo que a atendente não é mais a que conhecia, os itens estão posicionados de formas distintas. Minha colaboradora me envia uma mensagem e vem ao meu encontro com sorriso nos olhos. Eu embora tenha morado ali durante anos, agora, de perto, também estou diferente. Assumo minha entrada, não sou mais a moradora, agora o gravador indica: pesquisadora na área.

A portaria agora, está mais modernizada, entretanto, a entrada no prédio segue como anteriormente, ou seja, ao subir é solicitado aos que não moram ali e/ou que não estejam acompanhados por moradores que se identifiquem. Caminhamos até o elevador, Fátima (nome fictício) me mostra os cuidados que o prédio vem tomando para enfrentar a pandemia, e diz “*Eles pedem para só subir no elevador pessoas da mesma família, se for mais de três*” e mostra as câmeras instaladas no elevador apontando para a segurança presente ali.

Nos encaminhamos até sua residência. É curioso que antes da pandemia, em algumas residências, já existiam moradores que me solicitaram para retirar o sapato ao entrar na casa. Fátima não o faz, mas passa um spray de álcool para evitar contaminar sua casa com sujeiras da rua. Seu apartamento fica localizado acima do sétimo andar, na primeira coluna, o interior de sua casa tem uma projeção tal qual que a cama é a primeira coisa que vemos ao abrir a porta. E entre o espaço desta para o interior do apartamento a cozinha neste imóvel é localizada à esquerda. No espaço quarto/sala existem duas janelas, uma grande virada de frente para o edifício Maragato e uma na lateral que fica frente ao próprio edifício Solymar. Ainda dentro deste espaço sala/quarto próximo ao corredor uma porta divide o banheiro do restante da casa. Não existe área de serviço, e nesse banheiro

---

<sup>40</sup> Retornei ao edifício em 2021 com finalidades específicas de realizar entrevistas.

não existe espaço para máquina de lavar, mais tarde durante nossa conversa, ela me revela que leva sua roupa para ser lavada, na casa de sua prima que mora em Copacabana ou para sua terra natal, local de suas “raízes”.

Fátima<sup>41</sup>, tem em torno de 40 anos e mora há aproximadamente seis meses no edifício, anteriormente morava no interior do estado do Rio de Janeiro. Segundo seu relato, veio morar primeiro em Copacabana e mais tarde escolheu Botafogo. Sair do interior para ela foi uma maneira de crescer, afinal, como a própria diz “*sou uma professora muito doida sabe, sou diferente, acho que é aqui no Rio que as coisas vão acontecer*”.

*Eu falei assim: acho que está na hora, talvez é o pontapé que eu precisava para poder sair da minha cidade e procurar outras coisas. Eu já estava vindo também para o Rio buscar material com a minha filha, porque minha filha faz bijuteria. Ai eu comecei a conhecer o Rio, o Centro. Comecei a ver parte do Rio. Agora em julho, agora é minha hora. Ai eu fiquei um mês na minha prima em Copacabana no apartamento dela, ela me deixou ficar até eu começar procurar um cantinho para mim. É como eu vim parar aqui no prédio. (Trecho de entrevista cedida por Fátima.)*

Foi através de um contrato de trabalho que conheceu o edifício. Estava buscando um local para alugar, e se interessava especificamente pela zona sul do Rio de Janeiro “*aqui é onde as coisas acontecem*”. Em sua exposição sobre a vinda para o edifício Fátima expõe questões sobre identidade, confiança e burocracia, que retomaremos em demais abordagens, a princípio, consideramos importante compreender o sentido de confiança, pois conforme dito anteriormente o prédio apresenta estratégias, que se repetem na sociedade. Vide trecho da entrevista abaixo.

*Eu trabalhei um mês no Hotel Nacional, como captadora, eles têm um projeto, eles vendem cotas dos apartamentos. E eu fiz amizade com o “R” o dono do conjugado aqui onde eu moro. Ai ele falou que tinha um conjugado, ele postou no status e eu fiquei interessada. E vendo outros também, em outros lugares. Só que quando ele colocou o preço novecentos reais já incluindo o condomínio e o próprio aluguel. Eu falei: acho que esse dá para pagar. Porque até aqui no Rio também, tudo aqui eles pedem três meses, pede fiador, pede não sei mais o que, seguro não sei o que. Eu falei: gente, eu não tenho nada disso, **eu só tenho minha palavra**. Ai eu falei: “R”, estou interessado no seu conjugado, gostei, acho que dá para eu pagar (...) Eu posso pagar isso aqui para você, e ai eu queria que você fizesse um contrato de seis meses somente. Porque R, estou tentando minha vida aqui no Rio. Se não der certo eu pego meus paninhos e volto para minha cidade. Se der certo depois você aumenta porque um contrato de seis meses eu não atrapalho você, nem atrapalha se eu tiver que voltar. Eu falei para ele: não tenho fiador, não tenho três meses de aluguel, eu tenho minha palavra que vou te pagar e pronto. E ai um contrato não*

<sup>41</sup> Fátima é formada em educação, atuava durante o momento da entrevista como professora.

*só de papel, um contrato mais de confiança. Porque apesar de estar trabalhando com ele no hotel, ele não me conhece. Eu sou de outra cidade, ele não me conhece, não sabe nada da minha vida. E aí ele confiou na minha palavra e tem seis meses que eu estou morando aqui. Agora o contrato foi renovado até dezembro, mais seis meses. Porque eu pedi a ele para fazer essa renovação de seis meses, justamente se acontecer algum problema, ele não sai prejudicado e nem eu também* (Fátima, aproximadamente 40 anos, 2020).

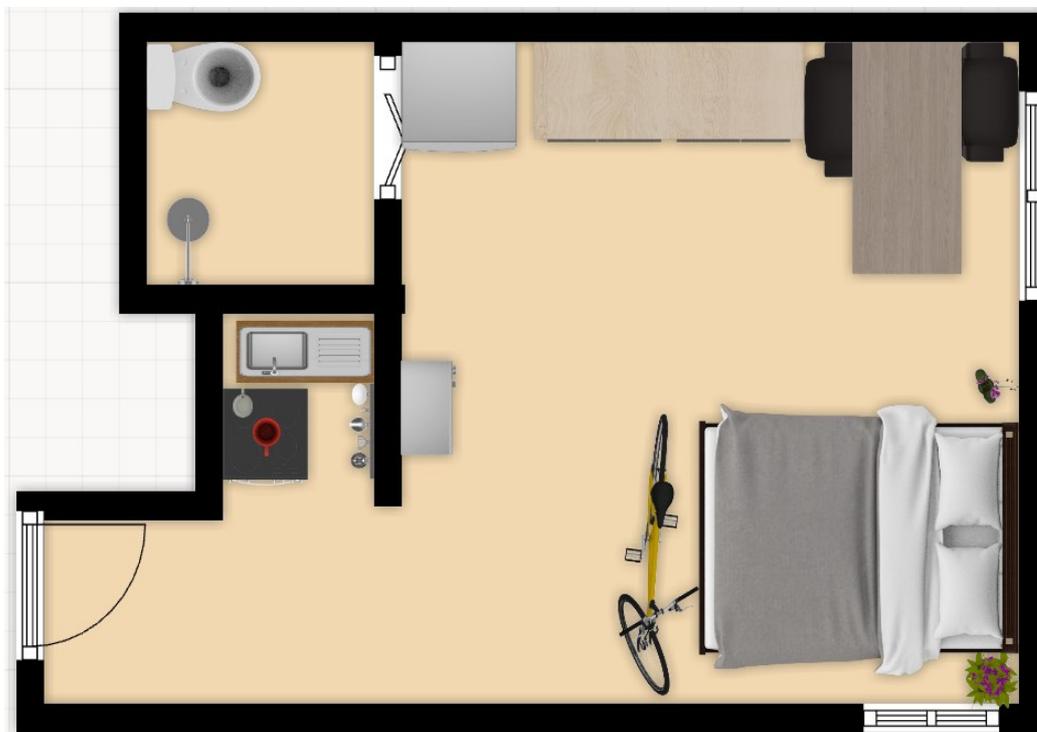
O que percebemos no trecho acima além das motivações da colaboradora em morar no Rio de Janeiro foi a estratégia por ela traçada para conseguir morar neste conjugado. Ao dizer “*um contrato não só de papel, um contrato mais de confiança*” ou “*eu só tenho minha palavra*” chama atenção para uma maneira muito particular de se lidar com os negócios em nossa sociedade. Ou seja, não é incomum que os acordos muito embora firmados no papel, tenham como assinatura a questão da palavra dita, ademais ao mencionar que muito embora trabalhasse com o proprietário, nenhum dos dois verdadeiramente se conheciam. Podemos questionar esse “conhecer” o outro quase em um sentido ‘damattiano’, porém em outra direção. Se para o antropólogo, utilizar tal frase pode ser uma demarcação, uma postura de se hierarquizar frente ao outro, aqui ao dizer que ambos não se conheciam, portanto, não se sabe ao certo ‘com quem está se falando’, coloca-se o outro em um mesmo patamar. Fátima serve como exemplo de outros moradores que durante o período de campo se mostraram também nesta linha do contrato pela confiança.

No segundo ano em que morava no edifício presenciei a conversa de dois moradores que aparentemente alugavam unidades no edifício, em dado momento da conversa um deles se porta ao outro dizendo “*prefiro alugar para alguém que seja indicado, de confiança. Colocar na corretora é muita burocracia e a gente não sabe direito quem é que vai alugar, já basta a fama do prédio, temos que tomar cuidado*” (trecho do diário de campo, 2017). É interessante perceber tais questões em torno da confiança, pois esse foi justamente um dos tópicos que surgiam quando eu mencionava onde morava, e em como eu deveria desconfiar daqueles que morassem ali, e aqui retomamos o tom hierarquizante/autoritário damattiano não de saber com quem se está falando, mas de saber com quem se está dividindo o corredor, ou ainda, quem está morando dentro da unidade alugada.

Retomemos para Fátima, ao entrar em sua moradia a disposição do espaço é da seguinte maneira: assim que abrimos a porta tem-se a cozinha à esquerda na

sequência do corredor a frente uma bicicleta e uma cama de casal, e na parede que divide este ambiente o banheiro está localizado de frente para a janela. Na cozinha um bolo de paçoca está posicionado para mais tarde comemos, “*um bolinho para a visita*”, na parede pouco mais a frente próxima ao banheiro uma bicicleta, de frente para este corredor existe uma cama de casal, que está com o lençol esticado e alguns livros e textos sobre o mesmo. Ao lado da cama uma janela com algumas pequenas plantas em vasos e logo atrás da cama uma segunda janela. Do lado direito deste espaço quarto/sala um guarda-roupa grande, geladeira, micro-ondas, e uma mesa branca com duas cadeiras.

Figura 25. Planta desenhada sem escala - Casa de Fátima.



Fonte: Autora, 2020

A zona sul segundo Fátima é um espaço em que as coisas acontecem, em que se vive melhor a vida, que possui mais facilidades, tem mais lazer e principalmente é próximo de pontos turísticos, esse é um fator comum nas entrevistas. Bem como, foi um fator determinante apontado na pesquisa de Velho (1989), quando questionou seus interlocutores a respeito da decisão de se mudar para a região.

Fátima ajusta o espaço em que iremos conversar, próximo à janela em sua mais recente aquisição uma mesa branca de plástico, comprada em sua cidade. Uma cadeira de um lado e outra do outro, sentamos, ligo o gravador, e seguimos conversando. Me relata a respeito do bairro, que para ela é a onde a vida acontece, “*aqui eu posso fazer minhas atividades físicas, pedalar, e mais recentemente fazer canoa polinésia*” questiono o porquê de Botafogo, dado que ela já tinha morado com sua prima em Copacabana. O bairro de Botafogo na sua visão é mais intimista, as pessoas “*são mais legais*” dão bom dia, e segundo seu relato em Copacabana já tinha passado por uma situação desagradável, ao passo que isso não acontecia no Botafogo.

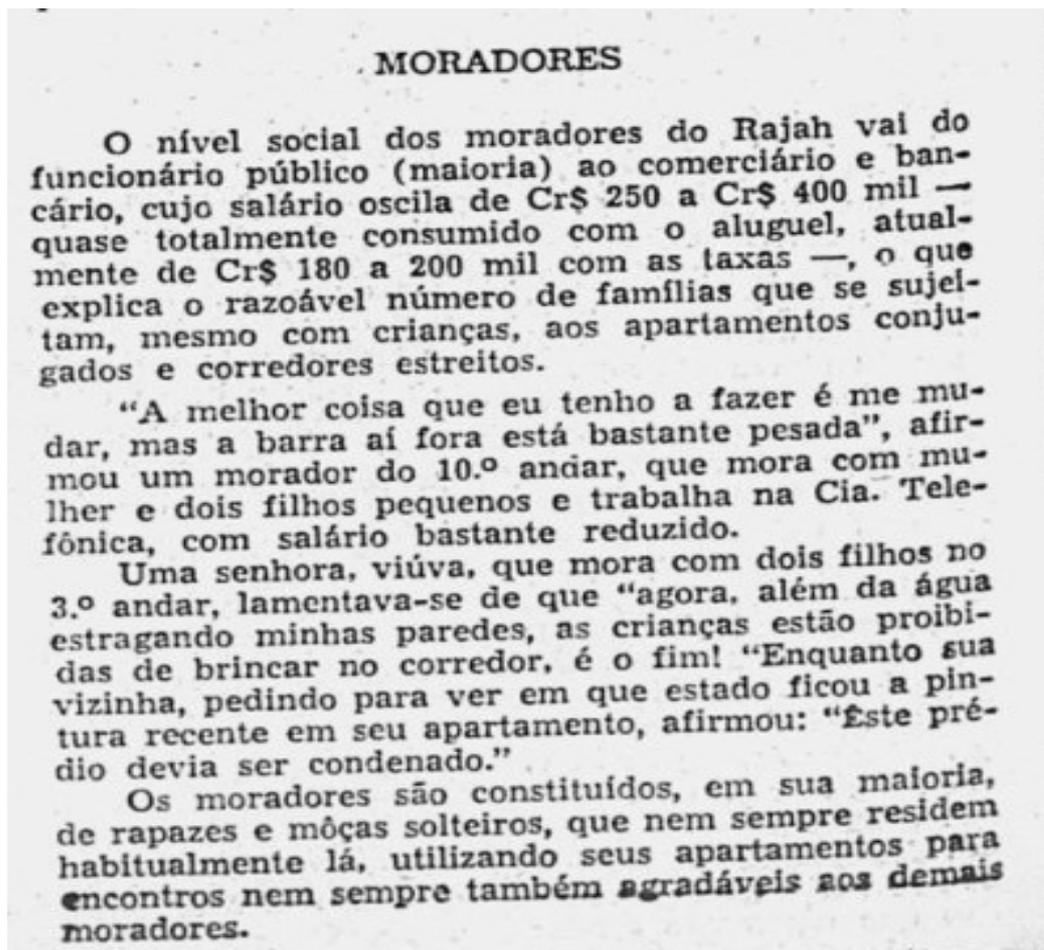
Seu colega de trabalho lhe falou sobre um conjugado na praia de Botafogo, e falou sobre o valor que estava cobrando. Fátima achou o valor interessante, mas de sobressalto alertou o colega que não tinha fiador, ou os três meses de seguro para pagar, tinha apenas sua palavra, que, eles poderiam acertar o contrato de seis em seis meses, pois assim, caso ela ficasse sem respiro financeiro não o prejudicaria para alugar novamente.

Sua mudança foi pequena, pois no apartamento, carinhosamente chamado por ela de *kinder ovo* (em menção ao chocolate que normalmente tem em seu interior um pequeno brinquedo) não cabe muita coisa. Trouxe um colchão que pegou com a prima e fez sua mudança. Seu “quinder” já era semi-mobiliado, então guarda-roupa, já existia no espaço. Tinha conseguido um fogão, entretanto o doou, pois na quitinete já tinha um. Aos poucos foi comprando as coisas para facilitar seu dia a dia, um micro-ondas, uma cortina para a janela, muito embora Fátima, diferente de outros moradores, não se sinta desconfortável com a possibilidade de alguém olhar do outro prédio para dentro de sua casa, e ver uma mulher nua: “*Eu não ligo não, se eles tão olhando pra dentro da casa alheia não sou eu quem vou me preocupar, então não tô nem aí, se passou pelada ou não na frente da janela*”.

Nossa entrevista dura em torno de uma hora, Fátima é uma forte defensora do edifício, segundo seu relato, muitas pessoas dizem coisas a respeito do espaço sem morar ali, é interessante perceber tal posicionamento, pois conforme trataremos no próximo capítulo os rumores e comentários sobre o Solymer configuram uma teia de memória coletiva criada a partir de histórias compartilhadas, não necessariamente reais, mas verdadeiras para aqueles que a

divulgam. Como dito no capítulo anterior, os jornais de época nos ajudaram a compor a narrativa da construção de um espaço “da moral”, ou desta memória coletiva que foi se formando. Em matéria publicada pelo veículo Correio da Manhã<sup>42</sup>, em oito de janeiro de 1967 intitulada “Botafogo as duas faces do cortiço” um trecho chama atenção, falando sobre os moradores e principalmente obtendo suas visões sobre aquele espaço que ocupam.

Figura 26 Os moradores do edifício segundo o jornal.



Fonte: Correio do amanhã, 8/07/1967<sup>43</sup>.

A visão dos moradores como sendo de maioria “rapazes e moças solteiras” é compartilhada com João, colaborador desta pesquisa, ex morador de

<sup>42</sup> O jornal Correio da Manhã, foi um jornal carioca diário fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt e encerrado em 1974

<sup>43</sup>Disponível

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78795](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78795).

aproximadamente cinquenta anos<sup>44</sup>. Uma terceira pessoa que sabia da pesquisa que eu vinha desenvolvendo comentou com ele ao passarem de carro frente ao edifício, que eu estava estudando o Solymar, João dentro do carro olhou e disse “*aquele prédio ali, eu já morei lá nem lembrava mais disso*” questionado se gostaria de compartilhar sua história ele aceitou.

Durante a entrevista me diz que foi morar no edifício em 1983 (ou seja, mais de uma década depois da matéria publicada no jornal acima) entretanto sua visão sobre a necessidade de sair dali o mais rápido possível é igual ao mencionado na matéria. Nascido em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, diz que se mudou para a cidade do Rio de Janeiro por razões de emprego, e na época já tinha três amigos morando naquele edifício.

Morava em um andar alto, provavelmente entre o oitavo e o décimo andar, ao contrário de Fátima que defende o edifício e considera ali um espaço para encontrar paz, João pontuou que ali era um espaço para ficar de segunda a sexta, apenas isso, não era um local para desenvolver amizades, ou se apegar, era um espaço transitório.

*Era um apartamento não muito grande, pequeno, quarto, sala, cozinha assim. E a gente tinha três beliches na sala, e duas camas no quarto, que era só para, porque no final de semana a gente voltava para a cidade da gente. Era só para a gente ficar de segunda a sexta-feira.* (Trecho de entrevista realizada com João, ex morador, aproximadamente 60 anos)

Sua visão, sobre o medo que o prédio infringia, diverge também da de Salete, moradora de aproximadamente setenta anos, que mora no edifício há aproximadamente onze anos. Compreendemos a importância de demonstrar que sobre um mesmo ponto as opiniões podem divergir, principalmente quando condicionadas a um recorte de gênero, ou neste caso temporal, posto que João morou na década de noventa e Salete em meados dos anos dois mil.

Segundo João, morar no Solymar lhe causava muito medo, principalmente nos corredores e no elevador. O primeiro por ser um ambiente fechado, sem muita opção caso entrasse alguém potencialmente perigoso e o corredor por ser um ambiente que recria um ar de “rua” com motos, comércio e grande circulação de pessoas.

Jacqueline: *E por que o senhor tinha medo?*

---

<sup>44</sup> João durante este momento da entrevista estava atuando profissionalmente na Prefeitura do Rio de Janeiro.

João: *Por que o ambiente, era um ambiente completamente, via moto passando por aqueles corredores, aquela época que droga era assim muito pouco, mas você via apartamentos que eram verdadeiras bocas de fumo com aquelas pessoas no corredor né. Tinha muita prostituição. Você via os cafetões batendo nas moças.*

(Trecho de entrevista realizada com João, ex-morador)

O debate sobre o corredor ser um espaço “rua” surgiu também na entrevista de Bruna, ex-moradora do edifício de aproximadamente, sessenta anos. Debateremos isso mais adiante.

-----\*\*\*-----

#### 4.2.1 Solange, aproximadamente 35 anos - Casa instagramável.

Solange<sup>45</sup> me convida para entrar em sua residência, que se difere das demais, pois esta possui móveis planejados com influência de um aplicativo de decoração chamado *Pinterest*. Ao entrar em casa me deparo com um corredor, com a parede clara em tom de branco ou pastel, não consigo afirmar que certamente se contrasta com as portas de madeira em tom escuro localizadas à minha esquerda. Não é meu primeiro encontro com Solange, em outro momento, já havia me revelado que anteriormente ali onde hoje é seu closet/ despensa era uma cozinha, foi assim pensado a sua casa, primeiro foi planejada para ser seu ambiente “*minha casa*”, mais também uma fonte de renda, com possíveis aluguéis de temporada.

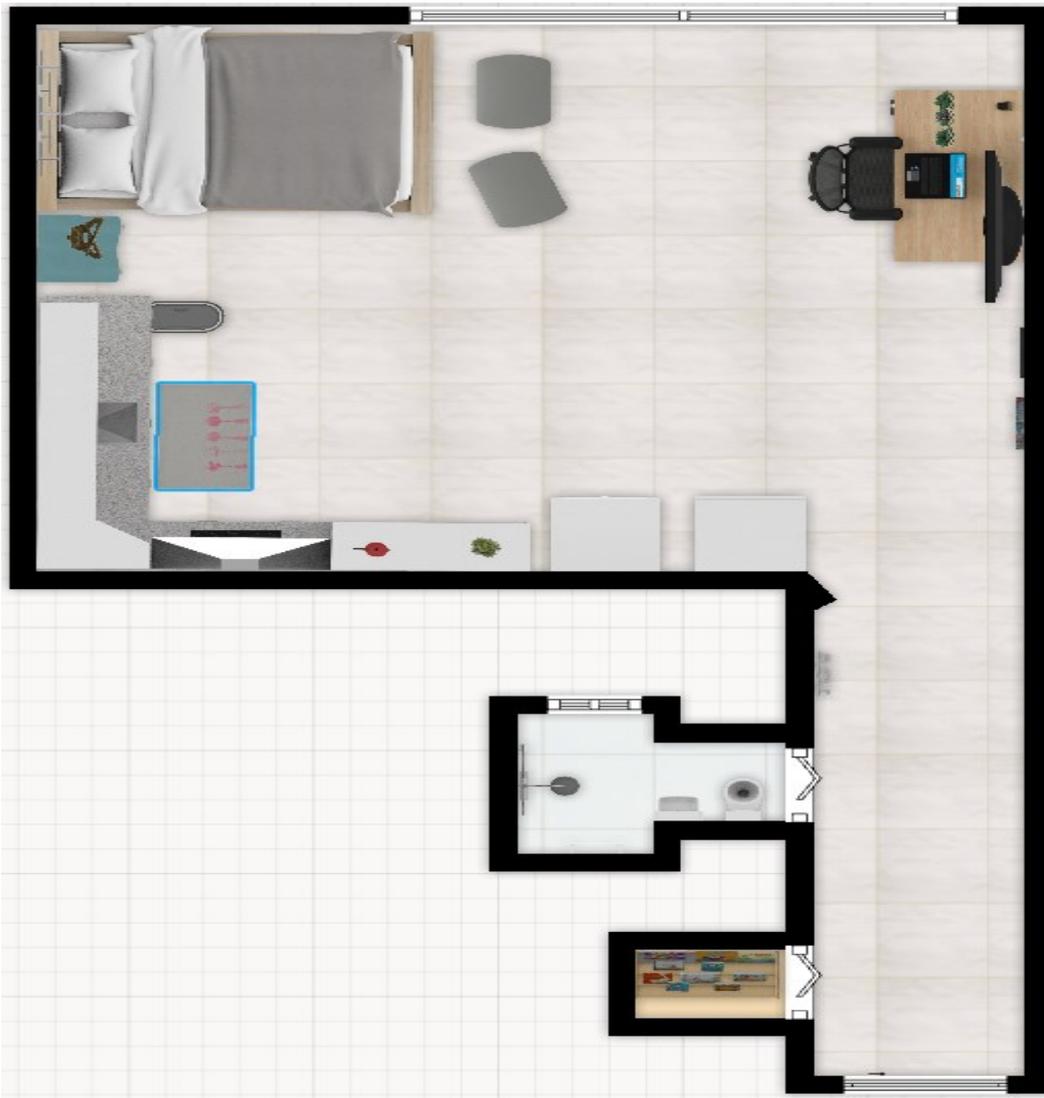
A parte interna de sua casa, mescla um espaço com uma cozinha planejada, geladeira em inox, máquina de lavar roupas *front load*, uma bancada na cor preta, fogão *cooktop*, cuba, filtro para água acoplado na torneira e armários de “cozinha” acima desta bancada. No mesmo espaço, existe uma cama de casal com cabeceira e nichos contendo decoração na parte superior, uma mesa que vem sendo por ela utilizada de escritório fica de frente da cama. Sua residência recebe bastante iluminação solar, ou, pelo menos é essa sensação, consequência do posicionamento de sua janela localizada bem no centro deste espaço entre cama e mesa de escritório ou a maneira que distribuiu os *spots* de luz no teto de gesso reformado. Na parede do lado direito, ou seja, de frente para a cama (localizada do lado esquerdo) existe um violão fixado, e alguns quadros em tons escuros

---

<sup>45</sup> Solange tem aproximadamente 35 anos, e é formada em marketing, durante a entrevista (2020) me informou que naquele momento estava buscando um novo trabalho.

também contrastando com a parede clara. A reforma, revela Solange, foi algo que custou não apenas aporte financeiro, mas também emocional, posto todas as dificuldades para conseguir concluir a obra. Abaixo imagem de planta desenhada sem escala para permitir uma melhor visualização

Figura 27. Planta desenhada sem escala - Casa de Solange



Fonte. Da autora (2020)

Nos sentamos próximo da janela, Solange sentou-se na mesa de trabalho que fica bem em frente da cama e eu sentei em um Puff de modo que ficamos de frente uma para outra. Bem como nas demais entrevistas, inicio perguntando como Solange foi morar no edifício e onde morava antes, ela me revela que já a algum tempo queria comprar um imóvel próprio e que seu irmão havia adquirido

um através de um leilão, portanto a princípio ela buscava algo em que pudesse investir. Morava anteriormente em Jacarepaguá com a família, e escolheu procurar algo na região sul da cidade, pois acreditava que nesta região teria mais facilidade em local caso não quisesse ficar morando “*e aqui era perfeito porque era na praia*” me diz.

Seu apartamento, portanto, foi comprado durante um leilão, mas desconhecia o prédio por dentro ou mesmo a unidade que estava comprando. Conforme me explica “*você compra meio que no escuro, não dá pra saber em quais condições está o local*”, no entanto, ressalta que seu advogado na época a aconselhou a conhecer o prédio, entender como funcionava principalmente a parte de obras.

*Ele falou que era bom conhecer o prédio por conta do valor do condomínio, de como era o síndico porque provavelmente vai ter que fazer a obra. Porque quando você compra em leilão, você não pode ver o imóvel. Então, você compra uma caixinha fechada. Então, eu não sabia, eu poderia abrir aqui está quebrado ou não. Quando eu abri estava completamente quebrado o imóvel. Então, eu tive que reformar. Por isso que é importante você ir ao lugar, ver como é que é o síndico, quanto que é o condomínio porque você vai ficar um tempo pagando o condomínio sem estar dentro do imóvel. Então, é importante saber esses valores se você consegue alcançar esse valor durante o mês.* (Solange, aproximadamente 35 anos, 2020)

No entanto, entre risos disse “*é claro que eu não fiz isso, só vim perguntar o valor do condomínio e sai*”. Um dos pontos que Solange constantemente aborda a despeito da burocracia necessária para fazer qualquer tipo de mudança dentro de sua casa, inclusive relata que se tivesse dado mais atenção ao advogado talvez não tivesse comprado o apartamento ali naquele edifício devido às crescentes dificuldades enfrentadas durante o período de reforma.

Ainda assim, com toda a dificuldade que foi para transformar o espaço em algo que tivesse sua identidade, me diz “*foi ótimo, na verdade, foi minha primeira conquista da vida a compra do imóvel, falei caraca é isso, fiquei muito feliz*”. A felicidade de Solange se comunica diretamente com o conceito de *projeto* estudado por Velho (1981) e pode ser observado em outras entrevistas, quando nestas se faz presente a alegria sobre a conquista do imóvel. Em sua pesquisa (Projeto e Metamorfose, 2003) o antropólogo pensa no conceito a partir do proposto por A. Schutz para quem projeto “*é a conduta organizada para atingir finalidades específicas*” (SCHUTZ, 1 apud Velho 2003 p.101).

Existe um projeto de morar na zona sul que talvez seja compartilhado pelo imaginário social, mencionamos isso quando debatemos a construção principalmente social desta região, mas, a compra de um imóvel para além desse constructo social sobre o local que poderia significar ascensão, conseguir assinar o documento que diz - proprietário - aparece aqui no exemplo obtido a partir da entrevista de Solange como um projeto individual que percorre provavelmente um projeto coletivo (familiar). Sobre isso dirá Velho:

A ideia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. (Velho, 1981, p. 26)

Em “Projeto e Metamorfose” (1994/2003) Velho observa a partir da noção de indivíduo e sociedade, as relações entre projeto e campo de possibilidades, compreendendo que dentro desta chave existe uma reflexão importante a ser considerada: o quadro sociocultural ao qual este indivíduo está associado, entendendo que em uma sociedade complexa moderna contemporânea os papéis sociais e identidades se modificam a depender do meio e das intenções, o autor se vale da noção de metamorfose para lidar com estes processos. Algo similar ocorre na obra de Bourdieu (1998), quando este nos chama atenção para o capital cultural e social que carregamos e como tal bagagem interfere significativamente em nossas escolhas e decisões. Sobre capital cultural dirá o autor:

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede agente durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não são somente dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28)

A noção de capital cultural, portanto aplica-se a qualquer conjunto de relações que promovam ou dificultem a interação entre indivíduos, ainda que este seja um conceito extremamente complexo, porque é constituído por um conjunto de elementos que podem ser relacionados entre si e que podem ser medidos em diferentes níveis.

-----\*\*\*-----

#### 4.2.2 Salete, 60 anos.

Salete tem aproximadamente 60 anos, e é aposentada<sup>46</sup>, combinou comigo por volta de uma hora para realizarmos a entrevista. Bato na sua porta, de madeira. Ela não abre totalmente, uma corrente dá espaço a uma pequena brecha de um palmo ou menos, e ela verifica quem está do outro lado. Me identifico, e logo ela abre totalmente a sua porta.

Sou convidada a entrar, e um pano com *lysoform* (produto de limpeza) no chão é colocado para eu limpar meus sapatos. A residência de Salete tem uma disposição de modo que ao entrar a primeira coisa que vejo é uma pequena mesa com duas cadeiras, frente uma à outra. A parede tem diversos adereços de madeira, algumas máscaras de madeira e outra colorida, no teto uma luminária grande, e ainda na parede desse lado esquerdo uma prateleira alta com mais itens de decoração. Do lado direito, um pequeno trecho da parede não possui piso, ali é possível ver itens que Salette mais tarde me revela serem referentes a “cultura oriental” alguns centímetros depois, uma porta de madeira com chave, e uma segunda porta de madeira. Sob estas uma estante pequena traz uma planta artificial em formato de parreira. Estou sentada, de costas para a porta da rua (corredor), neste espaço que Salette me apresenta como sua ante-sala, sentada na minha frente, começamos a conversar a respeito de assuntos do cotidiano e aos poucos vou explicando sobre o que é minha pesquisa, apresento o termo de consentimento, e sou autorizada a gravar a nossa conversa.

Salete mora no edifício há aproximadamente onze anos, gosta do espaço principalmente por ser “funcional” e atender as necessidades de uma jovem senhora como gosta de se autodeclarar. É interessante observar como Salete vai descrevendo seu percorrer desde a sua primeira moradia até esta onde se encontra hoje. Divorciada com um filho, mora sozinha com as suas memórias.

Passamos um longo período conversando e Salete me conta sobre o período em que morou em outro bairro, também da zona sul. Conforme trecho abaixo da entrevista:

Eu morava no Catete. Morei na Pedro Américo, também tive outra relação maravilhosa com a síndica, fui ao aniversário de 15 anos da filha. Só que o Catete tinha um problema, ele quando vem as chuvas um nível urbano ali, físico

---

<sup>46</sup> Salete trabalhou como geógrafa e em outros momentos como secretária.

geográfico, a estrutura do asfalto, ela é muito mais baixa que o Flamengo, então que acontece, uma chuva forte, pode ser uma pancada de chuva em tempo curto, mas se ela é forte, ela alaga rapidamente e esse alagamento vai para as ruas transversais quase que até na metade da rua e você fica ilhado. Eu morava na Pedro Américo, na rua da delegacia e tal, mas para eu sair para o serviço no dia de chuva, era um problema. Aí meu filho acabou casando, saiu para casar lá e aí eu disse, eu conversando com colegas arquitetos e engenheiros, porque eu sou geógrafa, aí eles disseram: “Olha tem um apartamento ali assim, mas é velho. Apartamentos está com os tacos todos assim, é um apartamento que vem de anos, estrutura antiga.” E eu vim justamente pela localização que me favorecia a exercer pagamentos, uma diversão rápida, uma compra, a gente que trabalha já fica com pouco tempo para si. Então, eu achei que o lugar me favorecia nisso, e acabei fechando o negócio aqui, e vim para cá e eu estou muito feliz. (Salette, moradora, 2021)

Na época em que morava no bairro do Catete, até gostava, mas é em Botafogo que se sente mais realizada. Atualmente trabalhava como analista de uma grande rede de supermercados, porém desde o início da pandemia seu setor foi desligado.

Em dado momento me diz ser budista e abre a porta que separa a ante sala da sala e aponta ao fundo seu Buda de madeira talhado. Na sequência fecha a porta.

E seguimos com a entrevista. Sua história de vida se mistura em alguns momentos aos dados referentes ao prédio, em verdade Salette me revela que ali, está sua identidade. Não é apenas um apartamento, mas uma mostra dela mesma, cada espaço, cada decoração, cada item selecionado cuidadosamente refletem suas memórias de viagens e emoções. Um em especial lhe traz conforto familiar. “ *Meu móvel de cabeceira era do meu bisavô é de uma madeira que nem sei se tem mais, sempre que me mudei levei ele comigo, ele fica lá no meu quarto*”.

As máscaras na parede da ante sala são lembranças do projeto Rondon, a boneca baiana na prateleira, trouxe de uma viagem que fez à Bahia. Seu Buda entalhado encontrou em uma casa de antiquário e por ser budista achou que ficaria bonito ali em um canto da sala, percebendo que aquele espaço é repleto de itens decorativos perguntei sobre os mesmos, ao que me respondeu:

E esses itens que a senhora tem de decoração?

A: Isso é da minha vida de geógrafa. Eu viajei o Brasil todo menos Manaus porque a malária me assustou muito, geógrafa. Eu sou formanda de Geografia, aí saí licenciatura em geografia em 1972. Você sabe que naquela época no Projeto Rondon que atuava no Brasil inteiro para observar. Eu não pude ir para longe porque eu já lecionava francês, não podia me afastar da turma para ir para os Projetos. Mas eu acompanhava tudo que estava na área Urbana, tanto é que trabalhei na época de uma reitora e fiz até um trabalho ali na BR 101 de análise de

solo com minha equipe. Foi uma das equipes que se destacou no curso de especialização e fez um trabalho ótimo para aquela região, eu consegui com então Prefeito Cosme Salles, que as carteiras das catadoras de siris fossem assinadas. Porque elas também saíam de casa às cinco da manhã, catavam siri. E também tinham filhos para cuidar como os pescadores homens. Eu consegui que eles instalassem uma ponte porque os barcos encalhavam. Então, eles não podiam trazer o barco muito para perto para tirar a pesca e o Cosme Sales fez uma adentro no mar para que eles o barco atracasse ali e eles tivessem mais facilidade de trazer os mariscos, os peixes. E essas senhoras ficaram muito gratas às catadoras de siri porque elas tiveram a carteirinha assinada. Então, eu acho assim isso fiz uma pós-graduação de Política Pública com o ex-secretário do Governo Garotinho, Salomão, e essa foi uma atuação minha pequena que o curso de Política Pública me serviu para fazer muita formação em gestão. A gestão me ajuda como educadora, que até na vida pessoal entendeu. E foi isso que ficou gratificante de tudo eu tentei extrair um pouquinho. E isso é cultura de várias regiões do Brasil. Algumas viagens eu trouxe. Eu tenho uma baiana que eu trouxe de Salvador que estive lá em 72. Isso é cultura, é arte.

J: A senhora foi pegando...

A: Pegando, trazia de lembrança e aí fui decorando. Outras são orientais que hoje eu sou budista. Então, eu vejo, tenho uma admiração pelo Oriente que me trouxe muita profundidade de raciocínio e isso se identifica muito comigo. E eu tenho essa parte dessa cultura também. Então, um pouquinho de coisa que fui adquirindo na vida está representado na minha casa, como também nas roupas que de repente eu uso, faz parte do seu interior. (Salete, moradora, 2021)

O espaço da memória se constrói em sua fala, assim como se faz presente na decoração, a parreira artificial localizada acima de nossas cabeças, em uma estante é uma memória ainda de seus tempos de criança. "*Em Niterói meu avô cultivava uvas, lembro que adorava correr entre as plantações dele, trago um pedacinho disso também e me aponta a planta artifício acima*". Ainda sobre a memória Salete menciona sobre os aromas que recorda da infância e sobre como estes influenciaram seus gostos na vida adulta

“A vovó, por exemplo, os temperos verdes, alho e cebola era a primeira coisa que ela entrava no mercado escolhia. Depois ela ia escolher as outras coisas, 'não posso esquecer do alho e da cebola'. Então, isso já foi religião. A vovó dizia, nós tivemos, eu fui educada por português, café da manhã era muito rico era pão com manteiga, era biscoito, era bolo com fubá, aquele bolo de fubá que era para manhã era para o café da tarde. E assim foi muito rica sua alimentação. A vovó nunca descuidou. A Vovó tinha um lago e ela criava os patos e as galinhas para se alimentar. Ela não comprava, a casa era grande, parte da frente era jardim. Porque meu avô tinha roseiras, coisas que eu amava. Andar de velocípede no meio daquelas plantas(...) Vovó plantava guaco. Se eu ficar gripada, aí vai fazer um xarope de guaco colhido ali e aquela coisa docinha, a garganta já não ficava inflamada, não arranhava, eu achava gostoso. Eu tenho ótimas lembranças.” (Salete, moradora, 70 anos aproximadamente)

Ao final da entrevista me convida a conhecer o interior de sua residência, me levanto e a minha direita pouco menos distante do meu ombro é a cozinha, que Salette me mostra ter dizendo ter tudo o que ela precisa para atender suas necessidades, uma pia, um fogão, panelas e seus temperos. Me afasto um pouco da cadeira onde estava sentada, para poder me deslocar no corredor preciso primeiro levantar, empurrar a cadeira para trás dar um passo para o lado voltar a cadeira para a posição inicial para assim ter largura suficiente para poder me deslocar.

Há dois passos de onde estávamos sentadas fica o banheiro, com chuveiro, vaso, pia e uma máquina de lavar fechada por uma porta que me pareceu tipo ‘sanfonada’, esse trajeto de dois passos foi feito com cautela, pois como descrito acima, Salette tem em suas paredes diversos quadros e objetos de decoração. Mais um passo e chegamos à porta que divide o espaço que estávamos com o interior da residência que é aberta por ela, portanto, são quatro passos<sup>47</sup> que me distanciam do local de onde ocorreu a entrevista para esta parte mais interna da casa. “*Aqui é a sala*” me diz, e me mostra seus móveis de madeira, o sofá onde assiste televisão, seu armário onde guarda utensílios tanto de cozinha quanto da casa de modo geral. Ainda neste espaço, um pequeno altar próximo à televisão e o buda no canto esquerdo da saleta para quem entra.

Separando este ambiente do quarto existe uma parede com algumas frestas na parte superior, semelhante a um biombo, conforme a moradora, para poder circular o vento pela casa. Por fim mais uma porta, e entramos em seu quarto que tem uma cama de casal posicionada em diagonal se considerarmos a parede como referência onde também está um guarda-roupas, um móvel de família próximo à cama é tocado por ela que diz “*Esse aqui é meu, de família, aonde eu vou eu levo, está há gerações e agora está aqui*”. Na nossa frente uma janela de aproximadamente dois metros por um e quarenta está entreaberta, Salette me convida para caminhar até a janela, e observar a vista dizendo “*aqui é muito bonito, está vendo, e olha que silêncio*”. Voltamos para a sala, e Salette me diz “*bom é isso, aqui é meu cantinho, tenho tudo o que preciso adoro este local e cada coisinha que fui colocando aqui foi pensada com carinho por que no final é*

---

<sup>47</sup> Tenho um metro e sessenta e nove de altura e cada passo meu tem aproximadamente oitenta centímetros, portanto podemos calcular que a distância entre a porta de entrada e a porta da saleta é de mais ou menos quatro metros.

*isso né, a casa da gente é esse espaço do afeto*”. Abaixo planta desenhada sem escala de sua residência.

Figura 28 Planta sem escala - Casa Salete.



Fonte: Da autora (2020).

Esse “espaço do afeto” citado pela moradora, pode ser diferente não apenas pelo fato de cada indivíduo se colocar no espaço de modo que imprima nele certa identidade, mas também pela própria anatomia do edifício que possui três diferentes tamanhos, muito embora todos dividam o mesmo CEP e o espaço que

se constitui com o que aqui chamamos de “vão da não privacidade”. O “vão” da não privacidade é retratado na película “Edifício Master” de Eduardo Coutinho. Neste, uma moradora se refere ao prisma do prédio como o vão da não privacidade, pois pode escutar por ali o que acontece em outros lugares. Tendo como aporte teórico o trabalho de Velho, a película documental “Edifício Master” (2002) retrata seguindo um tom “Gilberteriano” de entrevistar os moradores, com questões sobre(os) porquês (de) terem ido morar ali, onde moravam antes, profissão, expectativas em relação ao (com o) bairro, etc. Uma das moradoras do documentário menciona que a parte mais difícil de sair de uma casa com quintal, quartos e sala para um conjugado era “*conviver com a vida das outras pessoas entrando pelo basculante: o vão da não privacidade*” nos apropriamos deste “vão” para pensar sobre os ruídos e a própria privacidade que aparecem em nosso estudo.

A propósito da questão da privacidade Velho (1989) em seu livro “A Utopia Urbana” também menciona a questão de como na zona sul a privacidade é pensada de uma maneira diferente dos moradores da zona norte. O que o autor constatou foi existir em seu campo uma certa privacidade cerceada, muito por conta das relações entre os vizinhos de porta e de andares, assim a ideia de “*não me meter na vida alheia, para garantir que não se metam na minha*” era muito mais presente no contexto zona sul do que no contexto zona norte.

-----\*\*\*-----

#### 4.2.3 Gabriela, 35 anos, ex-moradora.

Através de uma postagem na internet, em uma página do *Facebook* sobre moradores da zona sul, uma pessoa perguntou sobre o edifício Rajah, pois morava em outra cidade e queria mais informações a respeito do local. Os comentários são bastantes diversos, e dizem muito respeito sobre um ideal ‘imaginário’ comum, em que a grande maioria diz sobre histórias que ouviram falar. Dentre estes comentários, Gabriela se posiciona dizendo “*já morei lá, posso falar a respeito*” morou durante dois anos no edifício e saiu devido a um problema de infiltração no apartamento de cima, e também devido ao valor cobrado pelo aluguel e condomínio, pois como diz “*não vejo sentido nos valores*”

*“Pago quinhentos reais de condomínio, e não tem sequer uma portaria eficiente. Porque pra mim aquela portaria ali é só um fake. O porteiro, ele só serve para anotar no livro lá, o número da identidade das pessoas e só porque você precisar de uma entrega eles não ficam com nada. Eles não sabem quem é você, eles não conhecem os moradores, conhecem assim fisicamente e de passar, mas eles não fazem o serviço de portaria mesmo”* (Gabriela, 35 anos, ex-moradora)

No capítulo anterior, mencionamos sobre as estratégias que o edifício cria, não apenas entre os moradores (as formas que lidam com barulho, vizinhança e afins) mas também as estratégias daqueles que trabalham no prédio. Embora Gabriela diga que a portaria não é eficiente, no sentido dos funcionários conhecerem talvez o nome dos moradores, algo sobre o corpo é lido *“conhecem fisicamente e de passar”* ponto que me foi confirmado por um dos porteiros, que diz ser possível perceber se a pessoa mora ali ou não pela maneira com que ela se direciona para dentro do prédio. Ou seja, existe um código não verbal presente. Outro ponto que Gabriela diz ter se incomodado bastante, ainda sobre a portaria, foi a maneira como de um dia para o outro, novas regras passaram a valer: *“Para mim, prédio tem que ter porteiro 24h, eu compro num site, eu não estou em casa, a portaria vai receber, vai guardar o que comprei e vou pegar depois. Lá não é assim, então eu acho isso horrível”*. (Trecho da entrevista com Gabriela, atualmente ex-moradora).

Era comum durante o período em que morei no edifício pessoas que utilizavam aquele endereço postal para receber encomendas ou cartas, posto que ali havia portaria vinte e quatro horas, ademais como bem apontou Mirella<sup>48</sup>, outra colaboradora da pesquisa que se mudou para o edifício em 2019 para morar com uma amiga *“Até hoje uso o endereço de lá, porque lá em casa as coisas demoram muito para chegar e combino de pegar depois com minha amiga”*. Mirella tem vinte e dois anos, e morava na baixada fluminense, se mudou para o edifício para ficar mais próximo do trabalho e da faculdade, considera a zona sul bastante cara e assim como João, aos finais de semana retornava para casa. Com a chegada da Pandemia, decidiu voltar a morar com a mãe, pois dividir o valor do aluguel estava ficando caro.

No primeiro capítulo discorremos sobre a importância do CEP, no sentido de relevância para associar aquele logradouro a determinado status, como

---

<sup>48</sup> Mirella foi uma colaboradora da pesquisa com quem troquei informações (conversava) durante o período em que morei no edifício.

mencionado em entrevista com Fátima, que mais do que dizer como é o prédio onde mora atualmente o faz ressaltando as ruas que já morou, ou seja, poder receber cartas ou encomendas não diz respeito apenas sobre as facilidades de um edifício, mas também sobre como o entorno observa aquela região, tal fato levou o senador José Pimentel (PT-CE) em 2017 a tramitar o projeto de lei (PLS 122/2017) que estabelecia que qualquer pessoa poderia solicitar um Código de Endereçamento Postal (CEP) para a própria residência, rua ou a localidade que não existe um. Ou seja, o CEP aqui se torna um código não apenas de endereçamento postal, mas também um código que pode se associar a *status* tal como morar em um logradouro em detrimento de outro e ser reconhecido como presente naquele espaço, pois o ato de receber uma correspondência diz respeito a morar e ser visto, é um número que se converte em ações e conseqüentemente gera reações tais como “*sempre morei nas ruas chiques*” dita por um interlocutor que se mudou do edifício e foi morar na rua São Clemente ou “*lá em casa a correspondência vai pra mercearia, difícil chegar encomenda, às vezes a gente coloca aqui pra baixo pra garantir que vai chegar mesmo*” dita por um funcionário da limpeza, portanto o código aqui presente pode ser lido tanto como uma estratégia ou como confirmação de espaço - ser morador- de tal região, de tal CEP.

Gabriela estuda e trabalha, atua como enfermeira, morava em São Gonçalo (Baixada), foi morar no Solymar dividindo o espaço com uma amiga, a princípio desconhecia que o prédio tinha três blocos, no entanto, sabia de ouvir falar que era um prédio grande com muitos conjugados, mas desconhecia como eram os apartamentos no seu interior. No início, assim que se mudou considerava que o local além de ser bem localizado era bastante calmo, silencioso, realidade que se modificou principalmente com a chegada da pandemia, com mais pessoas ficando em casa passou a se tornar inevitável não ouvir os vizinhos.

*Inicialmente com o apartamento vazio e tal, eu achei até silencioso e assim, eu morava entre dois apartamentos vazios, então não tinha ninguém nos lados. Achei silencioso e tal. Eu acho que começou a piorar essa questão de silêncio depois que começou o coronavírus”. (Gabriela, 35 anos, 2021)*

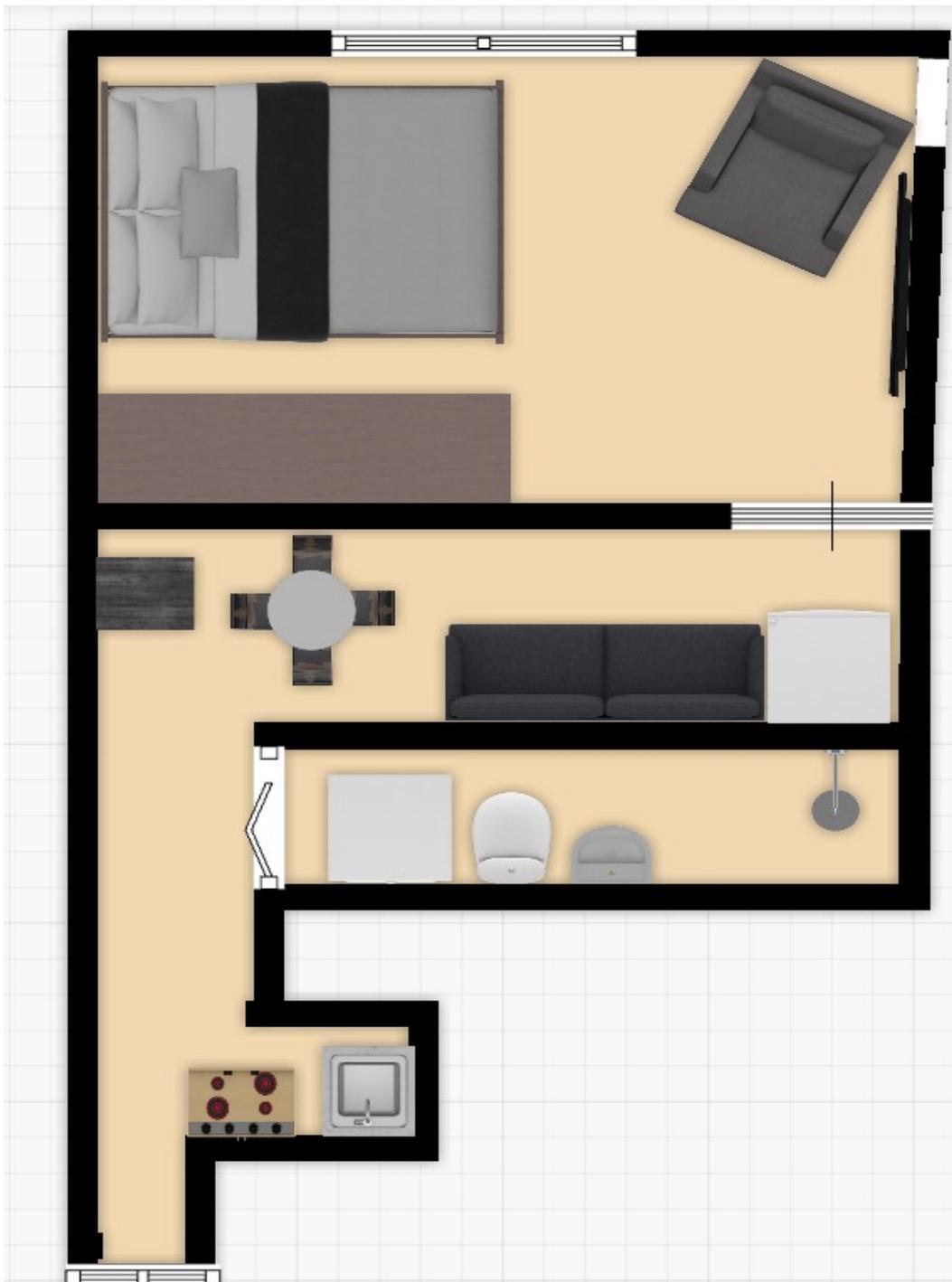
Quando me explica sobre seu apartamento diz que, morava próximo ao elevador, ao abrir a porta a primeira coisa que via era um pequeno corredor, sua cozinha era um pouco mais a frente que ficava do lado esquerdo de quem entra na

casa. No espaço mais interno e maior existiam dois guarda-roupas um em cada parede, o da moça que dividia o espaço com ela era um pouco menor que o dela, de tal modo que foi possível encaixar entre o final da parede e o guarda-roupa uma cama, do lado dela, isso não foi possível. Sobre o armário dela que era maior ficava a televisão e próximo ao armário sua cama. De modo geral, em todas as moradias que visitei durante o tempo em que morei no edifício notei que o uso do armário para criar espaços ou demarcar outros, era bastante comum, às vezes, no entanto, era algo mais sutil como um quadro pendurado na parede. Como demonstra o trecho do diário de campo abaixo

Hoje visitei Marlene, aproximadamente setenta anos, que mora sozinha desde que seu marido faleceu há dez anos. Seu apartamento fica no terceiro bloco, entre o sétimo e décimo andar, no meio do corredor. Para chegar até seu apartamento, embora ela tenha me explicado os caminhos por dentro do edifício (dentro do prédio em alguns andares existem portas que conectam os três blocos, para acessá-las basta ir até determinado andar atravessar a porta, subir ou descer um lance de escada e atravessar outra porta que conecte ao terceiro bloco) considerei mais rápido descer de elevador e pegar o que me levaria até o andar dela. Marlene é aposentada e trabalha como costureira, aproveitei a visita e levei comigo uma calça para fazer a barra. Chegando em sua residência, toquei a campainha e me identifiquei, ela abriu a porta e me convidou a entrar dizendo “*oi minha filha pode entrar, senta ali na sala*”. Assim que entrei no apartamento a primeira coisa que vi foi a cozinha à minha esquerda com um quadro de pimentas pendurado próximo ao fogão. Sua cozinha, assim como a minha é pequena, tem um fogão de duas bocas a pia e um armário suspenso com bordados e o que parece ser crochê entre as prateleiras. Ali próximo fica o banheiro que tem outro quadro em relevo que tem como imagem um cenário composto por uma pia e um chuveiro, a minha frente no final deste corredor por onde passei existe uma saleta, com um sofá laranja de dois lugares ao lado de uma geladeira um tapete redondo no chão de aproximadamente um metro de diâmetro, duas mesinhas, sobre uma existia uma máquina de costura com uma cadeira próximo da parede e na outra mesa, está um pouco maior que a anterior com uma fruteira no centro. Essa saleta é dívida do quarto por uma parede falsa (é possível saber que a parede é falsa, pois lembra aquelas que dividem escritório inclusive a cor - cinza). Sentei no sofá enquanto ela foi fazer um café, e conversamos um pouco. (Diário de campo, Marlene, agosto de 2019)

Abaixo planta desenhada sem escala apenas para permitir melhor visualização do espaço interno da residência de Marlene.

Figura 29. Planta sem escala. Casa de Marlene



Fonte: Autora, 2021.

O que é possível observar no trecho do diário de campo acima, é que para além das divisões físicas- paredes, portas- janelas, no apartamento de Marlene existem elementos que identificam uma passagem, ou neste caso, um novo cômodo. Assim como no apartamento de Salete, que possui obras penduradas na parede demarcando o ambiente, o mesmo ocorre aqui, ademais em ambas as

residências, existe um ‘tom’ de identidade representado na decoração. Marlene durante nossa conversa me diz que nasceu no Maranhão e se mudou ainda nova para o Rio de Janeiro para acompanhar o marido. Enquanto tomávamos o café acompanhado com uma fatia de bolo de laranja mencionei como estava fofinho o bolo, ela me respondeu que tudo é uma questão de colocar amor no que faz, que sempre fez a comida em casa e é apaixonada por tempero, que eu deveria retornar outro dia para provar seu arroz de cuxá, típico de sua região. Desconhecia o prato e pedi que me explicasse um pouco:

*A é bem simples, você pega a vinagreira sabe o que é? Hoje em dia, o pessoal usa muito, mas usa mais a flor. Daí vai tomate, cebola, pimentão, pimenta-de-cheiro, camarão, gergelim, um bom azeite e arroz, eu coloco uma pitadinha de pimenta também, pra mim a comida tem que ter um toque nosso sabe, e eu amo uma boa pimenta na comida. (Trecho diário de campo, Marlene, agosto de 2019)*

-----\*\*\*-----

#### 4.2.4 Bruna - aproximadamente 60 anos

Bruna morou no edifício por aproximadamente vinte anos, no bloco do meio entre o oitavo e décimo primeiro andar, a princípio durante a infância estudava em um colégio interno, portanto suas idas ao Solymar ocorriam apenas no final do ano. A primeira vez que entrou no edifício era ainda criança com onze anos e saiu de lá adulta, com aproximadamente trinta anos. No início me revela que por ser nova no pedaço, não era enturmada, ou seja, não era considerada por outras crianças do prédio como dali, em um sentido quase “outsider” com o passar do tempo foi se tornando parte do edifício e moldando suas amizades.

*“Conforme ia crescendo, a gente tinha um grupinho, então de lá do prédio éramos uns três (né) que se juntou com outros. Engraçado que era isso, era dividido parecia clube da Lulu, as meninas, minhas amigas moravam no prédio e os meninos no prédio do lado”. (Trecho de entrevista realizada com Bruna)*

Ao sair do colégio interno, passou a ter mais contato com as outras crianças do edifício, “sempre teve muitas histórias né”, mas revela serem apenas histórias, pois nunca vivenciou ou viu nenhuma daquelas que recaiam sobre o prédio. Conforme trecho abaixo:

*“Dentro do Solymar sempre rolou muitas histórias né. E eu não sei se sou privilegiada ou não, eu acho que sim, porque as histórias que contavam eram histórias muito assombrosas, assassinato, venda de droga né, que tinha oficina no corredor, oficina de motocicleta, eu para ser sincera, eu nunca vi nada disso.*

*Nunca vi uma oficina de motocicleta no Rajah. Agora se perguntar pra mim: tinha ou não tinha? Vou dizer para você, não sei nunca vi. Só ouvi falar né”* (Trecho de entrevista realizada com Bruna)

As grandes questões que Bruna me diz ter percebido no edifício giram mais em torno dos prostíbulos que, estes sim, diz ela, além de existirem na época em que morou na Rajah, causaram problemas em sua família. O conjugado onde morava pertencia a sua mãe, que anteriormente morava no bairro da Urca trabalhando em casas de família e morando nestas residências, e que ali no Rajah tinha conseguido conquistar sua “casa própria”, em suas palavras: “Mamãe era empregada doméstica, morava no emprego, não tinha casa. Entendeu, então, que a primeira moradia dela, dela mesmo, tipo que assinou o papel foi no Rajah”, algo que já foi mencionado no capítulo anterior, mas que pode ser reforçado aqui, a questão sobre o que “ser de papel passado” passa a representar, no sentido de conquista e projeto (Velho,1993). Morava com a mãe e o irmão, dependendo do período, mais quatro, cinco ou até seis pessoas, pois sua mãe alugava vagas para moças dormirem. As residências no Edifício conforme mencionado no capítulo anterior giram em torno de vinte a vinte metros. Na disposição de sua casa ela me conta que era da seguinte maneira:

*Bruna: A gente entra a direita tinha um projeto que se chama cozinha, que na realidade só cabia o fogão, só o fogão. Então, as outras coisas tinham que ser no alto, prateleirinha, um armário. De frente tinha a pia, na lateral o fogão e sobrava um espaço mínimo, tipo assim trinta, quarenta centímetros para você se locomover naquele pedaço. Depois vinha o banheiro, o banheiro tinha uma privada, um bidê, e box, do lado do box a pia. Quando você entrava assim de frente estava a pia. Se você fizer o reverso né e muita gente tirava o bidê, botava máquina de lavar né. E tinha um varal para secar roupa no teto. Depois vinha uma saleta, bem pequena mesmo.*

Jacqueline: *Saletas?*

*Bruna: É tipo uma divisória. Já na própria parede tinha mesmo uma coluna de cada lado né que já sugeria uma divisória né. E depois disso vinha um cômodo maior que supõe seria o quarto.*

Sobre as pessoas que alugavam a vaga me diz que a grande maioria era uma questão de trabalho, de poder morar mais próximo do trabalho e também uma questão financeira, que segundo ela as pessoas que alugavam vaga com sua mãe, não tinham recursos suficientes para alugar um espaço inteiro ou mesmo dividir com mais um ou dois, sendo a vaga a melhor opção para eles. Durante os anos em que morei no edifício conheci algumas unidades que alugavam vagas, restritas para mulheres ou para homens e durante a pandemia uma colaboradora passou a

alugar vaga em sua casa para melhorar sua renda, pois ela que trabalhava como vendedora ambulante viu sua receita diminuir mais da metade com a pandemia, encontrou no aluguel de vagas uma potencial saída, ainda que isso pudesse gerar um problema de espaço dentro de sua residência.

Sobre a questão do espaço e da quantidade de pessoas dormindo dentro dele, Bruna me revelou que ali era “tipo coração de mãe, sempre cabe mais um”, que, na verdade, os problemas que eles enfrentavam era muito mais relacionado ao lixo e ao barulho, o último motivador do tal problema de família. Conforme o seu relato existia um prostíbulo que quase causou uma desgraça em sua família. A unidade ao lado de sua residência era anteriormente alugada para uma senhora, quando está se mudou aquela unidade foi alugado por um grupo

*Aí de repente a gente começou a ver os travestis de baby-doll pelo corredor com telefone sem fio na mão porque naquela época não tinha celular (...) andando pelos corredores e tal, não sei o que, daqui a pouco, fulana foi embora. Quando a gente pensava que não aquilo ali estava... ou seja, eles alugaram vários apartamentos e quando chegava na hora do almoço tinha aqueles homens todos de terno, cada um mais lindo que o outro, todo queridíssimo lá, para aqueles apartamentos, eu disse: meu deus do céu, como assim né. Só que aquele negócio, eles trabalhavam durante a tarde, depois eles dormiam né, chegava à noite lá pela meia-noite começavam a fazer a fuzaka. E a hora que a gente precisava dormir que a gente precisava trabalhar no dia seguinte e a gente não conseguia. E eu tenho um irmão que é bem assim 'bem-educado, bem simpático, bem paciente', né numa dessa, ele pegou um arpão, desses de pesca, que ele faz pesca submarina, e queria acertar o cara de qualquer maneira porque a gente simplesmente a gente só queria dormir para trabalhar no dia seguinte e eles não deixavam. Ai quer dizer, no dia seguinte de manhã quando a gente precisava se levantar para trabalhar a gente estava aos cacos e eles iam dormir. Porque quando dava onze horas da manhã, eles levantavam se emperiquitando todo para receber a clientela que vinha na parte da tarde. E a gente lá no trabalho parecendo um bagaço da laranja. (Trecho da entrevista, com Bruna)*

No capítulo anterior mencionamos sobre a questão do ruído e do barulho, e em como o som considerado “barulho” pode prejudicar a convivência. Aqui em seu relato Bruna chama atenção para dois pontos que podemos utilizar como eixos de reflexão, o da rotina e sobre os corpos dentro deste espaço. No primeiro, a rotina presente em seu cotidiano, e também percebida por Pedro (ex-morador, que será apresentado nas próximas páginas), cruza as narrativas de modo geral dos moradores do edifício que citam em suas entrevistas conseguirem acompanhar o dia a dia de outros moradores através da parede. Bruna, por exemplo, cita que existia um vizinho que sempre próximo das onze da noite tinha alguém que tomava banho ouvindo uma banda chamada “o menor do chapa”:

*“Como te falei, a janela maior dava para aquele paredão de janela de banheiro. Todos os dias às onze e pouco da noite, tinha alguém tomando banho e ouvia 'o menor do chapa' sério, aquela música: 'Aí irmão, humildade e disciplina vida louca'... era sempre a mesma música e era sempre o mesmo horário”. (Bruna, 60 anos)*

O dia a dia dentro deste edifício, a depender do andar tinha, portanto, uma lógica de horário própria, como foi o caso citado por Bruna, que morava no mesmo andar em que travestis ofertavam serviços ‘para adultos’, o que gerava para ela e sua família sérios problemas na rotina de sono, visto que, o horário de trabalho de seus vizinhos era no mesmo em que ela costumava dormir. Ainda sobre o “tempo” no edifício, retomo anotação do caderno de campo:

*Hoje acordei mais uma vez escutando o que acredito ser “a voz do Brasil” definitivamente não preciso de um despertador, olhei para o relógio e pontualmente eram sete da manhã. A janela estava parcialmente aberta devido ao calor, levantei para fechar e liguei o ventilador tentando voltar a dormir. Oito horas, e começo a escutar “olha esse cachorro latindo aí”, sempre próximo a este horário a voz de um homem gritando a respeito de um cachorro que também começa a latir. Desisti de dormir, resolvo levantar e iniciar o dia, me troquei e sai do meu andar, para variar o elevador demora e mais uma vez escutei alguém batendo na porta dizendo “anda logo, libera o elevador”, resolvi descer de escada, e encontrei em determinado andar provavelmente a mulher que batia no elevador. Ela estava vestida com uma bermuda e blusa de regata, nos pés um tênis e boné na cabeça, carregava um carrinho de metal, grande, desses que vemos na rua em que as pessoas colocam mercadorias. Ela me viu, acenou em tom de bom dia e disse “todo dia esse inferno” segui descendo as escadas, em outro andar vi um senhor indo sentar no corredor em sua cadeira de praia, por fim cheguei no térreo, dei bom dia para o rapaz da limpeza e fui comprar o pão. Na volta, vi um senhor vestido de roupa social, sapato, com uma bengala que andava meio curvado, sua aparência é de aproximadamente 70 anos, não é a primeira vez que o vejo ali na portaria. Ele estava parado, e ocasionalmente conversava com alguém que passava por ali, ou mesmo com os porteiros. Eu mesma certa vez enquanto esperava um amigo lá embaixo fiquei conversando com ele, que dizia morar há anos no edifício e gostava muito de falar sobre a época em era mais jovem.*

*Enquanto aguardava o elevador para subir pro meu andar, uma senhora que também aguardava olhou para este senhor e disse “esse aí, sempre pela manhã tá aqui embaixo puxando papo, se um dia não descer é porque está doente”. O elevador chegou, entramos, desci no meu andar, ela continuou, nos despedimos e voltei para casa. (Caderno de campo, 2019)*

É interessante refletir não apenas sobre as rotinas do edifício, ou seja, os horários da limpeza dos corredores, quando o rapaz que entregava a correspondência passaria, os dias em que o síndico estaria no prédio, os horários em que o responsável pelos serviços gerais iniciava sua rotina de trabalho, bem como o horário em que a administração funcionava. Todos esses pontos, fazem com que exista no edifício uma certa delimitação de horários, para além destes existem ainda as rotinas sonoras, como dito anteriormente a depender do andar, ou

do bloco ela seria diferente. Mas pensar sobre os indivíduos que de certa maneira se tornam conhecidos ainda que no anonimato devido a sua rotina e hábitos, o significado da senhora que diz que se aquele senhor não descer provavelmente está doente, nos leva a refletir justamente sobre esse espaço do anonimato, percebe que ela não me diz o nome dele, tampouco que o conhece, do mesmo modo, ao questionar meus colaboradores sobre os vizinhos poucos sabiam me dizer os nomes, entretanto quase todos sabiam me dizer suas possíveis rotinas de trabalho, lazer e até mesmo momentos de relação íntima. Como no caso abaixo:

*Aí nessa temporada morava uma menina nova lá e tal aí ela ficava fazendo sexo qualquer hora, gritando, gemendo como ela morasse num prédio sozinha, e não tivesse ninguém. Aí tinha que ficar batendo na parede para poder 'manerar' e tal e fora que às vezes ela tava fazendo muito escândalo rindo, brincando. No entanto, teve um dia que ela estava com namorado dela lá, mais outro cara, eles estavam rindo, brincando e falando já era tipo meia-noite, e o segurança foi lá na porta tocou a campainha disse que estavam ligando lá para baixo reclamando do barulho. Aí ela foi e falou assim: "vamos falar um pouco mais baixo", mas continuou risadas e tudo mais. Aí passou uns cinco minutos a vizinha da porta de frente dela saiu no corredor e começou a gritar e a xingar e dizer se eles estavam pensando todo mundo tinha vida de malandro igual a deles não tinha compromisso com nada, ali tinha gente que trabalhava e acordava cedo e que eles estavam incomodando mesmo sendo chamado a atenção, eles não param e continuam incomodando os vizinhos. Aí ela falou assim: "ah eu vou falar para o seu pai o que você anda fazendo aí". Mas foi aos berros e xingando bastante. Depois parou de falar, parou o barulho, aí eles ficaram quietos e não teve mais barulho nesse quesito. Agora questão sexual isso aí era bem chato, complicado porque até a outra vizinha do lado dizia para mim: "nossa, não é possível, acho que todo mundo do corredor escuta quando essa menina está transando". Eu falei: é assim mesmo não se manca. (Trecho de entrevista com Gabriela, 35 anos)*

É possível observar a partir do exposto acima, a construção de um vasto campo de fragmentos da vida humana, que se traduzem dentro deste edifício em formato de cotidiano. As atribuições encontradas dentro do Solymar não são distantes das percebidas por Gilberto Velho em *Utopia Urbana* (1989), ou por Coutinho em *Edifício Master* (2002), tampouco é distante de outros prédios presentes na orla de Botafogo que apresentam alto número de moradores por metro quadrado. Para além disto, os incômodos e rotinas presentes ali, podem ser percebidas como estímulos próprios de uma vida que se faz presente na metrópole, invadida por incontáveis estímulos (Simmel, 2005).

-----\*\*\*-----

#### 4.2.5 Pedro, 36 anos, ex-morador

*“Deixa eu lembrar a época direitinho, eu tinha acho que 12 anos, deixa ver hoje tenho 36, fui morar lá em 1996 é isso, eu tinha 12 anos” (Pedro, Ex-morador).*

Encontrei Pedro através de uma resposta a um comentário no Facebook, conforme mencionado. Após realizar algumas contas chegou à conclusão de que tinha morado no edifício por aproximadamente vinte e dois anos, morava com sua mãe, entre o sétimo e décimo primeiro andar, do segundo bloco. Sua fala é bastante emocionada com um tom de pesar ao recordar os anos em que morou ali. Minha primeira pergunta era se ele conseguia recordar como era o apartamento, sua resposta gira em torno não da disposição dos móveis ou da divisão que foi feita, mas sim do sentimento “dentro e fora” que existia para ele ao fechar a porta. Assim como ocorreu na fala de João (aproximadamente 60 anos), aqui o espaço - porta fora, tem um sentido quase de “rua”, ou seja, de um espaço onde se expõem a potenciais perigos.

*Dentro da minha casa era extremamente tranquilo porque eu tinha relacionamento para minha mãe e tudo mais, o problema maior era fora do apartamento. Da porta para fora, digamos assim, era o maior problema que a gente tinha, que era a convivência naquele prédio, naquele auge porque o Rajáh, ele teve momentos né. Antes de eu ir para lá, eu não consigo te dizer como era. O que eu consigo falar é que eu nunca tinha ouvido falar desse prédio, mas desde que passei a viver dentro dele eu vi coisas horríveis ali dentro. A gente pode falar como se fosse, nada contra, nem falando em termo pejorativo não, mas a gente pode comparar uma favela, com bandidos, com criminalidade, com drogas, com prostituição etc, e com assassinatos inclusive. (Trecho de entrevista com Pedro, ex morador, aproximadamente 36 anos)*

Pedro anteriormente morava na Praça da Bandeira, em um espaço que lhe traz boas memórias, em oposição ao Rajah. Segundo me explicou, em um dado dia o proprietário solicitou o apartamento e ele e a mãe precisaram sair, sem muito tempo para poder procurar com calma um novo local para morar, visitaram alguns locais. Primeiro foram em um próximo à Mangueira “apartamento enorme, três quartos maravilhosos”, mas sua mãe na época ficou com medo de que morar naquela região pudesse expor o filho a uma violência, “ela sempre teve esse cuidado de não deixar eu ficar em lugares perigosos, digamos assim” me disse. Sua mãe continuou procurando um imóvel até que encontrou um anúncio no jornal sobre um apartamento em Botafogo, a proprietária uma idosa o havia anunciado recentemente e sua mãe decidiu ir até o local verificar. Em suas palavras Pedro descreve a experiência como detestável, mas que era o que tinha para o momento e principalmente para o folego financeiro de sua mãe.

*Eu detestei porque era um ovo o apartamento, um ovo. Não conhecia ainda a fama do Rajah, mas era muito pequeno. Na Praça da Bandeira a gente morava eu tinha meu quarto, minha mãe tinha o dela era outra vibe né. E aí a gente teve que se mudar para esse conjugado pequeno porque foi a necessidade, foi que apareceu, estava no valor. (Trecho de entrevista com Pedro, ex morador, aproximadamente 36 anos)*

É notável que, embora sua mãe procurasse um ambiente seguro, e de certa forma tenha encontrado ali naquele edifício, o que Pedro revela durante a entrevista vai no sentido oposto. Para ele, ali, era um local sem regras, onde era possível ver “todo tipo de gente, exatamente igual a uma favela mesmo”. Para ele, a principal diferença de um prédio/ condomínio era justamente a existência de regras.

O espaço ser lido como uma favela vertical, aparece também em outras falas, mas é particularmente na fala de Pedro, enquanto entrevistado, que ela se mostra mais presente, muito embora nos comentários do Facebook também apareça tal menção, nestes é possível observar que a grande maioria é feita por pessoas que não moraram no edifício. Outro ponto ainda na fala de Pedro é a fama do espaço, ponto que trabalharemos mais no próximo capítulo, mas que aqui nos auxilia a compreender essas diferentes visões de mundo dentro deste microcosmos da sociedade percebido no prédio. Outro sentimento que Pedro evoca bastante em sua fala gira em torno do medo, seu dia a dia no edifício que não possuía regras (sob sua perspectiva) o fazia ter diversas regras pessoais: não manter muitas amizades; não demorar para chegar em casa; evitar pegar o elevador; dentre outras. Ou seja, indiretamente o prédio suscitou regras internas, no sentido mais íntimo.

*Eu quando era muito novo, eu era muito bobão, como quase todas as crianças, dos seus 12 e 13 anos, a gente é muito bobão né e tal. Então, eles me coagiam muito, por exemplo, às vezes eu estava lá embaixo andando de patins, que era uma parada que eu gostava, se eles me vissem ali, eles me mandavam sentar, sentava no chão, era meu bem que humilhação mesmo. Aí um belo dia, um deles, eu não tinha dinheiro, nunca andava com dinheiro, andava com cartão telefone, na época né, que minha mãe me dava para eu ligar se eu precisar enfim. O cara roubou meu cartão e o roubava na mão grande, não era nem meter uma arma na minha cabeça, ou mostrar uma faca. Mas era só realmente aquela coação, aquele medo de você ter ali no seu prédio, um cara que te ameaça, que enfim. Tanto que avisei minha mãe que aconteceu, que a gente chega branco né em casa de medo. E aí minha mãe desceu e recuperou o cartão. (Trecho de entrevista com Pedro, ex-morador)*

Esse medo, que Pedro cita, apareceu também na fala de João, e assim como este Pedro não se sentia confortável em levar namoradas ou amigos em sua casa.

Atualmente casado, cita que quando estava namorando sua atual esposa esta quis conhecer o local onde morava e ele tentou o máximo possível prorrogar tal visita. Primeiro devido ao tamanho de sua residência, segundo por não considerar ali um espaço “bom” e por fim por não ter privacidade o suficiente. Segundo o antropólogo Gilberto Velho, 1973, p.43 “A noção de que é preciso aprender a se defender faz com que a maioria das pessoas estejam permanentemente em guarda contra qualquer tipo de aproximação”, portanto, prorrogar a visita de sua namorada naquele ambiente, estar sempre alerta e se fechar “porta pra dentro”, nunca fez questão de manter amizades no edifício, ou de celebrar aniversários, por exemplo, foram maneiras que ele encontrou de conviver ali.

Pedro acompanhou a mudança no nome do prédio, entretanto não soube me dizer quando exatamente isso ocorreu. Segundo me relatou, não percebeu uma comoção para modificar o nome do edifício “um belo dia, tinha mudado”. Entretanto, seguia sendo o “famoso Rajah, problemático com apartamentos pequenos” sobre o seu apartamento, Pedro explica como foi dividido:

*Lá a divisão era assim, primeira vinha a cozinha, depois o banheiro e depois o salão onde as pessoas faziam divisões né. Na minha casa logo quando você entrou no salão a gente dividiu em: o sofá, uma mesinha de frente para a parede que era onde colocamos a TV e tudo mais. Ai a gente fez uma divisória usando o armário, esses que a gente compra nas Casas Bahia, fazendo um “L”. O armário seria a parede né, digamos, alterando a sala e o quarto(...) A minha mãe tinha um sofá-cama, que ela poderia dormir, mas como ela sentia muito calor, minha mãe sempre sentia muito calor, então ela dormia no chão, era uma preferência dela. Ela não gostava de dormir no sofá da cama, não usava. E aí o “quarto” (ao dizer isso, Pedro colocou as mãos no ar e fez sinal de aspas com os dedos) acabou ficando pra mim. (Pedro descrevendo sua casa dentro do edifício a partir de sua memória, trecho retirado de entrevista realizada)*

O espaço interno da habitação, no entanto, como observado a partir das entrevistas expostas, implicam em um formato de “morar” bem como de entender as práticas dos habitantes que dividem este espaço, organizando dentro dele, áreas mais ou menos privadas, como no caso do quarto projetado a partir de um armário onde Pedro dormia, ou mesmo, da ante - sala presente no espaço de cinco passadas de pernas entre a porta de entrada e a porta da sala casa de Salete. Tais divisões funcionam como fronteiras, aquilo que não deve ser visto, que não pode ser revelado, permanece dentro deste espaço, mais privado e íntimo. De maneira geral, portanto, independentemente do tamanho da moradia, as casas apresentam as divisões entre público e privado, e assim como na esfera da “sala/rua” (publico) se tem mais preocupações sobre o que se diz, como sentar, caminhar, ou o que

deixar exposto o quarto se apresenta como um espaço privado, mais íntimo, acessado apenas por pessoas “autorizadas”.

Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, posso comer na varanda no caso de uma festa, mas não posso mudar de roupa na sala de visitas. A sugestão é suficiente para provocar risos ou mal-estar, sinal marcante de que temos na própria casa uma rigorosa gramática de espaços e, naturalmente, de ações e reações

-----\*\*\*-----

#### 4.2.6 Maria- Ex moradora. Aproximadamente 60 anos.

*“Falar sobre o Solymar? Vejamos o Rajah tinha corredores longos”* (Trecho de entrevista com Maria)

Existe algo na pesquisa de campo, que é chamado técnica “*snow ball*” (bola de neve) de modo breve e resumido, essa técnica consiste em coletar dados do campo a partir de um indivíduo que indica outro indivíduo e assim por diante. Durante minha entrevista com Bruna, ela foi se lembrando do grupo de pessoas que moravam no edifício e de uma amiga que provavelmente concordaria em colaborar com a tese, e foi assim que cheguei até Maria.

Meu primeiro contato com Maria ocorreu pouco antes do início da pandemia, conversamos por telefone e ela concordou em me encontrar em uma igreja no Bairro da Tijuca. Cheguei um pouco antes do combinado, e fiquei aguardando do lado de fora da igreja, quando Maria chegou sentamos em um banco no pátio da igreja e demos início a conversa.

Maria tem aproximadamente sessenta anos, e morou no edifício dos doze a até aproximadamente vinte anos. Filha de pais separados, morava com o pai em Olaria e depois com a mãe em Laranjeiras. Sua avó já morava na Rajah em um apartamento próprio com um tio e quando se mudou de Laranjeiras foi lá no Rajah que foi morar com sua mãe e o irmão de aluguel.

Acima chamamos atenção para a relação estratégica que cada pessoa cria, seja para lidar com o barulho com os vizinhos, segurança, ou mesmo com a gestão do espaço em casa. Neste último sentido, Maria diz que se recorda da disposição

das duas casas, as quais se refere como kitnet, a sua e a de sua avó, ressaltando a diferença entre os blocos:

*A minha avó morava num kitnet e eu morava num quarto e sala no terceiro bloco, no bloco C, que na época consideravam o bloco melhorzinho né, que tinha um apartamento de quatro e sala. Pequenos, geladeira na sala. Uma cozinha bem pequena, só cabia um fogãozinho, a pia. A geladeira do lado de fora na sala, com sofázinho, a mesa de jantar, um banheiro bem pequenininho também e no nosso caso, tinha um quarto, estava cama de casal e minha mãe dormia com meu irmão e eu dormia na sala no sofá da sala. (Trecho de entrevista com Maria, ex-moradora)*

Maria se recorda do espaço- prédio, e principalmente dos corredores “que não tinham divisões e eram bem longos”, mas que eram o espaço de lazer, onde brincava com um grupo de amigos que formou, é interessante perceber, também neste relato como o corredor é visto, aqui ele é a área de lazer assim como da “rua”. Entretanto, quando relata sobre este espaço de lazer, ele é localizado no corredor do bloco C.

*Na verdade, tinha uma amiga que estudava na mesma escola que eu e nós íamos à praia, às vezes ia uma na casa da outra, mas da minha parte muito pouco, muitas vezes minha mãe não deixava. Mas não, na verdade, meu irmão tinha um outro grupo, não grupo, minto, tinha dois amigos lá no prédio, que morava no nosso bloco, nós brincávamos no corredor do prédio. Brincávamos no corredor do prédio, jogos, tabuleiro, jogo de botão. O corredor era nossa área de lazer. (Trecho de entrevista com Maria, ex-moradora)*

Hoje em dia os corredores possuem tapumes que dividem o corredor, entretanto o local da administração permanece igual, a portaria por sua vez se modernizou como diz “no meu tempo a portaria era aberta, agora parece que colocara uma porta de vidro e um balcão”. Sobre as amizades, Maria relata que sua mãe sempre a advertia sobre pessoas com as quais não se deveria misturar e sobre os espaços perigosos que deveria evitar em específico “o corredor do bloco A e B”

*Olha assim, foi uma época boa, porque antes, em termos de relacionamentos, de amizades, nós conseguimos formar um grupo que infelizmente assim o prédio tinha pessoas que você não podia se envolver né. Você não podia ter amizade, são pessoas barra pesada, a gente falava barra pesada, mas eu consegui formar um grupo de amigos lá, então, que foi a minha adolescência. Então, com essa turma éramos felizes né. Mas, tinha problemas do prédio, esse medo de sair e entrar porque tinha sempre muito pivete. Os corredores, principalmente o bloco A e B, eram tomadas por pivetes fumando maconha, fazendo coisas erradas com os moradores. Então, tinha um pouco esse susto né. Então, a gente tinha que realmente entrar e sair. A maior lembrança que eu tenho é essa né, eu fui um pouco presa em casa, eu era criada pelo meu pai, vim morar com minha mãe. Minha mãe tinha um pouco de gente, primeiro as amizades, misturar com pessoas que não seriam legais para a gente. E pelo próprio entra e sai do prédio. Então, eu*

*não era muito de sair. Tinha duas, três amigas, nós saímos para passear um pouco na praia e tal. Mas não era de ficar lá embaixo no prédio porque não era muito bom.* (Entrevista com Maria, ex moradora)

Durante os anos em que morei no Edifício, presenciei diversos relatos que proprietários ou mesmo que alugassem em detrimento daqueles que possivelmente estavam ali de outras formas, quase sempre os mencionados eram pessoas que viviam no prédio de forma “ilegal”, pois, segundo relatos do campo, haviam invadido apartamentos e não pagavam condomínio. Havia também uma certa diferenciação sobre os blocos. Os blocos A e B eram considerados maiores e com mais problemas do que no bloco C, que tinha menos unidades por andar. O que o relato exposto acima confirma é que para esta pessoa existe uma certa classificação (de pessoas - de andares, de blocos).

Ainda sobre essa classificação, o limite de ser ou não dono da kitnet foi um fator bastante presente durante a entrevista com Maria, que constantemente dizia que as unidades de sua avó foram compradas, para no futuro serem divididas entre os irmãos. Ao questionar se atualmente as unidades seguem como posses da família, ela me revela não apenas as motivações de sua saída do edifício como também me afirma, que considera um grande erro sua avó ter comprado os kitnets ali no edifício. Um dos fatores deste “erro” que ela aponta é a fama que o prédio possui e que, portanto, dificultaria a venda pelo preço que considera justo.

*Nós praticamente entregamos o apartamento de lá porque não tinha condições de morar naquele lugar, não tinha que fazer nada. Na época, nem vender porque o valor na época do valor do imóvel era inferior ao valor da dívida. Naquela ocasião que a gente tentou até pensar nisso, o apartamento no Rajah valia 30 mil reais. Trinta mil reais quando deveria valer pelo menos duzentos. Justamente por isso, por essa fama, esse prédio caído tanto que depois eu soube que mudou a administração. Dois anos depois que valia 30 mil, ele já estava vendido por 120 mil reais.* (Entrevista com Maria, ex-moradora)

A fama do edifício que será melhor trabalhado no próximo capítulo é para Maria um fator importante para ter saído do Solymar, ainda que não sentisse diretamente o estigma por morar no prédio, diz que mais percebia um em relação ao prédio,

*Não sofri preconceito por eu ser discriminada por morar lá. Mas você sentia as pessoas falando como um local, entendeu. Quando você fala Rajah, as pessoas consideram como um local... É que tinha a fama né, favela vertical. A fama do Rajah era essa: favela vertical da praia Botafogo.* (Entrevista com Maria, ex moradora)

Essa ideia do preconceito associado ao local e não a condição de morar nele é bastante presente atualmente. Em quase todas as conversas que tive, enquanto morava/pesquisava o prédio ou mesmo quando explicava a algum conhecido onde estava morando percebia o mesmo que Maria, e mais, notava um pré-conceito sobre o edifício. Para além do exposto, o tamanho do espaço, a falta de privacidade, a constante participação na vida dos demais moradores e a violência que presenciava através das paredes (brigas, discussões, vide trecho de entrevista abaixo) também contribuíram para sua saída do Solymar:

*As pessoas discutiam dentro de casa e você participava né. Ainda mais assim, no apartamento da minha avó ficava muito com ela também, não sei se você viu no bloco C, ele tem um biquinho, tem dois apartamentos, então era um grudado com outro, uma janela com a outra janela. Uma janela dela assim outra aqui assim do lado. (...) E as paredes grudadas, parede com parede. Então, ouvia as discussões, ouvia as brigas, era comum, tão comum. Ouvia tudo mãe chamando atenção de filho, muito pouca privacidade mesmo. (Entrevista com Maria, ex moradora)*

No segundo capítulo, discutimos sobre a relação de alguns moradores com a janela, que para alguns é um limiar entre o que pode ser considerado público/privado, a título de exemplo o corpo nu que passa diante da janela, ou o uso da cortina que determina quando o olhar de fora, do outro pode observar o interior. Neste sentido, Maria, lembra que o prédio ao lado ficava a menos de cinco metros de distância (palavras dela) e sua janela permanecia com as cortinas fechadas “Não tem privacidade nenhuma né. Tinha que ficar sempre com as cortinas fechadas porque o outro prédio era praticamente cara com cara”.

Maria seguiu a entrevista contando sobre as amizades que conseguiu manter no edifício, e sobre essa constante participação na vida dos demais vizinhos. Após algumas pausas, disse que sentia uma enorme diferença sobre o atual local onde mora em comparação ao Solymar, as diferenças giram em torno do tamanho entre um local e outro, a privacidade que agora diz ter e a paz que sente. Segundo ela, um fator que era muito positivo no Solymar era a localização, ser perto de tudo facilitava a vida “Nós estávamos num local privilegiado”, mas que, embora atualmente more na Ilha do Governador e demore para chegar no trabalho, a paz que sente ao chegar em casa vale a distância que precisa enfrentar no transporte público.

Existe algo que conecta a contribuição de Maria ao de outras pessoas com quem conversei, a memória alimentar. Perceba, Salete recorda da infância através

dos itens decorativos em sua casa, bem como Marlene que possui pimentas em sua cozinha, algo muito importante para sua identidade. Maria por sua vez, quase no final da entrevista me diz que sim remete, saudades, a macarronada feita por sua avó, me descreve a cor do macarrão, o cheiro, e revela que mesmo em um espaço em que a vida invade as portas e os cheiros se confundem pelo corredor a memória do cheiro da macarronada de sua avó lhe causa saudades e conforto.

*Tudo ali era tão pequenininho que você sentia o cheiro de comida de todo mundo né, mas o cheiro de macarrão carne moída da minha avó e o sabor, essa é a única saudade que eu tenho, não do lugar, é dela né, mas da comida que ela fazia.*  
(Entrevista com Maria, ex-moradora)

O historiador Michel Certeau disserta em sua obra “A Invenção do Cotidiano” sobre a prática alimentar e a memória que se associa a esta, ressaltando em primeiro lugar que comer é para além de uma necessidade biológica um ato social. Somos apresentados a alimentos durante nossa infância e vamos ao decorrer da vida elaborando gostos e predileções, o paladar infantil que se tenciona para doces, compotas, sopas retorna na melhor idade e pode ser observada em asilos dirá o autor, são comidas que acolhem, atualmente conhecidas como *comfort food*, a sopa quente feita em dias frios ou quando estamos doentes, que “abraça”. O cheiro do macarrão com carne moída feito pela avó de Maria pode ser lida dentro desta chave, trata-se de uma *comfort food*, uma memória “temperada de ternura e de ritos” (Certeau,1994)

A comida/ alimento, ganha um papel importante nas anotações de campo, fosse através do “cafezinho”<sup>49</sup> (vide trecho do caderno de campo abaixo) que muito mais que uma bebida forte e servida quente, tinha como principal intuito socializar e comunicar afeto, até as refeições as quais eu era convidada a degustar:

#### **Caso 1- Café como forma de socialização.**

*Acaba a reforma na sua residência, essa moradora me convida para tomar um cafezinho em sua nova sala. Marcamos o dia, e o horário, chego no momento combinado, ela me recebe de pés descalços, com o cabelo bastante arrumado, e um vestido alinhado. Na entrada de sua casa, todos os sapatos estão enfileirados aos pares. Pergunto se posso deixar meu chinelo ali, pois entendo em seu olhar que não é para entrar na sua “nova casa” com os pés sujos. Ela vai me mostrando como a casa ficou, quão difícil foi, que mora sozinha ali faz muitos anos, na*

<sup>49</sup> Agradeço as recomendações de leitura e críticas realizadas durante o congresso de Antropologia em Portugal onde apresentei com Santos, M. O trabalho intitulado “Vamos tomar um cafezinho? Notas sobre a função social do café. A troca foi extremamente importante para pensar a relação do café e seus significados dentro deste edifício.

*verdade, há mais de 30 anos. Sua nova sala tem um sofá grande, uma mesa de centro, e uma televisão na parede. Sobre a mesa alguns biscoitos, e um suco. Me convida a sentar, e pergunta se aceito um cafezinho. Digo que sim. Ela me mostra na parede da cozinha, como fizeram para arrumar o gás, e diz “bom né, vou passar um cafezinho pra gente, café de verdade tem que ser assim forte e coado”. Após o café estar pronto sentamos para conversar sobre sua reforma, e ela me confidencia que era acumuladora, mas que não acumulava para ela, na verdade, ela queria doar as coisas, mas depois que estavam dentro de casa, ficava difícil (...), mas que agora estava fazendo terapia e estava mais fácil. Menciona mais algumas vezes sobre como morar sozinha longe dos filhos é ruim (...)* (Trecho de caderno de campo, em visita realizada no ano de 2018 na residência de uma moradora.)

### **Caso 2- Café como dádiva?**

*Carregando uma garrafa de café nas mãos, e na outra, copos plásticos, ela veio caminhando pelo corredor, passando todas as 18 portas, caminha lentamente. Trajando vestido e chinelos, olhava constantemente para o chão, aparentava ter em torno dos 60 anos. Ao chegar na frente do apartamento do senhor que havia falecido, diz para aqueles que estão dentro da casa -: Oi, olha aqui um cafezinho, e se precisar de mais alguma coisa, é só me avisar...- Entrega a garrafa e os copos para uma mulher, fica um tempo na porta, em seguida entra no apartamento. Estou no corredor conversando com outra moradora, e acompanho o momento em que aquela senhora sai do apartamento do falecido, balançando a cabeça de um lado para o outro, e mordiscando os lábios aparenta agora uma feição mais triste.*

*A morte deste morador gerou grande comoção no corredor, muito mais pelo anonimato e demora em ser descoberta do que pela morte em si.*

*Mais tarde descobri que ela “conhecia” o morador, mas não conhecia sua família. Tendo em vista que sua morte causou certa comoção entre os moradores daquele andar, perguntei, qual era o nome dele, se ela tinha mais informações sobre como ele faleceu, olhando para o chão, ela responde: A ele era bastante calado. Mas não me evidencia seu nome. (Diário de Campo, 2018)*

### **Caso 3- Café como forma de aproximação**

*Estava no corredor, conversando com um dos moradores, sentimos cheiro de café e ele diz “cheirinho de café né” eis que abre a porta uma senhora e diz “vocês querem café” aceitamos, ela vem ao nosso encontro, fecha sua porta e nos dá um copo com café. Quando vamos devolver os copos, ela com a porta entreaberta pega os copos e diz “estava bom”? pega os copos, guarda, e sai para o corredor. Enquanto conversava com este morador ela ficou em silêncio, acompanhando a conversa, até que, começou a falar a respeito de assuntos parecidos com o que estávamos falando. Quando finalmente resolvemos, cada um ir para sua casa, pergunto se ele já havia conversado com aquela senhora, ele me diz que não, e pergunta se era eu então quem a conhecia, digo que não também. Em tom de brincadeira ele diz “então tá né” (Diário de Campo, 2018)*

Segundo Montanari, a comida se reveste de “valores simbólicos” (Montanari, 2008, p. 15), o que o trecho do diário de campo acima demonstra é uma das diversas facetas que um “cafezinho” pode ter, neste caso em específico ele foi um socializador, mas também uma demarcação sobre ser de casa ou da casa (Schijnemaekers, 2011), percebe o café me foi servido em uma xícara que

estava guardada no armário ao passo que sobre a pia existiam copos que poderiam facilmente atender a este propósito, algo que era bastante comum em outras residências, ser servida em copos reaproveitados de requeijão, ou escutar “você já é de casa, sabe onde ficam as coisas se serve aí”. O horário do café foi agendado, algo que em outras casas se deu de modo diferente. De toda forma, o que se pode observar é que o “cafezinho” dentro deste campo, no período em que estive ali morando e pesquisando, serviu como um elemento fomentador de proximidade e amizade (Resende, 1993). O que une todos os casos relatados anteriormente é justamente a sua dimensão social, em todos os casos o café é um objeto de compartilhamento. Como observa Woortmann: “Para nós brasileiros, comer é um ato social e não privado. Valoriza-se o ato de comer em grupo e há diferenças significativas entre o comer cotidiano e o comer cerimonial ou entre o comer em família, em casa e o comer em público.” (Woortmann, 2013, p. 6)

Ainda sobre o importante papel do alimento, quando Marlene me oferece retornar a sua casa para comer o Tucupi, ela elege algo que localiza geograficamente sua origem “sabores lá da minha terra” ambas somos brasileiras, mas existe uma clara demarcação identitária regional no convite deste almoço. Ou ainda quando Salete remonta sua infância, com cheiros, aromas e receitas que utiliza atualmente comentando sobre um bolo que fez para celebrar seu aniversário durante a pandemia, receita de sua avó isso demonstra como o gosto é entre outras diversas coisas aprendido socialmente. Vide trecho da entrevista abaixo:

Minha avó batia os bolos na mão. E o bolo crescia. Hoje eu bato um bolo, e todo mundo diz: 'como seu bolo cresce'. Que a técnica que vovó tinha de bater ali (...)

J: E o bolo crescia.

A: E o bolo crescia, e todos os meus bolos eram bonitos.

J: E não tem fermento?

A: Não, eu coloco o mínimo de fermento possível. O segredo é você bater e estruturar essa preparação. A preparação de todo alimento é segredo dele. (Trecho de entrevista com Salete, aproximadamente 80 anos)

O que se pode observar é que dentro deste edifício é como a memória pessoal vai se misturando a memória do espaço, e como em cada unidade uma “identidade” se faz presente, seja através de decoração na parede, ou através dos aromas que invadem o corredor, ou ainda por meio dos itens “pregados” na parte

externa da porta (olho grego, ou outros itens). O que se percebe é que, por mais que se realize uma pesquisa, uma única unidade (apartamento) deste edifício será e terá itens que os tornam únicos, e singulares.

-----\*\*\*-----

#### 4.3. Memória- ambiente - Identidade

Ao tratar memória e projeto, Velho (1994) trata principalmente da relação que estes conceitos à luz de Alfred Schutz “associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e as ações dos indivíduos em outros termos a própria identidade” dando sentido as etapas e trajetórias de cada indivíduo dentro de um sistema. Partindo deste ponto, em que existe uma conexão entre memória - projeto e trajetória, podemos dizer que dentro de alguns apartamentos, principalmente aquelas em que o colaborador se refere ao seu espaço como uma “conquista” esta "tríade" se faz presente, fisicamente presente, em alguns casos, através de artefatos expostos nas paredes, que, portanto, podem vir a ser lidas como “totens” ou lembretes (memória) de um caminho que se percorreu e que faz parte da identidade.

Entender o espaço da casa como um ambiente onde a identidade se aflora (Saegert, 1985), que é mais interno e mais subjetivo, se faz presente através das decorações que enfeitam paredes e preenchem o ambiente. Existe algo importante dentro deste preenchimento, as paredes são preenchidas com fragmentos que compõem aquilo que a pessoa é, e principalmente quer expor. É interessante ainda pensar nestes itens expostos não apenas em sua relação com o conceito de projeto, mas com a própria construção da identidade. Não temos por intuito debater profundamente a relação de objetos/decoração e identidade, no entanto, vale ressaltar os trabalhos de Daniel Miller (2001,2008,2010) principalmente no que tange os aspectos relacionados a antropologia do consumo, e Stella Schrijnemaekers (2011) no que tange à temática casa versus objeto em um sentido mais sociológico.

Na tese apresentada por Schrijnemaekers (2011) é possível observar a partir das relações das pessoas com os objetos que compõem suas casas, especificamente de camadas populares, grupo foco de análise da socióloga, que existe uma construção de identidade expressa através destes objetos presentes nas

casas. A chave ‘casa versus identidade’ é campo de estudo também para a “psicologia ambiental<sup>50</sup>” que analisa sobre as negociações que ocorrem no ambiente denominado casa, a depender da constituição da família, da renda, dos projetos. Na introdução de sua obra “A poética do espaço” o filósofo Bachelard (1993) escolhe o que chama de espaços íntimos que desencadeiam sentimentos e lembranças como, por exemplo, a casa, o quarto, as gavetas, no intuito de a partir destes pensamentos, a própria condição humana. O espaço para ele é esse “local” de memórias, uma evocação, um caminho poético que insere a arte e a poesia entre paredes e janelas. A poética da casa surge também através das páginas do livro *A casa e a rua* do antropólogo Roberto da Matta (1997), em sua introdução o autor nos convida a leitura de seu texto como um convite para entrar em casa:

Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão. Suas páginas iniciais, como aquelas conversas cerimoniais que eram antigamente regadas a guaraná geladinho e biscoito champanhe, servem solenemente para dizer ao leitor (esse fantasma que nos chega da rua) o que se diz a uma visita de consideração. Que não reparem nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem-intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos. Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando alguma coisa... (Roberto da Matta, 1997, p. 14)

É interessante pensar que tal evocação, é também apresentada por Velho (1994) quando este reflete sobre a memória. Ao debater o conceito de projeto em sua obra *Projeto e Metamorfose* (1994) o autor observa que existe uma relação entre memória e projeto que constitui a identidade(s). O espaço “casa” como um local de conforto e paz é construído socialmente, isso é o que Velho chama de “memória socialmente relevante” no que lhe concerne, Bachelard (1993) dirá que “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (Bachelard, 1993, p. 26).

---

<sup>50</sup> Psicologia Ambiental é uma das diversas áreas da psicologia, com caráter interdisciplinar que leva em consideração a relação dos indivíduos com os ambientes físicos. Sendo assim, a partir desta relação os indivíduos mudam o ambiente e a depender deste, é possível observar uma mudança no comportamento do indivíduo. Quase como em uma relação de causa e efeito, a relação que se estabelece a partir do ambiente ou através do ambiente, e, ou, a partir do ser humano para ou com o ambiente é o campo que se debruça tal área. Para esta pesquisa, focamos principalmente nos estudos que visam compreender a relação indivíduo e casa. Dentro desta chave foram importantes os seguintes autores: SAEGERT, S. (1985); AMÉRIGO, M (2002); Higuchi, M. I. G. Kuhnen, APato, C. (2019); e sobre a relação casa- bairro- vizinhança o trabalho de Altman, I., & Wandersman, A. (Eds.). (1987)

Salete (aproximadamente 80 anos), ao me mostrar os cachos de parreira expostos como decoração deixa o olhar mais terno e marejado, enquanto conta a história por detrás daquela decoração, retorna a sua infância, local “seguro” onde era cuidada e maternada por seus avós, lembra de cheiros e sentimentos e em como é importante para ela ter esse elemento decorativo dentro de sua moradia. A memória funciona muitas vezes como um guia, tornando-se fragmentada como dirá o antropólogo Gilberto Velho (1994). Quando o autor menciona a fragmentação, ele está se referindo ao processo que constitui a identidade de uma pessoa, entre inícios e meios, fatos e episódios que o conectam a uma narrativa e pôr fim a elaboração do projeto. Neste sentido o prédio ganha “corpo” através das memórias individuais e coletivas, mas não alcança o projeto, de todo ele se torna o meio para que indivíduos como Pedro, 35 anos, Fátima (40 anos), e Solange (35 anos) alcancem os seus, que é o da casa própria. Ou seja, aqui existem acessos à memória do lugar, que não apenas surgem em momentos diferentes, como provocam sentimentos diferentes, mas principalmente colaboram como uma colcha de retalhos para os significados de morar ali. Mas afinal, o que significa morar em uma *kitnet*? Quais regras surgem neste tipo específico de imóvel? Quais sentimentos afloram dentro de vinte e um metros quadrados? É o espaço quem define o aflorar dos sentimentos ou a própria condição humana? Não, esta pesquisa não trará tais respostas, ainda assim investigar este espaço nos leva a alguns apontamentos.

Uma das propostas de Marion Segaud (2016) em sua obra “Antropologia do Espaço” é investigar a cotação: *What makes a house a home*, sobretudo indicando a passagem de um termo ao outro, que em português se aproxima do que chamamos de casa ou de lar. Sendo o primeiro um espaço onde dormimos, sem tanta conexão emotiva e o segundo um espaço de afeto. Segundo a psicóloga Dra. Susan Saegert (1985) a passagem do que é casa para lar pode ser observado a partir de cinco principais fatores, sendo eles, a centralidade, a continuidade, privacidade, expressão de si, identidade e relações sociais que transformam a casa em “lar”. Dirá a autora:

Apropriar-se do espaço é estabelecer uma relação entre esse espaço e o eu torná-lo próprio por meio de um conjunto de práticas. Trata-se de atribuir significação a um lugar; isso só pode ser feito no nível da semântica, por meio das palavras e pelos objetos e símbolos que lhes são vinculados. (Segaud, Marion, 2016, p. 125/126)

Durante a entrevista com Salete (aproximadamente 80 anos), esta conclui dizendo que ali é o seu lar, seu cantinho para onde retorna ao passo que ao descrever as outras casas por onde morou, utiliza o termo casa para definir. O mesmo ocorre na entrevista cedida por João (aproximadamente 60 anos), este, menciona que morar no Solymar era sobretudo uma passagem, ali tampouco era casa ou lar, mas sim, um espaço de entremeio um local que servia a um específico propósito, o de ter onde dormir durante a semana, para daí sim retornar para sua casa (que ficava localizada no interior)

Cada lugar é marcado por objetos familiares. A repartição dos espaços segundo o modelo da organização doméstica denota a reconstrução permanente das fronteiras entre espaços privados e espaços públicos. Porém, essas fronteiras permanecem frágeis e não permitem marcar simbolicamente os limiares entre uns e outros. (Marion, 2010, p. 132/133)

O espaço do apartamento em algumas falas se torna "lar", como no caso de Salete, que comenta querer terminar seus dias morando naquele ambiente. Pedro por sua vez aponta que só passou a pensar no espaço "lar" quando saiu do Solymar e foi morar na zona norte, o mesmo ocorre na fala de Maria, que cita possuir hoje em sua nova residência mais privacidade e paz. Saegert (1985) dirá que a centralidade, a continuidade, privacidade, expressão de si, identidade e relações sociais transformam a casa em "lar".

#### 4.4. As regras da casa

Durante o período em que morei no edifício pude tecer amizades, conhecer a casa de alguns moradores, e em alguns casos ser considerada *de casa*. Ao visitar estes espaços, pude perceber certo sentido daquilo que Schrijnemaekers (2011) trata em sua tese, ser considerado da casa ou de casa. Em alguns espaços, quando eu estava com sede e solicitava um copo de água escutava "deixa de besteira e vai pegar na geladeira, você já é de casa". Segundo Schrijnemaekers (2011), ser "de casa" teria a ver com ser considerado "chegado", podendo vir a ser um parente, amigo ou vizinho que frequenta a casa. Enquanto "da casa" diz respeito aos que moram ali.

Esse aspecto "de casa" nos leva a outro ponto, as regras sociais e morais. Perceba, que, em muitas residências que adentrei não fui convidada a sentar na

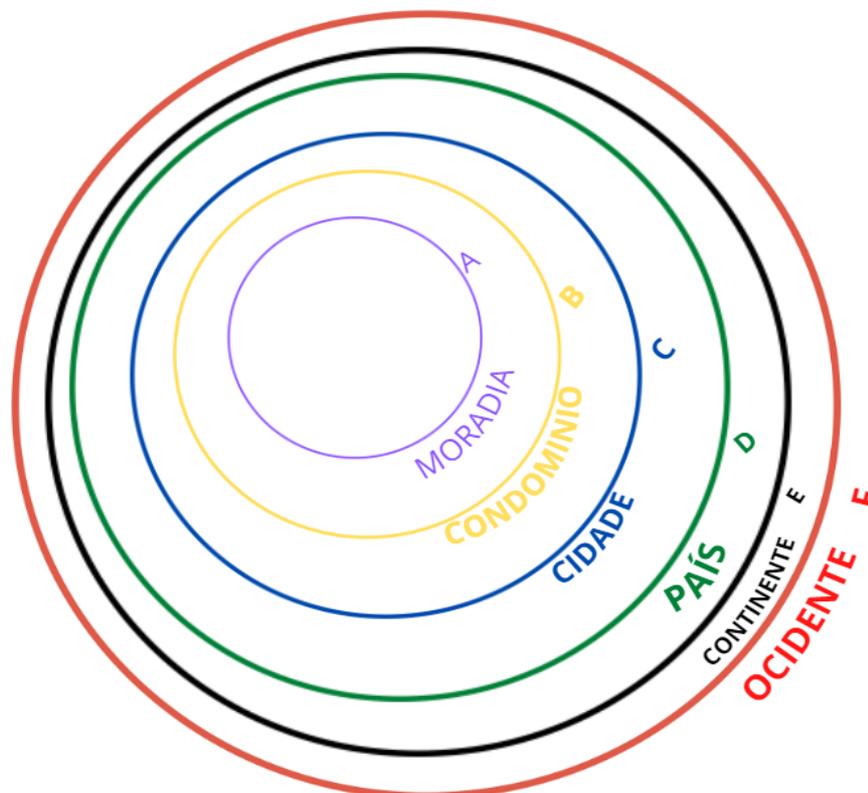
cama, tampouco conhecer o ambiente “quarto” tampouco pude abrir a geladeira ou fui encorajada para tal. O espaço interno da casa, privado, seguro, deve ser mantido deste modo - seguro - daí a ideia de que, só devemos levar quem conhecemos para dentro de casa, que o quarto, geralmente parte mais “profunda” e secreta da casa não deve ser visitada exceto quando convidado. Abaixo no registro do diário de campo tal questão pode ser melhor percebida.

*Hoje vou receber duas russas, viajantes que utilizam a plataforma couchsurfing, que basicamente é uma plataforma onde eu recebo alguém que precisa passar uma noite na cidade e quando eu for viajar alguém pode também me oferecer uma noite. Existe uma espécie de review público na plataforma para que possamos conhecer um pouco mais sobre a pessoa, para além disto a pessoa entra em contato, enviando um e-mail explicando a motivação de sua viagem. As meninas chegam hoje a tarde, acho interessante essa ideia de trocas, até porque, já usei algumas vezes a plataforma quando viajei. Fui até o mercado, e na volta recebi um telefonema de uma amiga que perguntou se eu gostaria de fazer algo a noite, expliquei que não, pois iria primeiro esperar que as meninas chegassem. Causou bastante espanto em minha amiga, a ideia de eu receber uma pessoa “totalmente estranha” na minha casa, segundo ela, além de extremamente perigoso, a casa é um espaço muito íntimo, que contém energia, e que eu não sei como é a pessoa, expliquei que já usei a plataforma quando viajei, e antes de desligar ela concluiu dizendo “sim, mas cuidado não vai enfiar qualquer um dentro da sua casa” (Trecho de diário de campo, 2019)*

É interessante pensar nessa relação de energia contida na casa, e em como uma pessoa “estranha” pode modificar o espaço. Neste dia em que recebi as russas, a primeira coisa que elas me perguntaram, dizia respeito sobre as regras da casa: se podia ou não jogar o papel higiênico na privada, se podia entrar calçado, tais questões surgem também durante as entrevistas, ou seja, existe dentro de cada espaço um conjunto de regras que regem cada ambiente. O que pode ser tocado, o que deve ser evitado, o que não pode ser visto e o que fica exposto, são exemplos encontrados nas entrevistas e também no diário de campo, sendo assim, tais itens dizem respeito sobre regras do universo particular e o que podemos notar através das entrevistas bem como da descrição dos espaços visitados, independe do tamanho da residência existem sempre fronteiras entre público e privado, seguro e perigoso, visto e escondido. A casa suscita regras que são específicas e dizem muito sobre a cultura de um determinado local, que funcionam como *diagramas* na matemática, mas que podem ser facilmente lidos na antropologia. Na teoria dos conjuntos, a relação entre um objeto e conjunto é a relação de pertinência. A casa (apartamento) pertence/ está localizado em um condomínio, que está em uma

cidade que por sua vez está em um país e por fim localiza-se no ocidente, de modo que na imagem abaixo podemos afirmar que  $F \subset A$ .

Figura 30: Regras - localizado conforme o conjunto.



Fonte: da autora, 2022.

Em sua tese sobre a Cruzada São Sebastião, Soraya Simões (2008) discorre sobre diversos tipos de regras existentes dentro daquele espaço, no entanto, não se aprofunda neste conceito. De todo modo, dirá a autora sobre as regras rígidas de convívio, regras e sanções, regras estabelecidas entre síndico e morador, regras entre moradores, e sobre usos do espaço, ou seja, fala de um “código” presente e compartilhado sobre convivência. O mesmo ocorria dentro do Solymar, e muito provavelmente em cada unidade predial haverá um conjunto de normas que regem o local para o convívio comum dos que ali habitam.

O foco neste capítulo foi demonstrar através das entrevistas como que para cada pessoa dentro deste edifício, morar ali tem um significado que é carregado de memórias (ou da ausência delas). Ao demonstrarmos como cada colaborador dividiu sua casa, e se apropriou deste espaço, portanto elaborando suas próprias regras e estratégias no ambiente privado, tivemos por intuito colaborar para a

percepção do conceito de individualidade, visto que tornar este ambiente "único" e personalizado foi algo compartilhado na pesquisa de campo bem como nas entrevistas.

Dentro do Solymar, 707 unidades trazem diferentes visões de mundo que muitas vezes se comunicam ou se afastam, como o caso dos colaboradores que defendem o edifício e consideram ali um excelente local para morar com poucos ou quase nenhum problema, ou a ideia compartilhada por outro conjunto que dirá que atualmente o prédio está muito melhor, e ainda um grupo que discorre sobre problemas, medos e a insegurança que o prédio os fez sentir. Logo, a imagem desenhada que diz respeito a matemática, "teoria dos conjuntos" nos auxilia a pensar que em um ambiente haverão diversas visões e não existe nenhuma menos ou mais correta.

Por se tratar de um prédio com tantas pessoas, as regras: não segurar o elevador por muito tempo; não deixar o lixo no corredor; não realizar mudanças sem autorização da administração; não segurar o carrinho da mudança por muito tempo; não fazer barulho depois das vinte e duas horas; não fazer comércio dentro do prédio; subir no elevador de serviço caso esteja com muitas compras ou malas ou carrinho; não jogar lixo pela janela; não cuspir pela janela; manter a ordem; não fazer obras aos domingos e durante a semana após as dezessete horas, dentre tantas outras, são exemplos de regras que não estão expostas em murais, ou que você recebe ao se mudar, elas estão por aí, é algo que "você deveria saber" como dito pelo morador do andar de cima quando fui fazer uma obra no domingo sem saber que naquele dia não poderia. Ou, quando o síndico me interpelou que para realizar a obra precisaria de um calhamaço de documentos, necessidade esta que tampouco a proprietária tinha conhecimento. O que quero chamar atenção aqui, é que grande parte dessas regras são muito mais morais do que legais, no sentido de fazerem parte de uma ata, por exemplo (não que não façam, porém, se grande parte dos moradores com quem conversei durante os quase três anos em que morei no edifício, apenas dois diziam participar da assembleia, questiono, se a lei que potencialmente está no papel é de conhecimento geral, pois o que percebi foi uma lei que era, sim, de conhecimento geral, mas que circulava por redes de fofoca, ou através de reclamações, ou mesmo com batidas na porta realizadas pelo segurança que interrompiam festas, pois estas acontecendo às duas da manhã, iam contra as normas daquele local). Portanto, o que se percebe no prédio é um

conjunto de leis que não permeia apenas o papel, mas principalmente um conjunto de regras que se estabelecem e são compartilhadas, sem se saber exatamente quem “escreveu” ou quando começou.

## 5 -O edifício e seus estigmas.

*“Portanto, o que se percebe no prédio é um conjunto de leis que não permeia apenas o papel, mas principalmente um conjunto de regras que se estabelecem e que são compartilhadas, sem que se saiba exatamente quem as “criou” ou quando começou”.* (Diário de campo, 2019)

No capítulo anterior observamos algumas visões das percepções daqueles que moram ou já moraram no edifício. É possível a partir dos relatos dizer que existe uma heterogeneidade no que tange as idades, cargos ocupados, intenções com o imóvel (morar, alugar, vender, continuar até os últimos dias), sobretudo foi possível perceber que cada um possui uma história que retrata o cotidiano no prédio, e que tais visões justamente por não serem iguais variam entre positivas ou negativas. E assim como sabemos que uma única visão não representa a totalidade, consideramos importante neste capítulo debater as visões sobre o prédio daqueles que nunca moraram no edifício, mas, possuem algum tipo de opinião a respeito dele, pois são eles o “outro” dentro desta relação que corroboram com a formação da “identidade” desse edifício, pois são eles a alteridade necessária na produção da identidade que se formara sobre o Solymar. Para isso, utilizamos como fonte notícias veiculadas em jornais e redes de internet, bem como algumas entrevistas para auxiliar na proposta fundante deste capítulo que busca debater o estigma que ronda o Solymar.

Se faz necessário compreender que debater a construção do estigma por si só já é um campo vasto de interlocução e que é preciso ir além dele, visando compreender como se perpetua o estigma e de que modo ele interfere nas abordagens de compra, venda e aluguel do edifício, por exemplo. Principalmente nos foi de interesse perceber como ao longo do tempo, foi se desenvolvendo e quais categorias foram acionadas e agenciadas pelos jornais, ou seja, como o prédio foi sendo retratado ao longo do tempo para que seu estigma pudesse ser estabelecido.

**5.1 O conceito de Estigma a partir das notícias de jornal: Categorias de acusação**

Antes de analisarmos o estigma e sua construção, precisamos delinear como, a partir de uma necessidade de ampliação dos espaços de moradia na cidade do Rio de Janeiro, o estado tentou sanar uma crise urbana elegendo não apenas os espaços a serem ocupados, mas, também aqueles que não deveriam ser. Vale o destaque para os trabalhos sobre a retirada da Favela do Pinto, ou ainda, as leis que versavam sobre a impossibilidade de construir casebres nos morros, ou para os decretos que passaram a proibir que vilas fossem erguidas após os anos 1970, demonstrando assim que foi proposital a política urbanística da cidade sobre o controle dos corpos<sup>51</sup>.

O estigma não é uma categoria isolada, fechada em si. Está cercada de diversos conceitos e elementos que corroboram para sua formação, dentre eles as categorias de acusação, utilizadas para “marcar” principalmente o desvio. Segundo o antropólogo Gabriel Feltran, “Categorias não são palavras, conceitos ou expressões que se aprendem na escuta de explicações – mesmo as ‘nativas’. Categorias são intervalos de sentido delineados pelas fronteiras do plausível, em cada contexto”. (Feltran, 2017, p. 3) A categoria se constrói em seu uso, “no correr da vida (...) na sequência das interações” (Feltran, 2017, p. 3-4) a fim de marcar diferenças, de expressar valores socializados.

Considerando a categoria de acusação a expressões “cabeça de porco”, “treme-treme”, “favela”, entre outros nomes que associam a esses espaços outras categorias como as da criminalidade, sujeira, más condições físicas, insalubridade, decadência, escuridão, entre outros. Observar a partir de uma comparação com o edifício São Vito, localizado na região central de São Paulo, que se consolidou como um espaço habitado predominantemente por pessoas de baixa renda e passou a ser considerado um “símbolo da decadência do centro” (Miagusko, 2004, p. 272) retrato nos jornais da cidade. Ainda que o edifício Rajah, atual Solymar tenha sua construção anterior ao do São Vito, ambos passam a ocupar as páginas de jornal com maior intensidade no decorrer dos anos 1980<sup>52</sup>, e mais uma vez, as categorias associadas são quase sempre de acusação.

---

<sup>51</sup> Sobre o controle dos corpos e a disciplina dos espaços ver Foucault, M. Vigiar e Punir, 2ed, Petrópolis: Vozes, 1983

<sup>52</sup> Acreditamos que umas das razões para os edifícios se tornarem mais atrativos às notícias neste período se deve a abertura política e o aumento de movimentos sociais pró-moradia no início dos anos 1980 no Brasil, sendo este tipo de notícia, portanto interessante por suas características de valor e também de característica.

Dentro deste tipo específico de prédio o que se observa é a grande rotatividade de moradores, funcionários, corretores, e principalmente boatos. Neste caso, portanto, o conjunto de edifícios citados representando prédios de má fama, marcas incontornáveis na paisagem urbana, sendo principalmente diferentes não por sua composição de cimento ou alvenaria, mas talvez pelo fluxo contínuo que se estabelece ali, ou ainda, pelo tamanho dos apartamentos e a considerável quantidade de janelas que se estendem desde o primeiro pavimento. Fato é que quase tudo que é diferente, novo, ou possui características que fogem ao “pré-estabelecido” pelo ambiente ou grupo, gera de modo geral dois sentimentos: medo e curiosidade. Goffman (1975), elabora a produção do estigma, enquanto fenômeno social, a partir de uma análise macro das relações entre indivíduos que consciente ou elaboram inconscientemente determinados padrões acerca de temas, pessoas e/ou coisas. Uma vez que tais padrões estejam elaborados tudo aquilo que for diferente ou divergente ou ainda que não preencha as expectativas que compõem as características necessárias para ser “lido” como normal, passará a ser enxergado por uma lente depreciativa, estigmatizada. Segundo o autor:

A manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o "perfil" de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter; a estereotipia está classicamente reservada para fregueses, orientais e motoristas, ou seja, pessoas que caem em categorias muito amplas e que podem ser estranhas para nós. Há uma ideia popular de que embora contatos impessoais entre estranhos estejam particularmente sujeitos a respostas estereotipadas, na medida em que as pessoas se relacionam mais intimamente, essa aproximação categórica cede, pouco a pouco, à simpatia, compreensão e à avaliação realística de qualidades pessoais. (Goffman, 1975. pp 61)

Brum (2012) ao escrever sobre um conjunto habitacional na região central do Rio de Janeiro analisa o estigma de favela, para tanto ele questiona o significado da palavra favela demonstrando como essa pode ser uma categoria fluida. Inicia sua obra questionando o que é favela afinal de contas, como podemos identificar o significado que essa palavra traz ao se dizer que o espaço é ou não favela, ele faz isso a partir de um estigma de favela que "paira sobre um conjunto habitacional", conhecido como “Cidade Alta” (2012), que surgiu em 1969 com intuito de abrigar os moradores, que foram removidos de uma favela no Rio de Janeiro, é interessante que neste trabalho “favela” surge como uma categoria fluida que pode ser acionada para determinados edifícios em detrimento de outros, o que levou o autor a questionar o que exatamente consiste em cidade alta, e por fim o que para aquele grupo era favela. Posto que dentro de “Cidade

Alta” não existe uma homogeneidade no que tange a descrição de edifícios serem ou não favela, o autor observa que os moradores mais antigos remontam a construção daquele território como sendo um lugar “bom”, mas que com a chegada de novos moradores vai se tornando lentamente uma favela.

Essas categorias, bom e ruim, com trato histórico, também ocorrem no edifício Solymar. Em “Cidade Alta”, os moradores lembram de um início saudosista, que não era conturbado. No Rajah, atual Solymar, foi comum perceber nas falas dos interlocutores uma inversão sobre o momento em que o prédio “*se torna bom para morar*”. Hoje, mais especificamente desde a implementação da nova gestão de síndico e segurança, aproximadamente nos anos 2000. O Solymar é “tranquilo”, muito embora para muitos ainda tenha essa característica de favela.

Se o espaço do Edifício é lido para alguns meios de comunicação como uma nova versão do cortiço, ou mesmo como uma favela (conforme mostraremos no decorrer deste capítulo), entendemos ser importante questionar o que constitui um espaço (prédio) para que o mesmo seja lido de tal maneira?<sup>53</sup> Esse questionamento é encontrado na tese de Brum (2012) no capítulo um de sua tese o autor inicia com uma “cena “presenciada/ relatada em campo na qual uma pessoa dentro de um carro que tocava uma música alta, ao passar próximo de uma escola, é solicitado por um aluno que abaixasse o som, e o dono do veículo responde ao aluno “isso aqui é favela”. Com esse exemplo o autor questiona afinal o que é favela, “quais características um determinado local precisa possuir para ser considerado, não de forma consensual com favela” (Brum, 2012, pp.33)

Em seu trabalho sobre a cruzada São Sebastião, Ana Carolina Canegal de Almeida (2010) ao discutir o espaço ocupado pela cruzada no bairro do Leblon aciona a categoria Favela para pensar a construção de fronteira entre este bairro e os demais localizados em seu entorno, que conforme aponta em sua dissertação tende a olhar para o morador da cruzada como alguém que precisa ser evitado. Segundo ela, todas as entrevistas apontaram para a existência de separação e do preconceito como características da relação entre a Cruzada e o Leblon (Almeida, 2010, pp. 98) conforme avança em sua pesquisa, questionando o que afinal é a cruzada. O conjunto habitacional, que fora fundado entre 1955 e 1962, edificado

---

<sup>53</sup> Não temos como intuito nesta tese debater a construção social do conceito de favela, no entanto, sendo este conceito um que é acionado tanto pelo campo quanto pelos interlocutores (jornais, e mídias de modo geral) consideramos importante tratar ainda que brevemente do assunto.

no meio de um bairro nobre com o intuito de “possibilitar nova vida às famílias das favelas da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas” (Almeida, 2010, pp.115) seria uma comunidade? Uma favela? Uma comunidade carente?

Seu questionamento se assemelha ao de Brum (2012) quando este cita a “cena” em seu primeiro capítulo, em que o dono do veículo diz “*isso aqui é favela*”. Perceba em ambos os casos, os pesquisadores estão buscando compreender as categorias acionadas pelo espaço a partir de seus atores, bem como pelo o entorno que (re)afirma determinadas questões, mas de uma maneira ou de outra ambos os estudos estão ancorados pela teoria Goffmaniana, em que o estigma é acionado e elaborado a partir da relação entre os atores envolvidos. Portanto, mais do que compreender a categoria que é acionada, é para os autores citados, importante observar em que momento isso se dá e a partir de quais relações.

Segundo Brum, ao falar sobre a cena do carro e do acionamento da categoria favela (2012):

Começamos com essa pequena história verídica, para ilustrar quão delicado território (isto no sentido mais lato) estamos entrando: o que é uma favela? Para o dono do carro acima, como pode se apreender, é o território da falta de regras, o que lhe permite ouvir o som no volume que quiser, ao lado de uma escola. (Brum, 2012, p.33)

## 5.2 O jornal conduzindo o imaginário.

Se utilizou de pesquisa na hemeroteca digital,<sup>54</sup> os jornais digitalizados onde no campo de busca, quando digitava o nome atual do edifício bem como o nome anterior, apareciam notícias que contribuíram para a criação do imaginário sobre o edifício, algo que inclusive nos auxilia a compreender a potencialidade do nome. As buscas foram agrupadas em tabelas de Excel<sup>55</sup> que foram divididas primeiro por décadas, e depois por maior índice de repetição de palavras na notícia principal. É importante frisar que até os anos 1990, o jornal impresso ocupava um espaço importante na construção do imaginário social a despeito de um

<sup>54</sup> A hemeroteca digital é, segundo dados da própria, "um portal de periódicos nacional que permite ampla consulta, pela internet, a jornais, revistas, anuários, boletins e publicidades seriadas. (Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> acessado em 12 de outubro de 2020)

<sup>55</sup> Excel é um programa de computador para elaborar planilhas e tabelas e que também pode gerar gráficos. A marca é propriedade da Microsoft.

determinado tema ou local, posto que no Brasil o advento da internet data do final dos anos 1980<sup>56</sup>, portanto o rádio, a TV e o jornal ocupavam esse espaço de compartilhamento massivo da "notícia".

Ainda sobre a pesquisa realizada em jornal é possível perceber que durante quase quarenta anos<sup>57</sup> (de 1950 ao final dos anos 1990) não era apenas o acontecimento que era relatado, existia também uma opinião evidenciada, tornando claro que uma notícia nunca é apenas um fato "matemático" no sentido de ser ausente de interpretações, como bem aponta Motta (2002):

As notícias são obras abertas, sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua significação, como na literatura. Mesmo aquelas notícias de significação restrita, mesmo aquelas que conseguem ser mais "objetivas" e conseguem despir-se de toda a fabulação, se consideradas como fragmentos de um conjunto maior de notícias, podem adquirir um sentido narrativo portanto, mítico, estimulando a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores, ouvinte ou telespectadores. (Motta, 2002, p14)

O mesmo autor esclarece melhor a subjetividade das notícias quando acrescenta:

As notícias são um sistema simbólico singular porque nelas se misturam realidades e fantasias, nelas se confundem o real e o imaginário. Elas são logos, razão, fatos históricos; mas, ao mesmo tempo, inspiram subjetividades que dotam os acontecimentos de sentidos do bem e do mal, de passado e de futuro, que estimulam desejos, fantasias e utopias. Pela sua natureza ritualística e enquanto sistema simbólico, as notícias têm um caráter de fábula, se aproximam de narrativas teológicas (Motta, 2002, p. 14/15)

Dentro de uma sociedade existem diversas maneiras de se realizar uma leitura sobre os acontecimentos que estão ocorrendo, que atualmente se convencionou chamar de narrativas. As notícias podem ter uma característica mais em tom econômico, político, social, cultural ou outros, que facilitam na construção de uma imagem sobre o grupo para o qual se está realizando tal "leitura" que em uma escala macro (no sentido de alcance) se dá muito por conta dos veículos de comunicação que vão colocar dentro desse espaço (Jornal, Rádio, TV) o que tá acontecendo naquele local. O agrupado dessas informações corrobora e reflete a identidade que se "cria" e compartilha, portanto, ao elencar

<sup>56</sup> A internet chegou ao Brasil em 1981 por meio da Bitnet, uma rede de universidades, e estava restrita a algumas universidades. Somente em 1995 o Ministério das Comunicações libera a exploração comercial da internet e surgem os primeiros provedores de internet privados.

<sup>57</sup> Ainda que esta pesquisa esteja versando sobre um momento a trajetória deste espaço enquanto um "lugar" que foi particularmente afetado pelas notícias compartilhadas socialmente, há de se considerar que não é apenas no período aqui abordado que o jornal é isento de opinião. As manchetes e as fotos que se escolhem, as palavras das notícias, as pessoas que são entrevistadas, nada disso é neutro.

determinados acontecimentos na primeira página de um jornal, por exemplo, o que está ocorrendo é uma leitura/ resumo dessa sociedade (daquele momento) que está sendo lida em uma escala macro de coisas que são (micro) dentro de um universo particular de cada cidadão.

Para exemplificar melhor a relação entre macro e micro se dá visto que, no jornal o apanhado de informações é mais abrangente, portanto macro enquanto, um cidadão não consegue (ainda que atualmente tenha o advento da internet) saber o que está acontecendo do outro lado da cidade, ou ainda, consiga acessar informações mais abrangentes sobre questões econômicas que estejam ocorrendo em uma reunião na prefeitura dentro deste nosso exemplo, ele vai se tomar conhecimento desses acontecimentos no dia seguinte ou mais tarde quando abrir o jornal (ou ler, ou assistir na TV) e fazer a leitura ali dos acontecimentos de modo geral, a esse tipo de observação estamos chamando de micro, pois parte de um universo em particular.

Ao encerrar as pautas do dia e selecionar aquelas que irão ao ar, na televisão, ou irão compor as páginas de jornal, o que se está fazendo é colocando critérios sobre quais delas (notícias) valem mais a pena serem veiculadas ou não. Segundo Francisco (2010) há de se considerar o exercício de seleção que permeia os critérios de noticiabilidade<sup>58</sup> que ocorrem dentro do jornalismo, de modo breve eles “não são rígidos nem universais e por vezes são contraditórios e mudam ao longo do tempo, alterando também conforme o contexto onde estão inseridos e a sua abrangência” (Francisco, 2010, p.24).

A notícia é, portanto, um reflexo social e cultural de um determinado grupo, que busca observar quais tipos de materiais são importantes para ocuparem páginas de um jornal, a vista disto o que podemos observar em um sentido foucaultiano é o exercício de poder que existe sobre a “manipulação” (no sentido que Goffman dá ao termo) de uma determinada identidade de leitura social, afinal, em uma cidade diversas poderiam ser as matérias a serem debatidas, que passam pelos critérios de noticiabilidade (Francisco 2010; Wolf, 2008;) sendo assim um exercício de microfísica do poder (Foucault,1979), que se enxergará em uma escala macro dentro do jornal. Tanto Francisco (2010), quanto Wolf (2008)

---

<sup>58</sup> Sobre os critérios de noticiabilidade Wolf (2010) e Traquina (2018) ressaltam a importância de não confundir a hierarquização das informações com as suas características. Sendo a primeira associada aos critérios de noticiabilidade e o segundo ao valor-notícia.

concordam sobre duas características importantes de serem “pensadas” ao que concerne às notícias veiculadas no jornal, a hierarquia (critérios) e as características (valor) da notícia, assim como é preciso conforme dito acima, qual direcionamento/ posicionamento o jornal ou veículo terá, entendendo que esse para além do seu papel informativo também ocupa um local onde se exercem relações comerciais.

O objeto, aqui, não é o "poder dos jornalistas" - menos ainda o jornalismo como "quarto poder" -, mas a influência que os mecanismos de um campo jornalístico cada vez mais sujeito às exigências do mercado (dos leitores e dos anunciantes) exercem, em primeiro lugar sobre os jornalistas (e os intelectuais-jornalistas) e, em seguida, e em parte através deles, sobre os diferentes campos da produção cultural, campo jurídico, campo literário, campo artístico, campo científico (Bourdieu, 1997, p.101)<sup>59</sup>

Ou seja, para Bourdieu o jornalismo é um produto do mercado contemporâneo. Se Bourdieu reflete sobre a maneira como os jornalistas são influenciados pelos leitores e anunciantes, Hohlfedt (2007) faz o caminho inverso e busca avaliar como a mídia influencia as nossas percepções:

Portanto, dependendo da mídia, sofremos sua influência, não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda (Hohlfedt, 2007, p.193). (Hohlfedt, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: Hohlfedt, A. et al. Teorias da Comunicação, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 193)

Logo, é correto afirmar que quando a mídia aborda um determinado tema de forma constante e insistente, ela acaba por influenciar as pessoas a pensarem sobre ele e a conversarem sobre ele. Isto é o que ocorre, por exemplo, com os casos de violência doméstica ou de racismo. Ao abordarem tais temas de forma insistente, os meios de comunicação acabam por influenciar as pessoas a pensarem sobre eles e a conversarem sobre eles.

De todo modo, seja o veículo mais voltado para economia ou política, ou ainda seja ocupado por informações com cunho sensacionalista, o que queremos deixar claro é que cada um à sua maneira expressará a partir de uma “lente” fragmentos de algo que mais tarde pode ser entendido como uma identidade. Logo, jornais que versem sobre a cidade do Rio de Janeiro podem colaborar para a construção da identidade carioca, e dentro do nosso universo podemos perceber

---

<sup>59</sup> Bourdieu, P. Sobre a televisão. RJ: Jorge Zahar, 1997

a partir dos argumentos expostos em diferentes correntes de diferentes jornais a construção da imagem sobre o edifício, sendo compartilhada pela mídia, e ocupou não apenas páginas, mas um espaço no imaginário social, corroborando, por conseguinte na construção da identidade do prédio, seja tal “identidade real ou virtual” (Goffman, 1975).

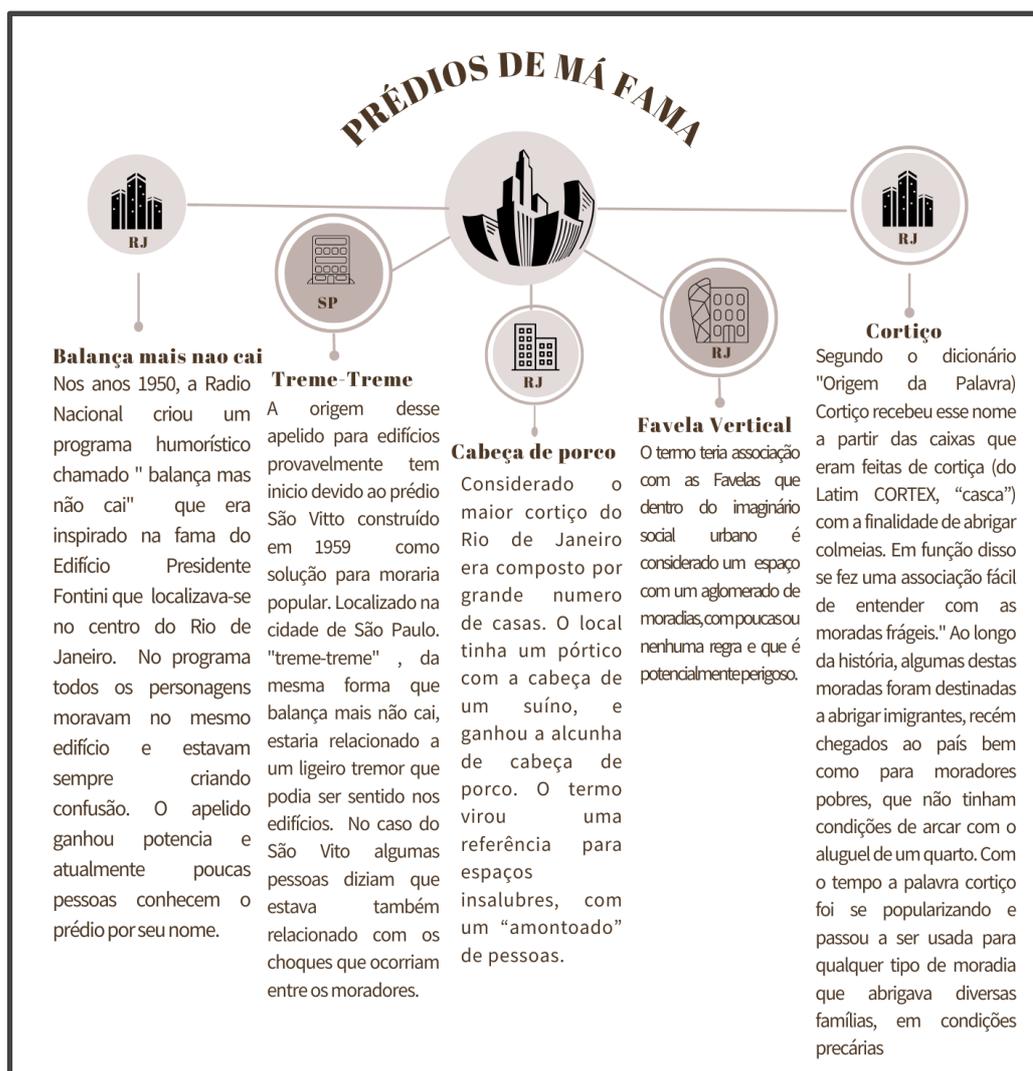
### 5.3 As notícias sobre o edifício Rajah- Atual Solymar.

Durante quase seis décadas de história, identificadas nesta pesquisa e apresentadas abaixo, o edifício Solymar (antigo Rajah) foi o cenário de diversas notícias de jornal, e quase nenhuma delas retrata os demais prédios da Zona Sul, ele (o Rajah) desponta como um outsider na formação arquitetônica e pavimentar da praia de Botafogo, fazendo parte dos difamados e estereotipados “balança-mas-não-cai” ou “cabeça de porco” quase sempre apontado como aquele outro espaço, intruso que causa incômodo. Abaixo imagem identificando as particularidades de cada termo<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> As informações contidas na imagem têm por finalidade auxiliar o leitor a primeiro observar a localização do termo (São Paulo, Rio de Janeiro) sendo coletadas a partir de notícias publicadas online, bem como em dicionários também disponíveis em formato online. Sobre cada termo - Balança mas não cai, disponível em <https://diariodorio.com/historia-do-prédio-balanca-mas-nao-cai>; Treme- Treme, disponível em <https://www.saopauloinfoco.com.br/o-edifício-treme-treme/>; Cabeça de porco, disponível em <https://museudoamanha.org.br/portodorio/?share=timeline-historia/11/o-inderrubavel-cabeça-de-porco>; Favela Vertical - termo usado pelo campo- categoria nativa; Cortiço, disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/cortico/#:~:text=Corti%C3%A7o%20recebeu%20esse%20nome%20a,de%20entender%20entre%20moradas%20fr%C3%A1geis>.

Figura 31. Prédios de má fama



Fonte: Jacqueline Lobo.

É interessante perceber nas matérias de jornal a maneira como o espaço foi sendo retratado, até para podermos compreender mais a despeito do bairro, das acepções sobre a zona sul, e principalmente sobre esta forma de morar. Ou seja, de habitar vinte, trinta metros quadrados. São doze andares e 707 apartamentos distribuídos em dois blocos que se interligam por corredores sem janelas e estreitos, bem como era no Estrela, o que nos leva a pensar na existência de uma certa continuidade.

Cada edifício, Rajah, Estrela, Richard ou mesmo o São Vito em São Paulo, compartilham um modo bastante específico de morar, mas são principalmente

apontados como lugares de baixa moral, sendo, portanto, estigmatizados. Na imagem abaixo podemos observar alguns dados sobre os edifícios<sup>61</sup>

Figura 32 Dados dos edifícios de má fama.

EDIFÍCIOS	ÍNICIO HABITAÇÃO	ANDARES	Nº APARTAMENTOS	MORADORES	METRAGEM APROX	LOCALIZADO
Rajah/ Solymar	1954	12	700	Aprox.3000	Entre 20 e 32m <sup>2</sup>	RJ- Botafogo (Zona sul)
São Vitto	1959	27	600	Aprox.1200	Entre 28 e 30m <sup>2</sup>	SP- Centro
Ed. Balança mais não cai	1948	22	170	Aprox.2000	+ou- 50m <sup>2</sup>	RJ- Centro
Ed. 200 (Ed. Richard)	1957	12	540	Aprox.2000	Entre 25 e 45m <sup>2</sup>	RJ- Copacabana (Zona sul)

Fonte: Da autora, 2022.

Mesmo mantendo semelhanças, cada edifício é único em sua totalidade, podendo ainda assim serem considerados exemplos de um mesmo tipo de moradia que reflete um determinado estilo arquitetônico que é fruto da modernidade e surge no Brasil como uma cópia do que já existia em cidades como Nova York. São apartamentos pensados para pessoas sozinhas ou um casal sem filhos que passa o tempo quase todo na rua.

A malha urbana é antes de tudo um espaço onde o capital acontece, ademais se considerarmos o crescimento industrial e social é uma realidade inegável que o solo representa uma relação de poder e mais-valia extremamente importante, e por ser o Brasil um país onde os hiatos sociais estão a todo momento, presentes, não restam dúvidas que em outras capitais existam prédios/ espaços de má fama. Mencionamos no segundo capítulo o trabalho de Renata Siqueira “Edifício São Vito: Poder público, imprensa e estigmatização” (2018) a fim de mostrar a existência de outro edifício, que passava por semelhante hostilização e que aqui

<sup>61</sup> Segundo os dados do artigo “O Barata Ribeiro 200 com pós-escrito de Yvonne Maggie e comentários de Anthony Leeds” do antropólogo **Gilberto Velho e Yvonne Maggie** (constam no edifício 540 unidades de apartamentos, porém encontramos referências em outros textos que o edifício em possui cerca de 600 unidades.

nos serve como exemplo de um espaço escancarado através da mídia como sendo um espaço “perigoso” de se viver. Dirá a autora:

A imprensa teve um duplo papel: produziu a estigmatização do imóvel e influenciou a definição das políticas públicas que incidiram sobre ele. As estratégias de desqualificação do edifício São Vito pela imprensa foram semelhantes nos dois períodos analisados. Os pressupostos da reurbanização do entorno demandavam uma transformação radical do prédio, que só poderia ocorrer com a intervenção direta do Poder Público. Ao defender a premência de recuperar a área “deteriorada”, a imprensa caracterizou as intervenções como consensuais, prescindindo de uma discussão prévia. Simultaneamente, seu discurso encobriu a violência a partir da qual os projetos propostos interferiram na vida dos moradores. A estigmatização do São Vito contribuiu para fazer do edifício privado uma questão pública perante a sociedade, sem, contudo, engendrar um verdadeiro debate. A síntese desse procedimento foi a terminologia difundida pela imprensa para designar o edifício, atribuindo-lhe uma nova identidade: “treme-treme”, “cortiço vertical” e “favela vertical”. (Siqueira, 2018 pp.274-275)

Em seu trabalho, Siqueira (2018) demonstra como neste espaço as categorias de acusação acionadas pela imprensa e conseqüentemente pelo imaginário popular, somadas ao poder do estado, findou na desocupação do Edifício São Vito. O edifício foi demolido dando lugar ao que a autora aponta como “vazios urbanos”, mas que principalmente tirava da paisagem o desagrado do olhar daquele que enxergava naquele espaço uma descontinuidade, no sentido de que ali não pertencia às camadas de baixa renda que anteriormente ocupavam o Edifício São Vito. Os discursos em torno da demolição deste edifício giram em torno da necessidade de garantir e assegurar aos que ali moravam, melhores condições, retirando-os de um espaço marginalizado que era revestido e principalmente associado a uma imagem de ilegalidade e criminalidade.

#### 5.4 Os anos 1950 dentro do Rajah: o reflexo da crise de moradia carioca.

As notícias que datam dos anos cinquenta<sup>62</sup> a sessenta apresentaram 366 menções ao edifício em oito diferentes jornais (ver tabela abaixo).

---

<sup>62</sup> Começando pelos anos cinquenta pois não encontramos recorrência ou menção de “Edifício Rajah” ou “Edifício Solymar” no meio digital (hemeroteca) em décadas anteriores.

Figura 33 Notícias vinculadas ao edifício Solymar na Hemeroteca Digital.

The screenshot shows the Hemeroteca Digital Brasileira interface. At the top, there is a search bar with the text "edifício rajah" and a "Pesquisar" button. To the right of the search bar, there are statistics: "Ocorrências: 366", "Arquivos: 363", and "Páginas: 6.127.788". Below the search bar, there is a filter for "ano 195". The main content is a table with three columns: "Descrição", "Páginas", and "Ocorrências".

Descrição	Páginas	Ocorrências
Jornal do Brasil (RJ) - 1950 a 1959	110212	200
Correio da Manhã (RJ) - 1950 a 1959	113521	131
O Jornal (RJ) - 1950 a 1959	82498	11
Diário de Notícias (RJ) - 1950 a 1959	88849	10
Tribuna da Imprensa (RJ) - 1949 a 1959	48044	4
Última Hora (RJ) - 1951 a 1984	128707	4
Diário da Noite (RJ) - 1950 a 1959	73851	3
Jornal do Commercio (RJ) - 1950 a 1959	58861	3
Brasil Açucareiro - Revista quinzenal dirigida pela Comissão de Defesa da Produção do Açúcar (RJ) - 1932 a 1979	56120	0

Fonte: Hemeroteca digital,2021

No início desta década, de forma geral, as notícias chamam atenção para a estética do bairro e principalmente para a localização do prédio que é “magnificamente situado” (O jornal, 1957) próximo ao final desta década os veículos de jornal, já despontavam rumores referentes a compra e venda e problemas enfrentados por moradores que se viram habitando um espaço inacabado, “resultado de especulação imobiliária desenfreada, em uma cidade de desenvolvimento desordenado e entregue ao próprio destino (Jornal Última Hora, 1958)

A sátira presente nas matérias critica a maneira como o edifício conseguiu o habite-se, considerado o Rajah um “um caso típico” (Última hora, 1958) dos edifícios fantasmas da época, que eram entregues sem condições mínimas de moradia. Ainda próximo ao final desta década é possível encontrar anúncios referentes a leilão de unidades, com detalhamento do tamanho do terreno; em sua totalidade dirá o veículo de imprensa Jornal do Commercio (1959) o terreno mede 22,16 metros de largura na frente por 99,45 metro de extensão em ambos os lados. "Concreto armado, alvenaria de tijolos com 12 pavimentos, sobre pilotis, servido de elevadores com capacidade para 9 pessoas. Pisos revestidos de mármore. Chamamos atenção para as seguintes notícias deste período:

Em 21 de março de 1958<sup>63</sup> o veículo - Última Hora, que segundo dados da Fundação Getúlio Vargas <sup>64</sup> “revolucionou a imprensa brasileira de sua época,

<sup>63</sup> Há de se considerar também que no início dos anos 1960 no Brasil o rádio, que tinha começado a aparecer no país no final dos anos 1950, começa na década de 1960 a ser um importante e

introduzindo uma série de técnicas de comunicação de massa até então desconhecidas no Brasil (...) foi fundada ainda para servir de respaldo ao getulismo junto à opinião pública. Segundo o próprio Samuel Wainer, seu objetivo era romper com “a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente”. Trouxe a seguinte notícia - Edifícios Fantasmas: Frutos da especulação imobiliária e aventurismo da construção, conforme imagem abaixo.

Figura 34. Recorte de Jornal: Edifícios fantasma: Frutos do aventurismo e da especulação imobiliária

Em torno desta mesa, dentro de um dos setecentos apartamentos do Edifício "Rajah", na Praia de Botafogo, uma família vive o drama da desenfadada especulação imobiliária. Anos e anos de salários minguados, foram sacrificados para a consumação desta ilusão. Hoje, enclausurada numa "sala-quarto", a família de Dona Tereza Arnaut é angustiada pelos mesmos problemas, pelas mesmas aflições dos sem-teto: falta luz, água, conforto e higiene...

## Edifícios Fantasmas: Fruto da Especulação Imobiliária e do Aventurismo de Construção

**CONVERSA**  
do dia  
Marques Rebêlo

**MANDI E ETC.**  
(2.ª Parte)

A onda contra o técnico Gyula Mandi cresceu no meu América de mancira subterrânea. É preciso criar um ambiente difícil para ele, já que ele tem um contrato firmado e idôneamente cumprido... E a nova presidência do clube vende jogadores, e dos mais valiosos, sem consultar o técnico; contrata jogadores, da maior mediocridade, sem consultar o técnico; dispensa jogadores sem consultar o

O "edifício fantasma" — esta nova excrecência, fruto da desenfadada especulação imobiliária numa cidade de desenvolvimento desordenado e entregue ao próprio destino — é o resultado do aventurismo na construção civil, quando não ocorre como nos casos do "São Luiz Rei", do "Visita Linda", e do "Assis Brasil", edifícios que desabaram catastróficamente sacrificando dezenas de vidas humanas.

Pinheiro Júnior, o repórter das cruzadas sociais — ele traz mais este documentário patético que não deixa dúvidas quanto a necessidade de se opor um dique às atividades inescrupulosas de certos incorporadores imobiliários. As fotos desta página falam com a necessária eloquência de um drama crucial — o das vítimas desses aventureiros. Famílias inteiras condenadas, após um sacrifício de anos e anos de salários investidos na construção, ao mesmo destino dos desabrigados, dos flagelados e sem teto: viver confinadas entre quatro paredes frias e sombrias, verdadeiros túmulos de concreto armado, sem ar, luz, água e a mínima parcela de higiene e conforto a quem nam aos animais irracionais é negado. (Reportagem de PINHEIRO JÚNIOR, na página 5 — Fotos de MARQUES).

Um exemplo típico da cupidês sem limites, dos especuladores imobiliários: o edifício fantasma. Incorporação da "Predial Franco Brasileira", o "Rajah", na Praia de Botafogo, começou a ser habitado, com prévio e criminoso consentimento da Prefeitura, sem que os seus cômodos dispusessem dos mínimos recursos de habitabilidade. E assim ficou até hoje.

**Ultima Hora**  
ANO VIII — Rio, 21-3-58 — N.º 2.367

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20195&pagfis=46403>

A notícia acima, ocupa mais de sessenta por cento da página do jornal, sendo aberta pelo seguinte título: "O drama de centenas de famílias cariocas: sepultadas em apartamentos sem luz, água e higiene". Logo abaixo, duas fotos,

consolidado meio de comunicação de massa. Entretanto, é importante ressaltar que nesta época o rádio funcionava principalmente por energia elétrica, e não eram todas as casas que tinham acesso à energia elétrica tampouco a um rádio. Portanto, ao dizermos que o jornal foi um importante meio de disseminação de notícias durante este período, entendemos que haviam também outras fontes significativas de comunicação.

<sup>64</sup> <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>

uma com seis pessoas em torno de uma mesa, e outra com uma imagem do edifício. No meio da página lê-se “Edifícios Fantasma: Fruto da especulação imobiliária e do aventurismo na construção” abaixo uma breve matéria sobre o edifício e por fim mais três fotos que corroboram para ilustrar pontos abordados no texto. Veja as imagens abaixo.

Figura 35. Recorte de jornal: Moradores do prédio sentados à mesa sem energia elétrica



Em tôrno desta mesa, dentro de um dos setecentos apartamentos do Edifício “Rajah”, na Praia de Botafogo, uma família vive o drama da desenfreada especulação imobiliária. Anos e anos de salários minguados, foram sacrificados para a consumação desta ilusão. Hoje, enclausurada numa “sala-quarto”, a família de Dona Tereza Arnaut é angustiada pelos mesmos problemas, pelas mesmas aflições dos sem-teto: falta luz, água, conforto e higiene...

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20195&pagfis=46403>

Figura 36. Recorte de jornal: Moradores carregando baldes de água



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20195&pagfis=46403>

Sobre a reportagem exposta, pode-se notar que para além das imagens o uso de determinadas palavras auxilia o leitor a criar uma imagem mais "detalhada" sobre o espaço. As palavras, assim como as imagens transmitem não apenas uma notícia, mas corroboram para que sentimentos se tornem mais expressivos, o que acima chamamos de "categorias de acusação". Ao abrir a matéria com "sepultadas"; "sem luz"; "fantasmas" e "drama" o leitor é levado a interpretar tais palavras que dão um sentido negativo ao espaço, de um espaço "impuro" (Mary Douglas)

A impureza é uma ideia relativa. Estes sapatos não são impuros em si mesmos, mas é impuro pô-los sobre a mesa de jantar; esses alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir ou salpicos de comida num fato; os objetos da casa de banho não estão no seu devido lugar se estiverem na sala de visitas(...) Em suma, o nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objecto ou qualquer ideia susceptível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações. (Mary Douglas, 2010, pp 30)

O estereótipo de má fama passa a ser elaborado, pois o edifício agora faz parte de um grupo outro, ele não é apenas um local onde famílias podem encontrar paz e sossego, pelo contrário ele faz parte dos espaços que confinam, que são insalubres, impuros, cheios de problemas que é lido através desta matéria



O final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta apresenta uma cidade carioca que já lida com as questões urgentes de habitação, questões estas que também passam a ser entendidas como crise habitacional. Nos anos 1960, portanto, conforme mencionamos no primeiro capítulo, um reflexo das grandes edificações e construções na cidade do Rio de Janeiro passa a existir na vida e no dia a dia do carioca. O concreto armado se tornou uma realidade e a quantidade de pessoas que migravam para os grandes centros em busca de emprego também. A reforma urbanística de Pereira Passos reorganiza e delimita espaços de habitação, locais que antes eram voltados a trabalhadores se tornam agora espaços das camadas mais abastadas, como foi o caso dos bairros da Lagoa, Ipanema e Leblon. Sua política fundiária também na tentativa de deixar a cidade para além da região cêntrica (leia-se bairros nobres) mais próximos de uma nova imagem, com serviços de arborização e asfaltamento.

A especulação imobiliária basicamente consiste na compra massiva de terrenos por investidores a fim de estocá-los, visando o aumento do valor de venda no futuro, se tornou uma realidade no final dos anos cinquenta, e pode-se dizer tirou bastante proveito da reforma de Pereira Passos, posto que os terrenos, agora super valorizados são uma excelente forma de conseguir lucro. Corroborando com a construção de um estilo de vida “melhor” próximo ao mar, que a princípio estaria reservado à elite, fortalecem também o estereótipo de outras regiões da cidade ou mesmo das habitações que já despontam nos morros cariocas como uma realidade na paisagem e resposta para a crise habitacional que desde o final dos anos 1930 já estava posta como aponta Abreu, 1984:

(...) os morros cariocas passaram a ser objeto de limpezas periódicas a partir da década de 1920. E cada morro despejado dava lugar a outra favela conforme já afirmava Backheuser em 1906 (falando dos cortiços) e era agora reconhecido também por Alfred Agache, urbanista francês contratado pela municipalidade na administração Prado Júnior (1926-1930) para elaborar um plano de remodelação, extensão e embelezamento da cidade. (Abreu, 1984, p.60)

Os prédios que antes contavam com grandes apartamentos amplos, espaçosos vão progressivamente dividindo a atenção do olhar com outros edifícios que crescem sob essa nova demanda, de uma nova classe média que crescia e que ansiava por um estilo de vida mais próximo do trabalho ou ainda, da “realidade” vendida nos folhetins, músicas ou mesmo notícias da rádio, sobre a zona sul, próximo ao mar. Ou seja, o mesmo jornal que informava sobre os benefícios em morar na zona sul, corrobora em outras páginas para a

estigmatização de determinados espaços (favelas, edifícios cabeça de porco, cortiços e afins) tornando claro a distância social e classista que o código de endereçamento postal não demonstrava, mas que solidificou a dicotomia morador de prédios nobres versus morador de favela.

Planilha de Excel 1 - Notícias dos anos 1960 até 1969

Ano	Notícia	Principais pontos da notícia.
1961- Diário de Notícias.	Leilão Judicial - Botafogo	Leilão de 8 apartamentos.
1962- Correio do Amanhã	Administradora Predial- Assembleia Geral	Convocação para reunião de condomínio que deverá ocorrer
1967 - Correio do amanhã	Botafogo: as duas faces do cortiço	" Edifício Rajah: 6 mil moradores pagando em média de duzentos mil cruzeiros pelo privilégio de morar em um dos seus 707 apartamentos, distribuídos em 3 blocos residenciais, onde a água falta, o ar cheira mal e não existe playground para as crianças, que são proibidas de brincar nos corredores e também no passeio pelo guarda civil. Prédio condenado pela saúde pública, contrasta as duas faces do bairro onde cortiços são de cimento armado e se confrontam, lado a lado, com luxuosos blocos residenciais. Brinquedos proibido  Infiltração  Higiene Moradores Velho porém distinto  História  Depoimento Trabalhador

		es Apelo Balança e cai  Tiro ao alvo  Guerra  Botafogo  O voo da abelha;
1968 - Correio do amanhã	Crianças sofrem no cortiço de concreto.	"Aqui a gente mora que nem abelha, só que nosso cortiço é de concreto, tem 707 apartamentos, água e crime com horas marcadas, crianças que não podem brincar no corredor. José Francisco da Silva mora num conjugado no Edifício Rajah - Praia de Botafogo, 356 e fala como qualquer morador do edifício balança, onde cada menino será um neurótico produto da promiscuidade, dos conflitos gerados pelas habitações de menos de 38 metros quadrados.
1969-Correio do amanhã	Nova lei do Silêncio libera canto de galo	Novas regras recaem sobre o edifício, agora os moradores não poderão mais estender roupas pela janela.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da hemeroteca digital.

A título de exemplo, uma das notícias veiculadas pelo jornal, Correio da Manhã<sup>66</sup>, no ano de 1967, tem como chamada “Botafogo: As duas faces do cortiço”. Está ali presente a dicotomia “Isto é Botafogo, bairro de duas faces, onde os cortiços são de cimento armado e se confrontam, lado a lado, com luxuosos blocos residenciais de tradicionais famílias que resistem ao tempo.” Perceba que ao dizer que o edifício é uma versão atualizada do cortiço, ele antes de tudo reforça um estereótipo negativo.

Abaixo a chamada para notícia que ocupou duas páginas deste jornal.

Figura 38. Recorte de jornal: Botafogo, as duas faces do cortiço.



<sup>66</sup> O jornal Correio do Amanhã foi fundado em 1905 pelo jornalista e advogado Edmundo Bittencourt, se dizia um jornal sem direcionamento político que tinha como principal vocação a disseminação da informação. Era um jornal carioca, mas que segundo fontes, lido em todo território brasileiro Fonte (<http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/67-surpresa/112-o-correio-da-manha.html#:~:text=Fundado%20por%20Edmundo%20Bittencourt%2C%20em,que%20todo%20o%20Brasil%20lia.>)

Fonte> Hemeroteca digital<sup>67</sup>.

Em meados de 1968 o prédio foi relatado em um tabloide chamado “O jornal “e associado a especulação imobiliária que fora comum a outros edifícios no bairro de Botafogo. O relato iniciava o processo de difamação que o persegue até os dias atuais, de prédio imoral, inabitável e insalubre:

Edifício Rajah: seis mil pessoas pagando a média de duzentos mil cruzeiros pelo privilégio de morar em um de seus 707 apartamentos residenciais, onde a água falta, o ar cheira mal e não existe playground. (Correio da manhã, 08/01/ 1967).

Aqui a questão da falta gira em torno da moral, percebe-se que antes a falta estava associada a recursos estruturais do prédio bem como água e luz, porém agora, um novo recurso é adicionado e este se torna tão estrutural quanto os demais, o pilar da moralidade é aqui um ponto importante, pois reflete nas páginas de jornal uma sociedade que também se vê confrontando questões sobre o tema. Michel Agier em seu livro “Antropologia da Cidade” (2011) menciona no capítulo “O que torna a cidade familiar” os sentidos atribuídos cultural e socialmente para debater lugares, não lugares e espaços, questionando a transformação que um determinado espaço que atende a demandas de uma casa enquanto “espaço” pode ter ao se converter, por exemplo, de profano doméstico para um espaço sagrado. Seu debate aponta para a exemplificação dos sentidos condicionados a uma árvore, o chão, ou outros elementos que podem passar a ser enxergados como “lugar santo”. Portanto, é a troca que ocorre ali que configura o espaço que decodifica o nome do local.

O edifício Rajah, para muitos moradores é a casa, local íntimo e seguro, para outros durante um período ali era para além do espaço de casa o ambiente de trabalho e conforme a matéria exposta acima, o prédio passará a ser um agrupado de imoralidades, ressignificando assim a codificação do nome do prédio, que passa a ser entendido como profano e imoral.

É importante entender que por mais que o Robert Park em 1920 tenha escrito sobre regiões morais, o que ele tava fazendo naquele momento era um estudo que dizia respeito aos bairros em que aconteciam prostituição, venda de drogas, dentre outros. Quando, o edifício Rajah é apontado em uma notícia de jornal como - imoral, tal fato demonstra como o entorno observa esse prédio. Um edifício de imoralidade e a depender do local e do espaço onde se está, existirá

---

<sup>67</sup>[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78782](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78782)

uma reorganização sobre as moralidades. Portanto, se para Robert Park existiam bairros que eram considerados imorais o entorno exposto aqui através da notícia de jornal acima, dirá que o prédio é imoral, para além disto é preciso observar que dentro do prédio existirá uma nova atribuição, não é todo o edifício como organismo que é imoral, mas algumas regiões. O andar onde existe prostituição “e formam-se filas no horário do almoço” como demonstrado por uma entrevistada que se referia as melhorias feitas atualmente no prédio em relação aos anos 1980, o andar onde potencialmente vendem drogas como mencionou outro entrevistado, e reproduzindo o contraste do nós e eles- entre os moradores, o último bloco que possui menos apartamentos por andar, se intitulará mais seguro e melhor. Ou seja, é necessário o espaço da imoralidade para que os outros espaços se tornem morais, não é possível ordenar o espaço sem que não existam as coexistências moral e imoral, sagrado e profano, enquanto esse prédio é um não lugar o bairro em sua contrapartida pode dizer sobre quais espaços são morais e de "família". (Marc Augé,1994) O antropólogo francês Marc Augé em linhas gerais entende a sociedade moderna enquanto uma sociedade de massas, caracterizada por grandes movimentos de pessoas e grandes movimentos de mercadorias.

A sociedade contemporânea seria, segundo o autor, uma sociedade de indivíduos anônimos e de relações interpessoais fragmentadas. Os indivíduos modernos são, assim, cidadãos do mundo, sem raízes em um lugar específico. Colocamos “não lugares” entre aspas, pois um dos princípios destes espaços é a ausência de história, considerados pelo autor como espaços anônimos desprovidos de identidade. O edifício como mostramos, possui história e de certa forma possui identidade ocorre que para alguns moradores ele é considerado apenas um espaço de passagem, sem história (ou uma que valha a pena retornar). O edifício, portanto, se caracteriza como um lugar, que é também um não lugar, posto que ali as relações de anonimato estão presentes. Enquanto as estruturas do prédio possuem "história" é difícil encontrar uma que simbolize todos os moradores. Ainda segundo o autor, seriam exemplos de não lugares as salas de espera, os aeroportos, a fila do caixa do supermercado, por justamente serem espaços que impossibilitam a criação de uma "identidade" do grupo presente. Ao refletirmos sobre o prédio, e sobre o fluxo constante que ocorre ali, entendemos ele também através desta chave- não lugar. Para muitos moradores (não todos), ali é apenas um lugar de passagem, um lugar de anonimato, mas para outras tantas ali é um

lugar de relações e de afeto, sobre essa relação dirá o próprio autor que um aeroporto por exemplo é não lugar para uns, mas que é para outros (trabalhadores, por exemplo, que atuam neste local) ali é um lugar. Sendo assim, o prédio é um lugar- não-lugar.

O “lugar” pode também ser interpretado a partir da lógica de Bourdieu (2010), na qual o lugar é posição, e principalmente é relacional, moral versus imoral, valorizado contrapondo o desvalorizado, e claro que a especulação imobiliária se utiliza dessas características para vender um espaço em detrimento de outro, e mesmo no interior do edifício um apartamento será interpretado por tais relações de reflexos.

(...) o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial dos bens ou serviços, privados ou públicos. A posição do agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (aquele do qual se diz que está “sem eira nem beira” ou “sem residência fixa”, que não tem – quase – existência social), e pela posição reativa que suas localizações temporárias (por exemplo, os lugares de honra, os lugares regulados pelo protocolo) e, sobretudo permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações de outros agentes; ela se exprime também no lugar que ocupa (no direito) no espaço através de suas propriedades (casas, apartamentos ou salas, terras para cultivar, para explorar e para construir, etc.) que são mais ou menos embaraçosos ou, como se diz às vezes, “space consuming” (o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é uma das formas por excelência de ostentação de poder). (BOURDIEU, 2010. p: 160-161)

A título de exemplo, reproduzo abaixo notas do caderno de campo do dia em que acompanhei um corretor que foi ao edifício para mostrar um apartamento a um conhecido que estava buscando um novo local para morar. Nas suas palavras: “*nesse apartamento você vai morar bem; com uma excelente localização, sem contar que desse lado não tem nenhuma janela que veja o que está acontecendo*”. Tal noção de morar bem, se contrapõe diretamente ao morar “mal”, o que nos leva a questionar a linha de poder que se faz presente em uma categoria que aciona a outra, perceba que, quem determina o que é morar mal, se não aquele que se auto entende morando bem? As classificações sociais, em via de regra consistem em dividir duas categorias: as que são feitas pelas pessoas e as que são impostas socialmente. As classificações, que são feitas pelas pessoas são aquelas que elas fazem de si mesmas e dos outros, a partir de critérios que consideram importantes. Por exemplo, alguém pode se considerar rico ou pobre, culto ou inculto, bonito ou feio, morando bem ou mal, etc. As classificações que

são impostas socialmente são aquelas estabelecidas pela sociedade e que as pessoas devem seguir. Por exemplo, a classificação dos cargos hierárquicos em uma empresa, onde há um presidente, um vice-presidente, um diretor, um gerente, etc.

O que observamos dentro do edifício Solymar (antigo Rajah) é a existência de um estigma que se insere nas páginas de jornais, mas também nas fofocas, que compartilham histórias sobre o prédio, sem que se tenha real conhecimento de sua veracidade. Abaixo reproduzo trecho da pesquisa de campo, de um momento que visitei outros apartamentos próximos ao edifício Rajah, quando tive intuito de me mudar do prédio caso o valor do aluguel subisse.

*“Hoje fui visitar outros apartamentos, o primeiro que visitei foi no prédio em cima da farmácia, espaço bem maior que a kitnet, composto por um quarto, uma sala, um banheiro e uma cozinha, a proprietária que me recebeu e foi me mostrando os cômodos. Me perguntou com o que eu trabalhava, e onde eu estava morando. Quando mencionei que morava no Solymar, sua expressão mudou um pouco, e ela me comunicou que aquele prédio hoje estava bem melhor de fato, mas que ainda assim, não era um bom lugar, corredores muito longos, muita gente. Assim que soube onde eu morava, me perguntou com quem eu iria morar se me mudasse para seu apartamento, mencionei que provavelmente seria com meu namorado, senti em sua fala um tom de receio sobre quem seria a pessoa com quem eu dividiria o espaço. Por fim, antes de sair do apartamento, perguntei por que ela achava que o Solymar não era muito bom, e ela mencionou que ali era cheio de histórias, de coisas muito pesadas, não tinha um clima bom”. (Diário de campo, outubro de 2018)*

Sobre a questão de vizinhança, e mais precisamente sobre o “outro” Nobert Elias, sociólogo alemão em sua pesquisa “Os estabelecidos e outsiders” observa que primeiro a categoria de classificação sobre “bom e ruim” é formada a partir do grupo que já habitava a cidade, ao passo que outros moradores começaram a se estabelecer em bairros que o autor irá denominar como regiões dois e três, os moradores da região um, passam a apontar os demais como perigosos, delinquentes, ou seja, estigmatizando a vizinhança a partir das fofocas e rumores e demarcando claramente quem é estabelecido e quem é outsider. Dentro de nosso objeto de pesquisa, no bairro de Botafogo é possível observar tais apontamentos sobre o edifício Solymar, considerado “*cheio de histórias pesadas e com um clima ruim*” sendo, portanto, um outsider na paisagem da orla.

Ao acompanhar as notícias do jornal, percebe-se a falta de recursos estruturais que com o tempo foram se transformando em problemas sociais. No espaço dos jornais, principalmente, eram relatados crime, prostituição, extorsão,

assassinatos e até mesmo a formação de gangues. Porém de tudo o que foi relatado, o que podemos identificar como verdade e o que analisar como uma construção “aumentada” da realidade. Muitos crimes foram relatados à polícia e não foram solucionados, o que aumentou a sensação de insegurança dos moradores. Com isso, unidades passaram a ser leiloadas abaixo do valor que foram comprados, ou alugados e até sublocados. O que mudou o público de moradores:

“Inicialmente eram bancários e funcionários públicos e depois começam os relatos de rapazes e moças solteiras, que nem sempre residem lá, utilizando seus apartamentos para encontros nem sempre agradáveis aos demais moradores”  
Correio da Manhã, 08/01/1967.

A reconstrução da memória deste espaço, vai de encontro com o 200 da Barata Ribeira, reconstrói um início, onde o prédio era habitado principalmente por pessoas que ocupavam cargos de “respeito” e que acima de tudo usavam o apartamento para fins de habitação. Sendo, portanto, um espaço para famílias, quando as filas começam a se formar nos corredores, e atividades (i)morais passam a ser observadas no prédio, vai ganhando outro corpo, como apresenta a notícia acima “nem sempre agradável aos demais moradores”. Vide a matéria publicada pelo Correio da Manhã, no dia 5/07/1971, traz em seu inteiro teor a seguinte chamada

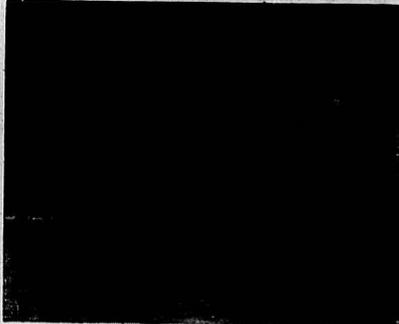
Edifício Rajah. Praia de Botafogo, 156. Noventa apartamentos por andar. Até pouco tempo, briga todo o dia, incestos, adultérios, travestis, maconha. Mas a partir de fevereiro do ano passado, Dona Rita de Castro foi eleita síndica e começou a impor moral. Dona Rita viúva quer criar seus dois filhos num edifício familiar. A luta de Dona Rita contra a corrupção e vício vai contada aqui, uma emocionante narrativa que mostra o bem contra o mal e a vitória dá moral contra a decadência. O Rajah vai até mudar de nome, para se desligar de vez do seu passado vergonhoso. Vai ser o edifício Enseada de Botafogo, um prédio tranquilo onde qualquer mocinha vai poder passear no corredor. E foi a Rita quem trouxe o sossego. (Correio da Manhã, 05/07/1971)

Figura 39. Recorte de jornal, dona Rita contra a gangue do sexo.

CORREIO DA MANHÃ — Rio de Janeiro, domingo, 4 e 2.ª feira 5-7-1971

1.º CADERNO

# RIO



**Edifício Rajah. Praia de Botafogo, 156. Noventa apartamentos por andar. Até pouco tempo, briga todo o dia, inocentes, auditórios, travessia, macanha. Mas a partir de fevereiro do ano passado, Dona Rita de Castro foi eleita síndica e começou a impor moral. Dona Rita é viúva e quer criar seus dois filhos num edifício familiar. A luta de Dona Rita contra a corrupção e o vício vai contada aqui, uma emocionante narrativa que mostra o bem contra o mal e a vitória da moral contra a decadência. O Rajah vai até mudar de nome, para se desligar de vez do seu passado vergonhoso. Vai ser edifício Enseada de Botafogo, um prédio tranquilo onde qualquer mocinha vai poder passear no corredor. E foi a Rita quem trouxe o sossego.**

## Dona Rita contra a gang do sexo

O Edifício Rajah era mesmo um caso de polícia. Vitrines e mesas e Radiopatrulha estava lá para controlar os ânimos de alguns moradores e o edifício era pronto para a imprensa sensacionalista, que tinha até repórter destacado. Era um Deus nos céus. Os moradores da rede-dena nem precisavam ir ao cinema para assistir a um show-biz, era só chegar em frente ao prédio que um espetáculo de faroeste estava reservado, para qualquer momento. "Macanha prostituída", e havia também prostitutas e travessia a caráter que davam verdadeiros shows dentro e fora do edifício. E mulheres que colocavam lâmpadas vermelhas na porta de apartamento para que os "clientes" não fossem nos apartamentos mais baratos? E se aquilo parecia uma cidade de faroeste, é porque tinha até cartaz (um anúncio muito inoportuno, que alguns apartamentos indelicadamente, quando as proprietárias estavam viajando).

Conservação não havia. O Rajah, que foi construído em 1954, nunca sofreu reparos. Não que não precisasse, tinha apartamentos com infiltração de água, não nos corredores, era difícil encontrar todos os elevadores em funcionamento, nem todos os incêndios funcionavam e água tinha que ser chamada mesmo de pressão líquida, de tão seca que era só ligar as bombas três e lá véssemos um só vez ao dia. E o Rajah, por tudo isso, tinha a pior fama possível, era conhecido como local de encontros. Muitos maridos enganados encontravam suas mulheres nos apartamentos do prédio, nos braços de um outro qualquer. Mas um motivo para as Radiopatrulhas parar na porta de muitas portas com que se divertiu e o repórter da imprensa sensacionalista entregar as mãos de contentamento.

Em 21 de fevereiro de 1970, conseguiram derrubar o xerife vilão e elegem para síndica do Edifício Rajah, Dona Rita de Castro, a mocinha desta história, que veio do Arco e mora no apartamento 201, há três anos. Dona Rita, imediatamente, pôs mãos à obra e, logo no dia 23, providenciou uma nova entrada de água, cujo abastecimento já está totalmente normalizado, sem há mais racionalmente. Mandou colocar vultapelo nos elevadores e todos estão em funcionamento, a fachada do prédio está sendo revivida com pastilhas e foram retiradas chaves e assentos e o iluminação de apartamentos.

Mas a xerife-bandido voltou a atacar e Dona Rita viu-se ameaçada até de seqüestro. Havia uma espécie de Mãria que controlava a exploração do prédio e que incomodava com a perda de uma situação que lhe era vantajosa. "uma de nossas alunas, ditando a síndica e atacando a honra pessoal das que se opunham aos seus intentos desonestos". Mas como sempre o mocinho ou a mocinha vence, dona Rita está ganhando esta partida e os moradores, que nunca estiveram satisfeitos com a situação anterior, estão lhe dando todo apoio.

Agora todo mundo é registrado no cadastros policiais. Depois das vitórias duas horas não entra casa, só se os dois foram moradores do edifício, e mesmo síndica ou o cavalheiro que não foi morador, depois das dez, não entra. E dona Rita fica lá na portaria até de madrugada, para impedir as brigas com o porteiro da noite que tem ordem de barrar à entrada também de travessia. Morar dois meses, só não podem se vestir de mulher. Por causa dessa medida, a maioria deles já mudou de roupa, e quem não mudou de vestimenta, mudou de residência.

De prédio mal falado o Rajah passou a ser até modelo de administração, pois já recebeu elogios dos fiscais do Estado que lá estiveram em visita de inspeção. Mas a luta de dona Rita ainda não acabou, ainda existem muitas fotos e disse nos dias, inclusive entre o pessoal da administração, coisa a que a gruta assistiu, quando uma componente da comissão de platura foi lá discutir com ela as méritos de sua participação de outra comissão, "aquela mulher estava querendo dominar todo mundo na base do grilo" e defendendo um outro membro da comissão de platura que, segundo ela, estava sendo vítima de calúnia, porque falou duas e só uma falou. Mas, como não deram nome aos bois, dona Rita deu um sócio na mesa encorajando a questão.

Dona Rita diz que não tem tempo nem de ir ao cinema. Além de administrar o prédio, ganhando para isto trzentos e cinqüenta cruzeiros (o mesmo que o antigo síndico ganhava em 1969), ela é enfermeira do Hospital Eduardo Rabêlo. Quando não está no hospital pode ser encontrada no escritório da administração cuidando contas, suplicas e fofocas. Controla a entrada dos novos e inquietos procurando saber das residências anteriores e das profissões. "Se for mendicância ou esbaldetura, no Rajah não entra". Quem quiser que vá para o edifício, de Barão Ribeiro, porque o Rajah, de agora em diante, é um prédio de respeito, muito familiar e respeitável residência.

Quem ganhou com isso, foi o dono do Opera, porque quem quiser assistir bang-bang, tem que ir mesmo ao cinema. A polícia também ganhou, porque não recebe mais queixas do edifício, nem mais de dois mil moradores. Mas quinta-feira o emprego foi o repórter, que não tem mais o que fazer lá, porque os escândalos acabaram.

Fonte: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_08&Pesq=%22edif%3%20c%20rajah%22&pagfis=21931](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_08&Pesq=%22edif%3%20c%20rajah%22&pagfis=21931)

## 5.5 Jornal - um prédio de respeito, muito familiar

Comentamos sobre as categorias de acusação e em como elas trabalham a noção do estigma associado a um determinado estereótipo, aqui a noção de que o prédio possui pouca moral devido aos moradores, ou as atividades que os mesmos fazem vai de encontro com a ideia de comportamento desviante, trabalhado anteriormente por Gilberto Velho (1989) perceba, que ao ser eleita síndica, se colocou em "guerra" em busca de um ambiente familiar, onde uma "mocinha" possa morar, um local "puro".

Aqui poderíamos questionar o que exatamente é um ambiente familiar, ou ainda, que pureza é essa que se busca no quesito de moradia, mas torna-se claro que atividades de cunho sexual são vistas de forma estigmatizada, se

aproximando, portanto, da noção de “desvio social<sup>68</sup>”. Os dados etnográficos que foram levantados durante o período de observação participante, demonstram como essa imagem de um ambiente dado a atividades “ilícitas” é presente, ainda que o interlocutor jamais tenha sequer entrado no edifício. Como mostra trecho da entrevista abaixo, retirada do caderno de campo em que se ele “imaginava loucura, Sodoma e Gomorra” cidades bíblicas que segundo fé cristã, foram destruídas devido aos atos pecados ali cometidos, sendo quase todos associados a atos que iam contra a moral instituída naquele momento.

*Tipo assim eu já conhecia a fama, então pra mim, foi tipo, ah aqui que é o lugar e ele não tinha nada a ver com o que eu imaginava, imaginava loucura, Sodoma Gomorra sacou, mas cara é só um prédio, nada diferente de outro prédio, mas no imaginário que eu tinha era bagunçado. Mas aí entrei e sei lá vi que embora mais antigo, é normal, esperava sei lá ratos correndo, pessoas vendendo drogas, pessoas dizendo vem cá gostoso. Mas assim, achei seu apartamento bem pequeno, e achei bizarro você parar sua bike dentro do apartamento, mas entendo porque moram sei lá muitas pessoas lá né, e fiquei impressionado com a quantidade de portas, um milhão de portas e isso realmente impressiona, sabe um corredor que faz curva, a quantidade de apartamentos por andar. E sua casa era pequena, mas aconchegante. [Lucas, Morador de outro edifício, próximo ao Rajah/ atual Solymar, publicitário, aproximadamente 35 anos)*

Ainda dentro da notícia sobre “A gangue do sexo” a matéria diz que o edifício não só tinha uma fama ruim, como conseguia ter a pior fama possível, sendo um espaço de encontros de amantes, e coube a dona Rita “resolver” as normas morais do edifício. Segundo a reportagem, ela ficava durante a madrugada na portaria controlando quem entrava, sendo uma ordem interna que após as vinte e duas horas casais não poderiam entrar, bem como ocorria o impedindo que travestis no interior do edifício circulassem usando roupas “femininas”, pois segundo ela “*Morar eles podem, só não podem se vestir de mulher.*” O controle não era apenas realizado na entrada noturna, sendo questionado a novos moradores qual eram suas ocupações, e residências anteriores. Em suas palavras:

*“Se for manicura ou cabeleireira, no Rajah não mora” Quem quiser que vá para o duzentos da Barata Ribeiro, porque o Rajah, de agora em diante, é um prédio de respeito, muito familiar e estritamente residencial”. (Jornal correio de manhã<sup>69</sup>)*

<sup>68</sup> Segundo Becker apud Gilberto Velho (1981) desvio social poderia ser definido como uma infração de uma regra grupal.

<sup>69</sup> [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_08&Pesq=%22edif%20c3%20adicio%20rajah%22&pagfis=21931](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_08&Pesq=%22edif%20c3%20adicio%20rajah%22&pagfis=21931)

Dona Rita, no trecho acima, reproduz o mesmo estigma que imputam ao Rajah (atual Solymar) entendendo que seu espaço é melhor e que o outro é que é desordenado, com a “desculpa” de que no Rajah tem família e criança, mas principalmente que é “muito familiar”. No contexto dos anos 1970<sup>70</sup>, talvez poder-se-ia compreender o uso deste pensamento, afinal Dona Rita vivenciou uma educação que foi atravessada por mudanças.

É preciso lembrar que até meados de 1960 a instituição do casamento era bastante valorizada e ocupava um local de centralidade (Singly,2007) depois dos anos 1970, no contexto urbano, de modo geral<sup>71</sup> essa família ainda é pensada sobre a ótica heteronormativa, nuclear, e cristã, ocorre que dos anos 1970 para frente com a introdução do divórcio modifica-se em certos aspectos a centralidade antes proposta, a mulher agora ganha outro espaço, sendo ela muitas vezes o arrimo de família que se torna mais “individualizada” (Singly,2007) embora ainda siga sendo simbolizada enquanto local seguro.

Ao dizer que ali é “um prédio de respeito, muito familiar” a primeira pergunta que surge é, que família ou ainda qual modelo se está falando? O que está sendo acionado ao dizer que o Solymar difere do *200 da Barata Ribeiro, que é de respeito, estritamente residencial*. É claro que existe aqui um apelo a um modelo tradicional, que zela por valores que conduzem a um entendimento de que ser de família ocupa um espaço de status, de moral. Atrela-se a isso o espaço do que não se é, ou nesse caso o que não se quer ser “O 200 da Barata Ribeiro” que para Dona Rita é o espaço da bagunça e do que não é família. A leitura que se pode fazer é que com sua gestão, o edifício passa a ser um local de “prestígio” de

---

<sup>70</sup> Segundo Singly (2007) existe uma mudança no padrão que se aplica sobre a configuração de família na mudança dos anos setenta, principalmente devido à inclusão do divórcio, e de famílias que agora se tornam mais “individualizadas” essa noção de individualidade, estaria próxima da ideia de carreiras que cada membro da família iria começar a perseguir, no sentido de que todos agora teriam suas próprias acepções sobre o que fazer (ainda dentro de uma lógica patriarcal, mas com menos poder atrelado ao -pai- pois agora mulheres também se tornam chefes de família)

<sup>71</sup> Utilizamos “de modo geral” pois desde o Brasil Colônia, existem diversos formatos outros de família, que a depender da localidade no território pode ter um formato diferente, como observa Eni de Mesquita Samara (1983), segundo a autora a história da família no país é repleta de nuances que se modificam a depender da localização geográfica e principalmente temporal, portanto esse modelo - heteronormativo, nuclear, e cristão não é um modelo que se aplique a todo o território brasileiro, ainda que em 1970. Sobre outros formatos de família, ou ainda sobre a história dessa instituição ver ARIÈS, Philippe. *A História da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978; SARTI, Cynthia A. *Família e Individualidade: Um Problema Moderno*. CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). In: *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 2003, pp. 39-49;

“honra” (Fonseca, 2000), nesse sentido de honra corrobora ainda Claudia Fonseca (2000) com seu estudo sobre a comunidade Cachorro-sentado<sup>72</sup> em seu livro “Família, fofoca e honra” dirá que esse espaço da honra é principalmente um local almejado e compartilhado através do que se é dito, ou em outras palavras das fofocas. Se torna um homem honrado aquele que trabalha, sustenta a casa, defende a mulher e exerce poder sobre essa relação.

No Solymar se torna uma pessoa honrada nessa chave analisada por Fonseca e a partir da matéria sobre a Gangue do sexo publicada nos anos 1970 e anos mais tarde (meados de 2000) sobre a destituição de um síndico onde se pode ler “Antigamente eram professores, advogados, jornalistas. Com a eleição do Cardoso, vieram as prostitutas e travestis. Hoje a decadência é total<sup>73</sup>” a mesma relação sobre corpos que não são vistos como “de família”, ser honrado a partir dessas matérias, por exemplo, é não ser apenas um trabalhador, mas ocupar determinadas profissões, não ser apenas uma pessoa que possui uma família, mas possuir uma imagem que não ocupe um espaço lido por estes que proferem as falas como sendo portanto pessoas desviantes, diferentes da norma social ali pensada e exercida posto que virou regra durante um determinado período no prédio a circulação de travestis.

Sobre a moral ilibada da família, quase como uma instituição sagrada, sacraliza-se este sagrado no sentido que prostitutas, travestis, e traficantes são “profanos” e perigosos. Sabemos que o que é profano, perigoso é uma condição determinante da construção do sagrado, porque é na relação de profano e sagrado que se dá a potência do sagrado, como algo a ser alcançado. Um prédio de boa moral, seria, portanto, um local em que famílias pudessem existir sem coexistência de indivíduos que deturpam a imagem estereotipada deste ambiente “familiar”. Se aumentarmos a escala do prédio para o bairro, perceberemos que este também ocupa um espaço de moralidade/imoralidade; sagrado/profano; limpo/sujo, ou seja, as categorias utilizadas dentro do edifício podem ser facilmente levadas a uma escala macro da sociedade, demonstrando o que

---

<sup>72</sup> Importante frisar que essa noção de honra está especificamente atrelada o campo estudado pela autora- Cachorro sentado- nos anos 1980)

<sup>73</sup> Matéria publicada pelo jornal do Brasil em 5/07/2001. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&Pesq=%22edificio%20solymar%22&pagfis=45052](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&Pesq=%22edificio%20solymar%22&pagfis=45052)

pontuamos no primeiro capítulo, que este edifício é antes de tudo uma miniatura da sociedade o qual se está inserido.

Outras reportagens de diferentes anos<sup>74</sup> também acionam esse espaço da família para delimitar quem não é parte da representação do modelo pensado, a título de exemplo o Jornal dos esportes, “Edifício Raja um prédio onde tudo pode acontecer” 07/03/1987 onde em dado momento da matéria lê-se que os demais prédios repudiam o vizinho indesejado. Pode-se perceber pelo exposto acima, que o papel da fofoca tem uma centralidade na construção dos “mitos” sobre o prédio, assim como sobre a moralidade que se almeja ali. Sobre isso, a antropóloga Isla Antonello em sua tese sobre a fofoca no Brasil<sup>75</sup> (2020) dirá que sobretudo as condutas morais e comportamentais do grupo em questão podem influenciar o controle social, no sentido de tangenciar as ações do mesmo. A título de exemplo sobre as “fofocas” o jornal publicou em 1969 matéria onde dizia que ali no edifício existiu um “aparelho comunista”, que abrigava subversivos oponentes à ditadura militar, história digna de filme de cinema com direito a fuga com explosivos.

O último aparelho descoberto era no sétimo andar do edifício Rajah, na praia de Botafogo. A descoberta ocorreu em seguida à localização de outro foco de atividades subversivas atuando no número de 50 da rua Toropt em Vila Cosmos. No edifício Rajah tinha-se como certo que se achava homiziado o capitão Carlos Lamarca, sua companheira e um terceiro subversivo. Mas os policiais não conseguiram surpreendê-los, por que quando a diligência estava em curso, uma emissora de rádio difundiu notícias a esse respeito alertando, com isso, os ocupantes do aparelho. No edifício Rajah os agentes policiais estavam com a vida em risco, pois ali os aguardavam prontos para explodirem, quando ligada a luz duas bombas fabricadas com lâmpadas e colocadas nos respectivos receptáculos. Os policiais escaparam graças aos conhecimentos obtidos em aulas especiais, sobre a maneira de evitar os petardos camuflados em lâmpadas, e outros a maneira vietcong.” (O Jornal, 13/12/1969)<sup>76</sup>

É interessante notar que a “fama” de um espaço está diretamente ligada a sua <sup>8</sup>comercialização, percebe-se, que o espaço é antes de tudo imaginário e compramos uma ideia sobre ele, e isso diz respeito não apenas a uma fama

<sup>74</sup> Conforme excel apresentado no correr deste capítulo sobre algumas matérias relativas ao edifício.

<sup>75</sup> Brito, Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Estrutura e liminar idade: um estudo sobre a fofoca no Brasil / Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra Brito; orientador: Roberto Augusto DaMatta. – 2020

<sup>76</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_06&pesq=%22edi f%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=80058](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22edi f%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=80058)

negativa, mas a idealização de um espaço reflete diretamente em sua negociação final. As fofocas que circulam no prédio e sobre o prédio, incidem diretamente no valor final deste, que durante muitos anos, como se percebe através do diário de campo (entrevistas abordadas no capítulo anterior) e através do jornal, corroborou para a construção de um medo sobre o espaço.

Desde o início da construção deste edifício foi possível notar como a região da zona sul é fundante na produção do valor do espaço. Considerando que o espaço é uma reprodução de poder e principalmente uma consequência das relações entre capital e consumo. Neste sentido, a zona sul apresenta um valor intrínseco reforçado pela sua localização estratégica (que pode ser medida pela quantidade de transporte público e demais acessos, por exemplo) o que a torna um dos principais pólos econômicos da cidade. Como resultado, o valor do espaço nessa região é cada vez mais alto, impactando diretamente na vida das pessoas que ali vivem e trabalham.

Entretanto, com as recorrentes notícias veiculadas nos jornais, o prédio Rajah (atual Solymar) que fica localizado na zona sul, torna-se um espaço de entremeio, um local de passagem que é bom devido a sua localização, porém ruim quando questões de segurança são pontuadas. Se na década de setenta existiu uma “dona Rita” que questionava a origem e profissão dos inquilinos, o que notei durante a pesquisa de campo é que essa busca por uma “moral” ainda faz parte da narrativa do prédio.

Outro “conceito” que surge dentro das notícias sobre o edifício e cortam os anos é sobre a noção de violência, que pode agora ser observada por diferentes óticas, existe é claro uma relação de conflito, hora entre moradores, como noticiado em 1987 através do Jornal dos Sports na matéria “Edifício Rajah um prédio onde tudo pode acontecer” entre várias questões abordadas pela notícia a relação entre os dejetos (guimba de cigarro, sujeira, cuspe) lançados pela janela incomoda não apenas os moradores mas também os demais prédios que “preferem ignorar o vizinho indesejado<sup>77</sup>” hora entre moradores e síndico, como foi publicado através No Jornal do Brasil – RJ- 23 de outubro de 1984 com a matéria intitulada “Fogo abre guerra no antigo edifício Rajah” os moradores culpam a

---

<sup>77</sup>Matéria disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518\\_05&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20198&pagfis=41176](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_05&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20198&pagfis=41176)

administração do prédio pelos problemas estruturais enfrentados e em especial pela má gestão do síndico da época, a relação com o síndico aparece ainda em outras matérias como, por exemplo, nos anos 2000, quando ocorreu um abaixo assinado no edifício para destituir um síndico que segundo relata a notícia do jornal<sup>78</sup>

Outro exemplo está na relação com os e outros prédios do entorno para com o Solymar ou ainda da violência que se atribui em formato de fofocas a respeito do que “potencialmente” ocorre naquele espaço. Fato é que, de diferentes formas, a ideia de violência é acionada no ambiente. É importante ressaltar que tal conceito não é um simples fato ou ainda que exista dentro das ciências sociais um comum acordo sobre o mesmo.

Dentro do diário de campo gostaria de trazer um trecho em que conversei com uma profissional que trabalhou atendendo uma diligência no prédio, em 2015. Ela teve o primeiro contato com a “realidade” do edifício e contou que para realizar a visita solicitou a companhia de um colega de profissão, pois existia da parte dela, muito provavelmente influenciada por essas lendas, um medo muito grande sobre aquele espaço. As histórias sobre o edifício eram famosas, me disse ela:

*“Fomos atender uma diligência sobre uma idosa, chegando lá na administração o funcionário disse que não tinha ninguém com aquele nome, assim como quem quer meio que se livrar logo do problema sabe? Mas, a gente precisava pelo menos bater na porta, ver se por acaso não era alguém com nome diferente, ou se ela não tinha falecido. Daí ele foi conosco, porque aquilo ali é um labirinto né e no caminho esse funcionário foi contando o número de apartamentos e andares que tinham ali, e disse que antes de ser esse novo síndico os corredores eram muito grandes, e aconteceu uma reforma grande para diminuir o tamanho dos corredores por que tinham até pegadas de moto.”* (Entrevista realizada com uma Assistente social, aproximadamente 40 anos)

Ainda assim, consideramos importante frisar que diversas vezes durante o período do campo (dentro e fora do prédio), presenciei pessoas comentando que aquele ambiente não era tão seguro, que estavam ali só de passagem, e aos que não moravam no edifício era comum ouvir que o prédio para além de perigoso era violento. Com aqueles que nunca moraram no prédio e tinha a oportunidade de

78

Matéria disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&pesq=%22edificio%20solymar%22&pasta=ano%202000&pagfis=45032](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=%22edificio%20solymar%22&pasta=ano%202000&pagfis=45032)

compreender mais sobre essa violência, as respostas acompanhavam a frase “você não sabe a fama daquele prédio” “a quantidade de história que tem ali, é surreal”, mas que de fato eram “reais” ou quais faziam parte deste constructo que eu enquanto moradora daquele edifício não encontrei. Vale lembrar que no período em me morei no edifício, não me senti insegura, ou com medo.

## 5.6 Em busca de um nome: uma nova roupa para o edifício.

Para acabar com a má fama do imóvel foi realizada conforme mostramos na notícia sobre a campanha de troca do nome do edifício pelo síndico da época para Edifício Santa Terezinha, nome este que inclusive não encontramos qualquer menção nas notícias, tampouco entre o campo tal conhecimento a despeito deste nome.

Segundo a Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992) em sua tese “Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos” Os topônimos podem ser classificados em natureza física e natureza antroponímica, posto que, a referência a lugares pode ser tanto geográfica quanto simbólica, o que de certo modo se comunica com a formação de Anderson sobre a nação, no sentido de que está também pode ser localizada geográfica ou simbolicamente, chamamos atenção de Anderson aqui, pois para além do nome o espaço do prédio em si, pode ser entendido enquanto uma comunidade, possuindo diacríticos lidos pelos porteiros sobre quem é estabelecido e quem é outsider (Elias, Norbert, 2000). De acordo com Dick <sup>79</sup> Os nomes dos lugares topônimos são acima de tudo

---

<sup>79</sup> Sobre as classificações de Dick(1992): A – Taxionomias de natureza física: Astrotopônimos – referentes aos corpos celestes; Cardinotopônimos – relativos às posições geográficas; Cromotopônimos – referentes à escala cromática; Dimensiotopônimos – referentes à dimensão dos acidentes geográficos (extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade; Fitotopônimos – de índole vegetal; Geomorfotopônimos – relativo às formas topográficas, (elevações – montanha, monte, morro, colina, coxilha; depressões do terreno – vale, baixada; formações litorâneas – costa, cabo, angra, ilha, porto); Hidrotopônimos – resultantes de acidentes hidrográficos, (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz); Litotopônimos – os de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro); Meteorotopônimos – relativos a fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve); Morfotopônimos – os que refletem o sentido de forma geométrica; Zootopônimos – relativos a animal (doméstico e não doméstico). B – TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL: Animotopônimos – referentes à vida psíquica e à cultura espiritual não pertencentes à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio); Antropotopônimos – os referentes aos nomes próprios individuais (prenome, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família, prenome + apelido de família); Axiotopônimos – relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais; Corotopônimos – referentes a nomes de cidades, países, Estados, regiões e

documentos que traduzem e expressam a cultura e aspectos sociais. É interessante pensar dentro deste universo de prédios de má fama, como no Rio de Janeiro se buscou solucionar o “problema” da fama, alterando o nome, diferente de São Paulo que demoliu o edifício São Vito, por exemplo, e muito embora o tenha feito, ou seja, alterado o nome do edifício de Rajah para Solymar, o mesmo segue sendo conhecido por Rajah, assim como o edifício Richard em Copacabana é conhecido por 200 da barata Ribeiro, o que se percebe na cidade do Rio de Janeiro é a apropriação do “apelido” em detrimento do nome “real”, vide o Estádio Jornalista Mário Filho mais conhecido por Maracanã o “Maraca”; o parque Brigadeiro Eduardo Gomes, popularmente conhecido por Aterro do Flamengo ou o posto seis de Copacabana, que é assim conhecido por moradores e locais, mas que não possui uma demarcação física, como ocorre nos demais postos ao longo da praia que o identifique como posto seis, ou seja, existe uma apropriação do lugar a partir da construção social que este ocupa.

Muitas vezes nomeamos um espaço (rua/ praça) em função de uma personalidade ou “item” que para aquele grupo social representa um aspecto histórico importante e assim sendo é correto afirmar que os nomes dos edifícios não são ausentes de significado. Corrobora com tal questão Biderman 1998:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (BIDERMAN, 1998, p. 11)

Ao conversar com os moradores, poucos sabiam me informar sobre o ano em que o prédio foi fundado ou ao menos em que ano ele mudou de nome, exceto por uma entrevistada que presenciou a mudança, mas ainda assim não sabe ao certo o ano em que isso ocorreu. Conforme observamos no capítulo anterior, cada

---

continentes; Cronotopônimos – encerram indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha nos topônimos; Dirrematopônimos – os constituídos por frases enunciados; Ecotopônimos – relativos às habitações; Ergotopônimos – referentes aos elementos da cultura material; Etnotopônimos – relativos aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas); Hierotopônimos – relativos a nomes sagrados de crenças diversas (cristã, hebraica), a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto, com subdivisões em Hagiotopônimos (nomes de santos/santas do hagiológico romano) e Mitotopônimos (entidades mitológicas); Historiotopônimos – relativos aos movimentos de cunho histórico-social, a seus membros e às datas comemorativas; Hodotopônimos – referentes às vias de comunicação rural ou urbana; Numerotopônimos – relativos aos adjetivos numerais; Poliotopônimos – constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; Sociotopônimos – os relativos às atividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade (largo, praça); Somatotopônimos – os relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do anima A classificação taxionômica de Dick (1992, p. 31- 34)

morador para além de sua história pessoal, tem algo a dizer sobre o edifício, seja de modo positivo ou não. Benedict Anderson em Comunidades Imaginárias diz que uma nação é para além do que se lembra, aquilo que se decide em conjunto esquecer, aparentemente neste edifício, as “lendas urbanas” apagaram da memória, dos moradores e mesmo dos demais interlocutores desta pesquisa esse momento em que o prédio muda de nome

Na mesma época era comum que pessoas com poder aquisitivo inferior optarem por viver em cortiços, que eram antigos casarões insalubres que eram alugados a preços abusivos para todos os tipos de pessoas, famílias, trabalhadores autônomos, garotas de programa e outros marginalizados considerados a escória da sociedade.

Com a criação de leis que proibiam e estimulavam a destruição dessas moradias, o público de moradores do Rajah mudou e o edifício foi comparado a um “cortiço de concreto”. Porém, menos vantajoso de se viver devido ao espaço reduzido, problemas de infraestrutura e os moradores barulhentos. Enquanto os moradores do edifício colocavam em seus anúncios o destaque para a excelente localização, a praticidade de residir em um prédio em frente a praia, as notícias de jornal salientaram o que havia de pior e chegaram a chamar o prédio de “inferno de frente para o mar”, o que só reforçava o imaginário da população de leitores.

Havia tanta mística ao redor do edifício (vide reportagens no correr deste capítulo) que as pessoas sentiam vergonha de dizer que moravam lá, e isso perpétua até os dias de atuais, segundo percebemos na pesquisa de campo. Abaixo imagem contendo os resumos das notícias de jornal datadas entre os anos 1970-1980 e 1980-1990 sobre o edifício.

Planilha de Excel 2. Notícias de 1977 a 1986

Anos 70-80		
Ano	Notícia	Principais pontos da notícia.
1977 Jornal tribuna da imprensa	Mau Comportamento - séquito de viralatas	Moradores fazem abaixo assinado contra um morador do edifício.

1970? Jornal correio do amanhã	Dona Rita contra a gang do sexo	Síndica cria re Para acabar co Má fama do pr
1979 Diário de Natal	A difícil tarefa de dividir responsabilidades e direitos.	Segundo um dos porteiros do edifício Solimar " é uma mistura de prédio pandeiro e surdo, pois tanto apanha quando sacoleja. Fala sobre a dificuldade de administrar um prédio com tamanha fama e número de moradores.

Fonte: Elaborado a partir de matérias de jornal pela autora.

### Planilha de Excel 3. Notícias de 1980 a 1986

Anos 80-90		
Ano	Noticia	Principais pontos da notícia.
1980- Jornal do Comercio.	Leilão Judicial	Sala conjugada, quarto, banheiro e Kitnet a venda
1984- Jornal do Brasil	Fogo abre guerra interna no antigo Edifício Raja	Incêndio no elevador durante a madrugada revoltou os moradores, que se iniciaram um movimento contra o síndico. Corrupção
1985 - Jornal do Brasil	Leilão	Leilão de dois apartamentos no edifício
1986 - Jornal do Brasil	Rachaduras no Rajá apavoram moradores	Os moradores entraram em pânico ao observarem as rachaduras do tradicional edifício raja aumentarem de tamanho. Culpam o síndico por não se interessar pelo prédio que construído a mais de 40 anos

		nunca sofreu de qualquer reforma.
1987- Jornal do Brasil	O pecado mora do lado	Dramas, amor, e corrupção no edifício.
1987- Jornal dos sports	Edifício Rajah, um prédio onde tudo pode acontecer.	Uma verdadeira comunidade tamanha o número grande de moradores, <b>o prédio carrega a fama de um espaço onde pode acontecer de tudo.</b> Tragédias, crimes passionais, ameaças de desabamento, brigas de vizinhos e casos de polícia, diariamente enfim uma cidade miniatura. <b>Tentaram até mudar o nome do prédio, mas a fama continuou.</b>
1989 - Jornal do Brasil	Pouco espaço e muita divergência	Veto da Câmara à construção de novas quitinetes ressuscita antiga polêmica.
1986 - Tribuna da Imprensa	Denúncia: Administradoras estão roubando inquilinos	O drama do edifício Rajah: taxas ilegais, inseguranças e ameaças. "Pagamos taxas extras à Cedae para garantir o abastecimento de água, e a mais de um ano temos problemas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da hemeroteca digital.

## Anos 2000

Nos anos 2000 o edifício se divide nas páginas de jornal com matérias que dizem respeito a violência presente naquele espaço, e também diz sobre a destituição de um síndico, que segundo apontou o Jornal do Brasil<sup>80</sup> (2001) a notícia ocupou a primeira capa do jornal, com a seguinte chamada: Moradores protestaram contra a favelização do edifício Rajah, na Praia de Botafogo Rajah

<sup>80</sup> Jornal do Brasil, edição 0087, capa e página 18. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&pesq=%22edifício%20solymar%22&pasta=ano%202000&pagfis=45032](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=%22edifício%20solymar%22&pasta=ano%202000&pagfis=45032)

destituiu Cardoso Abandono e violência levou moradores a expulsar síndico após 22 anos.

Na página 18<sup>81</sup>, sobre cidade, deste mesmo jornal a matéria ocupa todo o espaço, são quatro matérias debatidas nesta página (iremos enumerar as matérias de um a quatro) todas sobre o edifício Rajah a partir de diferentes aspectos. A primeira matéria, encontra-se ao lado de duas fotos a mais próxima do texto é uma imagem das janelas do edifício, e logo abaixo desta o título da foto é “A fachada do edifício Solymar esconde histórias de tráfico, prostituição e morte”; a segunda foto é composta por um grupo em que é possível ver um grupo de pessoas 7 pessoas (quatro adultos e três crianças) trajando bermudas a camisetas, um homem mais à direita da foto aparentemente está segurando uma bandeira do Brasil e o homem no centro da imagem está com um bebê no colo, abaixo desta imagem na legenda “ Moradores protestam contra o síndico Cardoso, há 22 anos no cargo”.

A segunda matéria “Solidão em 20 metros quadrados” está logo abaixo da imagem da fachada do prédio, e ao lado desta a foto de uma senhora frente a um espelho segurando um guarda-chuva com a mão direita enquanto com a esquerda escova os dentes compõem a terceira imagem desta página. Na legenda lê-se “Por causa das goteiras. Gilda usa guarda-chuva para escovar os dentes”. Logo abaixo desta imagem tem-se a terceira matéria “Prédio barato com fama de pardieiro” e ao lado desta já próximo ao final da página a última matéria “Casa de vila longe da confusão” com uma quarta imagem, em que aparentemente azulejos quebrados e lixos compõem a cena, na legenda “A área de serviço está coberta de lixo”.

No capítulo anterior mencionamos sobre a morte de um vizinho e como isso influenciou na “socialização” por uma rede de fofocas perceba que eu só fiquei sabendo do ocorrido, pois antes mesmo de entrar em casa, fui abordada pela moradora que me comunicou o ocorrido. Retomemos outro ponto do caderno de campo sobre este dia:

*A você não sabe, ele morreu, só descobriram porque estava um cheiro horrível, e ninguém sabia do que era. Os meninos lá da portaria subiram e abriram ali o olho mágico, e viram ele morto no sofá.*

---

<sup>81</sup> O motivo de descrever essa página de jornal e não colocar a imagem se deu em razão dos direitos autorais, posto que ainda que para fins acadêmicos haveria um custo.

*Fiquei curiosa sobre como o corpo foi retirado do apartamento, pois muito embora fossemos vizinho de porta, ele era um vizinho muito silencioso, exceto pelas noites acompanhadas de tosse, será que algum familiar havia aparecido? Tiveram que chamar os bombeiros e a polícia, porque pelo que parece ele não tem filhos nem esposa, daí subiram e parece que mexeram na sua janela*

Eu ainda com a chave na porta, coloco a mochila no chão, a sequência de quase todos os fatos me é dito por ela.

*O corpo estava enorme, faziam dias que ele estava morto, o corpo tava dando dois do meu, você lembra dele? Sabe estou até agora chocada, morreu sozinho né. Olha se você quiser dormir aqui, pode dormir tá, eu mesmo não dormi direito ontem, a gente fica meio chocada né, eu tenho a minha cachorra, e ligo todo dia pra todo mundo. Morrer sozinho, que triste.*

Sua questão girava sempre em torno do tamanho que o corpo tinha ficado e do fato dele ter falecido sozinho sem que ninguém notasse sua ausência. Devido ao cheiro que ficou no apartamento, deixaram a janela aberta. Quando finalmente entrei no meu apartamento, fui olhar como tinha ficado a minha janela, e percebi que deixaram a casa dele com a luz acesa. Enquanto cientistas devemos, observar e “racionalizar” esses momentos, afinal antropologia da morte é um assunto bastante estudado, porém foi a janela dele fazer o primeiro ranger que eu não pensei duas vezes, arrumei minha mochila e fui dormir na casa de uma amiga. Saindo de casa, outras vizinhas comentam sobre a morte. O assunto virou o “assunto da vez”.

No outro dia pela manhã, voltei ao meu apartamento, o cheiro ainda estava muito forte, perguntei a algumas pessoas como diminuir o cheiro. Fui descobrindo várias leis sobre essa questão. Munida de papéis, coragem, um travesseiro e minha mochila, fui até a administração perguntar o que poderia ser feito quanto aquele problema. Me foi dito que tentaram contato com a família. Perguntei sobre o síndico, pois gostaria de questioná-lo também sobre o que poderia ser feito. Mas me foi dito que ele estava ocupado (e que não morava ali no prédio). Passei o dia ali na administração, até que me garantiram que a família iria mais tarde para resolver a situação. Já era de noite quando chegou acompanhado pelos seguranças e porteiros do prédio um casal, só descobri, pois, eram fortes as batidas na porta, eles estavam arrombando a porta.

Fui para o corredor, não entrei no apartamento do meu vizinho, mas me solidarizei com a perda de um ente familiar. Os porteiros ficaram no corredor

aguardando que os familiares resolvessem as coisas dentro do apartamento, ficamos conversando sobre a morte do vizinho. O porteiro com quem eu estava conversando tinha sido o mesmo que entrou no apartamento no primeiro dia:

*E aí vai voltar pra sua casa?*

*Não, o cheiro ainda está muito forte e eu sou medrosa.*

*I, mas hoje nem está tão ruim no dia que entramos nossa, estava muito ruim de verdade, o corpo dele tava enorme, o pessoal me contou que ele era magro né, nossa não consigo lembrar dele. Só sei que ele estava sentado no sofá, o olho dele já estava pra fora assim sabe (e me mostra com gestos) tinha uma poça de sangue perto, já devia ter eram dias que ele tinha morrido.*

Minha cara é de medo com toda certeza, e eu após esse relato insisto que ali, naquela noite eu não iria dormir.

Sentado no degrau da escada, mexendo no celular ele dá uma risada de canto de boca e diz: “Moça a gente tem que ter medo e dos vivos, esse aí é um pobre coitado, e já foi”.

Outro porteiro está em pé do meu lado, participando da conversa e emenda dizendo: *Têm muita gente sozinha aqui nesse prédio, isso é normal, são pelo menos uns 3 por ano, não é mesmo? pergunta ao segurança.*

Ainda olhando no celular ele diz, é deve ser isso mesmo, e começa a me contar sobre as outras mortes que ocorreram por ali nesse semestre.

*Teve a esposa do (cita o nome) que morreu foi o que, semana passada? A e teve também aquela senhora do andar 10 acho que foi mês passado. Morrer faz parte.*

Eu continuo curiosa sobre como o prédio lida com todos esses idosos morando sozinhos, o que acontece quando não tem família nenhuma para entrar em contato, sobre esse assunto ele (o segurança) me diz

*É isso mesmo né, a gente chega nessa vida com nada, e vai embora carregando nada. Esse homem aí que morreu, ninguém nunca nem viu ele direito, agora a família tá lá dentro procurando documentos, você acha que eles estão limpando? tão nada.*

Aparece outra vizinha, ela vendo a porta dele aberta pergunta se apareceu algum familiar, respondemos que sim, outra vizinha abre a porta, agora somos alguns no corredor estreito.

*Eu vou lá, dizer que gostava muito dele. E caminha até a entrada da porta*

*A outra vizinha diz: Conhecida nada quer é ver o que tem lá.*

O que eu percebo é que a questão que tocou mesmo o segurança, que aparentemente não liga para o fato de o sujeito ter morrido, é justamente a questão

que uma vizinha chamou atenção: morrer sozinho, e não ter visitas familiares. Gostaria de retomar a notícia de jornal que diz respeito à solidão em vinte metros quadrados. A metrópole, em específico a cidade do Rio de Janeiro, contou com uma massiva chegada de migrantes e imigrantes durante seu trajeto histórico, sabemos que dentro dos fluxos migratórios não é apenas o corpo que está saindo de um ambiente e caminhando para um novo, a pessoa leva consigo hábitos, gostos e experiências. Chegar na “cidade grande” em busca de trabalho foi e ainda é a realidade de muitos brasileiros, vide os trecheiros, por exemplo, que migram conforme as obras, e se instalam próximo aos ambientes laborais. Durante o trabalho de mestrado (Mesquita, 2018) pode-se perceber que é comum os grupos migrantes chegarem a um novo endereço, procurarem estabelecer traços de amizade ou solidariedade, o que configura uma rede de apoio para aqueles que chegam. Essa se estende, em cidades do interior, mais especificamente em cultura de solidariedade zonas rurais, entendemos essa noção de solidariedade como um movimento que aproxima as pessoas que passam a ter conhecimento não apenas do nome, mas dos gostos, quiçá muitas vezes da agenda. Não é, portanto, incomum em determinadas cidades conhecer uma determinada rua, pois é ali que mora a dona Maria, da terceira casa, que é mãe de Heitor, rapaz que vende frutas no supermercado de Ignácio. Claro, que este exemplo é apenas para reforçar uma ideia de que existe mapa mental criado a partir das relações que se estabelecem na cidade, antes mesmo de saber o nome da rua se conhece quem nela mora ou trabalha. O que estamos tentando demonstrar com isso é que, existe um "estilo" de vida no campo que não migra totalmente para a cidade (Raymond Willians, 1990)

A metrópole, no que lhe concerne, dita um novo ritmo e novas regras, ritmo este que vai se modificando com o passar do tempo, vide a modernização do transporte público, o acesso a informações e a cultura do tempo é dinheiro que imprime velocidade na rua e na circulação de pessoas<sup>82</sup> promovendo o encontro com diversos anônimos, que se cruzam entre avenidas e calçadas.

A grande quantidade de pessoas nas ruas da cidade acaba por criar um ambiente de anonimato, onde as pessoas se cruzam, mas não se conhecem. Esse anonimato pode ser uma forma de liberdade, já que as pessoas podem se movimentar sem serem reconhecidas, mas também pode criar uma sensação de

---

<sup>82</sup> Em 2020 segundo dados da data rio, na cidade do Rio de Janeiro residiam aproximadamente 6.775,561 milhões.

isolamento, já que as pessoas ficam cada vez mais solitárias “a solidão em vinte metros quadrados” em meio ao grande número de pessoas “a solidão em vinte metros quadrados”.

O prédio, como já demonstramos em capítulos anteriores, possui uma característica que confunde Privado com privado, sendo o primeiro (com p maiúsculo) o espaço interno do domicílio, mais íntimo e conseqüentemente mais seguro, e o segundo (com p minúsculo) o corredor do edifício por exemplo que embora não seja público, simultaneamente é. Em outras palavras o prédio, pode ser lido como uma cidade, mas não qualquer modelo de cidade, ele é em si uma “cidade metrópole” ou seja, ela é um espaço propício para o anonimato, um local em que se conhece a pessoa, mas não sua identidade, como foi o caso do vizinho que faleceu, mas que ninguém sabia seu nome, ou ainda, das pessoas que durante o evento do incêndio diziam sobre aqueles que não estavam encontrando e quando iam explicar ao bombeiro, não diziam seus nomes, mas davam suas características físicas, não para facilitar o encontro visual mas pelo desconhecimento do nome alheio.

A metrópole, portanto, é um espaço que permite o anonimato, mas seria ele fruto da modernidade ou apenas uma característica da privacidade, que se almeja na ideia de segurança?

### **5.7 Comentários retirados do Facebook**

A última notícia que encontramos nos jornais offline sobre o edifício foi do ano de 2011 no jornal do commercio na sessão de leilões. A matéria dizia sobre um processo de cobrança movida pelo condomínio do Edifício Solymar, algo presenciado desde o início das reportagens sobre o local. Não temos por intuito copiar e colar os prints das páginas onde pessoas comentaram na rede social - Facebook- entendendo que ainda que o tenham feito em um ambiente “público” não o fizeram para ser republicado em uma tese, o que, portanto, afetaria o anonimato de cada um.

De todo modo consideramos interessante trazer de alguma forma o conteúdo dos comentários a fim de demonstrar como ainda repercute em redes sociais o estigma de perigoso, ocorre que diferente dos jornais, a rede social

permite uma interação mais "rápida" entre os internautas, logo, um comentário terá potencialmente muito mais alcance do que uma matéria publicada no jornal. Durante o período em que morei no edifício mantive um diário de campo, e quando iniciei a escrita da tese também, considere importante deixar registrado o meu caminhar enquanto pesquisadora, abaixo o trecho sobre os comentários do Facebook.

*“Essa semana voltei a pesquisar sobre o prédio na internet, a maioria dos sites tem notícias que datam dos anos 2000, são notícias com mais de vinte anos. Me inscrevi em um grupo de alugueis através do Facebook, a inclusão no grupo pressupõe respeito às regras, procurei alguma coisa referente ao Rajah, encontrei um comentário datado de 2016, a pessoa em questão dizia que muito embora o edifício fosse um espaço estigmatizado e alvo de constantes apontamentos sobre problemas, nunca tinha ficado presa no elevador, algo que ocorreu em outro prédio, localizado em uma região nobre da cidade, por mais de três horas. O comentário recebeu 14 respostas e dois compartilhamentos, a grande maioria mencionava que problemas com elevador são comuns, que o espaço realmente estava passando por. Procurei por Solymar, e encontrei uma notícia do ano de 2018, um jovem morador de uma cidade fora do Rio de Janeiro o chamaremos de “Lobato”, estava buscando informações a respeito de alugueis e colocou em outro grupo, diferente do anterior, mas também sobre alugueis, se alguém conhecia alguma coisa sobre o edifício Solymar, o comentário recebeu 144 respostas e 15 compartilhamentos. Lobato mencionou o valor que encontrou através da OLX (mil reais mais taxas, o que iria girar em torno de mil e seiscentos reais) os comentários seguiram em tom de surpresa, um, no entanto recebeu mais de vinte curtidas, neste a pessoa dizia que estariam gourmetizando o Rajah, ao cobrarem tal preço, afinal, ali não era “lá essas coisas”, Pessoas diziam nunca ter morado, mas ainda assim sabiam que ali era perigoso, com uma péssima fama. Outros diziam sobre uma fama presa ao passado, que atualmente não tinha nada de ruim. A frase “ouvi falar” aparece repetidas vezes nos comentários. Prostituição, agiotagem, vizinhos “diferentes”; palavras que se repetem nos comentários negativos sobre o ambiente ao passo que: segurança, passado, obras, e principalmente ser morador aparecem nos comentários positivos. Sobre este último, os comentários positivos, tendem a se mostrar como defensores do espaço, delimitando os comentários negativos como não conhecedores da realidade, ou produtores de fake News apegados ao passado. Existem ainda comentários que refletem outra postura, nem contra, nem a favor, são os comentários: “ver para crer”. Segundo essas pessoas não existe nenhum espaço perfeito, e muito embora o prédio tenha passado por potenciais obras não tem como dizerem se ali é bom ou ruim, que isso vai depender da experiência de Lobato, e que apenas ele poderá saber, portanto, cabe a ele ir até o prédio e “sentir a vibração do lugar” (Diário de campo, 2021)*

O que podemos notar a partir do caderno de campo acima é que diferente do jornal, na mídia social houve uma troca maior de informações entre ex moradores, potenciais moradores e pessoas que nunca sequer entraram no edifício. É interessante notar que entre os que já moraram, existem aqueles que defendem o espaço, dizendo que ali é seguro e aqueles que dizem o completo oposto, refletindo exclusivamente a experiência de morar. Entretanto, a fama do local

segue no cotidiano sendo demonstrada nos comentários que dizem “nunca fui, mas ouvi dizer”, às atividades que ocorreram no passado, e foram manchetes de jornal segue alertando a potenciais novos moradores dos “potenciais” perigos que os aguardam neste edifício. Nos interessou o comentário que diz que “é um absurdo estarem gourmetizando o Rajah”.

A gourmetização traduz uma premissa de algo repaginado, que congrega “vintage” com sofisticação. A título de exemplo, quando no capítulo anterior trouxemos o apartamento “instagramável” de Solange (aproximadamente 35 anos) a moradora descreveu seu espaço coma arrojado e novo, ainda que o prédio seja antigo, segundo ela, ali tudo é moderno, da porta para dentro é tudo “clean”. No entanto, no comentário do Facebook, o tom é de algo quase absurdo, a gourmetização aqui não está associada a algo positivo, mas sim a uma premissa negativa, de um espaço que está sendo super valorizado. A pessoa em questão (que fez o comentário) quando questionada se já teria entrado no edifício ou se já havia morado lá por outro internauta, respondeu que não precisava, pois conhecia a fama do local.

A fama nem sempre positiva precede a realidade do que é de fato morar no edifício, algumas vezes nem os próprios moradores reconhecem que a fala é direcionada ao seu local de moradia, como no comentário de uma internauta que diz ter se mudado para o edifício sabendo que na orla existia um prédio famoso, mas que só foi descobrir que o prédio em questão era o seu, semanas mais tarde, ao perceber que Solymer era o antigo Rajah. Essa internauta conclui seu comentário dizendo que, a maioria das coisas que dizem a respeito do edifício são fake News, coisas de um passado distante que hoje é outra coisa. A diferenciação entre os blocos também é visível entre os comentários, outra pessoa em dado momento da interação com o post sobre o prédio diz que mora no bloco “c” e que “ouviu dizerem que aquele é o melhorzinho” segundo essa internauta o seu bloco e calmo, possui corredores menores e principalmente é “super silencioso”.

Sobre os moradores “de má fama” ou como diria Velho “desviantes” diversos comentários mencionam que pode até estar tendo uma reforma, mas dificilmente você poderá mudar a profissão do seu vizinho, esse comentário estava localizado logo abaixo de outro que dizia sobre um passado em que “prostitutas e traficantes circulavam pelo prédio”. Durante a leitura dos comentários, encontrei diversas vezes internautas que rompiam com os

comentários negativos, lembrando que atualmente o prédio é um espaço moralizado, diferente, com segurança, câmeras, e principalmente que vem sendo realizado reformas dentro e fora do mesmo.

Os estudos sobre a cidade dirão que ela é o produto do crescimento e não da criação instantânea” (Wirth, 1976.pp 91) o edifício como podemos perceber através das diferentes vozes é um constructo heterogêneo, que reflete aspectos da cidade dentro de suas paredes. Perceba que, um espaço quando produzido com intuito de moradia, não está diretamente ligado ao que irão dizer sobre ele. Neste sentido, o concreto e areia despendidos na produção de um edifício jamais poderá conhecer durante a produção o que em alguns anos se transforma ou ainda, os fins e usos que cada um ali morando dará ao seu espaço. Wirth dirá ainda sobre a cidade que está se caracteriza por indivíduos socialmente heterogêneos. Retomemos aqui, o proposto no primeiro capítulo, ou seja, de que este prédio pode ser lido como um microcosmos da cidade, no entanto perceba que ele não é uma cidade em si, não é um espelho que reproduz a imagem da cidade, mas é uma projeção e consequência do que a cidade produz. O que se tornou possível observar através da fala dos moradores e do entorno composto pelos recortes de jornal e comentários da internet.

Existe dentro do edifício um conjunto de regras que faz sentido, especificamente aquele espaço, assim como é também em uma cidade que elabora suas regras e códigos a depender da necessidade, que vai sendo construído no decorrer dos anos. Tal qual em uma cidade que se movimenta sendo viva, entre fluxos, idas e vindas, assim também é o prédio, com seus 707 apartamentos, onde os nomes se perdem entre corredores e andares, “se caracterizando mais por contatos secundários do que primários que se demonstram superficiais, transitórios e segmentares” (Wirth, 1976 pp.96)

Mas é ali também um espaço do Privado, da casa, do íntimo, do que é seguro, daquilo que é desconhecido e muitas vezes superficial. O prédio é em si um “organismo vivo” que possui identidade, histórias, fama e principalmente memória. Dirá Roberto Da Matta:

"Quando falamos da “casa”, não estamos nos referindo simplesmente a um local onde dormimos, comemos ou que usamos para estar abrigados do vento, do frio, ou da chuva. Mas - isto sim- estamos nos referindo a um espaço profundamente totalizado numa forte moral. “Não se trata de um físico, mas de um lugar moral; esfera onde nós realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo

físico, e também uma dimensão moral e social. (DaMatta, 2001, O que faz o Brasil, Brasil? pp 24)

Logo o que se pode observar através do campo, investigação de jornal e comentários do Facebook é que, cada unidade habitacional deste espaço entenderá de maneira única e singular o que ele é, para alguns ali será um lar, local de segurança, para outros é apenas um ponto para dormir e estar próximo do trabalho, para outros ele é uma “marca” na orla de botafogo e representa tudo o que não deveria existir ali, ou seja, ele congrega corpos que são lidos como desviantes que fizeram ou fazem atividades tidas como "impróprias" é um espaço da família, e da moral, ainda que muitas vezes essas duas sejam colocadas porta a porta. É um espaço onde se misturam e se torna quase impossível determinar um padrão de comportamento e pertencimento, tendo em vista que a estrutura posta não permite uma definição de moradores, frequentadores ou até mesmo prestadores de serviços, ele é, portanto, um mosaico social à luz do concreto que forma o prédio.

## 6. Considerações Finais: Terceiro andar: Saída inevitabilidades do fim.

Nas considerações finais retomaremos as motivações e o trajeto que percorremos até aqui. Começaremos pelos questionamentos, nossos e dos outros, que ecoaram em nossos ouvidos e nos nossos pensamentos.

Você ainda mora naquele prédio, precisa sair de lá hein? Em que consiste um edifício? Como projetar quais tipos de atividades as pessoas irão realizar em um determinado espaço, seria possível tal façanha? O que define uma casa, um lar ou um espaço de passagem?

Diversas foram as motivações que me fizeram querer estudar o edifício Solymar, desde o início em 2016 quando me mudei para o prédio o considerava antes de tudo um espaço de mudança, ele representava a minha mudança do mestrado para outro momento da vida, o de ir morar com alguém. Mas antes mesmo que pudesse decorar os meus vinte e poucos metros quadrados fui surpreendida com olhares e reações que gradualmente iam me revelando histórias de um estado entendido por tais olhares como perigoso e imoral.

O edifício Solymar, objeto de estudo desta tese, sofreu no correr das últimas décadas, diversos tipos de agressões, o prédio que era considerado parte dos “edifícios fantasmas” entregues aos moradores sem ter água corrente, quiçá antes mesmo de possuir moradores em todas as unidades, já tinha diversas alcunhas, e nenhuma delas positivas. No entanto, como reforça Joana Silva (2013) o prédio de quitinetes é uma importante virada nos padrões de consumo, e não apenas de moradia. Um prédio como Solymar é reflexo da modernidade, afinal, por ter pouca metragem cabe ao espaço externo, da rua, do público tudo aquilo que os vinte metros quadrados não conseguem oferecer, bem como espaços de lazer, serviços, como lavanderias, e restaurantes por quilo, que suprem as cozinhas pequenas, ainda que muitas vezes sejam dentro destes espaços que tais serviços sejam ofertados, o que demonstra que um prédio não é apenas concreto e cimento, projetado para uma finalidade e findado nas folhas que antecedem a sua construção. Para além de todas as metáforas empenhadas, ele é um espaço em que se concretizam histórias e trajetórias. A minha, inclusive, que mudou no correr do período da pesquisa.

A princípio, tinha como proposta sair do prédio e realizar as entrevistas, entendendo que muitas vezes é necessário esse afastamento, para poder enxergar com mais clareza elementos que antes não estavam iluminados. Ocorre que, o impacto da pandemia afetou diretamente o campo e me vi obrigada a repensar estratégias que pudessem dar sentido ao que estava buscando, compreender por que, aquele espaço presente em uma região nobre era tão estigmatizado, porque existiam tantas histórias sobre o lugar que já foi tema de pinturas e cartões postais, vide a pintura de Oslay que abre o primeiro capítulo desta tese. Imaginei que tais respostas seriam encontradas através das entrevistas, e junto destas mais uma diversidade de questões para trabalhar.

As pesquisas costumam surpreender os pesquisadores de diversas formas e muitas vezes algo que foi pensado como complementar torna-se central, enquanto buscava potenciais entrevistados para a tese que me deparei com um considerável acervo dentro da hemeroteca digital que remetem aos primeiros anos de existência do edifício e respondiam a minha indagação - Como ocorreu a estigmatização daquele lugar - Sendo assim, o jornal e as mídias sociais se tornaram uma fonte que a princípio não seriam tão abordadas nesta pesquisa, mas que ao final compuseram um retrato e uma memória do lugar em conjunto com as entrevistas e me auxiliaram a responder algumas de minhas inquietações.

Na introdução apresentei alguns questionamentos sobre a construção da narrativa do estigma do prédio, bem como das noções de “morar bem” e morar na zona sul, trazendo autores clássicos que nos auxiliam a compreender o fazer cotidiano deste edifício, que se mostra “vivo” sendo Gilberto Velho um autor que se comunica diretamente com esta proposta. Consideramos importante, registrar os caminhos metodológicos que foram sendo acionados durante a pesquisa, entre manter o caderno de campo, as observações participantes, a análise do material obtido através do jornal, e sobre o momento de “ligar o gravador”.

A construção da tese foi sendo elaborada do geral para o específico, a Zona Sul e o bairro de Botafogo, que inicialmente eram espaços de moradia da elite, com mansões, chácaras e uma ocupação predominantemente unifamiliar se modifica gradualmente com a abertura de ruas, túneis e o aumento do comércio. Observamos o surgimento de uma pequena burguesia ligada ao comércio que se instala em sobrados, na maior parte dos casos morando em cima das lojas.

Com a popularização de Copacabana, o esgotamento do espaço para novas construções e o aumento do valor dos terrenos na região, as construtoras procuram novos terrenos e expandem seus lançamentos imobiliários para regiões menos prestigiadas na zona sul: Flamengo, Botafogo e Laranjeiras.

Da mesma forma que em outras regiões da Zona Sul, a verticalização em Botafogo começa com prédios de luxo com apartamentos grandes e confortáveis, e analogamente ao que aconteceu em Copacabana, a metragem vai diminuindo até chegar nos conjugados, o que, como demonstramos no primeiro capítulo, só foi possível com as alterações da legislação territorial.

O primeiro capítulo, portanto, foi uma breve digressão sobre a história do bairro de Botafogo e demonstrou como a construção zona sul é também uma construção “utópica” influenciada principalmente a partir de jornais, do rádio e mais tarde das telenovelas, criando uma construção social sobre esta região da cidade. Tal construção, incidiu diretamente no valor atrelado ao solo e a verticalização que se fez necessária para poder receber o contingente de moradores que passariam a ver neste bairro um projeto de ascensão e conquista.

Entender mais sobre a composição do edifício, nos levou a construir o segundo capítulo, em um tom ensaístico convidamos o leitor a caminhar para dentro do prédio, o descrevendo através de etnografia alicerçada pelo caderno de campo e das observações participantes. A partir do antropólogo Lévi- Strauss (1970) intentamos em demonstrar como o edifício pode ser lido metaforicamente como uma miniatura da sociedade, a partir de um exercício de bricolagem, onde as emoções, relações sociais, estigmas, normas e regras se inter cruzam.

Os espaços internos da casa, no início do século XXI já não são suficientes/necessários para atender as demandas de lazer, pois caberá ao Estado e ao espaço público fornecer regiões em que a população possa socializar, ademais, a partir de uma nova demanda e das migrações que aceleram a urbes da cidade, os serviços também vão se alterando. No bairro de Botafogo, por exemplo, é possível encontrar diversas lavanderias e restaurantes por quilo, ou seja, é factível a essa altura afirmar que prédios como o Solymar, são uma ruptura também nos padrões de comportamento que se modificam a partir dos anos cinquenta.

Gilberto Velho em seu livro Projeto e Metamorfose cita que um antropólogo ao fazer uma etnografia tem como difícil tarefa conseguir transmitir o tom, o clima do que está descrevendo, e ainda assim fica um sentimento de falta, de algo que

escapa e não é alcançado dentro das notas que inter cruzam o campo com o texto acadêmico. Dentro de cada capítulo buscamos trazer a visão do campo, fosse a despeito do bairro, do edifício, do dia a dia do prédio. Assim, permitimos que a teoria se manifestasse entre as linhas, como apontado por Peirano, sendo a etnografia uma verdadeira construtora de teoria.

Acreditamos que o edifício esconde ainda uma diversidade de temas que poderiam ser abordados sob diferentes aspectos, bem como gênero, raça, classe e tantos outros. Coube nas páginas desta tese, no entanto, demonstrar como rumores, fofocas, e notícias sobre um determinado local não só podem, como influenciam as características de sua identidade. O prédio muda de nome, como um desviante que busca meios de ser aceito dentro do grupo. A importância da pesquisa histórica, seja através dos relatos ou memória que se apresentam em forma oral pelos moradores, ou por meio dos jornais, nos permitiu rastrear não só início dos rumores, mas um momento em que a realidade habitacional no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro estava sendo revista, vide a implementação de leis, e projetos urbanísticos propostos por Adolf Heep, por exemplo.

O projeto da primeira casa, entendida aqui como apartamento, segue sendo para jovens como Solange do apartamento instagramável um sinônimo de conquista, e ele se torna localizado, como na narrativa dos outros moradores que geram classificações; não é qualquer região da cidade, é a zona sul, não é qualquer bloco dentro do prédio é do bloco C, dizendo, o campo que ali, naquele bloco existe mais zona sul do que nos demais blocos. Perceba, que as classificações estão tão presentes dentro, quanto fora do prédio, ela é uma premissa da sociedade, ao escutar diversas vezes no campo que eu deveria sair do Solymar o mais rápido possível, o que se pode perceber é uma gradação do desvio, enquanto moradora daquele espaço eu era lida como alguém que estava “implicada” na memória do lugar, mas antes que pudesse me “contaminar” eu deveria sair dali. Daí nossa insistência em trazer autores clássicos como Mary Douglas em Pureza e Castigo, para debater as noções de sujeira, contaminação, e perigo tão presentes e circulares no edifício.

Velho chamou atenção em seu texto “Duas categorias de acusação da cultura brasileira contemporânea” presente no livro *Indivíduo e Cultura* dizendo ser necessário as ciências sociais compreenderem a importância de um “código de emoções” que se apresentam e se estabelecem nos padrões. Seguindo seu

conselho, trouxemos para dentro da tese a antropologia dos sentidos e das emoções de David Le Breton, para quem "os sentimentos e emoções não são estados absolutos, ainda que os homens de todo planeta disponham do mesmo aparelho fonador, eles não falam necessariamente a mesma língua". Em 707 unidades habitacionais, cada indivíduo se apropria do espaço, de uma maneira diferente, diferem formas de morar e ocupar até trinta metros quadrados, que compõem realidades distintas. Como foi o caso do apartamento em que a identidade de Salete se faz presente nas paredes e compõem não apenas sua memória, mas também aspectos que dizem sobre sua criação, história e projeto individual. Ou ainda, dos sentimentos envolvidos dentro do elevador, por diferentes interlocutores que exprimiam em sua fala, medo e desconforto, ou ainda sobre o sentimento de pertencimento e alegria, ao demonstrar pequenas plantas expostas na janela, como foi o caso de Fátima, para quem o espaço traduz conquista.

O que se pode observar é que existe sim um formato de moradia, e de morador de conjugados e quitinete, mas não uma identidade que seja possível alcançar a todos, pois mais uma vez, a representação deste espaço é o que chamamos atenção no início da tese, um microcosmos da sociedade e como tal, possui uma multiplicidade de vozes e visões que se expressam de diferentes maneiras sob diferentes feixes de iluminação. Julgamos, portanto, que não depende do tamanho oferecido no espaço, cada limite de fronteira é exposto tal qual em uma casa de cem metros, seja através de um quadro pendurado em um espaço da parede que demonstra que ali é a sala ou um pano de prato indicando a cozinha. Para além da porta de cada morador, é a maneira ambígua que o Privado e o privado se fazem presentes dentro deste prédio, que sim, possui regras e códigos que permitem ao porteiro identificar o morador, seja através da excitação de seu corpo ou ainda na maneira de dizer "bom dia", e claro, onde existe a norma, existirão os meios de burlagem, como foi o caso de ligar a tv em um filme com som alto para poder concluir a perfuração de uma parede para colocar um quadro.

Os sentidos, estão dentro do prédio a todo instante sendo postos a prova, seja a audição do vizinho que completa a equação de matemática, de outro morador que tenta ensinar a filha uma conta de adição, seja através dos cheiros que invadem os corredores ou ainda, que anunciam uma morte, seja através da

solidariedade que se cria, ou ainda no anonimato presente entre o vai e vem de tantos passos.

Demonstramos como a tipologia - Quitinete- foi forjada entre Estados Unidos e Europa (Barbosa,2002; Joana Silva, 2013) a partir da mudança em projetos urbanísticos arquitetônicos, que tendem a conciliar em um espaço (prédio) mais moradores, posto a população que ia se intensificando nas metrópoles em comparação ao solo disponível para produção de moradias. Ocorre que, a tipologia, dentro do campo foi sendo acionada de diferentes formas, podemos considerar que as categorias - apartamento: quitinete: conjugado, são acionadas de diferentes maneiras dentro do Solymar. Observou-se que os espaços que possuem uma divisão no teto, em que é possível a partir desta elaborar uma “sala” são denominados: conjugados. Em uma escala de maior e menor, o apartamento é entendido como um espaço maior, ainda que este tenha a mesma metragem de outro, a maneira como o morador entende seu espaço se traduz no modo como ele se refere sobre este, sendo assim, o conjugado é um pouco menor que o apartamento, mas ainda assim, possui uma “estrutura” que permite estabelecer fronteiras dentro da moradia, pôr fim a quitinete ou ainda “kinder” categoria acionada pelo campo, é entendido como um espaço menor.

Justamente por ser o prédio uma união de destes espaços que se intercruzam, podemos notar que - barulho- é ali um conceito arraigado em normas sociais, posto que alguns sons se tornam aceitos, sendo considerados comuns e partes do dia a dia, enquanto outros não. Portanto, o som ao redor, é um constructo dos sentidos aprendidos e compartilhados, bem como o barulho.



tem uma experiência singular, logo para alguns, os mitos são mais do que verdadeiros, são motivadores que os fazem querer e muitas vezes conseguir esquecer que já moraram ali, ao passo que para outros, ele apenas segue sendo um prédio que teve um "momento ruim na história", mas que mudou totalmente. A estigmatização do corpo, e das atividades que se realiza com, e a partir dele, circula, entre corredores, jornais e comentários, ora retratando a realidade “nua” ora a vestindo com outras roupas, mas ainda assim a tornando ocupante de regiões estigmatizadas e entendidos como espaços de pouca moral, que fazem com que o bombeiro em um dia de incêndio diga que “*tinha que ser aquele prédio, que é sempre ele o problema, uma verdadeiro favelão*”.

Quando Cardoso de Oliveira, (1996) diz em seu texto sobre identidade brasileira que o brasileiro, antes de tudo, é morador de uma determinada região, ele está reafirmando as classificações que vamos fazendo, principalmente quando colocados em uma situação de fronteira (Barth),1998. Seja ela, a fronteira de um bairro, ou de um edifício para outro, ou ainda de um bloco em relação a outro. Criamos e reafirmamos nossa identidade principalmente na fronteira e essa não ocorre através de uma mão única, o outro corrobora nesta criação apontado muitas vezes algo que não conseguimos identificar sozinhos. As imagens que dizem respeito a um país, ou uma região são antes de tudo compartilhadas no imaginário social e reafirmadas diariamente por jornais, tv ou mídias sociais. Podemos dizer que o Rio de Janeiro é a “cara” do Brasil? Não. Mas por muito tempo, essa cidade foi o cartão de visita do país e que se refletia em seus bairros a realidade de diversas outras regiões, que entre ruas e calçadas faziam seus pedaços (Magnani) terem cores e sabores de sua terra natal.

É de conhecimento público que a cidade do Rio de Janeiro é lida pela mídia mundial como perigosa, uma cidade onde os morros e o narcotráfico descortinam as belezas das praias ou ainda do carnaval. Se é verdade, apenas quem nela vive pode afirmar, e ainda assim, vai depender de onde essa pessoa mora e por qual tipo de situação passou.

Assim também o é com o edifício Solymar, antigo Rajah, ele antes de tudo é um reflexo das migrações e da urbanização pela qual a cidade e o Brasil passaram, assim como é um espelho das dicotomias presentes desde o início da formação desta república, que tende a ler corpos e espaços identificando -nós- e eles. O edifício se torna um organismo vivo, que carrega entre suas vigas e cimentos,

histórias, segredos e principalmente rumores, mas não é assim exatamente em toda cidade? Logo, esse edifício que modificou o nome, vestindo uma nova roupa, com seus 707 apartamentos é uma realidade antropológica que reflete sua sociedade entre andares, corredores e portais, por onde correm rumores e que vez ou outra se chocam no espelho onde constroem verdades.

Procuramos nesta tese, primeiro apresentar o Bairro onde o prédio está localizado, demonstrando que a construção social associada ao status precede a construção do edifício, no intuito de demonstrar como a especulação imobiliária bem como os incentivos do estado evidenciam regiões em detrimento de outras, o que explicaria portanto essa construção “social” da zona sul, como sendo um espaço que comunga status e prestígio, ainda que brevemente demonstramos como a verticalização da cidade produz um novo estilo de moradia, principalmente quando associado aos fluxos migratórios (Souza e Frutuoso, 2018) que se deslocam para a cidade do Rio de Janeiro. Esse morador que na década de cinquenta/ sessenta representava a classe média e parte para um projeto de morar bem localizado, entre vinte e trinta metros quadrados.

A cidade é repleta de partes distintas, fisicamente existem as ruas, calçadas, bairros, regiões, tais espaços delimitam e criam barreiras sociais, que vão desde o sentimento de pertencimento ao de ascensão. O mesmo ocorre no prédio, que conforme abordado no segundo capítulo revela sua estrutura, andares e entorno.

Quando Goffman (1975) define estigma como aquilo que faz com que uma pessoa seja socialmente rejeitada, ele também dirá que algumas utilizam o estigma para positivar determinadas características. Quando mostramos o prédio, e questionamos a partir de uma de suas leituras, a qual diz que ele é um favelão, observamos que o estereótipo de um espaço sem regras, bagunçado é presente assim como o estigma de um local perigoso, mas diferente do que ocorre em muitas comunidades que se apropriam do termo “favela” para ressignificá-la, tornando sua utilidade positivada, no edifício Solymar, durante todo a pesquisa de campo, não foi encontrado tal utilização do termo de forma positivada. Quando as categorias “cabeça de porco” - “favela vertical” ou “balança” foram utilizadas, o eram de maneira negativa, que remetia a “faltas”, portanto a característica estigmatizada que muitas vezes é positivada em outros ambientes, ali era sempre acionada de maneira pejorativa, como uma rejeição social. Logo, foi possível perceber através dos relatos obtidos durante a observação participante, bem como

a partir dos recortes de jornal ou ainda dos comentários do Facebook que existe um estigma geográfico, corroborado pela mídia que “marcou” este edifício, e o tornou um prédio que desperta histórias. Por fim, pretendeu-se nesta tese, a partir da construção dos capítulos, fomentar a discussão sobre o cenário da antropologia urbana, a partir de um edifício que faz parte de uma mudança não apenas na paisagem, mas que carrega consigo aspectos presentes da modernidade na metrópole.

## 7. Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao habitat: uma interpretação geográfica da evolução da questão da habitação popular no Rio de Janeiro (1850-1930). *Seminário Habitação Popular no Rio de Janeiro: Primeira República*. Fundação Casa de Rui Barbosa, IUPERJ, IBAM, Rio de Janeiro, 1984

AGIER, MICHEL. Os saberes urbanos da antropologia. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. SP. Editor Terceiro Nome (Antropologia Hoje), 2011.

AKTÍNIA, R. Tabela de Decibéis | Maiores e Menores volumes sonoros possíveis. *SomAutomóveis.Br: Como Montar*, postado dia 11 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://somautomotivobr.com.br/tabela-de-decibéis-maiores-e-menores-volumes-sonoros-possiveis-id776/>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ALMEIDA, Alexandre Paz. Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB. In: *Revista Ponto Urbe* [online], 9 | 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/287>>. Acesso em: 31 out. 2022.

ALMEIDA, Ana Carolina Canegal de. *Fronteiras Urbanas: interpretações sobre a relação entre Cruzada São Sebastião e Leblon.*; orientador: Marcelo Baumann Burgos. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia e Política, 2010.

ALTMAN, I.; WANDERSMAN, A. Neighborhood and community environment. *Human behavior and environment: advances in theory and research*, vol. 9. New York: Plenum, 1987.

AMÉRIGO, M. Ambientes residenciais. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (Orgs.). *Psicologia Ambiental*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002. p. 173-193.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAUJO, Cristiano C. O processo de verticalização: uma revisão bibliográfica sobre as suas origens e implicações no espaço urbano. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 19, n. 217, 12 ago. 2019, p. 68-79. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/46581>>.

Acesso em 14 dez. 2020.

ARIÈS, Philippe. *A História da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Lisboa: Bertrand/Venda Nova, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Marcelo Consiglio. *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

BARBOSA, Marcelo Consiglio. *Adolf Franz Heep no Brasil*. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BECKER, Howard. *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BECKER, Howard S. A Escola de Chicago na visão de Howard S. Becker. *Ciência Hoje*, 12 (68), 1990, p. 55-60.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. Trad. Flávio R. Kothe. In: KOTHE, Flávio. (Org) *Walter Benjamin*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 30- 43.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império em Baudelaire. Trad. Flávio R. Kothe. In: KOTHE, Flávio. (Org) *Walter Benjamin*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991, p.44- 122.

BERNARDI, Renato; MEDA, Ana Paula. Estigmas territoriais Urbanos: Do direito à moradia adequada ao direito à cidade. *Rev. de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade*, Maranhão, v. 3, n. 2, Jul/dez. 2017, p. 18 – 33. Disponível em:<<https://www.indexlaw.org/index.php/revistaDireitoUrbanistico/article/view/2331/pdf>>. Acesso em: 14 mai 2019.

BERNARDO, André. Edifício A Noite: prestes a ser leiloado no Rio, 1º arranha-céu da América do Sul marcou a história do Brasil. *BBC News Brasil*, publicado em 29 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-53867099>>. Acesso em: 19 ago 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: *Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo: UNESP, n. 2, 1998, p. 81-118.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro. O ciclo ideológico do desenvolvimento*. Prêmio Haralambos Simeonides da Associação Nacional de Pós- Graduação em Economia (Anpec), Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2018.

BOAS, Franz. Textos selecionados, apresentação e tradução, Celso Castro. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados* [online], v. 27, n. 79, 2013, p. 133-144. Disponível em: A Miséria do mundo. <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300010>>. Acesso em 27 nov 2021.

BOURDIEU, P. (coord.); Accardo, A.; Balazs, G. Beaud, S.; Bourdieu, E.; Bourgois, P.; Broccdichi, S.; Champagne, P.; Christin, R.; Fagner, J.-P.; Garcia, S.; Lenoir, R.; Oeuvrard, F.; Pialoux, M.; Pinto, L.; Sayad, A.; Soulié, C.; Wacquant, L. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1998. 747p.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRITO, Isla Antonello Terrana de Melo Bezerra. *Estrutura e liminaridade: um estudo sobre a fofoca no Brasil*; orientador: Roberto Augusto DaMatta. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2020. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51001/51001.PDF>>. Acesso em: 17 jun 2021.

BRUM, MARIO. *Cidade Alta: História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

CALDEIRA, TERESA P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CAMINHA Júlia Vilela. *Botafogo e a sua Evolução Urbana: um retrospecto*. Encontro de Geógrafos da América Latina, Peru, 1-20, 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/035.pdf>>. Acesso em: 13 mai 2022.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignêz; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Ambiente. In: *Temas básicos em psicologia ambiental* [S.l: s.n.], 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, Paralelo 15, 1998.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. A invenção da zona sul: Origens e Difusão do Topônimo Zona Sul na Geografia Carioca. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia* da UFF 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geografia/article/view/13581>>. Acesso em: 13 set 2019.

CASTRO, Celso. *Textos básicos de Antropologia*. Cem anos de tradição Boas, Malinowski, Lévi Strauss E Outros. Editora Zahar. 2016.

CATÁLOGO DAS ARTES. *William Gore Ouseley - Biografia*. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/artista/William%20Gore%20Ouseley/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

CAVALCANTI. S/morro, varandão, salão, 3 dorms: a construção social do valor em mercados imobiliários “limiares” In: *Antropolítica* Niterói, n. 28, 1. sem. 2010, p. 19-46.

CAVALCANTI, Mariana. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor (es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 24.69, 2009.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 372p

CORRÊA, Cláudia. *Controvérsias: entre o “direito de moradia” e o direito de propriedade imobiliária na cidade do Rio de Janeiro. O direito de laje” em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

CORRÊA, Silvia Adriana Lima. *A reprodução do Estigma: sobre um (des) conhecido “lugar perigoso” da periferia de Manaus*; orientador Fábio Magalhães Candotti. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Amazônia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Manaus (AM), 2017.

COUTINHO, Eduardo. *Edifício Master*. (110min). Rio de Janeiro: Videofilmes 2001

COUTINHO, Rachel M. da Silva. A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras. In: SILVA, Rachel Coutinho M. da (org.), *A Cidade pelo Avesso: desafios do urbanismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley/PROURB, 2006, p. 23–40.

COUTINHO, Rachel M. da Silva. Ordem e Irregularidade no espaço urbano: uma perspectiva regulatória e urbanística. In: MACHADO, D. Pinheiro. *Sobre Urbanismo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley e Editora PROURB, 2006, p. 89-102.

CPDOC. *Verbetes Última Hora*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>>. Acesso em 13 ago. 2020.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Editora Rocco, 2001

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMATTA, Roberto. On the Brazilian Urban Poor: An Anthropological Report. In: *Democracy and Social Policy Series*. Working #10, Spring, 1995. Disponível em: <<https://kellogg.nd.edu/documents/6453>>. Acesso em: 11 out. 2020.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson (org). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro. Zahar. Ed., 1978. p. 23-35.

DATA.RIO. Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal, por ordem de IDH, segundo os Bairros ou grupo de Bairros, no Município do Rio de Janeiro em 1991/2000. Instituto Pereira Bastos, *Rio em Síntese*. Rio de Janeiro: 29 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.data.rio/datasets/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd>>. Acesso em: 13 mai.2020.

DESIMONE, Mariana Ribeiro. Boa Vizinhança em condomínio. *Coluna Márcio Rachkorsky*. Portal SíndicoNet. Publicado em 27 ago 2018. Disponível em: <<https://www.sindiconet.com.br/informese/boa-vizinhanca-em-condominio-colunistas-marcio-rachkorsky>>. Acesso em 05 set 2022.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*: coletânea de estudos. São Paulo: FFlch-Usp, 1992.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)

DURKHEIM, E.; MAUSS, M. 1981. Algumas formas primitivas de classificação. In: Durkheim: coleção de grandes grandes6 cientistas sociais, São Paulo, Ática (v. 1). LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. A gesta de Adsiwald In: Mito e linguagem social. Ensaio de Antropologia estrutural, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (cap1).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 13, 2005, p.155-161.

FARIAS, Melânia Nóbrega de. Autoria e autoridade no fazer antropológico: Como entender/explicar o radicalmente “Outro”? *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16,

n. 39, jan./ago. 2015, p. 58-76. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1984-1191.58211>>. Acesso em 15 mai 2020.

FELTRAN, Gabriel de. A categoria como intervalo: A diferença entre essência e desconstrução. *Cadernos Pagu*, Vol. 51, 2017, p. 1-37.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. De espaços de outros. O Espaço na Vida Social. Revista *Estudos Avançados*, 27 (79), 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/zz6cfdQBcxskMtMXDHPqT4G/?lang=pt>>. Acesso em 21 mai 2019.

FRANCISCO, Nicole; LINO, Eduardo. *Crêterios de Noticiabilidade: O Factor Proximidade*. Leiria, 2010. Disponível em: <<https://idoc.pub/documents/idocpub-6klzex5krelg>> Acesso em: 01 set. 2020

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GERMANI, Gino. *Desenvolvimento, Econômico, Urbanização e Estratificação Social*. Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

GIUMBELLI, Emerson. Para Além do “Trabalho de Campo”: reflexões supostamente malinowskiana. *RBCS* Vol. 17 nº 48 fevereiro/2002, p 92-107. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000100007>>. Acesso em: 20 nov 2019.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 46, nº 02, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro; NOVAES, Aline da Silva. Arte como Política: Um olhar contemporâneo sobre a crônica de João do Rio. *Revista Brasil /Brasil*, vol. 29, nº 54, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/70548>>. Acesso em: 14 out 2021.

GOTTDIENER, Mark; HUTCHISON, Ray Hutchison. Neighborhoods, The Public Environment and Theories of Urban Life. IN: Gottdiener, M. e Hutchison, R. *The New Urban Sociology*. Boulder, Co: Westview Press, 2006, p. 181-198.

HANNERZ, Ulf. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*. Coleção Antropologia - tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARVEY, David. Os Espaços da Utopia e Utopia Dialética. In: HARVEY, D. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 181-260

HARVEY, David. Desenvolvimentos Geográficos Desiguais. In: Harvey, D. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 37-131

HEMEROTECA Digital. *Hemeroteca Digital*. Arquivo digital. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 12 out 2020.

HEMEROTECA Digital. *Correio da Manhã (RJ) 1960 a 1969*, Edição 22627 (3), Ano 1967, p. 01. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78782](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78782)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *Correio do Amanhã (RJ) 1960 a 1969*, Edição 22627 (3), Ano 1967, p. 14. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78795](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=78795)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *Correio da Manhã (RJ) 1970 a 1974*, Edição 23995 (1), Ano 1971, p. 06. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_08&Pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pagfis=21931](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_08&Pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pagfis=21931)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *Jornal do Brasil (RJ) 2000 a 2009*, Edição 00087 (3), Ano 2001, p. 01. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&pesq=%22edif%C3%ADcio%20solymar%22&pasta=ano%20200&pagfis=45032](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pesq=%22edif%C3%ADcio%20solymar%22&pasta=ano%20200&pagfis=45032)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *Jornal dos Sports (RJ) 1980 a 1989*, Edição 17748 (1), Ano 1986, p. 06. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518\\_05&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_05&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *O Jornal (RJ) 1960 a 1974*, Edição 14790 (1), Ano 1969, p. 02. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_06&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=80058](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20196&pagfis=80058)>. Acesso em: 13 out. 2020.

HEMEROTECA Digital. *Última Hora (RJ) 1951 a 1984*, Edição 02367 (2), Ano 1958, p. 17. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22edif%C3%ADcio%20rajah%22&pasta=ano%20195&pagfis=46403>>. Acesso em: 13 out. 2020.

HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A., & PATO, C. *Psicologia ambiental em contextos urbanos*. Florianópolis, SC: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

HIGUCHI, M. I. G. A sociabilidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.33, abr. 2003, p.49-70.

HOFFMANN, E.T.A (1776-1822) *A janela de esquina do meu primo*. E.T.A. Hoffmann. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A. *et al. Teorias da Comunicação*, Petrópolis, Vozes, 2007.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment Essays on livelihood, dwelling and skill*, London and New York, Routledge, 2000. Disponível em: <<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2017/08/the-perception-of-the-environment-tim-ingold.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2019.

LAZARUS, Richard S.; COHEN, Judith B. Environmental stress. *Human behavior and environment*. Springer, Boston, MA, 1977, p. 89-127. Disponível em: <[https://www.sci-hub.se/10.1007/978-1-4684-0808-9\\_3](https://www.sci-hub.se/10.1007/978-1-4684-0808-9_3)>. Acesso em 21 jun 2022.

LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Tradução de Luís Alberto S. Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*. São Paulo Hucitec, 1989.

LEFEBVRE, Henri. Da cidade à sociedade humana. In: LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. O campo cego. In: LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. O fenômeno urbano. In: LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2013. O campo da antropologia. In: *Antropologia estrutural dois*. (Trad.: Beatriz Perrone-Moisés) São Paulo: Cosac Naify, pp.11-43. [1960]

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. A gesta de Adsiwald In: *Mito e linguagem social. Ensaios de Antropologia estrutural*, Rio de Janeiro, TEMPO BRASILEIRO (cap1).

LISE, Vogt Flores. O sentimento do antropólogo. *Ponto Urbe* [online], 17 | 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/2923>>. Acesso em 03 mai 2019.

LUCENA, Felipe. História do Prédio Balança, Mas Não Cai. In: *Diário do Rio: Quem Ama o Rio lê*, Geral, postado dia 15 de fevereiro de 2017. Disponível em:

<<https://diariodorio.com/historia-do-prédio-balanca-mas-nao-cai>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade. *Revista Ponto Urbe* [online], 18 | 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/3116>>. Acesso em 25 out. 2022.

MAGNANI, José Guilherme. A etnografia como prática e experiência. In: *Rev. Horizontes Antropológicos*. Vol.15, N.32, Porto Alegre, jul./dez. 2009

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Os Urbanitas: *Revista Digital de Antropologia Urbana*, v. 1, n. 0, 2003. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/RUA1.html>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MAGNANI, José G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. In: *Rev. Tempo Social*, 15(1) 2003, p. 81-95.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. jun 2002, p. 11-29. Disponível em: <[https://biblio.fflch.usp.br/Magnani\\_JGC\\_40\\_1268679\\_DePertoEDeDentro.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_40_1268679_DePertoEDeDentro.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L. de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EdUSP, 1996, p. 12-53.

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lillian de Lucca (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996, 319p.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1998 [1922].

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1934], p.399-422.

MEAD, Margaret. *Coming of Age in Samoa: a Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization*. Londres, Harper Collins, 1928, p.1-13; p.195-233.

MEDEIROS, Flavia. Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 23(23), 2014, p. 77-89. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v23i23p77-89>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MELLO, João Batista Ferreira. A criatividade toponímica do povo carioca. *Anais do II Colóquio Nacional do NEER*, Curitiba - PR, 2007. Disponível em: <[https://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20JoaoBatistaFMello.pdf](https://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20JoaoBatistaFMello.pdf)>. Acesso em 30 jan 2022.

MENEZES, Marco Antonio. *Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX: História e Literatura em Baudelaire*; orientadora: Ana Maria de Oliveira Burmester. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2004. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/teses/8menezes\\_tese.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/teses/8menezes_tese.pdf)>. Acesso em 16 fev 2021.

MESQUITA, Carlos Eduardo Braga de. *A dinâmica dos espaços de cultura e lazer em Botafogo*, orientadora Susana Mara Miranda Pacheco. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio de Janeiro, 2010.

MIAKSUGO, E. *Movimentos de moradia em São Paulo: experiências no contexto do desmanche*. Tese (Doutorado). FFLCH-USP. Departamento de Sociologia, São Paulo, 2008.

MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge: Polity, 2010.

MILLER, Daniel. *The comfort of things*. Cambridge: Polity, 2008.

MILLER, Daniel. The Poverty of Morality. *Journal of Consumer Culture*, 1(2), 2001, p. 225–243. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/146954050100100210>>. Acesso em 14 mai 2022.

MILLS, C. Write. Do artesanato intelectual. In: MILLS, C. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro. Zahar. Ed. 1975.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MOTTA. Por uma antropologia da notícia. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol. XXV, nº 2, julho/dezembro de 2002, pp 11-41.

NETO, A. V. Cidades Visíveis e Invisíveis: Não Por Acaso um Edifício Master. *Revista PUBLICA*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/publica/article/view/5736>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

O'DONNELL, Julia Galli. *Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia Social. Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Abrahão. A História do Maior Cortiço Vertical do Brasil – O Edifício Treme Treme. *São Paulo in Foco: História de São Paulo: Monumentos*, postado no dia 13 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.saopauloinfoco.com.br/o-edificio-treme-treme/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

OLIVEIRA, Bruno Coutinho de Souza. Entre a “bagunça” e o “condomínio”: as ordens ajustadas do morar nos conjuntos residenciais do PAC no Rio de Janeiro. *42o Encontro Anual da ANPOCS.SPG*, 2018. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/spg-5/spg41/11547-entre-a-bagunca-e-o-condominio-as-ordens-ajustadas-do-morar-nos-conjuntos-residenciais-do-pac-no-rio-de-janeiro/file>>. Acesso em 23 mai. 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, No. 1, 1996, p. 13-37.

OLSEN, S. E. *Psychological aspects of adolescents, perceptions and habits in noisy environments*. 2004. 90 f. Thesis. [Doutorado] - Department of Psychology. Göteborg University, Sweden, 2004.

ORIGEM DA PALAVRA. *Cortiço - Origem da Palavra*, postado em 17 de abril de 2013. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/cortico/#:~:text=Corti%C3%A7o%20r>>

ecebeu%20esse%20nome%20a,de%20entender%20entre%20moradas%20fr%C3%A1geis.>. Acesso em: 13 out. 2020.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano (1916), In: VELHO, O. (Org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a Investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967. p. 25-66.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. In: *Rev. Horizonte Antropológico*. [online]. 2014, vol.20, n.42, p.377-391. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832014000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832014000200015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 jan 2021.

PEREIRA, Luiz. *Urbanização e Subdesenvolvimento*. Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

POLANYI, M.. *Personal Knowledge: Towards a post-critical philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul, 1958.

PORTO DO RIO. O Inderrubável Cabeça de Porco (1891). *Histórias do Porto*. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/portodorio/?share=timeline-historia/11/o-inderrubavel-cabeça-de-porco>>. Acesso em: 13 out. 2020.

PORTO, Lidianne. Mapa do Rio de Janeiro. In: *Escola Educação*, postado dia 05 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/mapa-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

RABOSSI, F.. Os limites de nosso auto-retrato. *Antropologia urbana e Globalização - Entrevista com Ulf Hannerz*. In: *Rev. Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 1999, p. 149-155.

RAMOS, Alcida Rita A difícil questão do consentimento informado. In: VICTORIA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (org). *Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. A Presença da Habitação Verticalizada na Paisagem Urbana Brasileira. *Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia*, UERJ, RJ, n. 9, 1º semestre de 2001, p. 45-57. Disponível em <<https://www.e>

publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49125>. Acesso em 17 dez. 2019.

RENOLDI, Brígida. O faro: habilidades, experiências e situações em um ambiente de controle de fronteiras na Argentina. In: MISSE, M; WERNECK, A. (org). *Conflitos de (grande) interesse Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012, p. 81-114. Disponível em: <[http://necvu.com.br/wp-content/uploads/2020/11/MISSE-E-WERNECK\\_Conflitos\\_de\\_grande\\_interesse-2012.pdf](http://necvu.com.br/wp-content/uploads/2020/11/MISSE-E-WERNECK_Conflitos_de_grande_interesse-2012.pdf)>. Acesso em: 13 mai 2021.

REZENDE, C. B. *Friendship among some young English men and women residents*. In: London, 1991-1992. Tese de Doutorado. London School of Economics, 1993.

REZENDE, Vera Lucia Ferreira Motta. Planos, regulação urbanística e intervenções no Rio de Janeiro: diferenças entre pensar e produzir a cidade. *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014. Disponível em: <[https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-CDR-001-2\\_REZENDE.pdf](https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-CDR-001-2_REZENDE.pdf)>. Acesso em 05 abr. 2019.

RIO DE JANEIRO. Arquivo Geral: *Código de Obras de 1937*. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/codigo-de-obras-de-1937>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RUSSOLO, Luigi. A Arte do Ruído. *Manifesto Futurista*, 1913. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/584158#.Y32o0HbMLIU>>. Acesso em 12 fev. 2022.

SAEGERT, S. The role of housing in the experience of dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C. M. (Eds.). *Home environments*. London: Plenum, 1985, p. 287-309.

SALIBA, T. M. *Manual prático de avaliação e controle do ruído: PPRA*. 6 ed. São Paulo: LTR, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Tudo é história, 71). Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/539>>. Acesso em: 25 jan 2022.

SANTOS, Sérgio Roberto Lordello dos. *Expansão urbana e estruturação dos bairros do Rio de Janeiro - O caso de Botafogo*; orientadora Lysia Maria Cavalcanti Bernardes. Tese (Doutorado), UFRJ, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 1981.

SARTI, Cynthia A. Família e Individualidade: Um Problema Moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 2003, p. 39-49.

SCHMIDT, Naiara Conservani. Subcidadania e estigma: Elementos Organizadores do Urbano. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília*. Ano 2012 – Edição 9 – maio/2012.

SCHRIJNEMAEKERS, Stella C. *A casa e os seus objetos: construções da identidade em famílias de camadas populares*; orientadora Maria Helena Oliva Augusto. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, 2011.

SCHRIJNEMACKERS, Stella C. Os significados da casa para as classes médias. In: LUCENA, C. T.; GUSMÃO, N. M.M. (Orgs). *Discutindo Identidades*. São Paulo: Humanitas/ CERU, 2006, p.205-228.

SEGAUD, Marion. *Antropologia do Espaço: Habitar, Fundar, Distribuir, Transformar*. São Paulo: Sesc, 2016.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.21. jan-jun. 2013, p.141-157. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000100009>>. Acesso em 01 mar 2022.

SILVA, Adriana Lima Corrêa. *A reprodução do estigma sobre um (des)conhecido perigoso*; orientador Fábio Magalhães Candotti. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-graduação em Sociologia,

2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7578>>. Acesso em 09 out. 2019.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs.) *Crerios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicaões*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 51-69.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos* [online], v. 15, n. 32, 2009, p. 171-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200008>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 2005.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SIMÕES. Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado), UFF/ ICHF/ PPGA, Niterói, 2008.

SIQUEIRA, Renata. Edifício São Vito: Poder público, imprensa e estigmatização. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, vol. 20, núm. 2, 2018, p. 269-286. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5139/513960249005/html/#B54>>. Acesso em 15 dez. 2019.

SLOB, Barto. *Do barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro*.

Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Leiden, Holanda Departamento de Estudos Latino-americanos. Niterói, 2002. Disponível em: <[http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/primeiro\\_site/dhc/textos/16210742-Do-barraco-para-o-apartamento.pdf](http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/primeiro_site/dhc/textos/16210742-Do-barraco-para-o-apartamento.pdf)>. Acesso em 14 mar. 2021.

SOARES, Nelson. Rajah: Um inferno de 12 andares com vista para o mar. In: *Jornal do Brasil (RJ) 2000 a 2009*, Edição 00087 (3), Ano 2001, p. 21. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&Pesq=%22edificio%20solymar%22&pagfis=45052](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&Pesq=%22edificio%20solymar%22&pagfis=45052)>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUZA, Joseane de; FRUTOSO José Victor de Paula. Rio de Janeiro: considerações sobre os processos de expansão urbana e interiorização do crescimento urbano (1980-2010). *Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, 10 (1), 2018, p. 124-139. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.001.AO12>>. Acesso em 02 set. 2020.

SPÓSITO, M.E.B. A Gestão do Território e as Diferentes Escalas da Centralidade Urbana. *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano III, nº4, jan/jun. 1998, p.27-37.

STOCKING JR., George. The ethnographer's magic: fieldwork in british anthropology from Tylor to Malinowski. In: George Stocking Jr., *The Ethnographer's magic and other essays*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1992.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRATHERN, M. No limite de uma certa linguagem. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1999, p. 157-175.

STRATHERN, Marilyn. The limits of auto anthropology. In: JACKSON, Anthony (ed.). *Anthropology at home*, New York: Tavistock, 1987, p. 16-37.

SZPACENKOPF, Marta. Paisagem em trânsito: o bota-abaixo das casas de Botafogo. *Portal Puc-Rio Digital*. Publicado em 28 ago 2015. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc->

rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=26476&sid=13#.Y1gUtHbMKUk >. Acesso em 30 ago 2021.

TELLES, V e HIRATA, D. Cidades e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. In: *Revista Estudos Avançados*: 21 (61), 2007.

TRIGO, Luciano. Joseph Gire, o arquiteto francês que mudou a paisagem urbana do Rio. *Máquina de Escrever*. Portal G1, postado dia 12 de abril de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/joseph-gire-o-arquiteto-frances-que-mudou-paisagem-urbana-do-rio.html>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VALLADARES, Licia do Prado. *A sociologia urbana de Robert E. Park/ organização e introdução*. Tradução Wanda Brant. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018, p. 39- 89. [Originalmente publicado em *The American Journal of Sociology*, Chicago, V.20, n.5, p.577-612, mar. 1915].

VALLADARES, Licia do Prado. *A Invenção da Favela: do Mito de Origem a Favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise social*, vol. XXIX (127). 1994, p. 581-597.

VAZ, Lilian Fessler. Notas sobre o Cabeça de Porco. In: *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói, Vol. 1, Nº 2, jan-abr. 1986, p. 29-35.

VAZ, Lilian Fessler. *Contribuição ao Estudo da Produção e Transformação do Espaço da Habitação Popular - As Habitações Coletivas no Rio Antigo*. Dissertação (Mestrado em Ciências) Universidade Federal do Rio de Janeiro Departamento de Planejamento e Urbanismo Regional. Rio de Janeiro, 1985.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto; CASTRO, Eduardo Viveiros de. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, n. 34, 1991, p. 103- 130.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (org.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3a ed.). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. *Rio de Janeiro: Cultura, Política, Conflito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. In: *Rev. Mana*, 17(1): 2011, p.161-185.

VELHO, G.; MACHADO, L. A. Organização Social do meio urbano. *Anuário Antropológico*, 1(1), 2018, p. 71–82. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/5969>>.

Acesso em 14 abr. 2021.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 1989.

WHORF, B.L. The Relation of Habitual Thought and Behavior to Language. In: Coupland, N., Jaworski, A. (eds) *Sociolinguistics. Modern Linguistics Series*. Palgrave, London, 1997 [1941]. Disponível em: <[https://doi.org/10.1007/978-1-349-25582-5\\_35](https://doi.org/10.1007/978-1-349-25582-5_35)>. Acesso em: 13 abr 2022.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1943].

WHYTE, W. F. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 77-86.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. Trad. Karina Jannini. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOORTMANN, ELLEN F. (2013) A comida como Linguagem. *Revista Habitus*, Goiânia, v. 11, n.1, jan./jun. 2013, p. 5-17. Disponível em: <<http://www.ellenwoortmann.pro.br/artigos/comidalinguagem.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

## 8. Anexo.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Você lembra em que ano foi morar no edifício? Quanto tempo morou lá? E por que saiu?
- 2) Você já conhecia o prédio antes de morar lá? Sempre morou em Botafogo?
- 3) O nome ainda era Rajah ou já tinha mudado para Solymar?
- 4) Pode me dizer um pouco de como era o espaço dentro do apartamento?
- 5) Quantas pessoas moravam/ moram contigo?
- 6) Se recorda de conseguir ouvir os vizinhos? Poderia falar um pouco a respeito?
- 7) Passou por alguma situação que te marcou no prédio?
- 8) Em relação a outros espaços que já tenha morado, quais as principais diferenças que consegue perceber entre o prédio atual (Solymar) e esses outros?
- 9) Na época em que morou no edifício exercia alguma atividade laboral? Se sim qual?
- 10) Desenvolveu amizades no prédio? Poderia falar um pouco a respeito?
- 11) Chegou a fazer alguma festa ou evento no apartamento? Se sim, como foi a relação do barulho com os vizinhos?
- 12) Você dizia para pessoas próximas onde morava? Elas faziam algum comentário referente ao espaço (prédio, bairro ou afins)?
- 13) Muitas histórias existem sobre o prédio, você chegou a presenciar alguma que gostaria de compartilhar?
- 14) Poderia me falar um pouco sobre como é/era viver no edifício?
- 15) Saberá me dizer quais pontos positivos e negativos do prédio?

## GABARITO NOMES ESCONDIDOS.

AS PALAVRAS DESTA CAÇA PALAVRAS ESTÃO ESCONDIDAS NA HORIZONTAL, VERTICAL E DIAGONAL, COM PALAVRAS AO CONTRÁRIO

I	I	E	A	T	I	T	N	T	A	N	A	I	R	A	M	H	L	S	N	T	O
M	K	T	D	R	O	G	R	M	A	R	C	O	S	Z	I	U	L	O	U	L	C
O	A	O	I	S	E	R	E	F	A	T	I	M	A	G	A	E	S	E	O	L	A
V	A	R	N	R	O	Y	G	A	B	D	O	N	Y	O	N	L	E	E	A	O	O
T	S	D	A	G	E	N	I	M	R	F	E	L	T	A	E	P	N	U	M	U	R
L	H	R	E	I	O	V	N	G	H	L	S	Y	I	N	L	A	D	O	A	R	D
G	D	R	E	W	S	I	A	H	T	D	O	X	T	A	I	I	A	V	N	D	E
R	I	A	D	I	C	A	L	L	E	D	E	U	I	L	A	L	N	A	D	E	P
O	E	I	L	A	E	S	E	A	T	L	A	S	Y	I	E	E	I	T	A	S	E
E	S	S	D	I	L	W	A	I	A	E	I	H	V	I	A	N	R	S	E	M	T
S	O	S	H	E	A	D	F	C	T	P	R	I	R	A	N	W	A	U	H	A	P
A	M	A	N	U	E	L	A	I	C	U	L	B	M	I	A	C	K	G	E	R	L
E	A	C	I	I	E	I	R	R	D	O	A	D	T	G	N	R	O	N	O	C	T
S	E	N	A	V	O	E	G	T	R	G	H	E	N	A	I	T	A	T	O	E	N
A	I	N	O	S	G	B	M	A	I	R	I	M	I	K	R	U	V	P	G	L	G
Y	O	L	A	N	D	A	E	P	S	R	U	B	E	D	L	F	E	P	N	A	H
A	N	A	F	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	E	M	R	E	H	L	I	U	G
A	L	I	C	E	H	A	R	A	S	S	D	A	V	I	P	U	C	S	U	E	D